



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**



**“AS NARRATIVAS SOBRE A VIDA EM CLAUSURA NO MOSTEIRO  
DE SANTA CLARA (CAMPINA GRANDE): VOCAÇÃO PELA VIDA  
EM CLAUSURA, TRABALHO RELIGIOSO E INQUIETAÇÕES  
QUANTO AO MUNDO SECULAR”**

LEANDRA BENTO DA SILVA

PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> MÉRCIA REJANE RANGEL BATISTA  
ORIENTADORA

CAMPINA GRANDE- 2018

P436n

Silva, Leandra Bento da.

As narrativas sobre a vida em clausura no Mosteiro de Santa Clara (Campina Grande): vocação pela vida em clausura, trabalho religioso e inquietações quanto ao mundo secular / Leandra Bento da Silva. – Campina Grande, 2018.

216 f.: il. color.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mércia Rejane Rangel Batista".

Referências.

1. Vocação. 2. Clausura. 3. Trabalho religioso. 4. Sociedade contemporânea. I. Batista, Mércia Rejane Rangel. II. Título.

CDU 2-733(043)

**LEANDRA BENTO DA SILVA**

**AS NARRATIVAS SOBRE A VIDA EM CLAUSURA NO MOSTEIRO DE  
SANTA CLARA (CAMPINA GRANDE): VOCAÇÃO PELA VIDA EM  
CLAUSURA, TRABALHO RELIGIOSO E INQUIETAÇÕES QUANTO AO  
MUNDO SECULAR**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, sob a orientação da professora Dra. Mércia Rejane Rangel Batista.

CAMPINA GRANDE – PB

2018

**LEANDRA BENTO DA SILVA**

**AS NARRATIVAS SOBRE A VIDA EM CLAUSURA NO MOSTEIRO DE  
SANTA CLARA (CAMPINA GRANDE): VOCAÇÃO PELA VIDA EM  
CLAUSURA, TRABALHO RELIGIOSO E INQUIETAÇÕES QUANTO AO  
MUNDO SECULAR**

Tese apresentada à Universidade Federal de Campina Grande, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, para obtenção do título de doutor.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Mércia Rejane Rangel Batista  
(Orientadora)

---

Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra  
(Examinador Interno)

---

Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Elizabeth Christina de Andrade Lima  
(Examinadora Interno)

---

Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Maria da Conceição M. Cardoso Van Oosterhout  
(Examinadora Externa)

---

Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Patrícia Goldfarb  
(Examinadora Externa)

Campina Grande, PB – Setembro de 2018.

## DEDICATÓRIA

*Aos meus pais, Luiz e Lourdinha.*

*Ao meu esposo, João Bernardo.*

*Aos meus irmãos Luana e Ewerton.*

*Às irmãs Clarissas.*

## AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, à Nossa Senhora Aparecida e à Santa Clara pelas bênçãos derramadas em toda minha caminhada acadêmica, em especial, agora no doutorado.

Agradeço a todos os meus familiares, entre eles, aos meus pais, Luiz Carlos e Maria de Lourdes, e aos meus irmãos, Luana e Ewerton, por sempre terem apostado em mim, nutrindo muito carinho e admiração por minha trajetória acadêmica. Aqui, quero destacar a minha mãe, Maria de Lourdes Bento, que mesmo diante dos desafios provenientes de sua condição social e étnica, não mediu esforços para me ajudar a chegar nesse momento de minha formação acadêmica.

Agradeço ao meu esposo, João Bernardo, que vem me acompanhando desde a graduação, incentivando-me e oferecendo o apoio necessário.

Agradeço a todos os professores da graduação e da Pós-Graduação em Ciências Sociais (UACS/PPGCS), que passaram os ensinamentos necessários para a minha formação enquanto cientista social. Em especial ao professor Luís Henrique Cunha, ex-coordenador do PPGCS, mas que foi meu professor na graduação e no doutorado, tendo me ensinado a dar os primeiros passos nas Ciências Sociais, quando foi o meu professor de Introdução à Sociologia. E também a professora Ramonildes Gomes, que além de ter sido uma excelente professora na graduação, apresentou-me a sua concunhada, Socorro (Côca), que me acolheu em sua casa, concedendo total suporte para que eu pudesse desenvolver a minha pesquisa da graduação e do mestrado. Obrigada Ramonildes e Côca pelo acolhimento!

Agradeço à minha orientadora Mércia Rejane Rangel Batista por ter mais que me orientado, por ter me abraçado nessa caminhada acadêmica desde a graduação. Uma formação como esta, me proporcionou vida! Muito Obrigada!

Agradeço à Professora Magnólia Gibson, agora aposentada, por ter contribuído significativamente para que eu pudesse chegar até esse momento do

doutorado. Esteve presente em todas as minhas bancas de graduação e mestrado, trazendo valiosas contribuições.

Agradeço à professora Maria da Conceição Van Oosterhout, que também vem me acompanhando e contribuindo para a minha formação desde a graduação. Esteve presente em todas as minhas bancas desde a graduação até este momento final do doutorado, sempre com leituras atenciosas.

Agradeço ao professor Lemuel Guerra, que também tem acompanhado a minha trajetória acadêmica, tendo sido meu professor em diversas disciplinas na graduação, no mestrado e no doutorado, e agora sendo fundamental para a lapidação de minha tese ao aceitar gentilmente compor as bancas dos exames intermediários e estando presente também na defesa final.

Agradeço à professora Elizabeth Christina por ter aceito compor essa banca final. Professora que desde a graduação vem contribuindo bem de perto para que eu chegasse a esse momento acadêmico. Com quem aprendi muito, sobretudo quando era bolsista do PET (Programa de Ensino Tutorial) Antropologia, onde tive a oportunidade de contar com os seus ensinamentos durante o período que foi tutora. Muito Obrigada, professora Bebete!

Agradeço à professora Patrícia Goldfarb por prontamente ter aceito o convite para compor essa banca de doutorado. Desde já muito grata pelas ricas contribuições que trará para o meu trabalho. Muito feliz por ter a honra de sua participação nesse momento tão especial de minha trajetória acadêmica.

Agradeço a todos os meus colegas de graduação, PET, mestrado e doutorado, não vou citar nomes para não ser injusta, mas aí vai o meu muito obrigada a todos, pois sempre foram experiências de muito aprendizado.

Agradeço a todos os interlocutores de nossa pesquisa e em especial as irmãs Clarissas, as quais abriram as portas do mosteiro e me acolheram com alegria e paz. Foi um aprendizado constante a cada interlocução realizada.

Agradeço por fim a todos que de maneira direta ou indireta contribuíram para que eu chegasse a esse momento acadêmico tão sonhado, tão desejado que, por vezes, pareceu impossível, mas agora se faz real. Essa conquista significa

que exceções existem! Graças a esforços coletivos dobrados, é possível que uma jovem negra e pobre possa se tornar doutora!



## RESUMO

Esta tese é o resultado da pesquisa que realizamos sobre a motivação de jovens mulheres ao optarem pela clausura religiosa, em pleno século XXI. Buscamos compreender os motivos pelos quais estas mulheres procuram a clausura como estilo de vida numa época cujas lutas e conquistas femininas apontam para uma vida com cada vez menos privações. Para tanto, elegemos como locus de pesquisa o mosteiro da Ordem das Clarissas de Campina Grande-PB, a partir de uma abordagem qualitativa, com observações sobre o cotidiano e experiências no interior do mosteiro, o que nos proporcionou efetivas interlocuções com freiras, freis, padres, vocacionadas e leigos. Diante desses interlocutores que permeiam o mundo do claustro e do fato de percorrer a história da vida cristã e católica enquanto instituição no Brasil, pudemos apresentar ao leitor em que consiste a prática da clausura e destacar as trajetórias de vida das irmãs, além da atuação da Igreja Católica e especificamente das irmãs Clarissas, inclusive com a presença das influências do Movimento da Renovação Carismática. Para além destas questões, a pesquisa permitiu também apresentar e discutir as inquietações em relação às características do mundo contemporâneo e a ideia de vocação como elementos que nos ajudam a entender a escolha pela vida religiosa no claustro, especificamente no mosteiro pesquisado.

**Palavras-chave:** Clausura; vocação; *trabalho* religioso; sociedade contemporânea.

## ABSTRACT

This thesis is the result of the research conducted on the motivations young women have by opting for the religious enclosure in the XXI century still. Thus, we seek to comprehend the motives by which these women pursue enclosure as a lifestyle during an epoch in which women's struggles and achievements point out to a life with even less privations. To do such, starting from a qualitative analysis, we chose as locus for this research the Order of Poor Claires' Monastery of Campina Grande-PB. With observations on the everyday life and experiences at the interior of the Monastery, interlocutions were established throughout the research with sister, friars, priests, discerned women and practitioners. Facing these interlocutors, which encompass the world of the enclosed and go through the history of Christian and Catholic life as an institution in Brazil, we managed to present to the reader with knowledge on what consists the practice of enclosure and to highlight the life trajectories of the sisters, as well as the local presence of the Catholic Church and specially the Order of Poor Claires' sisters, including the actions and influences of the Catholic Charismatic Renewal movement. Beyond these topics, this research also enabled us to present and discuss worries these sisters have about aspects of the contemporary world and on the idea of vocation as research elements that enabled us to understand the choice for a religious life in the cloister, specifically in the analyzed monastery.

**Keywords:** Enclosure; vocation; religious *work*; contemporary society.

## RÉSUMÉ

Cette thèse est le résultat de nos recherches sur la motivation des jeunes femmes à choisir la clôture religieuse au 21<sup>ème</sup> siècle. Nous cherchons à comprendre les raisons pour lesquelles ces femmes recherchent la clôture comme mode de vie à une époque où leurs luttes et leurs réussites laissent présager une vie de moins en moins défavorisée. Pour cela, nous avons choisi comme site de recherche le monastère de l'Ordre des Clarisses de Campina Grande-PB, basé sur une approche qualitative, avec des observations sur la vie quotidienne et les expériences vécues à l'intérieur du monastère, qui nous a permis d'entretenir des relations efficaces avec les nonnes, les prêtres, les gens de vocation et aussi les laïcs. Face à ces interlocuteurs qui imprègnent le monde du cloître et le fait de parcourir l'histoire de la vie chrétienne et catholique en tant qu'institution au Brésil, nous avons pu présenter au lecteur la pratique du cloître et mettre en évidence les trajectoires de vie des nonnes, en plus du travail de l'Église catholique et plus particulièrement des Clarisses, y compris l'influence du mouvement du Renouveau Charismatique. En plus de ces questions, la recherche nous a également permis de présenter et de discuter des préoccupations concernant les caractéristiques du monde contemporain et de l'idée de la vocation en tant qu'éléments qui nous aident à comprendre le choix de la vie religieuse dans le cloître, en particulier dans le monastère en question.

**Mots-clés:** clôture; vocation; *travail* religieux; société contemporaine.

## LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - Locutório localizado próximo à capela externa.....	30
IMAGEM 2 – Locutório localizado próximo a uma das portas de entrada do mosteiro.....	31
IMAGEM 3 – São Francisco de Assis (1182-1226) .....	47
IMAGEM 4 – Santa Clara de Assis (1193-1253) .....	48
IMAGEM 5 - D. Frei Anselmo Pietrulla.....	65
IMAGEM 6 – D. Frei Tadeu.....	66
IMAGEM 7 – Jovem entrando para a clausura em 04 de junho de 2017 .....	96
IMAGEM 8 – Jovem ajoelhada minutos antes de sua entrada na clausura no dia 04 de junho de 2017 .....	96
IMAGEM 9 – Momento de entrada na clausura de três jovens no dia 20 de maio de 2018.....	97
IMAGEM 10 – Vestição (1º momento) .....	102
IMAGEM 11- Vestição (2º momento) .....	103
IMAGEM 12 – Profissão Solene Perpétua .....	119
IMAGEM 13 – Profissão Solene Perpétua .....	119
IMAGEM 14 – Saída da clausura em procissão até a capela externa .....	120
IMAGEM 15 – Mestra e Professa Solene.....	121
IMAGEM 16 – Discurso de agradecimento da nova Professa Solene Perpétua .....	121
IMAGEM 17 - No espaço do locutório, comemorando a profissão Solene Perpétua .....	122
IMAGEM 18 – Construção do mosteiro em 1950 .....	126
IMAGEM 19 - Fachada do mosteiro em 1953 .....	126
IMAGEM 20 – A estrutura do mosteiro vista de cima.....	127
IMAGEM 21- Fachada do mosteiro.....	127
IMAGEM 22 - Cela.....	128
IMAGEM 23- Porta de entrada da clausura.....	129

IMAGEM 24 – Altar da clausura.....	129
IMAGEM 25 – Pátio da Clausura .....	130
IMAGEM 26 – Jardim da Clausura.....	130
IMAGEM 27 – Imagem de São José .....	131
IMAGEM 28 – Foto antiga do refeitório das freiras.....	131
IMAGEM 29 – Frente da capela externa .....	133
IMAGEM 30 – Interior da capela externa.....	133
IMAGEM 31 – Altar da capela externa.....	134
IMAGEM 32- Sala do coro .....	134

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Ramificações Clarissas .....	63
TABELA 2 – Perfil das mães das irmãs e das vocacionadas, as quais estabelecemos diálogos gravados .....	84
TABELA 3 – Dados relativos à população total do mosteiro em 2018.....	143
TABELA 4 – Mulheres que procuram a vida contemplativa no mosteiro da Ordem de Santa Clara em Campina Grande – PB desde o ano de 2000.....	146
TABELA 5 - Dados relativos à situação familiar antes do ingresso no mosteiro .....	159
TABELA 6 - Dados relativos aos aspectos religiosos antes do ingresso no mosteiro .....	176

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ADI – Abordagem Direta do Inconsciente

EJC – Encontro de Jovens com Cristo.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

UTI – Unidade de Terapia Intensiva.

PSP - Professora Solene Perpétua

RCC – Renovação Carismática Católica

# SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	<b>16</b>
Percurso de pesquisa.....	27
<b>Capítulo I:</b> .....	<b>43</b>
O surgimento da Ordem de Santa Clara através de uma narrativa religiosa de legitimação e manutenção.....	43
1.1 A narrativa do surgimento da Ordem de Santa Clara.....	43
1.2 A vida em clausura e a vida sem próprio.....	55
1.3 O mosteiro de Santa Clara em Campina Grande – PB.....	65
1.3.1 A narrativa religiosa sobre a fundação do mosteiro.....	65
1.4 A administração.....	73
1.4.1 Os Frades Menores.....	73
1.4.2 A abadessa.....	77
<b>Capítulo II:</b> .....	<b>88</b>
Do “eu secular” para o “eu freira”: processo permanente de disciplinamento e mortificação permeado por votos e rituais.....	88
2.1 O vocacionado.....	89
2.2 O postulante e a vestição.....	95
2.3 O noviciado e os votos temporários.....	104
2.3.1 Castidade.....	107
2.3.2 Sem próprio.....	108
2.3.3 Obediência.....	109
2.3.4 Clausura.....	111
2.4 O juniorato ou profissão temporária e a profissão solene - votos perpétuos 116	
2.5. Vida ativa no mundo do Claustro: oração, trabalho, estudos e aconselhamento.....	123
<b>Capítulo III:</b> .....	<b>142</b>
A decisão pela vida contemplativa no mosteiro de Santa Clara em Campina Grande - PB em pleno século XXI.....	142
<b>Capítulo IV:</b> .....	<b>180</b>
Olhando para o claustro - entre contínuos.....	180
<b>Considerações Finais</b> .....	<b>202</b>
<b>Glossário</b> .....	<b>206</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>210</b>





## INTRODUÇÃO

“Diante desse conjunto amplo e acelerado de transformações, muitas vezes os analistas só conseguem perceber as linhas-mestras dos processos, sem atentar para as contradições e dialéticas mais sutis”.  
(MENEZES, 2004, p. 26)

No Brasil contemporâneo observamos um pluralismo religioso (STEIL, 2001)<sup>1</sup> e uma diversidade de maneiras de vivenciar a religiosidade – há indivíduos filiados a uma religião, outros que transitam em diferentes manifestações religiosas e os que possuem a sua religiosidade (SIMMEL, 2010)<sup>2</sup> sem se filiar à religião ou a grupo religioso. Pierucci (2004, p.14) escreve sobre essa possibilidade de escolha que se abre para os indivíduos, caracterizando um potencial trânsito religioso:

---

<sup>1</sup> O pluralismo religioso é um fenômeno moderno que tem sua origem na ruptura do monopólio de uma religião, como a *Igreja* oficial de uma determinada sociedade. Um monopólio que é quebrado tanto pelo avanço da “razão secular”, que se impõe através das ciências positivas, quanto pela diversificação do campo religioso, que resulta do rompimento da relação orgânica entre Estado e religião. Assim, a perda de um aparato estatal, que lhe garantia a reprodução social e a exclusividade, introduziu uma transformação estrutural que define o papel da religião na modernidade (STEIL, 2001, p. 116).

<sup>2</sup> Compreendemos religiosidade nos termos de Simmel (2010), que diferenciou religião de religiosidade, argumentando que esta é anterior a primeira: “a religião não cria a religiosidade, mas é a religiosidade que cria a religião” (SIMMEL, 2010, p. 33). Não sendo imprescindível que se tenha uma religião para que ocorra a religiosidade, há indivíduos religiosos sem religião.

Não só as pessoas podem optar por uma outra religião, mas podem continuar optando por outras religiões. A opção dessacraliza-se como um ato livre, passando a ser revisável na mesma proporção. Os vínculos tornam-se quase exclusivamente experimentais.

Esta liberdade que ampara o atual cenário de pluralismo religioso e as diferentes maneiras de vivenciar a religiosidade nem sempre se fizeram presentes no Brasil. Estamos em um país que se caracterizou por um longo período como sendo marcado pela preponderância e hegemonia de uma única instituição religiosa, a Católica. Esta Igreja foi a primeira instituição religiosa oficial a se instalar no Brasil, presença religiosa hegemônica que se consolidou inicialmente pela atuação dos padres jesuítas. Havia no Brasil Colônia outras manifestações religiosas, como as de matrizes africanas, contudo os indivíduos não possuíam a liberdade de vivenciá-las e manifestá-las publicamente (FREYRE, 1997). Esta hegemonia da Igreja Católica se estendeu no Brasil oficialmente até a proclamação da República em 1889, marcada pela separação entre Estado e Igreja. Esta última passa a não organizar a vida social e religiosa como nos dias que compunha o Estado (MONTES, 2012).

A partir do início do século XX, a Igreja Católica começa a perder paulatinamente esta hegemonia, sendo obrigada a dividir espaço social com outras religiões que agora conquistam espaços sociais e liberdade de manifestação. E dentre as religiões que ganham evidência se destacam as religiões protestantes e/ou evangélicas, que começam a disputar a hegemonia com a religião Católica, e vem conquistando um maior número de fiéis a cada dia, sobretudo, as Igrejas neopentecostais.<sup>3</sup>

Esse aumento do número de adeptos pertencentes às religiões evangélicas caracteriza também um cenário moderno que evidencia um

---

<sup>3</sup> O que podemos constatar ao observar os dados divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística): Em 1991 se autodeclaravam católicos 83,7% (oitenta e três vírgula sete por cento), em 2000 esse percentual reduziu para 73,0% (setenta e três por cento) e em 2010 os católicos significaram 64,6% (sessenta e quatro vírgula seis por cento) da população. Já os evangélicos em 1991 representavam 9,0% (nove por cento) da população, no ano 2000 atingiram 15,4% (quinze vírgula quatro por cento), e no ano de 2010 significaram 22,2% (vinte e dois vírgula dois por cento) da população.

processo de rompimento com o tradicional, que faz parte de um processo dialético, o qual autores como Pierucci (2004, p.14) aponta como inexorável em tempos modernos:

Qualquer religião majoritária, numa sociedade que se moderniza, estará fadada a perder adeptos. Uma fatalidade sociocultural quase tão implacável quanto a genética dos caranguejos: toda religião tradicional ou majoritária tende a andar para trás. Nas sociedades pós-tradicionais decaem as filiações tradicionais. Os indivíduos tendem, nessas formações sociais, a se desencaixar de seus antigos laços, por mais confortáveis que antes eles pudessem parecer. Desencadeia-se um processo de desfiliação, em que as pertencas sociais e culturais dos indivíduos, inclusive as religiosas, tornam-se opcionais.

Em uma realidade na qual a Igreja Católica não representa mais a instituição totalizadora<sup>4</sup> preponderante na sociedade brasileira, um fato nos chama atenção e nos causa espanto: a presença em pleno século XXI de *Instituições Totais* Católicas femininas<sup>5</sup>, os mosteiros<sup>6</sup>, destinados à vida em clausura, onde mulheres vivem circunscritas a um espaço físico e às regras de uma Ordem religiosa. Elas se submetem a um processo de disciplinamento<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> “O que é especificamente “moderno” não é o fato de os homens ora se aterem ora abandonarem a religião, mas é o fato de que a pretensão que a religião tem de reger a sociedade inteira e governar toda a vida de cada indivíduo foi se tornando ilegítimo, mesmo aos olhos dos crentes mais convictos e mais fiéis. Nas sociedades modernas, a crença e a participação religiosas são “assuntos de opção pessoal”: são assuntos particulares, que dependem da consciência individual e que nenhuma instituição religiosa ou política podem impor a quem quer que seja” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 34).

<sup>5</sup> Estamos compreendendo Instituição Total nos termos de Goffman (1974, p. 16. Grifos do autor): “Toda instituição tem tendências de “fechamento”. (...) Seu “fechamento” ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos. A tais estabelecimentos dou o nome de *instituições totais*”.

<sup>6</sup> **Convento** é confundido, muitas vezes, com Mosteiro. No passado, o Convento era edificado na zona urbana da cidade, normalmente delimitada por uma muralha. Já o Mosteiro era o oposto, sendo edificado fora da cidade, geralmente em montanhas ou encostas de desertos rochosos. Hoje, tanto o Convento quanto o Mosteiro se confundem, porque a cidade cresceu ao seu redor. (Acesso realizado em 07 de março de 2016: <http://paroquiavirtualfreivo.blogspot.com.br/2010/08/diferenca-entre-convento-e-mosteiro.html>).

<sup>7</sup> “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’” (FOUCAULT, 2014, p. 135).

(FOUCAULT, 2014) e de mortificação do eu<sup>8</sup> (GOFFMAN, 1974), mesmo em um momento histórico no qual as mulheres conseguiram conquistar uma liberdade significativa quando comparada aos períodos anteriores, e quando há inúmeras possibilidades para vivenciar a sua religiosidade.

Outro fato que nos chamou ainda mais atenção é que a procura por estes mosteiros de clausura tem aumentado nos últimos anos, informação revelada por uma das mestras do mosteiro de Santa Clara, localizado na cidade de Campina Grande - Paraíba, em nossa primeira visita, e pelo Frei responsável pelo acompanhamento espiritual das irmãs do referido mosteiro. Informação essa que não conseguimos comprovações<sup>9</sup>, mesmo indo à busca de órgãos oficiais da Igreja Católica, como o CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais) e a CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil), além de consultar o anuário nacional e o diocesano, mas foi um importante elemento que nos desafiou ainda mais para prosseguirmos com a pesquisa.

Em uma sociedade onde tudo é líquido (BAUMAN, 2001), essa opção é de uma solidez e fixidez aparente que nos remete a interrogações: Por que sair do mundo e fechar-se no espaço de um mosteiro? Por que abdicar de viver próximo de sua família consanguínea? Fazendo-nos logo compreender que se trata de um movimento que requer de nós um esforço capaz de produzir uma explicação.

---

<sup>8</sup> O novato chega ao estabelecimento com uma concepção de si mesmo que si tornou possível por algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico. Ao entrar, é imediatamente despido do apoio dado por tais disposições. Na linguagem exata de algumas de nossas mais antigas instituições totais, começa uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações, e profanações do eu, o seu eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente, mortificado (GOFFMAN, 1974, p.24).

<sup>9</sup> O que também foi constatado por Garcia e Rosado (2014, p. 80) ao estudar sobre a vida contemplativa feminina tomando como *locus* de pesquisa um mosteiro da Ordem das Carmelitas Descalças. Argumentam que não há dados estatísticos consistentes em relação à vida religiosa feminina, quando é verificado justamente uma situação oposta em relação às informações que se referem à vida religiosa masculina: "Outras buscas junto a órgãos oficiais da Igreja, a CRB – Conferência dos Religiosos do Brasil – e o CERIS, – Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais –, revelaram-se também ineficazes, uma vez que os dados nacionais sobre as religiosas em clausura são imprecisos. Verifica-se assim a situação para a qual feministas têm chamado atenção, seja em estudos acadêmicos, seja no ativismo político: a invisibilidade a que são sujeitas, historicamente, as mulheres".

Do espanto inicial nos deparamos com a dificuldade de interlocução e de acesso ao mosteiro. Todo trabalho de pesquisa<sup>10</sup> possui as suas limitações, uma vez que o pesquisador está sempre em uma situação que implica relações de poder (RABINOW, 1999), e em um contexto de uma Instituição Total Religiosa, essas relações ganham contornos ainda mais significativos, tendo em vista que as nossas principais interlocutoras, as *irmãs*<sup>11</sup>, passam por um processo disciplinar que as conduzem a uma postura mais resguardada, com a finalidade de não comprometer a sua opção de vida.

Seguimos em nosso contato com o mosteiro de Santa Clara, Campina Grande - PB, buscando contornar as dificuldades de pesquisa inerentes a este ambiente, ao eleger como objetivo geral investigar sobre o que tem conduzido jovens mulheres a decidirem pela vida em clausura no referido mosteiro, mesmo no século XXI, cientes de que estamos diante de uma Instituição Total Religiosa Católica, na qual mulheres “levam uma vida fechada e formalmente administrada” (GOFFMAN, 1974, p.11).

Perseguindo o nosso objetivo geral através da realização da pesquisa e das leituras teórico-metodológicas, podemos inferir que mesmo diante de um pluralismo religioso, o catolicismo ainda é a religião que possui um maior número de adeptos e ainda exerce poder simbólico, econômico e social, embora significativamente em menor proporção do que, por exemplo, no período de sua inserção no Brasil Colônia. Nunes (2004, p.28) afirma que no Brasil há um *ethos* cristão de cunho acentuadamente católico:

Voltando ao censo, o mais importante na leitura desses indicadores é a rápida mudança revelada no “atlas das religiões” no Brasil, dessa “fé que se move” (título de matéria da *Isto É*, 23 mai. 2003), em uma sociedade cuja cultura é informada por um *ethos* cristão de cunho acentuadamente “católico”, ainda que os números registrem decréscimo de fiéis. E ainda que consideremos o sincretismo sempre presente nas formas de viver a religião em nosso país.

---

<sup>10</sup> “É claro que há um mito do trabalho de campo. A experiência real, cercada como e pelas contingências, raramente sobrevive a esse ideal” (CLIFFORD, 2002, p. 20).

<sup>11</sup> Iremos nos referir às freiras do Mosteiro de Santa Clara de Campina Grande - PB como “irmãs” em muitos momentos do texto. Essa é a forma como elas se referem umas às outras e como todos que estabelecem contato com elas acabam as chamando.

Ainda que nas sociedades contemporâneas ocorra uma tendência para o rompimento com o tradicional, há um contínuo entre o tradicional e o moderno, destacando-se a existência de descontinuidades, mas também de continuidades, e no tocante à religião católica no Brasil não é diferente. Podemos evidenciar tal poder simbólico, econômico e social da Igreja Católica no Brasil, quando verificamos que mesmo em pleno século XXI, em tempos de abertura política marcado por um Estado laico, esta Igreja ainda faz parte do cotidiano secular dos brasileiros, por exemplo, ao se fazer presente no calendário. Este traz datas comemorativas e feriados que fazem referência a santos católicos, no mês de junho aparecem o Santo Antônio, São João e São Pedro e em outubro, Nossa Senhora Aparecida, santa entronizada na posição de padroeira do Brasil. Podemos citar também o fato de ainda encontrarmos nas diversas repartições públicas imagens do Cristo crucificado. Imagens e datas que marcam uma permanência formal, mas que também significam e impactam nas relações sociais. Esses são apenas pequenos exemplos da presença e atuação da Igreja Católica no Brasil<sup>12</sup>.

Esta continuidade da Igreja Católica, atravessando séculos no Brasil, se dá entre outros fatores em função da sua possibilidade de ao longo dos séculos enquanto instituição poder disseminar os seus discursos e rituais, fazendo parte da tradição brasileira, influenciando na incorporação de *habitus*<sup>13</sup> da maioria da população.

A presença e a persistência de instituições religiosas no Brasil contemporâneo aparecem em um primeiro olhar como sendo um paradoxo, principalmente quando se trata de Instituições Totais, contudo, observamos que essas continuidades e descontinuidades são inerentes à própria contemporaneidade. Embora a crença e a participação religiosa sejam “assuntos de opção pessoal”, como afirma Hervieu-Léger (2008), as diferentes instituições buscam cada uma se fortalecer enquanto instituição para se manter

---

<sup>12</sup> Lembrando a repercussão de quando a então presidenta do Brasil Dilma V. Rousseff, ao assumir o seu primeiro mandato em 2011, mandou retirar do seu gabinete as imagens religiosas.

<sup>13</sup> Conceito empregado por alguns autores, entre eles, Norbert Elias (1994) e Pierre Bourdieu (2010), os quais tomamos como referência, embora julgamos nos aproximar mais do conceito de *habitus* desenvolvido por Norbert Elias na medida em que este faz referência a uma historicidade mais longa na construção do *habitus* em uma sociedade, uma vez que também estamos nos referindo à incorporação de *habitus* por uma nação, no caso a brasileira, na qual a religião católica se faz presente desde o ano de 1500.

no *mercado religioso* (GUERRA, 2003). Agora não temos uma instituição totalizadora, mas temos várias instituições que buscam se colocar como opções aparentemente bem definidas para demonstrar a sua singularidade, capaz de atender as demandas dos consumidores. Ao argumentar sobre Mercado Religioso, Guerra (2003) defende:

Defendemos aqui a hipótese de que o poder determinante da variável “demanda dos consumidores” estaria associado positivamente e inversamente ao nível de concentração do mercado religioso, ou seja, quanto menor a concorrência entre organizações religiosas, mas possibilidade elas têm de operar ignorando as necessidades religiosas dos indivíduos. Inversamente, quanto maior a concorrência no mercado, mais atenção institucional será dada na elaboração dos contornos do produto religioso ao atendimento da demanda, variável que teria nessa conjuntura poder hegemônico na determinação da dinâmica da esfera religiosa. (...) É como se a partir da presença de uma mesma condição, decorrente da estruturação da esfera religiosa em mercado, **a instituição ficasse simultaneamente mais fraca**, por depender mais profundamente da demanda dos consumidores, e, **mais forte**, - de acordo com a sociologia do conflito elaborada por Simmel -, como resultado da pressão externa, exercida no sentido da mobilização de recursos necessários ao enfrentamento da posição dos vários concorrentes. (GUERRA, 2003, p. 71-72. Grifos nossos)

Montes (1998) em sua perspectiva também aponta para a força das instituições no contexto de mercado religioso, ao afirmar que a religião no Brasil não se inclina definitivamente para o campo do privado e que há um enrijecimento e/ou fortalecimento das instituições, mesmo diante da percepção de que as instituições, sobretudo a Católica, não têm a mesma força que antes.

A religião que, no Brasil, por quatro séculos, na figura da Igreja católica, fora indissociável da vida pública, imbricada com a própria estrutura do poder de Estado por meio da instituição do padroado, **pareceria** enfim ter se inclinado definitivamente para o campo do privado, agora dependente quase de modo exclusivo de escolhas individuais. (...) Modernidade ambígua, no entanto, porque, de modo contraditório, ela mesma seria responsável por promover — surpreendentemente a partir da expansão do protestantismo, religião histórica da tolerância e do valor da razão como base da crença — **o enrijecimento das posições institucionais**, a disputa no interior do campo

religioso em cada uma das confissões e a intolerância para com as crenças das igrejas ou formas de religiosidade rivais. (MONTES, 2012, p. 13. Grifos nossos)

Embora a Igreja Católica esteja lutando por espaço nesse *mercado religioso*, ela possui uma significativa posição neste cenário, tendo em vista o capital religioso e o domínio dos bens de salvação (BOURDIEU, 2011) adquiridos ao longo de sua permanência no Brasil. E tal presença desta Igreja, através da atuação dos seus religiosos, implica em sua credibilidade, o que também favorece para que a opção pela vida contemplativa nessas Instituições Totais Católicas ocorra ainda em nossos dias.

Além desse fator da presença da Instituição Católica na cultura e no *ethos* dos brasileiros historicamente nos conduzir a compreensões, ao ouvir as narrativas das freiras e das vocacionadas do Mosteiro de Santa Clara, em Campina Grande, – mesmo cientes de que apresentam restrições à nossa análise, tendo em vista a tendência autojustificadora, que revela o processo de disciplinamento ao qual são submetidas –, surgem outros fatores a serem considerados, como: as narrativas religiosas elaboradas e veiculadas pela Igreja Católica e seus agentes; o *trabalho* (BOURDIEU, 2011) desses agentes, padres, freis e freiras, no processo de *disciplinamento* (FOUCAULT, 2014) e *mortificação* (GOFFMAN, 1974) do eu secular, permeado pela atualização dos rituais com a participação da comunidade secular; a liderança *carismática* (WEBER, 1997) exercida pelas irmãs, principalmente da mestra que acompanha as vocacionadas; a influência da Renovação Carismática (PRANDI, 1992) na atuação das irmãs, o que corrobora para a compreensão de uma excepcionalidade do mosteiro e da capela; e os desejos e inquietações provenientes da sociedade contemporânea (BAUMAN, 2001) (fatores que estamos denominando de forças sociais), e a ideia de vocação<sup>14</sup> (fator que estamos denominando de forças divinas<sup>15</sup>).

---

<sup>14</sup> Vocação “corresponde ao desejo que a vocacionada sente e que impulsiona a viver a vida consagrada. A vocação surge após o chamado divino” (RODRIGUES, 1995, p. 175).

<sup>15</sup> Entendendo essas forças divinas como aquelas que fogem ao âmbito da razão e assim das explicações científicas, sendo relativas ao campo do transcendental, de questões de fé.



A Igreja Católica possui hagiografias<sup>16</sup>. Cada santo possui a sua história de vida religiosa e no caso de Santa Clara não é diferente, ela possui uma hagiografia elaborada por religiosos. Há uma narrativa religiosa sobre a vida de Santa Clara e do surgimento de sua Ordem, com uma linguagem própria desta Igreja, a qual enfatiza apenas aspectos que revelam a santidade de Clara e não os aspectos de sua vida secular. Essas narrativas também se constituem como uma das vias pelas quais as mulheres entram em contato com a Ordem de Santa Clara e com os seus mosteiros, destacando-se como instrumento que contribui significativamente no processo de opção pelo claustro, uma vez que veiculam um modo de vida que suscita identificações.

Assim como a presença e participação nos rituais que permeiam a constituição do “eu freira”, tendo em vista a sua publicidade, também se destacam como importantes fatores para o surgimento de identificações e opção pela vida em clausura a liderança *carismática* exercida, principalmente, pela mestra do noviciado, os testemunhos de vida das irmãs, a vestimenta, o trabalho de aconselhamento e acompanhamento das jovens que procuram o mosteiro.

O modo de vida da Ordem de Santa Clara suscita identificações, também em função de estarmos diante de uma sociedade marcada por uma condição de liquidez e incertezas constantes. Os trabalhos e relacionamentos afetivos<sup>17</sup>, por exemplo, são incertos e efêmeros, os indivíduos estão cada vez mais fragmentados, sentindo-se incompletos, vazios, colocando-se assim em uma permanente busca por compor a sua identidade (BAUMAN, 2001). Neste clima de incertezas, por vezes, podem surgir a necessidade de rompimento e de conceder respostas à estrutura social, conduzindo mulheres a optarem pelo claustro, um modo de vida que pode atender a essas necessidades, na medida

---

<sup>16</sup> “O termo hagiografia é de origem grega (**hagios** - santo; **grafia** - escrita). Hagiografia seria como uma “biografia”, que consiste na descrição da vida – milagres – morte – canonização – culto de algum santo, beato, virgem, um abade ou demais servos de Deus proclamados por algumas igrejas cristãs, devido à sua vida e pela prática de virtudes cristãs. É o ramo da História da Igreja dedicado à vida e culto dos santos” (SANTOS, 2006, p. 01).

<sup>17</sup> Zygmunt Bauman (2001, p. 187) escreve sobre como na contemporaneidade se desenvolvem os laços humanos: “Compromissos do tipo “até que a morte nos separe” se transformam em contratos do tipo “enquanto durar a satisfação”, temporais e transitórias por definição, por projeto e por impacto pragmático – e assim passíveis de ruptura unilateral, sempre que um dos parceiros perceba melhores oportunidades e maior valor fora da parceria do que em tentar salvá-la a qualquer – incalculável – custo”.

em que a vida contemplativa se apresenta enquanto esta oportunidade de uma alternativa social e/ou antiestrutura (TURNER, 1974). O cenário contemporâneo, que parecia informar sobre a não pertinência de uma opção para a vida em clausura, é o mesmo que nos conduz à compreensão da pertinência e eficácia desse tipo de opção.

Em nossa análise indicamos que existem essas forças sociais que corroboram significativamente para que a opção pelo claustro ainda ocorra na contemporaneidade, contudo os nossos interlocutores, religiosos, religiosas e vocacionadas, concedem ênfase às forças divinas, à ideia de vocação, ou seja, informam preponderantemente que sua opção pelo claustro se deve à existência de uma missão concedida por Deus, que se revelam através da observação da atuação divina durante a sua trajetória de vida e no espaço do mosteiro. Não desconsideramos tais forças divinas, tendo em vista que estamos diante de um contexto de pesquisa que nos suscita compreender como esses religiosos e religiosas conformam e formatam o seu mundo, e para eles tal chamado divino é fundante e determinante para essa opção.

Forças divinas que são também levadas em consideração pela autora Debora Diniz Rodrigues (1995) em sua dissertação intitulada “O reino da Solidão. Uma etnografia da vida em clausura das monjas Carmelitas Descalças”, trabalho que mesmo tratando de outra Ordem religiosa, contribuiu para que estabelecêssemos conexões e compreensões sobre a Ordem que estamos pesquisando, a das Clarissas. Rodrigues (1995) escreve: “O que há em comum entre esse grupo de mulheres que partem ao encontro do Carmelo é uma vida anterior à consagração repleta de sinais divinos” (RODRIGUES, 1995, p. 56).

No mosteiro de Campina Grande não é diferente, as irmãs Clarissas relatam sobre a presença desses sinais divinos em suas histórias de vida. Concordamos com Rodrigues (1995) quando escreve ao se referir ao texto da autora Miriam Grossi (1995), que enfatiza, em sua análise da vocação para a vida consagrada, a conjuntura de forças sociais em detrimento dos aspectos sobrenaturais:

Para ela [Grossi], a vocação para a vida consagrada é resultado de um conjunto de forças sociais visando responder uma crise na família camponesa. (...) Talvez, com a Ordem religiosa que Grossi tenha trabalhado, essa seja uma característica importante no processo de descoberta da vocação, porém há outros detalhes, no nível do sobrenatural, tão ou mais importantes que estes e que foram negligenciados pela autora. (RODRIGUES, 1995, p. 06)

No campo dos fenômenos religiosos aparecem eventos importantes para compreensão, como os *sinais divinos*, que embora se configurem como não passíveis de uma análise científica e/ou nos termos de Rodrigues (1995), não conciliáveis com os “absolutos” da ciência, pois estão diretamente associados a questões de fé, precisam ser considerados. Mas isto não quer dizer que tenhamos assumido uma posição de teólogos<sup>18</sup> (MAUSS, 1909), assumimos um posicionamento de uma perspectiva metodológica respeitosa e ciente das relações de poder presentes no fazer científico (RABINOW, 1999).

O leitor vai encontrar ao longo do texto os resultados alcançados ao perseguirmos o objetivo supracitado, nos quais argumentamos e evidenciamos a dialética própria do fenômeno social religioso, visto que este apresenta continuidades e descontinuidades frente às transformações sociais ocorridas ao longo dos anos e na contemporaneidade.

Para isso, estabelecemos um percurso de pesquisa no qual enfatizamos a importância de irmos ao encontro do outro na realidade social e da percepção de que a teoria é imprescindível para a compreensão, mas não deve ocupar posição de superioridade. Indicando ainda que tal perspectiva nos conduziu a uma posição respeitosa frente aos nossos interlocutores, e ao fenômeno religioso que buscamos compreender, o que possibilitou compreensões e posições não extremistas.

---

<sup>18</sup> Marcel Mauss (1909, p. 112) critica a abordagem metodológica dos teólogos ao estudar o fenômeno religioso da prece: “Enfim, é preciso não perder de vista que a teologia tem, antes de tudo, um objetivo prático; visa sobretudo a ser diretora da liturgia. Se ela se esforça em sistematizar, em compreender as preces, é antes de tudo para propagá-la ou dirigir o emprego delas”.

## Percurso de pesquisa

Durante toda a nossa trajetória acadêmica nos debruçamos sobre o tema da religião. Este tem chamado a nossa atenção desde a graduação, o que culminou na temática abordada na monografia, na dissertação e nesta tese. Na graduação e no mestrado voltamos o nosso olhar para a manifestação religiosa da Cruz da Menina que ocorre no Município de Patos, localizado no sertão paraibano,<sup>19</sup> a qual consiste em um devoção popular que se situa em tensão com a Instituição Católica. Agora no doutorado, voltamos o nosso olhar justamente para o fenômeno religioso de uma Instituição Católica, o mosteiro de vida contemplativa de Santa Clara, localizado na cidade de Campina Grande também na Paraíba, o que nos exigiu percorrer novos caminhos teóricos metodológicos, embora ainda no campo da religião.

A pesquisa de tais manifestações religiosas proporcionou a compreensão não apenas da manifestação em si, mas também do contexto social, cultural, econômico e político da localidade em questão, o que nos concedeu a oportunidade de trazer para a sociedade e para os pesquisadores da área uma perspectiva singular sobre esses fenômenos e a possibilidade do leitor traçar comparações e caminhos para compreender outras manifestações religiosas.

Neste percurso de pesquisa que vem se desenvolvendo desde a graduação, buscamos sempre realizar uma abordagem qualitativa e investir no contato com o outro, desvelando as realidades estudadas através do contato face a face, do olho no olho, ouvindo e observando cada interlocutor para assim elaborar nossos objetivos, sempre em um movimento entre a pesquisa e a teoria. A realidade social foi suscitando os caminhos metodológicos a serem percorridos e os autores a serem estudados.

E a cada dia nos surpreendemos curiosos para compreender o fenômeno da religião. Cresce em nós o espanto, o desejo de aprender sempre mais ao nos depararmos com o estranho naquilo que até então pensávamos

---

<sup>19</sup> O que resultou na produção do texto monográfico intitulado “Celebrando uma morte que gera vida. A relação da cidade de Patos (PB) com o culto à Cruz da Menina Francisca” (2009) e de um texto dissertativo intitulado “Tensões e disputas em torno da devoção “popular”: A Cruz da Menina em Patos (PB)” (2012).

que era familiar. E por que para nós parecia familiar? Era de certa maneira familiar pelo fato de que somos adeptos da religião Católica, o que nos levava a acreditar que a religião era um universo familiar e que faltava pouco a ser desvelado. Contudo, durante esses anos nos quais temos nos debruçado sobre a religião, especificamente sobre o catolicismo, este em muitos momentos se apresenta como exótico, sobretudo em decorrência de nossa atenção e busca constante para trazer a público um texto no qual o leitor possa se distanciar de ideias do senso comum.

Podemos afirmar e concordamos com Max Weber (1997) sobre o fato de que os nossos temas de estudos partem de nossas subjetividades, do lugar onde viemos e das trajetórias que percorremos. Precisamos ficar atentos para deixar as subjetividades atuarem mais fortemente apenas no momento da escolha do tema de estudo, pois é imprescindível ter paixão pelo que estuda, e isso é o que temos feito ao longo desses anos, porém durante o processo de pesquisa e escrita é necessário perseguir a objetividade.

E na busca de tal objetividade, o trabalho de pesquisa é um aliado, visto que ao encontrarmos as subjetividades do outro, a possibilidade de nos distanciarmos das nossas subjetividades se abrem, nos conduzindo a percepção de que sabíamos muito pouco em relação a um universo de pesquisa que se apresenta vasto e cheio de particularidades. Ao pesquisar, um novo mundo abre-se diante dos nossos olhos. E são essas particularidades associadas às perspectivas teóricas que nos conduzem ao alcance dos objetivos propostos.

Ao escolher como tema de estudo a vida contemplativa, escolhemos mais uma vez um tema que faz parte de nossa paixão: a religião. Mas, embora se trate de religião, a ideia de estudar sobre a vida em clausura nos causou diversos estranhamentos e preocupações, o que por alguns momentos nos fez duvidar sobre a possibilidade de realização de um consistente trabalho de pesquisa, pois por se tratar de um claustro, imaginamos que talvez as irmãs não aceitassem abrir as portas do mosteiro para a realização da pesquisa.

Decidimos realizar uma primeira visita ao mosteiro para verificarmos a possibilidade de desenvolver a pesquisa. Preparamo-nos com a elaboração de uma carta assinada pela orientadora, solicitando a realização da pesquisa, e nos conduzimos ao local, prestando atenção ao modo pelo qual iríamos nos

dirigir às irmãs. Mas chegando lá nos deparamos com uma surpresa, uma das mestras do mosteiro era uma jovem sorridente e que nos recebeu com muita presteza, aceitando prontamente a pesquisa. Contudo, deixou claro que não iríamos poder entrar na clausura nem falar com todas as irmãs existentes no mosteiro, pois só algumas iriam aceitar participar dos momentos de interlocução da pesquisa.

Instaurava-se um novo desafio, uma vez que nos questionávamos: como realizar o nosso trabalho de pesquisa sem poder experimentar o claustro? Desde então, o nosso empenho foi voltado para conseguir dialogar com o maior número delas, e assim ocorreu, como resultado de um cuidadoso trabalho de pesquisa, o que passa pela forma de nos comportar, nos vestir e de nos comunicar. Acreditamos que a nossa trajetória de vida particular e o nosso perfil religioso contribuiu significativamente para a realização da pesquisa. Dialogamos com 7 (sete) irmãs professoras solenes de votos perpétuos e com 1 (uma) professora solene de votos temporários, além de nos correspondermos por escrito com 3 (três) irmãs professoras solenes também de votos temporários. Somando 11 (onze) irmãs participantes da nossa pesquisa, um número significativo, tendo em vista a resistência de muitas delas.

As irmãs que aceitaram conversar conosco decidiram positivamente também em função da ajuda da mestra do noviciado<sup>20</sup>, que nos recebeu no primeiro dia em que chegamos ao mosteiro. Ela se empenhou em explicar às irmãs sobre o que consistia a pesquisa, facilitando para que elas decidissem nos receber.

A maioria das irmãs que dialogamos afirmou que um dos motivos desta resistência para participar das pesquisas realizadas no mosteiro é proveniente do fato de que muitos estudantes já pesquisaram, mas não deixaram claro qual seria o objetivo da pesquisa nem apresentaram os resultados alcançados. Mesmo cientes de que esse não era o único motivo, diante dessa informação buscamos antes de cada diálogo explicar claramente sobre o que se tratava a

---

<sup>20</sup> Trata-se de uma etapa presente no processo de disciplinamento e de mortificação do eu, pela qual as irmãs precisam passar no interior do claustro. As irmãs passam por três etapas, o postulante, o noviciado, o juniorato, para enfim tornar-se uma professora solene. Essas etapas possuem uma duração que varia de mosteiro para mosteiro. A irmã fala sobre como são organizadas essas etapas no mosteiro de Campina Grande- PB: "A primeira etapa é o postulante que dura dois anos (...) depois vem o noviciado com mais dois anos (...) O juniorato são o total de cinco anos" (Íris, 32 anos em 2016).

pesquisa, além de devolvermos ao grupo pesquisado os resultados aos quais chegamos<sup>21</sup>.

As irmãs sempre nos recebiam no locutório, espaço destinado a receber visitantes, elas ficam separadas dos visitantes por uma grade. Todos os contatos que as irmãs têm com as pessoas do mundo secular devem ser separados por essas grades. Nos primeiros contatos que estabelecemos com as irmãs, a grade parecia um empecilho para a comunicação, contudo com o passar dos dias observamos que as grades não atrapalhavam. Conseguimos desenvolver uma consistente interação e até aprendemos a abraçar mesmo com as grades.

No mosteiro existem dois locutórios: um próximo a capela externa, onde ficam os suvenires religiosos destinados a venda, e outro próximo a uma das portas de entrada do mosteiro, no qual em geral as irmãs recebem os familiares e os fiéis que vêm em busca de aconselhamentos. Seguem imagens dos locutórios respectivamente:

**Imagem 1:** Locutório localizado próximo à capela externa



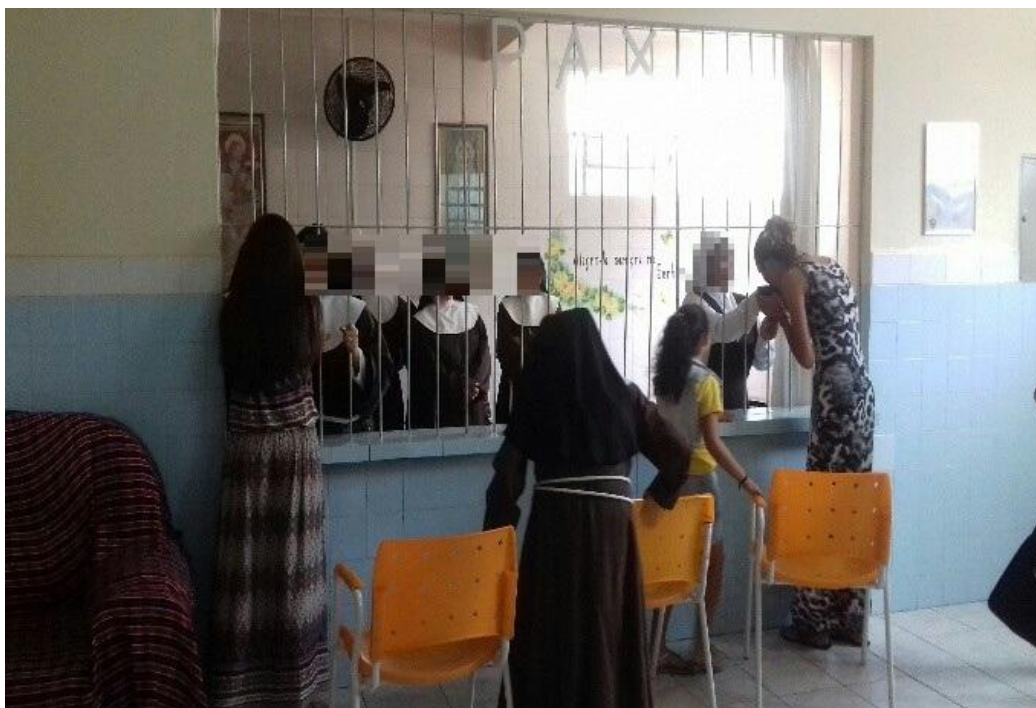
**Fonte:** Nossa autoria<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> Discorreremos mais adiante sobre como ocorreu esse processo de devolução dos resultados da pesquisa.

<sup>22</sup> Todas as imagens que não aparecem a indicação da fonte foram de nossa autoria.

**Imagem 2:** Locutório localizado próximo a uma das portas de entrada do mosteiro.



No primeiro diálogo que marcamos vieram duas irmãs, acreditamos que pelo receio de participar da pesquisa e diante da regra existente na instituição, a qual exige que as irmãs estejam sempre acompanhadas, principalmente quando vão atender alguém do mundo secular, o que demonstra o modo de vida fraterno, mas também o controle social exercido pela instituição. Porém, ao longo da pesquisa, diante da relação de confiança que estabelecemos com as irmãs e com a Abadessa, em todos os outros encontros os diálogos aconteceram individualmente.

Outro fator que consideramos extremamente importante para o desenvolvimento do nosso trabalho de pesquisa junto às irmãs foi a inserção do nosso cônjuge na pesquisa. Sempre comentávamos sobre a nossa vida particular e as irmãs também questionavam sobre a nossa vida pessoal e acadêmica. E cada vez que encontrávamos com uma nova irmã, nos apresentávamos falando um pouco de nossa vida pessoal e acadêmica. Neste sentido, em uma das conversas com a mestra ela perguntou onde estava o esposo, assim logo respondemos: - “foi consertar um chuveiro elétrico na casa da avó materna”. E a irmã não hesitou, logo pediu o contato do esposo para chamá-lo para realizar reparos elétricos no mosteiro.



Pouco tempo depois, a Abadessa do mosteiro entrou em contato conosco para solicitar os serviços do nosso esposo. Ele iria entrar na clausura<sup>23</sup>. Caso que foi motivo para descontração; a mestra brincava conosco ao afirmar que o esposo iria entrar na clausura quando nós não poderíamos. Acreditamos que a entrada do esposo no claustro contribuiu para que cada vez mais fosse estabelecido entre nós e as irmãs uma “atmosfera” de confiança, uma vez que ele também se apresentou e elas puderam conhecer um pouco mais sobre nós.

Diante dessa relação de pesquisa estabelecida, a mestra nos convidou para passarmos um final de semana no mosteiro<sup>24</sup> para que pudéssemos acompanhar o cotidiano das irmãs. Embora não tenhamos experimentado o claustro, pudemos acompanhar o que estavam fazendo em cada horário e participar de todos os momentos de orações e missas realizados na capela externa do mosteiro, além dos momentos de recreação e formação que ocorreram no locutório. Oportunidade na qual pudemos constatar de perto o fato de que as irmãs possuem uma vida cotidiana intensa, cheia de orações, mas também de trabalho doméstico e produção de utensílios religiosos.

Fomos num final de semana no qual o mosteiro estava recebendo 05 (cinco) jovens vocacionadas, ou seja, jovens que desejam ser freiras, que são acompanhadas pela mestra do postulante e do noviciado que fornece formações e aconselhamentos. O processo de disciplinamento (FOUCAULT, 2014) e de mortificação do eu (GOFFMAN, 1974) secular inicia-se ainda fora da clausura através dessas formações. Desta forma, surgiram novos interlocutores, além das freiras do mosteiro acrescentamos em nosso universo de pesquisa as jovens vocacionadas e estas se tornaram imprescindíveis para a nossa compreensão, tendo em vista que desejam optar pela vida em clausura.

Durante o citado final de semana, as irmãs não perderam a oportunidade para realizar novos questionamentos, objetivando compreender as intenções da pesquisa. Em um momento de recreação, no qual todas as irmãs se fizeram

---

<sup>23</sup> Para serviços como esse de reparo elétrico é permitido a entrada na clausura, mas sempre sob a observação de alguma irmã do mosteiro.

<sup>24</sup> Chegamos à tarde da sexta-feira (dia 23 de setembro de 2016) e saímos ao final da tarde do sábado (dia 24 de setembro de 2016), dormimos em um quarto externo à clausura e fomos recepcionados com um zeloso tratamento, além de terem disponibilizado roupas de cama e alimentação.

presentes no locutório, elas voltaram a fazer perguntas sobre a nossa vida pessoal. Perguntaram sobre o esposo, se ele ficou tranquilo com o fato de dormirmos fora de casa, perguntaram sobre o doutorado, se fazíamos parte de alguma comunidade (ou seja, de alguma igreja católica do bairro onde residíamos), entre outras, focaram as perguntas em nós, esquecendo um pouco das vocacionadas, sentimos como sendo um momento no qual precisávamos ser aprovadas pela comunidade de Santa Clara, mas acredito que passamos pela “prova”.

Tivemos a oportunidade de acompanhar muito do ritmo da casa e das orações e estabelecer contato com as jovens vocacionadas. Ao longo da pesquisa realizamos diálogos com gravação de voz com 05 (cinco) jovens vocacionadas.

Uma das jovens vocacionadas entrou na clausura iniciando a sua vida como postulante no dia 04 de junho de 2017<sup>25</sup>, e no dia 20 de maio de 2018 entraram mais três jovens vocacionadas, momentos que pudemos acompanhar de perto. Além desse momento da entrada de jovens no claustro pudemos acompanhar outros rituais<sup>26</sup> que fazem parte do processo de formação para a vida contemplativa, como a profissão solene, além de termos participado de outros momentos e datas festivas da Igreja Católica, as quais são celebradas na capela externa do mosteiro, como a oração dos terços do mês mariano (maio), o dia de Corpus Christi, à hora da graça (momento de oração realizado em devoção a Nossa Senhora da Rosa Mística), e a festa de Santa Clara (na edição de 2017, dado o envolvimento estabelecido com o processo de pesquisa, nos foi concedido a oportunidade de participarmos efetivamente da organização, e dormimos mais uma vez no mosteiro).

Aproveitávamos todas as oportunidades possíveis para ficarmos mais próximos das irmãs e desenvolvermos a nossa pesquisa também com a realização de observações e conversas informais, contando sempre com o convite e apoio da mestra do postulante e noviciado.

A mestra foi a nossa interlocutora chave, foi ela quem abriu a porta do mosteiro no primeiro contato e foi nos indicando com qual irmã deveríamos conversar. A mestra é uma jovem sorridente, mas bastante firme, com uma

---

<sup>25</sup> A referida jovem acabou deixando o claustro no dia 14 de junho de 2018.

<sup>26</sup> Iremos escrever sobre os rituais que ocorrem durante a formação das irmãs no capítulo II.

excelente capacidade de interlocução com a juventude, e é ela quem inicia o processo de disciplinamento das jovens vocacionadas, que procuram o mosteiro vislumbrando a possibilidade de sua entrada para a vida contemplativa. Cuidadosamente, fazendo uso do sorriso, mas quando necessário da firmeza, ela vai transmitindo os seus conhecimentos religiosos e de vida, e estabelecendo uma relação de carinho e aprendizagem dentro dos interesses e objetivos de uma Instituição Total. E conosco não foi diferente, também foi colocado em prática tal exercício, que podemos afirmar que se trata de uma habilidade pedagógica, que está associada a uma liderança de tipo *carismática* (WEBER, 1997), como já evidenciamos, através da qual estabelecemos uma relação de troca, estando cientes da existência de uma relação de poder.

O nosso universo de pesquisa é composto por 11 (onze) irmãs do mosteiro, 5 (cinco) jovens vocacionadas, 2 (dois) familiares das irmãs, 1 (um) bispo<sup>27</sup> da cidade de Campina Grande – PB, 1 (um) frei da Ordem dos Frades Menores, o qual é o atual guardião do mosteiro da Ordem de Santa Clara em Campina Grande - PB, 1 (um) padre da diocese, que têm acompanhado o mosteiro, e 05 (cinco) pessoas da comunidade que frequentam o mosteiro, sobretudo, a capela de Santa Clara. Somando 26 interlocutores diretos.

Ao longo da tese concedemos voz aos nossos interlocutores aqui citados, porém sem revelar as suas identidades, no caso das irmãs professoras solenes, denominando-as por nomes de flores. Denominação que para nós faz todo sentido, já que Santa Clara na literatura e no universo religioso é chamada de a “plantazinha” de São Francisco de Assis. Como podemos observar em um trecho das *Constituições Gerais* da Ordem das irmãs pobres de Santa Clara (1988, p. 59):

Art. 1 – A nossa Ordem nasceu da inspiração do Senhor ao bem-aventurado Francisco de Assis para viver na Igreja segundo a forma do santo Evangelho. A Santa Madre Clara, plantazinha do Pai Francisco, participante desta vocação, no-la transmitiu. Por isso, a nossa Família, que com razão é

---

<sup>27</sup> O bispo da diocese de Campina Grande assumiu o seu posto durante a maior parte do período de nossa pesquisa, ou seja, desde 2012, mas no dia 20 de maio de 2017 tomou posse canônica no cargo de Arcebispo Metropolitano da Paraíba, deixando o cargo de bispo da cidade de Campina Grande.

chamada a <<Ordem de Santa Clara>>, ou também, <<Ordem das Irmãs Pobres>> e que forma a segunda Ordem franciscana, consagrando-se inteiramente à vida contemplativa, professa a observância do Evangelho segundo a Regra confirmada por Inocêncio IV ou por Urbano IV, respectivamente.

O trabalho de pesquisa que desenvolvemos nos suscitou um intenso exercício do olhar e do ouvir para chegarmos à narrativa que iremos apresentar nas páginas que seguem. Como nos orienta Roberto Cardoso de Oliveira (1998) quando escreve sobre a importância de vigiar o olhar e o ouvir em nosso exercício de pesquisa:

Desejo, assim, chamar a atenção para três maneiras – melhor diria, três etapas – de apreensão dos fenômenos sociais, tematizando-as – o que significa dizer: questionando-as – como algo merecedor de nossa reflexão no exercício da pesquisa e da produção de conhecimento. Tentarei mostrar como o olhar, o ouvir e o escrever podem ser questionados em si mesmo, embora, em um primeiro momento, possam nos parecer tão familiares e, por isso, tão triviais, a ponto de sentirmo-nos dispensados de problematizá-los; todavia, em um segundo momento – marcado por nossa inserção nas ciências sociais -, essas “faculdades” ou, melhor dizendo, esses atos cognitivos delas decorrentes assumem um sentido todo particular, de natureza epistêmica, uma vez que é com tais atos que logramos construir nosso saber. (OLIVEIRA, 1998, p. 18)

Ouvimos os nossos interlocutores utilizando um gravador de voz, mas sem utilizar um roteiro impresso<sup>28</sup> para possibilitar que os nossos interlocutores ficassem mais à vontade, sem a tensão, por exemplo, de observar a quantidade de questões que ainda faltavam responder, e tentar estabelecer um diálogo fluido, e assim ocorreu. Conseguimos estabelecer diálogos nos quais as pessoas ficaram na medida do possível tranquilas e as conversas fluíram sempre de maneira proveitosa.

---

<sup>28</sup> Elaboramos algumas questões chaves com antecedência e memorizamos para que não fosse necessário levar um roteiro de entrevista impresso para o momento do diálogo com os nossos interlocutores. Conduzimos os diálogos em torno das questões memorizadas, acrescentando novas questões quando considerado necessário.

A cada momento em que encontrávamos com as irmãs era uma ocasião de muita alegria, motivado pelo fato de as irmãs sempre buscarem demonstrar bom humor, o que percebemos como também sendo parte do processo de formação. As irmãs informalmente afirmavam que era necessário estar alegre sempre em demonstração de gratidão a Deus. Nesse caso, a alegria em todas as situações até e, principalmente, diante da morte, faz parte da forma de vida contemplativa que é gerida pelo processo de disciplinamento constante. Assim, o clima dos nossos diálogos também era de alegria.

Durante os diálogos, na medida em que íamos fazendo as nossas perguntas observávamos o empenho de todas em refletir o mais profundo possível a fim de conceder uma resposta consistente, não somente preocupadas com a imagem que iriam passar, mas demonstrando também o seu comprometimento conosco. A cada diálogo estabelecido ficávamos mais animados com a pesquisa e surgia um novo dado a ser desvelado em torno do mundo do claustro.

O nosso trabalho de pesquisa se configurou em um exercício desenvolvido com paciência e persistência, desde o convencimento das irmãs para participar da pesquisa, passando pelas leituras teóricas e metodológicas e por um fundamental exercício do saber olhar, ouvir e escrever. Consistindo em um processo que se fazia tenso em relação ao cronograma disponível, pois além do processo de leitura e escrita implicar tempo, tínhamos um trabalho de pesquisa no qual precisávamos respeitar a disponibilidade das irmãs, dentro do citado processo de convencimento e em relação ao tempo livre para participação na pesquisa, pois era preciso também obedecer ao calendário religioso e às regras que impedem as irmãs de receber visitantes em alguns períodos. Há momentos durante o ano nos quais elas precisam preservar ainda mais o silêncio, como no período da quaresma. Sendo assim, a nossa pesquisa consistiu em um processo gradativo que se coadunou com a argumentação de Pierre Bourdieu (2010) quando nos provoca ao afirmar que a construção do objeto não ocorre em um ato teórico inaugural:

A construção do objeto – pelo menos na minha experiência de investigador – não é uma coisa que se produza de uma assentada, por uma espécie de ato teórico inaugural, e o

programa de observações ou de análises por meio do qual a operação se efectua não é um plano que se desenhe antecipadamente, à maneira de um engenheiro: é um detalhe de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos por toda uma serie de correções, de emendas, sugeridos por o que se chama o ofício, quer dizer, esse conjunto de princípios práticos que orientam as opções ao mesmo tempo minúscula e decisiva. (BOURDIEU, 2010, p. 27)

Em nosso fazer científico consideramos imperativo o diálogo entre o contato com a realidade social e os diferentes teóricos das Ciências Sociais e, sobretudo, daqueles que produziram sobre religião. Os diálogos foram imprescindíveis na elaboração da nossa questão problema e no alcance das compreensões perseguidas, aqui o nosso privilégio e homenagem são destinados ao trabalho de pesquisa através do qual buscamos nos afastar da superficialidade. Buscamos nos aproximar dos nossos interlocutores e deixá-los contar sobre suas histórias pessoais. Ao pedir que nos contássemos sobre as suas histórias, surgiu a necessidade de também contarmos sobre as nossas, estabelecendo assim uma troca, mesmo em discordância com alguns manuais de metodologia que nos orientam para o fato de que durante as entrevistas o pesquisador deve buscar não se envolver. Buscamos nos envolver para gerar empatia, mas sempre sem perder de vista o nosso objetivo enquanto pesquisador.

Ao evidenciarmos a importância do trabalho de pesquisa, estamos empreendendo um movimento no qual observamos a teoria como um instrumento imprescindível na compreensão do social. Não encaixando os dados à teoria, mas a utilizando para compreender o que “salta” da realidade social, o que nos aproxima em alguma medida da percepção metodológica de Bourdieu (2010), quando afirma que a construção do “objeto” não se trata de um ato teórico inaugural e de um plano que se desenhe antecipadamente, como citamos acima.

Destacamos a consciência da pesquisa como uma relação de poder existente entre pesquisador e pesquisados, entre os próprios pesquisados e, também na academia, entre os pesquisadores que defendem perspectivas

teórico-metodológicas diferentes. Escreve Rabinow (1999, p. 92): “Hoje em dia também sabemos bastante acerca das relações de poder e discurso que vigoram entre o antropólogo e as pessoas com as quais ele trabalha”. O referido autor continua:

Nós certamente sabemos que as condições materiais em meio às quais o movimento textual floresceu inclui a universidade, sua micropolítica, suas tendências. Nós sabemos que este nível de relação de poder existe, nos afeta, influencia nossos temas, formas, conteúdos e públicos. Devemos prestar atenção a estas questões, ainda que tão-somente para estabelecer o seu peso relativo. (RABINOW, 1999, p. 95)

Procuramos nos posicionar na pesquisa, nas leituras e na escrita cientes dessas relações de poder existentes, fugindo dos extremos, evitando os imperialismos e os relativismos exacerbados, como nos sinaliza Rabinow (1999, p. 100):

O princípio condutor é ético. Esta é uma posição oposicionista, desconfiada de poderes soberanos, verdades universais, precisão relativizada em demasia, autenticidade local, moralismo de cima e de baixo. Entendimento é o seu outro valor, mas um entendimento desconfiado de suas tendências imperialistas. Esta posição presta atenção às - e respeita - diferenças, mas também está alerta à tendência de essencializá-las.

É neste sentido que olhamos para o mosteiro de Santa Clara com uma postura ética, que nos informa sobre a existência de eventos conciliáveis com os “absolutos” da ciência, mas também de eventos inconciliáveis, como as *forças divinas*, as quais reconhecemos como existentes e importantes para a compreensão do fenômeno do claustro na contemporaneidade. Em um movimento através do qual buscamos fugir dos extremos, nem aderir a um autoritarismo racional acadêmico nem deixar-se seduzir pelo sagrado e/ou pela crença nativa (RODRIGUES, 1995).

Diante desta postura ética também nos obrigamos a devolver a comunidade pesquisada os resultados alcançados, como afirmamos acima. Inicialmente entregamos para as irmãs o artigo do seminário de tese, o qual foi lido no refeitório para todas as irmãs que compõe o mosteiro e após o processo

de qualificação o texto também foi entregue às irmãs e lido para toda a comunidade. Quanto ao artigo do seminário de tese não foi sugerido nenhuma alteração por parte das irmãs, mas em relação ao texto da qualificação foram sugeridas alterações.

Marcamos um horário e nos encontramos com a mestra do noviciado e com uma professa solene temporária, oportunidade na qual elas foram falando sobre as alterações que desejariam que fossem realizadas em suas vozes. O principal pedido delas foi retirar ou trocar algumas citações que traziam as suas vozes, além de sugerir a correção das citações, deixando as suas vozes sem vícios de linguagem, com uma linguagem mais formal.

Com essa leitura e sugestões em relação ao texto da qualificação, ficamos atentos aos motivos que conduziam as irmãs a pedir a não publicação de algumas citações, percebemos que as principais inquietações das irmãs eram em relação ao receio de uma excessiva exposição de suas vidas e com uma forma de falar que não corroborava para a representação social de uma freira que se mostra alegre, mas firme e séria. Com essa percepção entramos em acordo com elas, decidindo retirar os vícios de linguagens das suas vozes e dialogamos em relação às citações que desejavam retirar, tendo ao final substituído apenas uma, na qual uma irmã falava sobre o desafio de se acostumar com a clausura, o que as irmãs acreditaram passar uma ideia de muita tristeza, interpretando como exagero. Respeitamos o pedido delas, mas compreendendo que o fato de ter momentos de tristeza não significa que não tenham alegrias, como pudemos comprovar durante a pesquisa, de fato a alegria é uma das marcas das irmãs Clarissas.

Essa devolução do texto de qualificação à comunidade pesquisada permitiu a ampliação do número de interlocutores, pois em um dos nossos encontros para comentarmos sobre o referido texto acordamos um diálogo gravado com uma Professa Solene Temporária e que a mesma iria convencer outras irmãs a escrever sobre a decisão pela vida em clausura. A partir de então foi inserido como instrumento de pesquisa o papel e a caneta, tendo em vista que os novos interlocutores agora iriam escrever ao invés de vir ao nosso encontro para estabelecermos diálogos gravados.



Este retorno do texto a comunidade além de ter sido importante para o desenvolvimento de nossa análise, trouxe contribuições para os pesquisados. Ao ler uma citação de uma jovem a qual chamamos no texto de Botão de Rosa 1, que logo depois de nos conceder o diálogo gravado entrou para o claustro, a mestra nos informou que a jovem havia deixado a clausura, e que ao ler a voz de Botão de Rosa 1, confirmou o que já vinha percebendo há alguns dias, que os motivos apresentados para a escolha do claustro se configurou como um engano dela e da jovem, tendo em vista a não permanência da jovem no claustro. O que nos permitiu ampliar as nossas análises as quais traremos no último capítulo e perceber como foi importante devolver o texto às irmãs, pois com ele a mestra pôde rever e aprimorar o processo de formação e percepção das jovens vocacionadas. Cumprimos assim também um outro pré-requisito da ciência que consiste em trazer contribuições para a população pesquisada.

Diante do nosso percurso de pesquisa apresentamos aqui uma leitura possível e particular do fenômeno religioso, que possuem suas peculiaridades históricas, evidenciando a pluralidade de vozes dos nossos interlocutores e dos autores estudados. O que podemos acompanhar de perto nas páginas seguintes.

No primeiro capítulo, dissertamos sobre as narrativas religiosas que contam a história do surgimento da Ordem de Santa Clara e da fundação de seu mosteiro em Campina Grande- PB, compreendendo-as como instrumentos imprescindíveis para a legitimação e manutenção da Ordem, uma vez que contribui para que mulheres optem pela vida em clausura na medida em que essas narrativas são elaboradas, rememoradas e atualizadas pela Igreja e seus agentes. Também discorreremos sobre como ocorre a administração no mosteiro de Campina Grande – PB.

No segundo capítulo, enfatizamos o permanente processo de disciplinamento e mortificação pelo qual passam as irmãs para a constituição do “eu freira”, destacando as dificuldades inerentes a esse processo, tendo em vista o fato de que há um “eu secular” constituído durante toda a vida, que a partir da opção pelo claustro, precisa “deixar de existir”, instaurando um contexto de *liminaridade* (TURNER, 1974), o que implica, entre outras

características, em incertezas, embora posteriormente venha a ocorrer certa *rotinização* (TURNER, 1974), sendo instaurada uma estrutura, o mundo do claustro, evidenciando assim, os votos e os *ritos de passagem* (GENNEP, 1977) também como aliados das religiosas e da Instituição para o processo de inculcação do “eu freira”, além do fato de que a participação da comunidade externa nesses rituais também corrobora para opção pelo claustro, na medida em que os rituais atualizam momentos vivenciados por Santa Clara, abrindo possibilidades para identificação e admiração por parte das mulheres que procuram o mosteiro.

Escrevemos ainda sobre as atividades realizadas no cotidiano do mosteiro, verificando que há uma intensa distribuição de atividades com horários e ambientes preestabelecidos, o que se intensifica em rigidez e tensão, tendo em vista a condição de clausura a que estão submetidas (GOFFMAN, 1974), apontando que a própria estrutura física do mosteiro se constitui como um instrumento importante no processo de formação e disciplinamento das irmãs (FOUCAULT, 2014).

No terceiro capítulo, enfatizamos que os desejos e inquietações provenientes da própria sociedade contemporânea (BAUMAN, 2001) se constituem como um outro fator significativo para o ingresso de novas mulheres no mosteiro, além do *trabalho* religioso (BOURDIEU, 2011) desempenhado pelas irmãs, com destaque a liderança *carismática* (WEBER, 1997) da mestra, sem deixar de evidenciar também as forças divinas (RODRIGUES, 1995), e/ou a ideia de vocação, como acreditam os nossos interlocutores.

No quarto capítulo, destacando a complexidade dos fenômenos sociais que nos obrigam a sempre observá-los em termos de contínuos, evidenciamos na vida contemplativa a existência de contínuos entre o que poderíamos denominar de tradicional e moderno, entre *magia* e *racionalização* (WEBER, 2004), e entre uma vida *intramundana* e *extramundana* (WEBER, 2004), além de inferirmos sobre a existência da liberdade no claustro, e trazermos as vozes dos interlocutores que frequentam o mosteiro e em especial a capela de Santa Clara, os quais apontam para uma excepcionalidade do mosteiro e da capela,

indicando que esta percepção também contribui para a escolha pela vida contemplativa.

Por fim, nas considerações finais, retomamos as principais respostas as quais chegamos diante do nosso questionamento sobre a escolha pela vida em clausura em pleno século XXI. Evidenciando a existência de inúmeros fatores, impulsionados por forças sociais e/ou divinas.



## **CAPÍTULO I:**

“A hagiografia se realiza diretamente no mundo do divino em que cada um dos elementos representados encontra seu significado. A vida do santo é uma vida significativa em Deus”. (BAKHTIN, 1997, p. 198)

### **O SURGIMENTO DA ORDEM DE SANTA CLARA ATRAVÉS DE UMA NARRATIVA RELIGIOSA DE LEGITIMAÇÃO E MANUTENÇÃO**

#### **1.1 A narrativa do surgimento da Ordem de Santa Clara**

A narrativa religiosa a qual informa sobre a fundação da Ordem de Santa Clara, produzida e veiculada pela Igreja<sup>29</sup> Católica, estando presente na hagiografia desta Igreja e nas vozes de seus agentes e fiéis, na medida em que é perpassada pelas histórias de vida de santos (Santa Clara e São Francisco), apresenta-se como um dos instrumentos importantes para a legitimação da própria Ordem, sendo imprescindível para a sua manutenção e, assim, para que mulheres optem pelo modo de vida sugerido por esta Ordem. A hagiografia se configura como uma narrativa a qual se volta para a perspectiva do divino, sendo considerada uma autoridade maior, não buscando revelar características

---

<sup>29</sup> Todas as vezes que mencionarmos o nome Igreja iniciado com letra maiúscula, estamos nos referindo à Instituição Religiosa Apostólica Romana, cujo chefe (o Papa) reside no Vaticano, localizado em Roma.

que fazem referência direta à vida secular dos santos, e essa perspectiva transcendental acaba por suscitar identificações e impulsionar a decisão por um estilo de vida que promete ir além do mundo secular. Quanto à hagiografia Mikhail Bakhtin (1997, p.198) escreve apontando justamente para essa característica do transcendental, próprio desse estilo narrativo:

(...) a forma hagiográfica é convencional por tradição, mantida por autoridade incontestada e é com amor que ela reconhece a existência de uma expressão, que, mesmo inadequada, se mostra, por isso mesmo, adaptada). Assim, portanto, a unidade dos elementos transcendentais à vida do santo não corresponde à unidade individual do autor que utiliza ativamente sua exotopia; a exotopia é feita de uma humildade que renuncia à iniciativa - na ausência de um princípio efetivo de acabamento - e que, por conseguinte, recorre às formas consagradas pela tradição.

Todas as irmãs e jovens vocacionadas com as quais dialogamos evidenciaram como essas narrativas foram imprescindíveis para a opção pela vida contemplativa e pela Ordem de Santa Clara. Aqui, destacamos a voz de duas irmãs: Orquídea e Amarílis. Ao longo do diálogo, a irmã Orquídea foi nos contando que à medida que ia crescendo o desejo de optar pela vida em clausura surgiam muitas dúvidas, pois era um novo mundo que se abria sobre o qual era preciso descobrir mais, porém gradativamente em meio ao contato com essas narrativas religiosas foi entendendo esse desejo de ser freira de vida contemplativa, e tal compreensão foi suscitando identificação. Vejamos o seu relato:

Todo mês eu vinha aqui, e toda vez eu saía mexida, **as irmãs que me encantavam**, alguma coisa que eu precisava cascabulhar o que era essa vida aqui. E eu **comecei a ler sobre Santa Clara, escondido, para ninguém saber que eu estava pesquisando sobre as Clarissas, comecei a ler sobre Clara, sobre Francisco**, até que um dia eu **vim conversar com as irmãs e pedi para que ela falasse mais**, ela já tinha falado anos atrás um pouquinho, era a mesma irmã, eu pedi para que ela falasse mais sobre a vida delas num é, **sobre essa vida contemplativa**, que a gente não tem muita noção do que é, qual a função dessa vida na Igreja, ela foi me explicando, e tudo que ela falava era como se dentro de mim

se encaixasse com algo que eu buscava. (ORQUÍDEA, 29 anos em 2018. Grifos nossos)

São narrativas que encantam, justamente por sua característica não inocente de trazer elementos que vão além da racionalidade, ou melhor, são transcendentais. Bakhtin (1997, p. 199) também chama a nossa atenção para esses aspectos:

Existe também toda uma tradição simbólica na elaboração hagiográfica (o problema da representação do milagre e do acontecimento religioso supremo; aí, teremos a renúncia infinitamente humilde a qualquer adequação ou individualização e uma submissão total à tradição estrita).

A irmã Amarílis assim como a irmã Orquídea também enfatiza essa necessidade de desvelamento da realidade da clausura e o surgimento de identificação ao entrar em contato com essas narrativas que permeiam a Ordem de Santa Clara. Vejamos o que narra Amarílis:

Eu participava do grupo de jovens, tinha uns quatorze anos, e tinha um rapaz da igreja que saiu distribuindo alguns livros para os jovens e me deu um livro sobre Nossa Senhora Rainha da paz e eu gostei muito (...) aí eu falei com esse jovem sobre vocação, que eu estava interessada e de vez em quando a gente conversava sobre isso, ele me deu uma Bíblia (...) e um dia a gente conversando ele me disse que freira mudava o nome e eu fiquei pensando nisso (...). Uma vez eu fui para o rio, estava lavando roupa no rio, eu sempre pensando nisso, que nome eu teria, surgiu o nome Clara (...), e contei pra ele, quando eu disse Clara, ele disse: ah! Tem uma Ordem das Clarissas, tem Santa Clara (...), olha, tem uma conterrânea nossa que mora lá no mosteiro das Clarissas, lá em Campina Grande tem uma Ordem de Santa Clara, **aí começou a falar da Ordem de Santa Clara e eu gostei muito do que ele falava, da simplicidade, da vida claustral, porque eu ainda não tinha o discernimento se seria de vida contemplativa ou de vida ativa, aí ele começou a me falar.** (AMARÍLIS, 46 anos em 2016. Grifos nossos)

Compreendemos que a opção pela vida em clausura não se constitui apenas no momento em que a jovem entra no claustro, mas a cada amanhecer, a história de fundação da Ordem de Santa Clara aparece não apenas nesse momento inicial de descoberta desse universo da vida contemplativa sobre o qual relata Orquídea e Amarílis, porém também no momento em que a mestra começa a acompanhar mais de perto a jovem, no chamado período de formação vocacional, para contribuir no amadurecimento do desejo de sua opção, ainda fora do claustro, além de serem acionadas pelas irmãs durante todo o processo de formação para se tornar uma professa solene. Uma jovem que hoje já é uma irmã, vivenciando a primeira etapa da vida contemplativa, o postulante, ainda quando vocacionada, nos falou sobre como, no período do acompanhamento vocacional, a narrativa religiosa sobre a Ordem de Santa Clara ajudou em sua escolha pela vida em clausura, apontando especificamente a exibição de um filme:

Os encontros com a mestra ajudou a esclarecer, entender, encaminhar, ter mais firmeza. (...) No vídeo que a gente assistiu sobre a vida de Santa Clara, nesse último vocacional, o que mais me chamou atenção foi quando ela já estava dentro do mosteiro e a irmã foi pedir esmola e quando a irmã voltou ela lavou os pés, Santa Clara lavou os pés dessa irmã e foi embora, e essa irmã disse que não tinha pão, que não tinha conseguido nada e ela tinha conseguido e ficou só pra ela, e **isso me chamou atenção** pelo fato dela, ela já sabia, porque ela tinha o dom, digamos de ler a mente e mesmo assim ela se rebaixou para lavar os pés da outra irmã. E também a coragem de Santa Clara, ela foi muito corajosa e decidida por Jesus. (BOTÃO DE ROSA 4, 18 anos em 2018. Grifos nossos)

A narrativa sobre a vida de Santa Clara foi extremamente importante para que a referida jovem decidisse pela vida contemplativa, pois ela evidencia o tempo todo no diálogo que estabelecemos que a sua decisão foi tomada, sobretudo, a partir da sua admiração por Santa Clara.

Essas narrativas religiosas são atualizadas cada vez em que são narradas de formas diversas (oral, livros, filmes, entre outros) e com a mediação dos diferentes atores sociais (religiosos, religiosas e fiéis), além de serem vivenciadas e atualizadas também através dos rituais que perpassam

todo esse processo de constituição do “eu freira”. Rituais os quais ao serem atualizados, contando com a participação e observação da comunidade externa ao mosteiro, também corroboram para que novas identificações floresçam como indicamos na introdução.

As imagens veiculadas de São Francisco de Assis (1182-1226) e de Santa Clara de Assis (1193-1253), fazendo parte dessa narrativa religiosa, também são utilizadas pela Igreja e pelas Irmãs Clarissas em seu movimento de manutenção da Ordem, na medida em que as imagens sugerem expressões faciais, vestimentas e estilo de vida que apontam para uma vivência de santidade. São Francisco associado à natureza e Santa Clara à adoração ao Jesus Eucarístico, vejamos:

**Imagem 3:** São Francisco de Assis (1182-1226)



**Fonte:** [www.cruzterrasanta.com.br](http://www.cruzterrasanta.com.br)



**Imagem 4:** Santa Clara de Assis (1193-1253)



**Fonte:** <http://www.arquisp.org.br>

E sendo uma narrativa utilizada no processo de legitimação e manutenção da Ordem, ela possui um padrão com características recorrentes encontradas em histórias de outros santos e de outras Ordens. São narrativas<sup>30</sup> que recorrem a histórias de vidas que se revelam como exemplo de conversão e fé, por vezes permeadas por sofrimento, disseminando a ideia de santidade, deixando de fora características que revelam as fragilidades de um ser humano secular, como já indicamos acima. Bakhtin (1997, p. 199) também enfatiza essa particularidade da hagiografia de não evidenciar os aspectos da vida social do santo:

cumprir excluir tudo o que é típico de uma época, de uma nação (o que, por exemplo, tornasse Cristo típico de uma

---

<sup>30</sup> “A escrita de hagiografias foi e continua sendo muito utilizada como ferramenta de propaganda. Ao divulgar informações sobre a vida dos santos, os cristãos poderiam angariar novos adeptos. Seus principais focos eram historiografias de pessoas inspiradoras pela narrativa de suas vidas, conversão e defesa de fé. Muitas hagiografias também incluíam descrições do martírio no sofrimento. As hagiografias, juntamente com as narrativas de morte, estão sempre associadas com a santidade e ligadas à incompreensão e ao sofrimento, seja por motivo de doença ou por morte violenta” (ZANOTTO, 2012, p. 253).

nação, na pintura de ícones), de uma classe social, de uma idade, o que é concreto numa fisionomia, no pormenor de uma vida, o que é precisão espaço-temporal da ação - tudo o que acentua os aspectos determinados da existência da pessoa (o que é típico, o que é característico, até mesmo o que é concretamente biográfico) e lhe diminui a autoridade (a vida do santo parece desde o início transcorrer na eternidade).

Ao olhar para a história de fundação da Ordem de Santa Clara, ou seja, para a linguagem<sup>31</sup> que ela expressa apenas através de suas características, podemos afirmar que se trata de uma Ordem Religiosa Católica, pois a Instituição Católica adota uma linguagem particular.

Quando nos questionamos sobre quais fatores teriam conduzido a jovem Clara a decisão de viver uma vida contemplativa e fundar uma Ordem, observamos que a referida narrativa religiosa não evidencia os aspectos sociais e/ou forças sociais para a opção de Santa Clara pela vida contemplativa. Deixa de lado as feições humanas e consideram apenas as de uma santa e as forças divinas. Enfatiza apenas uma razão para a opção de Santa Clara: a existência de uma vocação, um chamado de Deus para a vida religiosa, que teria sido impulsionada pela admiração ao estilo de vida consagrada do jovem Francisco de Assis. Como podemos observar no trecho escrito por Clara em seu testamento elaborado por volta do ano de 1247: “O próprio Filho de Deus Se fez o nosso caminho, e foi este caminho que o nosso bem-aventurado Pai Francisco, Seu verdadeiro amigo e imitador, nos mostrou e ensinou pela palavra e pelo exemplo” (TESTAMENTO DE SANTA CLARA, 1988, p. 39).

Segundo a narrativa religiosa, Santa Clara<sup>32</sup> era de família nobre e respondia pelo sobrenome de Favorone. Ela havia sido educada para o

---

<sup>31</sup> Essa linguagem com forma e conteúdo particular empregada na hagiografia faz parte dos bens de salvação dominados pela Igreja, como aponta Pierre Bourdieu (2011, p. 65): “A lógica do funcionamento da Igreja, a prática sacerdotal e, ao mesmo tempo, a forma e o conteúdo da mensagem que ela impõe e inculca, são a resultante da ação conjugada de *coerções internas*, inerentes ao funcionamento de uma burocracia que reivindica com êxito mais ou menos total do monopólio do exercício legítimo do poder religioso sobre os leigos e da gestão dos bens de salvação, e de *forças externas* que assumem pesos desiguais de acordo com a conjuntura histórica”.

<sup>32</sup> Segundo a narrativa religiosa Clara nasceu em 1193 em Assis, na Úmbria, e viera a se tornar Santa Clara em 23 de agosto de 1255, sendo conhecida como Santa Clara de Assis (PONS, 2011).

casamento. A autora religiosa Gadi Pons (2011, p. 10) aborda tal passagem da biografia da santa, escrevendo como se fosse a própria Clara, o que se apresenta como uma forma mais eficaz de convencimento para quem ler a narrativa:

Meu pai, Favorone Sciffi, era um dos irmãos da nobre família Offreducci e faleceu quando eu tinha pouca idade. Minha mãe, Hortulana, era descendente da família Sterpo. Pelo patrimônio familiar éramos umas das famílias mais ricas da cidade. Tinha também duas irmãs, Catarina e Beatriz. Meu pai e minha mãe sonhavam para mim um matrimônio conveniente e digno da nobreza das famílias para assim conservar o patrimônio. Porém, o que eu sonhava era muito diferente; sentia dentro de mim algo que, embora não o soubesse expressar, me indicava outro caminho.

Quanto à reação da família de Clara em relação à opção pelo claustro, Pons (2011, p. 32) acrescenta: “Do seu ponto de vista, o caminho que eu tinha escolhido era uma loucura, sem benefício e destinado ao fracasso. Além de que não lhes agradava que quisesse repartir a minha herança com os pobres”.

Este aspecto de escolha pelo claustro, não se comprometendo em matrimônio, e qualquer outro fator que possa se constituir como uma força social para a decisão de Clara, não é explorado na narrativa religiosa. O que nos conduz a questionar: Será que houve alguma força social particular que também contribuiu para Clara fugir de sua casa e optar pela vida em clausura?

Segundo as irmãs, Clara teria fugido porque desejava abdicar dos privilégios provenientes do fato de ser de uma família nobre, pois mesmo ao optar por ser freira, por sua posição social, ela deveria ir para uma Ordem religiosa na qual tivesse privilégios, já ingressando como abadessa, assim fugir foi a solução encontrada para adotar a vida de pobreza. Explica a irmã Íris (32 anos em 2016): “fugiu porque queria uma vida inspirada nos ideais de Francisco, caso contrário teria ingressado em algumas das Ordens já existentes, valendo-se de privilégios devido a sua linhagem nobre.”

A narrativa religiosa revela uma imagem de santidade da jovem Clara, que sendo um exemplo de fé e persistência, luta para vivenciar uma vocação,

contrariando os ideais da sociedade de sua época, omitindo a existência de fragilidades humanas e de forças sociais, na medida em que destaca o testemunho de vida de Francisco como inspiração divina para a vocação, também veiculando sobre ele uma ideia e imagem de conversão, fé e santidade.

Francisco de Assis<sup>33</sup>, segundo a narrativa religiosa, também teria sido educado para uma vida totalmente diferente da vida religiosa. O seu pai era um rico comerciante<sup>34</sup> que desejava que seu filho fosse rico com título de cavaleiro, mas Francisco depois de ter ficado prisioneiro e muito doente na Perúcia (após participar da Guerra entre Perúcia e Assis), resolveu dedicar sua vida a disseminar o evangelho de Jesus Cristo. Narra Gadi Pons (2011, p. 19-20), passando-se ainda por Clara:

Francisco de Assis, meu amigo de alma, nasceu no ano de 1182. Seu pai Pedro Bernardone, de mentalidade utilitarista, que vivia em função do dinheiro, sentia grande desgosto por ter um filho que era um mãos-rotas: dinheiro que tinha, dinheiro que desbaratava. Desejava que esse fosse rico, com títulos de cavaleiro e fama. O seu pai tinha gasto uma fortuna para que Francisco sobressaísse acima dos outros no vestir e nas armas, na guerra entre Perúcia e Assis. Estes planos pomposos e vazios esboroaram-se quando Francisco ficou prisioneiro em Perúcia. Ali, no cárcere adoeceu gravemente. Quando voltou a casa não parecia o mesmo; débil, desiludido... deambulava pelas ruas, transtornado. (...) Francisco aborrecia-se, cada vez mais, com o negócio do pai, já não organizava festas com os seus amigos, nem cantava nas ruas. (...) Via-o

---

<sup>33</sup> Segundo a narrativa religiosa Francisco de Assis nasceu no ano de 1182 em Assis, e veio a se tornar santo em 16 de julho de 1228 (PONS, 2011).

<sup>34</sup> Max Weber (2004, p. 36) em sua obra *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo* escreve sobre a escolha de São Francisco pela vida de ascese, afirmando que escolhas como essas que representam a não afeição pelo aspecto econômico da família foi algo que se repetiu em outros casos: "(...) um íntimo parentesco entre estranhamento do mundo, ascese e devoção eclesial, por um lado, e participação na vida de aquisição capitalista, por outro. De fato é notável (...) que grande número de representantes das formas mais internalizadas da piedade cristã tenha vindo dos círculos comerciantes." Embora nos leve a considerar que este fator não explica a escolha pela ascese, não se trata apenas de uma não afeição ou revolta contra as condições econômicas, são um conjunto de fatores, inclusive a ideia de vocação, do sobrenatural que é intrínseco a prática religiosa, o que nos conduz mais uma vez a compreender a força da religião no Brasil e no mundo no sentido de se constituir como elemento fundamental na composição da conduta humana.

algumas vezes na igreja, sempre muito atento à leitura do Evangelho.

Após a doença, Francisco teria começado a dedicar-se à vida religiosa, voltando seu olhar para os pobres, iniciando com algumas atitudes de realizar doações sem autorização do seu pai, contrariando-o mais uma vez. E esses episódios de Francisco nas ruas de Assis que parecia para muitos como loucura, teriam chamado à atenção de Clara. Gadi Pons (2011, p. 20-21) escreve, no mesmo estilo linguístico:

Pelo ano de 1206, uma manhã, ouvi muito barulho na praça. Com curiosidade, olhei, da entrada principal da casa, de onde podia ver como Francisco, cheio de entusiasmo, dava pedaços de precioso tecido a quem o quisesse. Aos que estavam mais esfarrapados dava uma peça inteira e lançava dinheiro aos aleijados que estavam sentados no chão, para que pudessem apanhá-lo. Parecia uma festa de rua. Muita gente que passava juntava-se à algazarra. Chegou o pai de Francisco e, ao ver a loucura do filho, ficou furioso. (...) Francisco dizia-lhe: - Escutame, pai, esta riqueza deteriora-se; é muito melhor dar tudo aos pobres e guardar tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem os destroem!

Há outro episódio que marca as “loucuras” de Francisco na narrativa religiosa da vida do Santo. Episódio no qual Francisco conversa com o bispo, Guido de Assis, e seu pai, Pedro Bernardone. O bispo teria dito a Francisco que os bens dissipados não lhe pertenciam e que era preciso devolver ao pai. Sem responder nada, Francisco havia ficado por um momento pensativo e em seguida retirado lentamente todo o vestuário luxuoso, ficando completamente despido, entregando ao seu pai dizendo: “- Aqui tendes tudo o que tenho e que vos pertence. Até agora chamei-vos “pai” Pedro Bernardone, a partir de agora chamarei “pai” ao Deus de Jesus, criador do céu e da terra” (PONS, 2011, p.21-22). Todos os que observavam se comoveram, inclusive o bispo (PONS, 2011).

Clara, segundo as narrativas, não via tais atos como loucura, e se encantou com as atitudes de Francisco, se aproximando dele e abraçando a

vida religiosa, seguindo o seu exemplo e as suas orientações. Afirma Pons (2011, p. 28):

Cada dia crescia em mim o desejo de viver como eles. Decidi ir até Francisco para lhe manifestar o que sentia. Acompanhou-me a minha amiga íntima Bona de Guelfuccio. No diálogo que tivemos animou-me a manter-me firme e a fixar o meu olhar em Jesus Cristo.

Francisco aparece como o maior incentivador de Clara e pai da Ordem de Santa Clara, profetizando sobre a existência da Ordem feminina no mosteiro ao lado da Igreja de São Damiano, localizada em Assis, região da Úmbria, na Itália, onde posteriormente Clara e suas irmãs religiosas viveram. Episódio que Clara narra em seu testamento:

Porque um dia, tendo subido a muralha desta igreja, dirigindo-se a alguns pobres da vizinhança, disse-lhes em voz alta e em língua francesa: <<Vinde e ajudai-me a construir o mosteiro de São Damiano, porque aqui ainda haverá senhoras, cuja vida afamada e santa glorificará nosso Pai celeste em toda a Sua Santa Igreja>>. (TESTAMENTO DE SANTA CLARA, 1988, p. 40)

A Ordem de Santa Clara e/ou das Irmãs Pobres teria nascido com o ritual de vestição de Santa Clara na Porciúncula, momento em que Clara faz uso de um vestido simples e corta os cabelos em sinal de consagração a Deus e pertença a Igreja. Ritual que ocorre até hoje com todas as jovens que estão em período de formação no interior dos mosteiros da Ordem de Santa Clara<sup>35</sup>, demonstrando-nos a importância dessa narrativa, na medida em que ela é rememorada e atualizada favorecendo a manutenção da Ordem Clarissa, e, nesse sentido, o surgimento de novas jovens desejando a vida em clausura. Evidenciamos em todos os discursos das irmãs esse dado de que assim como Santa Clara a partir também de uma admiração pelo modo de vida de São

---

<sup>35</sup> No mosteiro de Campina Grande - PB, as jovens passam pelo ritual da vestição quando completam 2 (dois) anos de formação, no final do postulante.

Francisco optou por ser freira, elas também realizam a sua opção entre outros motivos pela admiração pelo modo de vida de São Francisco e de Santa Clara, ao ter contato com as narrativas e com os rituais celebrados, como o ritual da vestição. Escreve Gadi Pons (2011, p. 31) sobre a fuga de Santa Clara de sua casa para a vida religiosa, afirmando sobre a data<sup>36</sup> da vestição e explicando também o que consiste uma Porciúncula:

E chegou o momento de dar o passo, de orientar de uma maneira definitiva a minha vida para a aventura evangélica. A 18 de março de 1212, na noite de domingo de Ramos, saí sozinha de casa, pela porta de um desvão que quase nunca se abria. Dali saltei a muralha e corri até Santa Maria dos Anjos, conhecida também por Porciúncula, pelo fato de ser uma igreja pequena, propriedade dos beneditinos, que a tinham cedido a Francisco em troca de um cesto de peixe por ano. Na Porciúncula esperavam-me Francisco e os companheiros. Vesti um vestido simples e cortaram-se os cabelos, como sinal de consagração a Deus e pertença à Igreja. Agimos rapidamente para evitar que alguém me fizesse desistir de viver o ideal que procurava.

É a partir da vestição que segundo a narrativa dar-se o caminhar de Clara na vida religiosa. Ela escreve em seu testamento sobre a união com outras irmãs e a ida para residir no mosteiro de São Damião, como profetizou São Francisco:

Depois que **o altíssimo Pai celestial, pela Sua misericórdia e graça, Se dignou esclarecer-me o coração, para que eu fizesse penitência segundo o exemplo e as instruções do nosso bem-aventurado Pai São Francisco**, pouco tempo depois de sua conversão, de acordo com algumas irmãs, que Deus me dera algum tempo depois da minha conversão, prometi-lhe voluntariamente obediência, segundo a luz que o Senhor havia dado pela vida exemplar e ensinamento de nosso Pai. (...) Assim foi que, **pela vontade de Deus e de nosso bem-aventurado Pai Francisco**, fomos morar junto da igreja de S. Damião, onde o Senhor, pela Sua misericórdia e graça, nos multiplicou em pouco tempo, a fim de cumprir o que predissera pela boca de Seu santo; pois havíamos permanecido antes em um outro lugar, porém por pouco tempo.

---

<sup>36</sup> Os autores divergem quanto à data da vestição; uns afirmam ser em 28 de março de 1211 e outros em 18 de março de 1212 (BENVENUTA, 1989, p.01).

(TESTAMENTO DE SANTA CLARA, 1988, p. 41-42. Grifos nossos)

Como relata acima a própria Santa Clara, ao deixar a casa da sua família consanguínea, ela não foi morar inicialmente no mosteiro de São Damião, pois a construção ainda não havia sido concluída. Segundo Gadi Pons (2011, p. 32), anteriormente Clara residiu no mosteiro beneditino de São Paulo de Bastia enquanto concluíam as obras do mosteiro de São Damião.

Para a Igreja e os seus agentes, a Ordem de Santa Clara significa a 2ª Ordem Franciscana, possuindo o carisma<sup>37</sup> semelhante ao da Ordem de São Francisco de Assis, tendo em vista o seu chamado à vocação através do testemunho de vida de Francisco, como enfatizado na narrativa religiosa.

São, por conseguinte, essas narrativas que identificam a Ordem de Santa Clara, por possuir uma linguagem própria, as quais são monopolizadas (BOURDIEU, 2011) e acionadas no convencimento de novas irmãs para a Ordem.

## **1.2 A vida em clausura e a vida sem próprio**

Na narrativa religiosa que permeia a Ordem de Santa Clara destacam-se duas características quanto ao modo de vida observado: a vida em clausura e a vida sem próprio ou pobreza absoluta como aparece em algumas narrativas. São características que ajudam a conferir particularidade à linguagem da narrativa e à própria manifestação religiosa.

A mulher que busca um modo de vida particular que se contrapõe à estrutura social vai encontrar na Ordem alternativa que se enquadra como uma antiestrutura (TURNER, 1974), uma vez que a Ordem propõe fechar-se em clausura, dedicando-se somente a Jesus Cristo, diante de uma estrutura social, por exemplo, na qual os indivíduos buscam cada vez mais liberdade, e onde há

---

<sup>37</sup> Explica Gadi Pons (2011, p. 117) o que consiste carisma: “diz-se da missão específica de uma ordem ou congregação religiosa que a define, diferenciando-a das outras”.



um aumento do número de pessoas que se autodeclararam sem religião, além do fato de que se trata de um modo de vida que sugere também uma recusa de todos os bens para viver em pobreza, indo no caminho oposto de uma estrutura capitalista, na qual o possuir se constitui enquanto demarcador econômico e de status.

A vida contemplativa se legitima também diante da necessidade de romper e/ou conceder uma resposta social às imposições da estrutura do mundo externo, sendo assim, tais elementos presentes na narrativa religiosa de Santa Clara também contribuem para a chegada de novas irmãs na medida em que eles indicam o claustro como alternativa social, o que de acordo com Turner (1974) denominamos de antiestrutura, quando comparada à estrutura da sociedade secular.

A Igreja e as irmãs pertencentes à Ordem, tomando como referência a narrativa religiosa, apontam a clausura e a pobreza como duas características imprescindíveis para a sua forma de vida, são elas que vão permitir e favorecer a vida contemplativa. A irmã Girassol fala sobre como compreende a sua vida de clausura e pobreza: “Porque eu sempre digo a nossa vida ela é tão linda, é tão simples, nós às vezes complicamos, mas a nossa vida é uma vida simples, num é? É tão simples no mundo que se torna divina. Porque nosso centro é Ele” (GIRASSOL, 29 anos em 2016). A irmã Dália (32 anos em 2018) por escrito também define o que para ela é clausura: “A clausura é espaço, não só físico, mas dentro de mim que garante o acesso ao Deus amor que nos quis e fez sua imagem e semelhança.”

As irmãs e toda a comunidade católica dentro desta perspectiva de forças divinas, além de disseminar uma compreensão de que faz parte da sua forma de vida, indicam que preservar a clausura e a pobreza se constitui também como uma obediência à *Regra*, às *Constituições da Ordem de Santa Clara* e à Igreja, tendo em vista que a pobreza absoluta teria sido orientada por São Francisco e reconhecida por Santa Clara<sup>38</sup>, em suas *Regras*, e a clausura

---

<sup>38</sup> “O que, contudo, cabe reforçar é que a vida religiosa feminina caminhou lado a lado com o desenvolvimento das ordens do sexo masculino. Partindo de regras originalmente destinadas aos homens, as mulheres estiveram quase sempre próximas das orientações destes. Nota-se que fundadores de importantes ordens masculinas tiveram a seu lado figuras femininas que

teria sido historicamente uma imposição da Igreja, mas posteriormente adotada por Clara. A historiadora Leila Algranti (1992, p. 43-44) explica:

Tendo sobrevivido a S. Francisco, lutou contra a imposição do Papa de enclausuramento, mas no final, as Clarissas acabaram se submetendo ao modelo de vida religiosa da época: a reclusão e a contemplação. (...) Nos séculos centrais da Idade Média (XI - XII - XIII), a prática claustral encontrava-se plenamente estabelecida. Juntamente com os homens, as mulheres participaram dos movimentos de renovação e ajudaram a erguer mosteiros ligados às antigas e às novas ordens. Um aspecto, entretanto, foi constantemente reforçado por aqueles que legislaram sobre a vida religiosa comunitária das mulheres: a necessidade e a importância da clausura. Diferentemente do que diz respeito aos homens, a reclusão total foi exigida das mulheres, limitando por sua vez a independência das comunidades. Devido às necessidades permanentes de contato com o mundo exterior, quer seja em termos administrativos quer de subsistência, as comunidades religiosas de mulheres deviam utilizar os serviços de um administrador ou de um procurador. As religiosas precisavam também dos homens no que diz respeito ao espiritual. Isto é, para officiar a missa, ouvi-las em confissão e ministrar os demais sacramentos.

A clausura impõe limitações administrativas, tendo em vista as próprias necessidades de subsistência de uma Instituição que rompe com o mundo estando ainda nele, fazendo-se necessário resolver questões burocráticas incontornáveis, como indica Algranti (1992). As irmãs no mosteiro de Campina Grande – PB seguem as orientações dos freis da Ordem dos Frades Menores, sobretudo no que está relacionado a vida espiritual, além de passar por eles ou pelo bispo da diocese as ordens de saídas do mosteiro.

Diante da clausura, os mosteiros femininos na Idade Média não eram apenas o lugar de vivenciar a devoção, ou seja, a vida religiosa, mas também um lugar para “proteger” a honra das mulheres solteiras, viúvas e que embora casadas precisassem ficar longe do marido, entre outros casos, em que para a mulher fosse necessário reaver e/ou preservar a moral de acordo com a visão da sociedade da época, e também como lugar para estudos. A historiadora

---

estenderam seus ensinamentos às mulheres, colocando em prática ideais masculinos originalmente previstos para os homens. Santa Clara, como é sabido, foi a fundadora do ramo feminino da Ordem Franciscana” (ALGRANTI, 1992, p. 43)

Algranti (1992), ao se debruçar sobre os mosteiros de clausura femininos na Idade Média, defende que esses mosteiros se constituem como o lugar da honra, da devoção e da educação:

Reclusão feminina com dominação masculina caminham portanto de mãos dadas. **O fato de que a clausura imposta às mulheres estava relacionada bem mais à própria condição feminina do que simplesmente à devoção** fica claro quando se constata a presença de mulheres leigas nos conventos medievais e da Época Moderna. Solteiras, viúvas ou casadas, crianças, jovens e idosas registraram sua passagem pelos mosteiros. (ALGRANTI, 1992, p.46. Grifos nossos)

Porém, as *Constituições Gerais* da Ordem das Irmãs Pobres de Santa Clara (1988, p. 65) em seu artigo 11, nos parágrafos 1 e 2, se referem à opção da Ordem de Santa Clara pela clausura sem mencionar a imposição papal, afirmando que se trata de uma livre opção:

No mistério de Maria, a clausura é a nossa opção eclesial de viver no recolhimento com Cristo em Deus, para quem só estamos livres na totalidade do Seu amor. Em Clara, a clausura é também a dimensão da altíssima pobreza, pela qual um limite lhe é imposto no espaço, dentro dos muros de S. Damião. Constitui, na verdade e propriamente, o mistério pascal de Cristo e da Igreja. As irmãs, recolhendo-se nos claustros, utilizam mais perfeitas e tipicamente o elemento primário de toda a vida cristã.

Nos discursos religiosos que permeiam a vida dos mosteiros femininos, a clausura aparece não como uma imposição da hierarquia da Igreja, mas como meio importante para vivência da pobreza absoluta, fazendo sentido para o modo de vida de contemplação a Jesus Cristo, para a busca de santidade e para a constituição de um “eu freira”. As grades que impedem o contato direto com as irmãs no claustro, como símbolo dessa clausura, são observadas como favorecendo o exercício da contemplação e da entrega total a Cristo.

Sendo a clausura compreendida como uma dimensão da pobreza absoluta, ela é reconhecida como um privilégio pela narrativa religiosa.

Vejamos a narrativa presente no Testamento de Santa Clara quando ela explica sobre os escritos que São Francisco havia deixado, recomendando o privilégio da pobreza:

Desde então, ele escreveu para nós uma forma de vida, recomendando-nos, sobretudo de perseverar sempre na santa pobreza. E não se contentou somente com o exortar-nos durante a sua vida por inúmeros ensinamentos e exemplos ao amor e observância da santíssima pobreza, mas deixou-nos muitos escritos, a fim de que, depois da sua morte, de modo nenhum dela nos afastássemos, assim como o Filho de Deus, enquanto viveu neste mundo, nunca se quis separar desta santa pobreza. E o nosso beatíssimo Pai Francisco, seguindo as pegadas do senhor, escolheu Sua santa pobreza para si e seus irmãos, sem jamais dela se desviar, de nenhuma maneira durante toda a sua vida, como o testemunham seus exemplos e sua doutrina. (TESTAMENTO DE SANTA CLARA, 1988, p. 42)

Desde o início de suas vidas monásticas, Clara e suas irmãs teriam seguido a forma de vida que preservava a pobreza absoluta, mas segundo a narrativa religiosa, elas teriam tido dificuldades para vivenciá-la, pois no ano de 1215, depois do Concílio de Latrão, Santa Clara e suas irmãs religiosas foram obrigadas pela Igreja a aceitar uma das *Regras* existentes, a de São Bento, que defendia que nenhum monge poderia possuir nada de próprio, mas os mosteiros poderiam possuir (PONS, 2011, p. 37-38), quando Santa Clara, seguindo as orientações de São Francisco, defendia que a comunidade, o mosteiro, também não poderia possuir nada de próprio, ou seja, as irmãs para ela não poderiam possuir nem bens pessoais nem coletivos (BENVENUTA<sup>39</sup>, 1989, p. 11).

Santa Clara, incomodada com tal situação, teria lutado contra a imposição de receber bens e de acordo com as orientações de Deus e do Pai São Francisco, solicitado o privilégio da pobreza Seráfica ao Papa Inocêncio III no ano de 1216, para que os mosteiros da Ordem de Santa Clara ficassem livres para não aceitar bens e rendas fixas. Segundo Pons (2011, p. 39):

---

<sup>39</sup> Irmã já falecida do mosteiro de Santa Clara de Campina Grande - PB.

E para nos ajudar a manter no nosso propósito e evitar que nos obrigassem a aceitar possessões, pelo ano de 1216, pedi ao papa Inocência III um privilégio singular: o Privilégio da Pobreza. O papa admirou-se perante esta petição. Quando alguém solicitava um privilégio, costuma ser para ficar livre de impostos ou, quem sabe, para ter mais poder sobre os outros ou parecer mais importante aos olhos dos outros. Surpreendeu-se que eu lhe pedisse o privilégio de não ter possessões e ele mesmo quis redigi-lo e assiná-lo.

Todavia, o papa Gregório IX também ofereceu à Ordem de Santa Clara bens, pois achava impossível viver a vida religiosa sem o suporte das propriedades (PONS, 2011), mas Clara teria continuado resistindo, e o referido papa ratificou oficialmente o privilégio da Pobreza em 17 de setembro de 1228<sup>40</sup>. Escreve o Papa Gregório IX na carta na qual expressa o consentimento do privilégio da pobreza Seráfica à Clara e às suas irmãs da Ordem:

Assim confirmamos, como tendes pedido, com a nossa autoridade apostólica, a vossa resolução de professar a mais sublime pobreza declarando, em virtude das presentes letras, que ninguém podereis ser obrigadas a aceitar propriedade. A ninguém, por isso seja permitido violar esta Nossa Carta de concessão ou temerariamente contrariá-la. Se alguém, o presumir fazer, saiba que incorre na indignação de Deus todo poderoso e dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo. (PRIVILÉGIO DA POBREZA SERÁFICA, GREGÓRIO IX, 1988, p. 52)

---

<sup>40</sup> A irmã Benvenuta (1989) também explica sobre como teria ocorrido a conquista do privilégio da pobreza: “De início, em 1218, as “irmãs pobres”, aparecem não apenas em São Damião de Assis, mas também noutros lugares, sem posse nem rendas fixas. Logo Gregório IX, desde o ano de 1228, movido por algumas experiências negativas, oferece bens estáveis a alguns mosteiros, e também aquele de Assis, mas Clara suplica e o papa cede e até lhe confirma o célebre privilégio da pobreza (17 de set. 1228, em Perúsia) outorgado primeiro por Inocência III (...) Um dos obstáculos principais foi um decreto do Concílio de Latrão IV do ano de 1215 que proibia a fundação de novas ordens religiosas. Para Clara essa determinação implicou numa tentativa de colocá-la no caminho da Ordem Beneditina. Desde o início ela se opôs a essa ideia. Ela queria o único caminho: de seguir Francisco, seu Pai e Mestre. Não parou insistiu... rejeitou oferecimento de possessões... enfrentou mesmo o Papa, suplicando... e um ano apenas, depois do Concílio, recebeu o Papa Inocência III, o Privilégio da Pobreza. (...) Nem tudo ficou resolvido. O Papa Gregório IX, também ofereceu-lhe bens... insistiu... para que ela mudasse de ideia- mas Clara ficou firme (...) Finalmente o Papa cedeu e no dia 17 de set. em Perúsia, ratificou oficialmente o Privilégio da Pobreza” (BENVENUTA, 1989, p. 11. Grifos do autor).

A narrativa traz o adjetivo de seráfica para a pobreza, demonstrando que se trata de uma pobreza dos anjos, santa, consistindo não apenas em uma abdicação de bens materiais, mas de tudo que conduz a uma pobreza espiritual, deve-se buscar a pobreza para ser cada vez mais santa, não se rendendo às ambições econômicas do mundo secular. Para o mundo do claustro, a pobreza se coaduna com o objetivo da busca pela santidade a cada dia, para se tornar cada vez mais dignas de serem esposas de Cristo.

A irmã Benvenuta (1989) afirma que o papa Inocêncio IV no ano de 1245 confirmou a *Regra* escrita pelo Cardeal Hugolino (inspirada na *Regra* das Beneditinas) como oficial. Mas não obteve o sucesso desejado, a *Regra* não teve uma uniformidade de aceitação. Em relação à *Regra* hugoliniana, acrescenta a irmã Benvenuta (1989, p.12):

Os conventos de Perúcia, Lucca e Sena, assumiram essa regra. Os outros, como Monticelli, onde Inês, irmã de Clara, era Abadessa, e o Mosteiro de Praga, onde outra Inês, filha do rei Ottacar de Boêmia, era também Abadessa, sentiram mais dificuldades.

Santa Clara e suas irmãs não haviam seguido tal *Regra*, uma vez que nesta não constava nada em relação à altíssima pobreza. Contando com o direcionamento dos Frades Menores, continuaram seguindo a forma de vida orientada por Francisco. “A “forma de vida” valia apenas para as religiosas de São Damião e continha dois elementos essenciais: a pobreza absoluta e a direção espiritual confiada aos frades menores” (BENVENUTA, 1989, p.12).

Porém, em 1247, o papa Inocêncio IV impôs uma nova *Regra* para as Clarissas, mas ainda não atendia às necessidades de pobreza das irmãs. Buscando preservar a sua forma de vida em relação às imposições papais, Clara buscou a aprovação de sua própria *Regra*, sem perder de vista os escritos de São Francisco. A *Regra* de Santa Clara foi aprovada em 1253 pelo próprio Inocêncio IV: “Aos 9 de agosto de 1253, firmou a Bula de aprovação. No dia seguinte este documento foi entregue à santa que morreu no dia 11 de agosto de 1253, dois dias depois” (BENVENUTA, 1989, p. 13).

O ideal de pobreza absoluta se apresenta na narrativa como resultado de uma luta. Clara aparece como uma mulher diferenciada na medida em que enquanto muitos desejam poder e dinheiro, ela desejava a pobreza, se configurando em um exemplo de sacrifício e santidade, sendo uma narrativa que produz identificações nas jovens desejosas de vivenciar um mundo diferente. Fala a irmã Íris (32 anos em 2016. Grifos nossos):

eu acredito muito que o florescimento vem muito do desejo que as pessoas estão tendo Dele, de uma busca mais profunda, de sair mesmo desse frenesi do mundo atual. (...) **Não são jovens que não têm estudo, que não têm instrução, são jovens universitárias, são jovens já profissionais, que têm seus empregos (...), mas diante de tudo isso percebem que não é isso.** Então optam por uma vida bem mais radical (...) As jovens não querem mais o que é igual, aí procuram o que? **A vida contemplativa, que é desafio, que é renúncia.** Elas se encantam, elas se **encantam pela entrega da gente, porque é total, é total,** a gente está aqui tem que está inteira.

Essa condição de vida que se configura como uma opção radical, sem bens pessoais nem coletivos que até hoje encanta jovens, impulsionando a opção pelo Claustro, não foi adotada por todos os mosteiros das Clarissas:

Segundo o que parece, a dificuldade de organizar uma vida contemplativa bem ordenada sem posse, nem rendas, tinha a tentação em assegurar a vida das novas comunidades com algumas entradas fixas. Não era fácil que em todos os mosteiros houvessem frades esmoleiros encarregados de providenciar alimentos para as monjas. Assim, desde cedo, aparecem concessões de bens aos Mosteiros de diversos países. (BENVENUTA, 1989, p. 13)

No decorrer da história houve reformas na Ordem de Santa Clara: “como a de Santa Coleta na França e nos Países Baixos, os Mosteiros da Observância na Itália e Espanha” (BENVENUTA, 1989, p. 14). Existindo assim, várias ramificações Clarissas com diferentes denominações espalhadas pelo

mundo, como podemos observar na tabela abaixo, elaborada com as informações fornecidas pela irmã Benvenuta (1989, p. 17):

**Tabela 1:** Ramificações Clarissas

<u>Clarissas propriamente ditas</u>	Com <i>Regra</i> de Santa Clara aprovada por Inocêncio IV em 1253.
<u>Clarissas Coletinas</u>	O ramo fundado por santa Coleta de Corbie (Sonne) Nicoletta Boylet (1381-1447) com a reforma ou fundação de ex-novo 15 mosteiros na França e nos Países Baixos. Adota-se a <i>Regra</i> de 1253 rejeitando rendas e bens, com paixão pela santa pobreza, não inferior a de santa Clara. A <i>Regra</i> coloca ao lado Constituições próprias, aprovadas pelo papa Pio II em 1458.
<u>Clarissas Capuchinhas</u>	Fundadas em Nápoles no ano de 1538 pela venerável Maria Lourença Longo, espanhola, com a <i>Regra</i> de Santa Clara de 1253 e Constituições próprias, sob a jurisdição dos Capuchinhos. É um ramo florescente que, na fidelidade e <i>Regra</i> primeira, se funde com as clarissas propriamente ditas e com as Coletinas constituindo um trimônio unitário em torno do eixo da Primeira <i>Regra</i> (1253) de santa Clara, apenas com determinadas diferenças devido a diferentes jurisdições.
<u>Clarissas Urbanistas</u>	Com a <i>Regra</i> de Urbano IV de 1263.
<u>Clarissas Sacramentinas, ou seja, Clarissas do Santíssimo Sacramento ou da Adoração Perpétua</u>	Fundadas na Diocese de Troyes em 1854, sobre a base da <i>Regra</i> de Urbano IV.
<u>Clarissas Redentoristas</u>	Com apenas 4 mosteiros – sob a jurisdição dos Frades menores.
<u>Clarissas da Divina providência</u>	Fundadas por Madre Teresa Areuyol do Sagradi Corazón em Gracia (Barcelona). A primeira comunidade nasceu em 24 de março de 1849, com a primeira <i>Regra</i> de Santa Clara e floresceu rapidamente. Atualmente dedica-se ao ensino e apresenta uma fisionomia diferente da Ordem.
<u>Clarissas franciscanas</u>	A venerável Maria Francisca Farnese (...) deu origem em Albano com as <i>Constituições</i> por ela elaboradas e aprovadas por Urbano VIII a 13 de julho de 1638. (...)
<u>Franciscanas Concepcionistas</u>	Nascida em 1484 pela santa Beatriz da Silva, aprovada em 1489.
<u>Franciscanas Anunciadas</u>	Fundada por Joana de Valois (1505). (...) A <i>Regra</i> das anunciadas escrita pelo beato franciscano Gabriel Maria, foi aprovada pelo Papa Leão X em 1517.

**Fonte:** Texto intitulado “*Irmãs Pobres*” de Benvenuta (1989, p. 17)



O mosteiro de Santa Clara da cidade de Campina Grande, Paraíba, se enquadra na Ordem de Santa Clara propriamente dita, nos termos da irmã Benvenuta (1989). A vida das Irmãs é baseada nas *Regras* de Santa Clara aprovada por Inocêncio IV em 1253, nas *Constituições Gerais*, nas normas para a vida contemplativa instituídas pelo papa<sup>41</sup>, na doutrina da Igreja Católica, na Bíblia, no exemplo de vida de Francisco, de Clara e de Jesus Cristo, em uma vida de clausura, colocando-se como esposas de Cristo. Trata-se de uma vida contemplativa que prima pelo privilégio da pobreza, na qual as irmãs possuem certa autonomia administrativa e contam com a orientação espiritual dos Frades Menores.

Essas narrativas religiosas que são atualizadas nos discursos e na escrita através de documentos da Igreja Católica e, especificamente da Ordem de Santa Clara, as quais nos informam sobre o que consiste a vida contemplativa e como se deu o surgimento da Ordem de Santa Clara, se constituem, portanto, como já afirmamos, em forças sociais que impulsionam a decisão pela vida em clausura, tendo em vista que são elaboradas pelos agentes religiosos. São narrativas que fazem uso de elementos que apontam para além do mundo vivido, ao falar de uma realidade de vida que se promete viver integralmente diante da presença de Jesus Cristo, permeado, por exemplo, pelos sacrifícios, como a pobreza seráfica, e por uma espiritualidade, ou a presença do Espírito Santo de Deus constantemente corroborando para o *encantamento* por esse modo de vida, como as irmãs mencionaram. O que também podemos observar diante da atualização da narrativa da história de fundação do mosteiro na cidade de Campina Grande, conheçamos tal narrativa no tópico seguinte.

---

<sup>41</sup> Atualmente os mosteiros de vida contemplativa seguem as normas presentes na Constituição Apostólica: *Vultum Dei Quaerere*, aprovada pelo papa Francisco em 29 de junho de 2016.

### 1.3 O mosteiro de Santa Clara em Campina Grande – PB

#### 1.3.1 A narrativa religiosa sobre a fundação do mosteiro

Segundo as irmãs Clarissas, os freis, os padres e as revistas produzidas em comemoração aos 25 anos (1975)<sup>42</sup> e aos 60 anos (2010)<sup>43</sup> de fundação do mosteiro de Santa Clara, este foi fundado em Campina Grande - PB no ano de 1950, na recém fundada Diocese, que contava com a administração do Bispo D. Frei Anselmo Pietrulla, o primeiro bispo da Diocese de Campina Grande e o fundador da Ordem de Santa Clara nesta cidade. Além do fundador, o mosteiro das Clarissas contou com um co-fundador, o D. Frei Tadeu Prost, Bispo auxiliar de Belém do Pará. Seguem abaixo as fotografias do fundador e co-fundador que estão expostas nas paredes do mosteiro e nas revistas que narram a história de fundação:

**Imagem 5:** D. Frei Anselmo Pietrulla



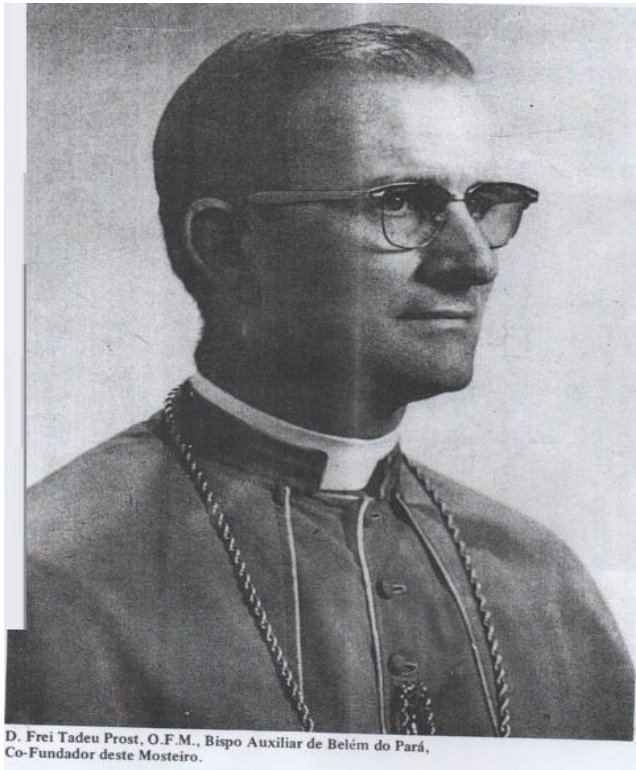
**Fonte:** Revista Jubileu de Prata

---

<sup>42</sup> Revista elaborada pela equipe de redação composta pelas próprias irmãs Clarissas de Campina Grande – PB.

<sup>43</sup> Revista elaborada pela equipe de redação composta pelas próprias irmãs Clarissas de Campina Grande – PB, contando com a organização e revisão de textos do Padre José Acírio de Medeiros, com as imagens cedidas pelo fotógrafo Assis Medeiros e com o projeto Gráfico e diagramação de Joamir Barros.

**Imagem 6:** D. Frei Tadeu



**Fonte:** Revista Jubileu de Prata

Essas fotografias também são importantes para conferir legitimidade à narrativa de fundação do mosteiro, podemos destacar ainda a vestimenta e a postura dos bispos na fotografia, ao expressar uma ideia de seriedade e santidade, corroboram para essa legitimidade da história de fundação e para a valorização do próprio mosteiro.

A ideia inicial de construir um mosteiro de vida contemplativa em Campina Grande, segundo a narrativa, se deu a partir de uma brincadeira<sup>44</sup>. Segundo a narrativa, em junho de 1949, D. Frei Tadeu Prost foi aos Estados Unidos e realizou uma visita ao Mosteiro das Clarissas Pobres, na cidade de

---

<sup>44</sup> A informação de que a fundação do mosteiro surgiu de uma brincadeira também aparece na narrativa de fundação do Mosteiro das Carmelitas Descalças em São Paulo, como podemos observar no trecho escrito por Garcia e Rosado (2014, p.82. Grifo nosso): “Na ocasião, a irmã Telma ainda era irmã noviça. Participou, juntamente com mais seis irmãs, da missão de programar uma nova comunidade. A ideia, que surgiu de **uma brincadeira**, concretizou-se no prazo previamente estipulado e, em fevereiro de 2006, a obra completou cinquenta e nove anos de fundação.” O que aponta para a existência de elementos comuns entre as diferentes narrativas de fundações religiosas católicas, conferindo certa uniformidade em relação ao tipo de narrativa, como já indicamos. São narrativas que investem na perspectiva do sagrado, não concedendo ênfase aos fatores sociais que poderiam indicar a existência de discordâncias, interesses políticos, relações de poder.

Cleveland, Ohio, para convidar algumas missionárias franciscanas à sua Missão ao longo do Rio Amazonas. Nesta visita, Inês, a Madre Abadessa, em tom de brincadeira, lhe perguntara se desejava fundar um mosteiro Clarissas no Brasil. Ele teria achado a ideia interessante. Um padre da cidade de Campina Grande que escreveu uma das Revistas sobre a fundação do Mosteiro de Santa Clara no jubileu de 60 anos, nos relata sobre a participação das irmãs norte-americanas na fundação do mosteiro de Campina Grande-PB:

A Diocese foi criada em 49, o primeiro bispo chegou em novembro de 49 e logo, logo ele começou aquela construção do mosteiro, num é? Quando está pronto em 50, final de 1950, o Mosteiro das Clarissas estava pronto. (...) Assim que ele chegou umas das preocupações dele foi essa de construir o mosteiro convidar aquelas irmãs dos Estados Unidos, né? Que vieram lá de Cleveland, num é? Estados Unidos e chegaram aqui, acho que setembro de 1950 e logo no final eles estavam concluindo a construção do Mosteiro. (PADRE DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE, 68 anos em 2017)

Sem explorar o interesse que levou o Bispo a trazer as irmãs dos Estados Unidos para o Brasil e fundar um mosteiro em Campina Grande – PB, a narrativa afirma que Frei Tadeu sabendo que D. Anselmo Pietrulla, Bispo de Santarém, havia sido transferido para Campina Grande, achou oportuno falar ao bispo sobre uma fundação Clarissas em Campina Grande, o qual logo teria demonstrado interesse pela ideia. A “Revista Jubileu de Prata” (1975, p. 15) narra sobre o entusiasmo de D. Anselmo e sobre as irmãs de Cleveland que aceitaram o convite para contribuir com a fundação de um mosteiro no Brasil:

Sua Exa. Ficava entusiasmado e o encarregou de consultar a comunidade a este respeito, pois queria a todo custo irmãs de Vida contemplativa em sua nova diocese. Isto mostra a grande estima que Sua Excelência tem pela Vida Contemplativa, pois, mesmo antes de tomar posse da diocese, providenciara a vinda das irmãs. Em agosto do mesmo ano, chega em Cleveland uma carta-consulta de Frei Tadeu pedindo resposta urgente. Logo no dia seguinte a Madre convoca a comunidade, pede o parecer e em seguida o consentimento manifestado por voto secreto. Oh! Maravilha, com exceção de 1 (um) ou 2 (dois) votos a comunidade estava a favor. Tudo indicava que Deus

queria a Fundação, disso todos estavam convencidos, e não se enganaram, o futuro no-lo mostrou.

E ao tomar posse da nova Diocese, D. Anselmo teria escrito para a Madre Inês, pedindo que preparasse as irmãs destinadas ao Brasil. E logo teriam começado os preparativos para a vinda a Campina Grande, iniciando pela decisão de quais irmãs iriam ser responsáveis pela fundação. As irmãs teriam decidido por enviar inicialmente 7 (sete) irmãs e passado os 3 (três) anos da fundação, enviariam mais 1 (uma) irmã:

Após uma novena ao Menino Jesus de Praga, a Madre Abadessa decide-se a fazer a escolha definitiva das irmãs. A comunidade ficara assim constituída: Irmã Patrícia (Abadessa), Irmã Maria Luisa (Vigária), Irmã Cecília, Irmã Maria Agneta, Irmã Maria Gabriela; Irmã Maria Clara e Irmã Maria Helena (Externas). Só mais tarde, isto é, em maio de 1954, a irmã Terezinha juntou-se ao grupo das pioneiras. (REVISTA JUBILEU DE PRATA, 1975, p.17)

A narrativa também informa sobre o investimento de dinheiro e trabalho para a construção do mosteiro e sobre preocupação de onde as irmãs ficariam até o término de sua construção. A Madre Inês teria escrito para D. Anselmo solicitando que alugasse uma casa onde as irmãs pudessem se instalar provisoriamente, mas o bispo não concordou, demonstrando na perspectiva religiosa o cuidado com o aspecto da clausura das irmãs. O Bispo teria se comprometido em construir o mosteiro o mais rápido possível, descartando a ideia de um aluguel. Iniciou a construção do mosteiro no dia 19 de março do ano de 1950, de acordo com o desenho da planta enviado pela madre, junto com a contribuição financeira solicitada:

Sem o auxílio de arquiteto, fez a planta de um mosteiro tipo americano, deixando ao senhor Bispo a liberdade de fazer adaptações convenientes ao clima e condições da zona tropical, e a enviou em janeiro de 1950, juntamente com o primeiro cheque. (REVISTA JUBILEU DE PRATA, 1975, p. 19)

Embora o bispo tenha descartado a ideia inicial de as irmãs virem ao Brasil antes do término da construção do mosteiro, achou necessário antecipar a vinda de algumas das irmãs, tendo em vista as dificuldades de comunicação, D. Anselmo sabia pouco do Inglês e a Madre Inês pouco do português. Vieram a Irmã Maria Patrícia (Abadessa) e a irmã Maria Gabriela, iniciando viagem no dia 31 de agosto.

Entretanto, D. Anselmo, pouco versado em Inglês e a Madre Inês em português, dificultavam as comunicações que o caso exigia. Surgiu daí a necessidade de alguém que ajudasse a sua Exa. Entender alguns pontinhos difíceis, como grade, trono Eucarístico, etc. Foi então que decidida [sic] a vinda de duas irmãs, coisa que seria de grande utilidade. (REVISTA JUBILEU DE PRATA, 1975, p.21)

Ao longo da viagem as irmãs teriam passado por muitas dificuldades, pois não contaram com ajuda de ninguém para recepcioná-las quando chegaram nas cidades de Belém, Recife e também em Campina Grande. Ao chegar em Campina foram para o abrigo São Vicente de Paulo e lá as Irmãs as conduziram em um táxi ao Colégio Imaculada Conceição – Damas, onde ficaram até o término da construção do mosteiro (REVISTA JUBILEU DE PRATA, 1975, p.21). Ficaram, portanto, em uma instituição religiosa, sob a orientação dos padres e das irmãs das Damas. As irmãs passaram a acompanhar as obras do mosteiro, facilitando a comunicação com as irmãs dos Estados Unidos: “Cabia agora às duas irmãs a tarefa de supervisionar o trabalho e D. Anselmo dedicado e incansável tomara sobre si toda a responsabilidade da construção e diariamente ia vê-la” (REVISTA JUBILEU DE PRATA, 1975, p.22).

Em 24 de setembro do mesmo ano, as outras 5 (cinco) irmãs deixaram o Mosteiro de Cleveland rumo ao Brasil. Essas teriam enfrentado menos dificuldades, ao chegar em Belém não havia ninguém para recepcioná-las, mas ao chegar a Recife puderam contar com a ajuda do Frei Leopoldo que as acompanhou até Campina Grande, conduzindo-as também para o Colégio Imaculada Conceição - Damas. Ao se referir às irmãs do colégio das Damas, as irmãs Clarissas escrevem:

Estas irmãs são contadas no número dos maiores benfeitores das Clarissas e ocupam um lugar especial em seus corações e orações. Aqui merece um lugar de destaque a boa Madre Dolores, que ficou inteiramente à disposição das irmãs durante sua estadia no Colégio e continuou com a mesma dedicação até sua morte em 1972. (REVISTA JUBILEU DE PRATA, 1975, p.23)

O mosteiro foi inaugurado no dia 31 de dezembro de 1950. Narra um Padre da cidade de Campina Grande, como citamos anteriormente, conhecedor da história de fundação do mosteiro da cidade:

Elas foram pra lá, acredito no dia 31 de dezembro por aí, elas se transferiram. Elas chegaram aqui ficaram um tempo no Colégio das Damas, até porque o prédio não estava pronto, e também pra se é ... se acostumar da cidade um pouco mais da língua, do português para poder ficarem lá no mosteiro. (PADRE DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE, 68 anos em 2017)

Os últimos dias de dezembro teriam sido tomados por muita correria, pois D. Anselmo havia prometido entregar o Mosteiro em várias datas sem obter êxito, assim buscou trabalhar firme para não adiar mais a inauguração e entregar o mosteiro em dezembro:

Esperavam as Irmãs poder cantar a Missa do Galo na nova casa. Na tarde do dia 23 de dezembro, algumas irmãs foram ao Mosteiro e lá encontraram D. Anselmo muito atarefado e pouco otimista que lhes disse: “vejo que é impossível estar tudo pronto para amanhã”, e transferiu a inauguração para o dia 31 de dezembro. A semana subsequente foi exaustiva para D. Anselmo que não queria mais adiar a entrega do Mosteiro e passou quase todo o tempo a dirigir os trabalhos. No dia 29 as irmãs, em companhia de Madre Dolores e algumas pessoas amigas começaram a limpeza da casa. (...) Sábado, dia 30, continuaram a limpeza. (REVISTA JUBILEU DE PRATA, 1975, p.23)

Após muito empenho e trabalho, das irmãs e de D. Anselmo, além da colaboração dos benfeitores da cidade de Campina Grande, por exemplo, os comerciantes da cidade que contribuíram com a construção, o mosteiro ficou

em condições de ser entregue no dia 31 de dezembro de 1950. Escreve o bispo D. Anselmo sobre a colaboração dos comerciantes:

Mais compreensão encontrei quando, em plena construção do mosteiro, apelava para a generosidade dos homens de negócio. A cada um que visitava pedia uma importância correspondente aos custos de uma cela (quarto) do Mosteiro... eram 5 contos naqueles tempos já distantes. Ao doador garantia as orações da ocupante da cela por ele e sua família até o fim da vida e além. (PIETRULLA, 1975, p.7)

Contando com a ajuda de muitos, o mosteiro foi inaugurado com um momento de celebração com toda a comunidade reunida. Às 17h00 (dezesete horas) do dia 31 de dezembro o bispo, os padres, as freiras e os moradores das redondezas, incluindo figuras consideradas ilustres da sociedade, como médicos, prefeito e empresários teriam saído em procissão pelas ruas da cidade, com o santíssimo que teria sido colocado na capela improvisada do mosteiro. Ao chegar ao mosteiro teria sido realizada uma benção do santíssimo em um altar improvisado na frente do portão do mosteiro e depois conduzido o Santíssimo até a referida capela.

Junto ao portão do mosteiro foi erigido um altar onde sua Exa. deu à benção Eucarística e, em seguida, juntamente com a comunidade, levou o Santíssimo Sacramento à clausura entronizando-o na futura sala da comunidade transformada em capela provisória, ficando em adoração uma das Irmãs, enquanto as outras acompanharam D. Anselmo ao portão, havendo ele nesta ocasião proferido um eloquente sermão enaltecendo a excelência da vida Contemplativa e o seu valor para a Igreja. O ato terminando com a benção papal, voltando as irmãs à clausura, onde ficariam definitivamente. (REVISTA JUBILEU DE PRATA, 1975, p.24)

À meia-noite do mesmo dia teria sido realizado um momento de celebração e bênção do ano novo presidido pelo Frei Leopoldo e às seis da manhã celebrada a primeira missa no mosteiro, presidida pelo D. Anselmo, horário em que as missas são celebradas, diariamente, até os dias atuais.



O bispo D. Anselmo também teria se preocupado com a jurisdição do mosteiro, assim orientando as irmãs para redigir um pedido de transferência da Jurisdição do Ordinário de Campina Grande para a Ordem dos Frades Menores, o qual teria sido assinado por ele e encaminhado à Roma para que o ministro Geral da Ordem dos Frades Menores da Santa Sé, o Frei Pacífico Peretoni aprovasse. Após a inauguração, o Bispo deixa o Mosteiro das Clarissas aos cuidados do Frades Menores, seguindo as orientações presentes na *Regra* de Santa Clara.

O ministro provincial, Frei Vicente Senge, delegou oficialmente Frei Pedro Westerman como superior das Clarissas em Campina Grande, transmitindo-lhe todos os poderes e obrigações que a lei comum e particular confere ao provincial dos franciscanos. (REVISTA JUBILEU DE PRATA, 1975, p.27)

As irmãs norte-americanas, nos primeiros dias do mosteiro de Santa Clara em Campina Grande, foram acompanhadas pelos freis da província de Santo Antônio. Relata as irmãs na Revista do jubileu dos 25 anos do mosteiro:

Nossa recepção oficial na Província de Santo Antônio se deu por ocasião duma visita de frei Floriano, Frei Flaviano e Frei Vital. Quando estávamos no colégio Imaculada conceição, eles apresentaram um cordial acolhimento às suas irmãs norte-americanas. Frei Leopoldo, Capelão do colégio, fez tudo para que nos sentíssemos em família. (...) Em novembro de 1950, Revm<sup>o</sup> Lucio foi nomeado guardião e reitor do Seminário de Ipuarana; já mesmo antes de o conhecermos, começamos a partilhar sua generosidade. Ele autorizou o Irmão Bertino a trazer ou fazer qualquer coisa para nós, como se estivesse fazendo para o Seminário, e acrescentou: “nós formamos uma só família.” (REVISTA JUBILEU DE PRATA, 1975, p.27)

Como podemos observar, assim como a Ordem de Santa Clara no século XIII nasceu seguindo as recomendações da Igreja Católica, de São Francisco e dos Frades Menores, o Mosteiro de Santa Clara de Campina Grande também foi fundado seguindo as orientações do Clero Católico no

século XX, com destaque aos bispos Dom Anselmo e Dom Frei Tadeu, e logo em seguida, também seguindo as orientações dos Frades Menores, o que ocorre até os dias atuais. As irmãs conduzem o seu cotidiano no mosteiro sempre associado aos direcionamentos da Igreja, seguindo as orientações dos padres da Diocese e dos Frades Menores.

## **1.4 A administração**

As irmãs além de buscar seguir todas as orientações, regras e normas presentes na Bíblia Sagrada, na *Regra* de Santa Clara, nas *Constituições*, entre outros documentos da Igreja Católica, devem estar atentas às orientações do Papa, do Ministro Geral da Ordem dos Frades Menores instalado em Roma, do bispo da Diocese, do frei provincial da Ordem dos Frades Menores, do guardião do mosteiro também pertencentes à Ordem dos Frades Menores e da Abadessa.

### **1.4.1 Os Frades Menores**

As *Regras e Constituições Gerais* da Ordem das irmãs pobres de Santa Clara explicam sobre o acompanhamento realizado pelos Frades Menores, apontando-os como os responsáveis pela orientação espiritual das irmãs, mas deixando claro que as irmãs possuem autonomia administrativa e financeira. Respectivamente:

31. Finalmente, as irmãs são obrigadas a ter sempre para nosso Governador, Protector e Corrector aquele dentre os Cardeais da Santa Igreja Romana que for designado pelo senhor Papa aos Frades Menores; para que, sempre súbditas e sujeitas aos pés da Santa Igreja, firmes na fé católica, guardemos a pobreza e humildade de nosso Senhor Jesus Cristo e de sua Mãe Santíssima, e o santo Evangelho, que firmemente prometemos professar para sempre. Amen. (REGRA DE SANTA CLARA, 1988, p.35)

Art. 121 §3. Ao ministro Geral compete visitar fraternalmente as Federações e mosteiros, exortar as irmãs e ainda estimulá-las

à fidelidade à própria vocação, a guardar o património espiritual da Ordem, salvaguardada a legítima autonomia dos mosteiros. (...) § 5. Tendo presente a obrigação que S. Francisco assumiu por si e pela Ordem, devemos solicitar o auxílio espiritual dos Frades Menores e preferi-los como nossos capelães, pregadores dos exercícios espirituais, confessores e encarregados da nossa formação permanente. (CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1988, p. 119- 120)

Ao acompanhar o cotidiano das irmãs, evidenciamos que essa autonomia administrativa possui restrição, uma vez que a presença diária do clero nas missas, nas confissões, nas orientações espirituais, entre outros, também acabam impactando na administração da casa, sobretudo em alguns momentos decisivos em que os freis e bispo são chamados para colaborar nas decisões. Embora seja importante enfatizar que se trata de um espaço de atuação preponderantemente feminino, onde as irmãs encontram um âmbito próprio para suas atuações, diferentemente dos outros espaços da Igreja Católica, onde as mulheres assumem apenas papéis coadjuvantes. A irmã fala sobre a presença dos freis e padres no mosteiro, sobretudo para as confissões e celebrações das missas diárias:

As confissões devem ocorrer no mínimo uma vez por mês, mas é no mínimo. Se sentir necessidade, pode se confessar de quinze em quinze dias, semana a semana. A madre chama o padre uma vez por mês. Uma vez por mês, tem o padre que nos atende, então a gente já tá sabendo, mas todo dia a gente tem os frades que celebram aí a gente pode confessar se desejar, aí varia muito de irmã pra irmã, porque de certa forma como a gente vai se aproximando muito de Deus, vai tendo consciência da nossa fragilidade, do nosso pecado, a consciência vai ficando refinada, então algo que eu faria que achava que era banal, começa a perceber que não, não é banal. (ÍRIS, 32 anos em 2016)

Os padres e freis fazem parte do cotidiano das irmãs, orientando-as sobretudo, para o que podemos denominar como refinamento espiritual. O Frei da Ordem do Frades Menores guardião do mosteiro<sup>45</sup>, atual responsável pelo

---

<sup>45</sup> O referido Frei de Campina Grande nos explica como se organiza hierarquicamente a Ordem dos Frades Menores a nível mundial: Tem aquele, que digamos assim, substitui São Francisco

acompanhamento espiritual das irmãs Clarissas de Campina Grande, nos explica sobre a sua função e responsabilidade junto as irmãs e como se dá a participação da Ordem dos Frades menores na vida cotidiana do Mosteiro:

Sou Frade da Ordem dos Frades Menores (...) e, a gente chama assim, responsável pelas Clarissas, ordinário das Clarissas para é... as questões espirituais e orientações sobre a regra Franciscana, sobre a espiritualidade. Então, os Frades ficam responsáveis de manter esta ligação, pois desde o início da Ordem Clarissa, Santa Clara quem procurou São Francisco, querendo ser uma plantinha de Francisco. E Francisco então, incumbiu os Frades de ser provedores então das Clarissas, de manter acesa a espiritualidade franciscana e junto com elas caminharem na espiritualidade. A gente sempre diz: Nosso Pai Francisco e nossa mãe Clara. (...) Normalmente todas as missas das Clarissas é pra ser celebrada pelos Frades, normalmente, aqui então nós temos um caso a ser exceção, na segunda-feira, padre Eugênio celebra com elas, mas nos outros dias todos é os frades, mas recentemente um padre diocesano vai celebra lá, mas isso é consultado com a gente, mas os outros dias são os Frades. Assim como nos votos solenes das Clarissas, nas profissões solenes, em tudo aquilo que requer, digamos assim, a autorização da Ordem junto a elas para oficializar um ato, capítulos, revisão de vida, todas essas coisas, então, os frades estão presentes junto com elas. (FREI DA ORDEM DOS FRADES MENORES - Guardião do mosteiro Clarissas de Campina Grande, 56 anos em 2017)

---

no comando geral da Ordem, o nosso Ministro Geral, a gente Chama. (...) Então, nós temos o nosso Ministro geral, e hoje é o Frei Michael um norte americano, trabalhou muitos anos na África e no Oriente foi eleito o nosso Ministro Geral. (...) Temos, a nível de mundo, temos o representante internacional, e para cada continente se escolhe um definidor geral que faz parte do conselho junto com esse Ministro Geral, que na América Latina nós temos dois, pois tem um de língua portuguesa e um de língua espanhola, na América do norte um de língua inglesa e assim vai, um de cada Continente, um Europeu, um Asiático, um Africano. Depois em cada país se divide por territórios, regionalmente, chamado de províncias, por exemplo, nós temos aqui a província do Nordeste, né? Que é a primeira província do Brasil (...), e então é a província mais velha e dessa província foram surgindo outras províncias, por exemplo, nós temos a província do Nordeste que pegou Nordeste, Norte e Sul, era uma província só, no Sul se desenvolveu, no Sul e Sudestes se desenvolveu mais e criou-se uma segunda província Imaculada Conceição, depois do Sul já criou-se uma outra, que é São Francisco, lá no Sul mesmo, depois criou-se mais duas províncias Mato Grosso, Goiás, depois a província na Amazônia, temos dividimos uma parte do Nordeste, Piauí, Maranhão, formamos uma outra província. Mas essa província da qual eu pertença é a província mãe no Brasil, a primeira (FREI DA ORDEM DOS FRADES MENORES – Guardião do mosteiro Clarissas de Campina Grande, 56 anos em 2017).

Como explica o frei e toda a narrativa religiosa que permeia o modo de vida das Clarissas, há uma relação de proximidade entre a Ordem de São Francisco e a Ordem de Santa Clara, tendo em vista o fato de que comungam do mesmo carisma, no qual se destaca a fraternidade e a pobreza, o que podemos verificar nas *Constituições* das Irmãs Pobres, em seu art. 120: “§ 1. O Pai S. Francisco instituiu três Ordens: a Ordem dos Frades Menores, a Ordem das Irmãs Pobres e a Ordem Franciscana Secular. Vivamos em mútua relação como filhos do mesmo Pai” (CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1988, p. 118-119). A irmã fala como ocorre o acompanhamento do Ministro provincial apontando também para essa fraternidade entre Ordem de Santa Clara e a Ordem dos Frades Menores:

Temos o nosso superior dos Frades Menores, o ministro geral provincial, é o nosso provincial, do Frades menores, ele participa mais um pouco da nossa vida. Isso já é, faz parte das nossas leis. Ele participa assim, algumas coisas a gente comunica, sempre a ele, tanto a ele como ao bispo, profissão, capítulo eletivo, então participa o bispo, mas quem preside geralmente é o provincial. Ele é o nosso, como se fosse, é... aquela pessoa que está assim, como se fosse um pastor próximo, da nossa família franciscana, é ele. Tem o Ministro geral, parece que ele mora em Roma, é o Michael Perry, nesse momento é ele que está, não sei se ele reside em Roma, eu sei que é ele que dá uma assistência assim a toda Ordem das Clarissas. E o nosso provincial é da província Santo Antônio que é aqui o de Nordeste, né? Pega alguns Estados do Nordeste, Ceará, Sergipe, Salvador, Paraíba e Pernambuco. (AMARÍLIS, 46 anos em 2016)

As irmãs Clarissas administram a sua vida contemplativa seguindo o disciplinamento e orientações espirituais dos Frades Menores, além de serem acompanhadas pelos padres da Diocese, que como já afirmamos, são eles que celebram as missas quando os Frades não podem, e em momentos festivos quando se faz necessário a presença dos padres diocesanos, além de alguns serem naturais de Campina Grande e nutrirem atenção pelo mosteiro, e por isso também buscam sempre colaborar com as irmãs. O bispo (63 anos em 2017) da Diocese de Campina Grande nos fala sobre como se constitui a sua participação nas atividades realizadas no mosteiro:

O mosteiro é ligado diretamente a primeira Ordem. As Clarissas tem o cuidado e a proteção dos Franciscanos. Então, o provincial é o diretamente responsável pelo mosteiro. Como o mosteiro também está na Diocese o bispo também acompanha, visita, mas a gente divide com os franciscanos essa assistência espiritual, como elas são de clausura precisam que religiosos vão lá celebrar missas, façam conferências pra elas, o retiro delas, confissões. Então, tem que organizar essa parte de padres e frades para dá esse atendimento. E o bispo é convidado de vez em quando pra lá, na oportunidade de uma festa, como eu sou franciscano também da Ordem dos Capuchinhos, vou na festa de São Francisco, Santa Clara e nas profissões religiosas também. Quando tem profissão o provincial vem ou um frade franciscano vem e então elas me convidam, depende da agenda para esse momento. Mas a obrigação primeira é dos Franciscanos e como está na Diocese o bispo também é co-responsável para acompanhá-las. A abadessa está sempre em contato com o Bispo, em alguma dificuldade, se vai fazer uma viagem tem que pedir licença ao bispo, dizer o motivo da viagem, elas não podem fazer uma viagem assim, por conta própria, justamente para assegurar aquele direito delas da clausura, de viver lá para a experiência de fé. Então, só em casos especiais que elas têm licença para viajar e aí elas pedem licença ao bispo.

Como pudemos observar ao longo do tópico através da voz do Bispo, do guardião e das irmãs Íris e Amarílis, no mosteiro Clarissas há uma hierarquia masculina a qual as irmãs devem obediência, inclusive em momentos decisivos, como durante a eleição da Abadessa<sup>46</sup>. Iremos entender mais sobre a sua significação e atribuições para a vida contemplativa no tópico a seguir.

#### **1.4.2 A abadessa**

No âmbito do mosteiro, a abadessa, também chamada de “madre”, é a irmã que representa a sucessora de Santa Clara, uma vez que a Santa foi também abadessa. Ela tem a obrigação de administrar não apenas o mosteiro, mas a vida contemplativa, sendo necessário ser exemplo de autoridade e

---

<sup>46</sup> Representante feminina maior no interior do claustro, responsável pela administração geral do mosteiro.

santidade. Argumenta Santa Clara em seu testamento sobre o papel da Abadessa:

E, como fui atenta e zelosa em observar a santa pobreza que prometemos ao Senhor e a nosso Pai S. Francisco, e em fazê-la observar pelas outras, assim também as demais Abadessas, que me hão de suceder no cargo, estão obrigadas a observar a santa pobreza e a fazê-la observar pelas suas irmãs. Ainda para maior segurança, tive o cuidado de obter do Santo Padre o Papa Inocêncio, sob cujo reinado começámos, e dos outros Papas seus sucessores, que a nossa profissão da santíssima pobreza, que prometemos a Deus e a nosso Pai, fosse confirmada pelos seus privilégios, com a finalidade de dela jamais nos afastarmos. (TESTAMENTO DE SANTA CLARA, 1988, p. 43)

A abadessa é a responsável por zelar pelo mosteiro, direcionando as demais irmãs no caminho da preservação e florescimento do modo de vida contemplativo, no qual sobressai a ideia de vivenciar uma santa pobreza, como observamos nas linhas anteriores. Ela é a representante maior entre as irmãs, sendo eleita pela comunidade, ou seja, pelas demais irmãs. Explica as *Constituições* em seu artigo 228, parágrafo 1º: “As eleições devem realizar-se de três em três anos e todas as vezes que o ofício da Abadessa vagar por morte, renúncia aceite, remoção e transferência” (CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1988, p.172).

Para ajudar nessa administração a Abadessa no mosteiro pesquisado conta com a ajuda de quatro outras irmãs que compõe o conselho, chamado por elas de discretório. Como podemos verificar também em um trecho da *Regra* de Santa Clara, tendo em vista que essa forma de organização hierárquica consiste na obediência às regras da Igreja Católica e da Ordem de Santa Clara expressas em documentos oficiais:

13. Para que se conserve a união na mútua caridade e paz, todas as oficiais do mosteiro sejam eleitas com o consentimento de todas as irmãs. Do mesmo modo, sejam eleitas ao menos oito irmãs entre as mais experimentadas, que a Abadessa deve consultar sempre naquilo que a forma da nossa profissão exige. Podem e devem também as irmãs, se

lhes parecer útil e conveniente, afastar por vezes do cargo as Oficiais e Discretas e em seu lugar eleger outras. (REGRA DE SANTA CLARA, 1988, p.21)

Segundo as *Constituições*, a *Regra* e o *Testamento de Santa Clara*, a Abadessa e as irmãs que compõe o discretório devem gerir a Instituição Total, tanto administrativa como espiritualmente, sendo exemplos de irmãs Clarissas. Essa gestão não deve se limitar apenas as irmãs que compõem o corpo administrativo, precisa ser conduzida democraticamente com a participação efetiva de todas as irmãs, caracterizando, segundo os documentos e narrativas que permeiam a Ordem, uma relação de fraternidade que se aproxima da relação existente entre mães e filhas<sup>47</sup>, a qual deve ser perpassada por carinho, sendo permitido às filhas o diálogo e a participação nas decisões, embora de forma ambivalente se expresse e reconheça como legítimo o rigor autoritário e disciplinar, o que conduz a obediência também à hierarquia masculina, se revelando, por exemplo, na participação, como indicamos acima, do bispo da Diocese, do ministro provincial e/ou do guardião da Ordem dos Frades Menores no momento da eleição da Abadessa, conforme a orientação da *Regra* de Santa Clara:

10. Na eleição da Abadessa, as irmãs devem observar a forma canónica. Procurem a tempo ter presente o Ministro Geral ou Provincial da Ordem do Frades Menores, para as exortar com a palavra de Deus a procederem e fazerem tudo na eleição com perfeita concórdia, tendo em vista o bem comum. (REGRA DE SANTA CLARA, 1988, p.21)

No mosteiro desde o início da pesquisa até o final permanece a mesma Abadessa, ouve uma eleição, mas ela foi reeleita. Ela é uma senhora séria, que usa sempre um tom de voz baixo, expressando calma, apresentando uma postura de observação. Falou conosco em poucos momentos durante a pesquisa, embora todas as nossas atividades tenham passado pela sua autorização.

---

<sup>47</sup> Se constituindo como uma referência direta a um tipo de modelo familiar existente no mundo secular.



Há no mosteiro também duas mestras, uma do noviciado e outra do juniorato, compondo essa hierarquia feminina, as quais as irmãs em formação também devem obediência, embora a autoridade maior esteja centrada na Abadessa.

As irmãs precisam sempre pedir autorização a Abadessa, por exemplo, para atender ou realizar uma ligação telefônica para um familiar, para receber alguma visita, seja no locutório para uma conversa rápida, seja para dormir nas dependências externas, para comer algo em um horário que não seja de refeição comum, entre outros. Essa obediência é possível através da cooperação das irmãs “comuns” com as irmãs da administração, a qual é alcançada através do processo de disciplinamento e de mortificação do eu permanente por qual passam essas mulheres que optam pelo claustro.

Essa necessidade de pedir autorização é compreendida pelas irmãs como sendo coerente com a sua lógica de vida e importante para a organização cotidiana do mosteiro. Adverte Santa Clara sobre o papel das demais irmãs do mosteiro no que se refere a obediência à madre:

Por sua vez, as irmãs, que lhe estão subordinadas, lembrem-se de que, para agradar a Deus, fizeram abnegação de suas vontades próprias. Quero, pois, que obedeçam à sua Madre, como o prometeram ao Senhor com livre escolha de sua vontade, de sorte que a Madre, vendo-lhes a caridade e o espírito de concórdia, que as une entre si, carregue mais facilmente o fardo que o seu cargo lhe impõe, e que a santidade da vida das irmãs lhe transmude em doçura o que de si é custoso e amargo. (TESTAMENTO DE SANTA CLARA, 1988, p. 46)

As irmãs se subordinam à Abadessa, mas essa também, segundo as *Regras de Santa Clara*, precisa desenvolver uma administração respeitosa para com as demais irmãs, o que parece ser o balizador dessa relação no interior do claustro.

25. A Abadessa admoeste e visite suas irmãs e as corrija humilde e caridosamente, não lhes ordenando coisa alguma que seja contra sua alma e a forma da nossa profissão. Mas as

irmãs súbditas lembrem-se de que, por amor a Deus, renunciaram às suas próprias vontades. Portanto, estritamente são obrigadas a obedecer às suas Abadessas em tudo o que prometeram ao Senhor observar, e que não é contra sua alma e nossa profissão. (...) A Abadessa, porém, trate-as com tanta familiaridade que possam falar e haver-se com ela como senhoras com sua serva. Porque assim deve ser, que a Abadessa seja serva de todas as irmãs. (REGRA DE SANTA CLARA, 1988, p.31-32)

Clara também solicita em seu testamento às futuras Abadessas de sua Ordem que elas sejam exemplo de amor para com as suas irmãs, que sejam como uma mãe:

Rogo também àquela que for encarregada de guiar as irmãs que se aplique em superar as outras, muito mais pelas virtudes e santidade de sua vida, do que pela sua dignidade, de sorte que, estimuladas pelo seu exemplo, as irmãs não lhe obedeam somente por dever, mas antes por amor. Seja também atenciosa e discreta para com suas irmãs como uma boa mãe para com as suas filhas; tenha sobretudo o cuidado de empregar as esmolas, que der o Senhor, em provê-las segundo as necessidades de cada uma. Seja ela também de tal modo boa e afável, que todas possam com segurança manifestar-lhe suas necessidades e a ela recorrer a qualquer hora e com confiança tanto para si mesma como para as suas irmãs. (TESTAMENTO DE SANTA CLARA, 1988, p. 45-46)

Este carisma de fraternidade que suscita estabelecer relações com a maior proximidade possível, buscando se assemelhar a relação de mães e filhas presentes nos modelos de família do mundo secular, mesmo com a necessidade de total submissão, acaba favorecendo ao surgimento de identificações, ou melhor, a admiração pela fraternidade, demonstrada pelas irmãs, favorece a decisão pela vida contemplativa. Tal fraternidade pode ser observada pelas mulheres, ainda fora do claustro, no período vocacional, através das narrativas e rituais que permeiam o mosteiro e até ao entrar em contato com as próprias irmãs. Uma jovem vocacionada expressa que admira e se identifica com o fato de as irmãs estarem sempre acompanhadas umas das outras:

Outra coisa que me encanta, eu não sei se é porque eu sou muito de olhar muitas vezes mais pro outro do que pra mim, e eu me identifico muito quando eu vejo as irmãs, por exemplo, se uma vai ao dentista, uma não vai só, sempre vai uma outra acompanhando, isso eu acho muito lindo das irmãs, das Clarissas. Elas estão sempre juntas. (BOTÃO DE ROSA 2, 26 anos em 2016)

Segundo as irmãs, elas ficam acompanhadas umas das outras não apenas nos momentos de contato com o mundo externo, mas também na vida cotidiana, no interior do claustro, e essa forma fraterna de seu modo de vida se justifica pela obediência às *Regras* de Santa Clara. A irmã Jasmim (32 anos em 2016) explica:

Santa Clara quis assim, uma comunidade, uma fraternidade, onde as irmãs sempre estejam trabalhando juntas, só trabalho que não dê mesmo, por exemplo, costura, se só tem uma costureira, as outras imãs vão ficar lá só pra fazer número? Não. Mas em todos os trabalhos devem ter mais de uma, por conta da questão fraternidade. Embora deve-se sempre manter o silêncio.

As irmãs precisam estar o tempo todo acompanhadas, principalmente as que ainda não são professoras solenes. Desta forma, o que para alguns é sinônimo de submissão para outros é cuidado, união, o que corrobora para o surgimento de identificações com o modo de vida.

Miriam Verri Garcia (2006) em sua dissertação, ao se debruçar também sobre a vida contemplativa feminina, porém da Ordem das Camelitas Descalças, concedendo ênfase à perspectiva de gênero, traz como um dos principais argumentos para a opção pelo claustro o fato de as mulheres observarem na vida em clausura uma alternativa social para fugir da autoridade masculina paterna<sup>48</sup>, sendo as irmãs participantes da pesquisa pertencentes a realidades de famílias nas quais há pais autoritários e mães submissas, tendo em vista os fortes resquícios do patriarcado. No mosteiro, segundo a citada autora, essas mulheres teriam encontrado estrutura semelhante a de suas

---

<sup>48</sup> Ideia também defendida por Vanessa de Faria Berto (2015) em sua tese intitulada “Irmão sol, irmã lua: Gênero, Poder e Clausura em um Mosteiro da Ordem de Santa Clara de Assis – São Paulo”.

famílias, porém agora a submissão seria compensatória, uma vez que elas aderem a um objetivo de vida compreendido como maior: a dedicação a Cristo. Escreve Garcia (2006, p. 107-108):

Dentro dessas questões biográficas, a estrutura do contexto familiar e, mais especificamente a relação com a autoridade paterna e a vivência da submissão da mãe, foram elementos que nos chamaram atenção e mereceram destaque como um dos indicadores dos motivos de escolha pela clausura. Da mesma forma que, vivendo num contexto familiar rígido e hierárquico, precisam fazer valer sua escolha, muitas vezes com uma drástica ruptura. Essa mesma escolha volta-se a uma perpetuação de relações hierárquicas, similares a estrutura familiar de onde foram provenientes.

De fato vivemos em um país com resquícios do Brasil colônia, fortemente marcado pelo patriarcado, no qual as mulheres ainda são desprestigiadas nos diferentes setores da sociedade, contudo ao pensar a escolha pelo claustro no século XXI e especificamente no mosteiro das Clarissas de Campina Grande- PB, verificamos que nas famílias das irmãs as quais dialogamos existem biografias nas quais ganham destaque novas modelagens de famílias, as mães desempenham muitas vezes o papel de pai e mãe, e quando há a presença dos pais, na maioria das biografias as mães sobressaem como mulheres fortes, não que o autoritarismo e a submissão não se façam presentes, mas não ganham ênfase. Vejamos a tabela:

**Tabela 2:** Perfil das mães das irmãs e das vocacionadas, as quais estabelecemos diálogos gravados

Pseudônimo das irmãs vocacionadas	Com quem residia ou reside?	Atividade profissional da mãe	Trechos que mostram a atuação das mães na vida secular e na opção pela vida em clausura das irmãs e das vocacionadas
1. Orquídea	Residia com a avó materna e com a mãe.	Recepcionista	“A minha família são de mulheres fortes, quem conhece sabe”.
2. Jasmim	Residia com a irmã para estudar na cidade. Embora tivesse pai e mãe vivos.	Agricultora	“Quando eu fiz uns treze ou quatorze anos aí eu disse para minha mãe que queria ser freira, aí falei de uma forma mais séria, só que quando eu falei ela (mãe) me deu um não, tão não, tão, que até hoje lembro. Ela disse: Minha filha, estas vendo que isso não é pra você!”
3. Íris	Residia com a mãe e com o pai.	Professora e coordenadora pedagógica	“As pessoas estão com sede de Deus. (...) Eu tinha tudo que eu pudesse imaginar, se eu imaginasse mãe já me dava, você conheceu minha mãe sabe como ela é”
4. Amarílis	Residia com a mãe e com o pai. Mas os pais se separaram quando ela era noviça.	Do lar	“Mamãe me tirou de lá e colocou para estudar no orfanato (...), porque ela achava que lá na escola do Alto da colina o estudo era um pouco mais fraco”
5. Lírio	Morava com o pai. A mãe faleceu antes da sua entrada na clausura.	Agricultora	_____
6. Girassol	Residia com a mãe e com o pai.	Agricultora	“A minha mãe nunca foi contra (...). Ela diz se você está feliz, se é isso que você quer, eu também quero.”
7. Rosa	Residia com a mãe e com o pai até os dezesseis anos foi estudar e trabalhar	Agricultora	“Minha mãe era catequista, desde criança ela ensinava a gente o abc da catequese, foi nos acompanhando, nos ensinando (...), preparava para Primeira Eucaristia e para a Crisma. (...) Ela me disse uma coisa bem interessante quando eu saí de casa, ela disse assim: ‘a vida é

	na zona urbana residindo na casa onde trabalhava.		sua, faça dela o que você quiser, mas saiba que a nossa vida é uma semente, o que a gente plantar, a gente vai colher, então tome cuidado na escolha da semente'. E isso eu guardei”.
8. Margarida	Residia com o pai e a madrasta. A mãe faleceu antes da sua entrada na clausura.	Do lar	_____
9. Botão de Rosa 1	Morava sozinha. A mãe e o pai faleceram bem antes da sua entrada na clausura. (Entrou e saiu da clausura)	Do lar	_____
10. Botão de Rosa 2	Reside apenas com a mãe. (Ainda não entrou para a clausura)	Do lar	“Meus pais são separados, eu moro com minha mãe, e meu pai tem uma outra família em João Pessoa. (...) Inclusive é o que está me impedindo de entrar no mosteiro (...), eu tenho que trabalhar para sustentar a casa mesmo, pois minha está desempregada”
11. Botão de Rosa 3	Residia com a mãe e com o pai.	Secretária do lar	“Minha mãe se recusou a aceitar totalmente esse estilo de vida que eu pretendo seguir. (...) Ela diz que é uma vida muito rígida e vai ter que dividir tudo pra todo mundo e isso vai ser bem complicado pra mim (...), e a principal questão que ela coloca é a distância da família”.
12. Botão de Rosa 4	Residia com a avó e com a mãe.	Do lar	“Ela aceita, mas por ser filha única, e ela é bem nervosa, mas aceita”.
13. Botão de Rosa 5	Reside com a avó materna, mas tem contato constante com mãe. (Ainda não entrou para a clausura)	Operadora de máquina	“Eu já participava aqui, vinha pro mosteiro e tudo mais, escondido da minha mãe, porque ela não deixava vir, desde o ano passado eu vinha tudo escondido”.

**Fonte:** nossa autoria

Ao observar a tabela acima fica claro a existência de irmãs e vocacionadas provenientes de famílias que fogem dos modelos nos quais a figura masculina ganha ênfase. E que mesmo nos modelos familiares em que a participação do pai ocorre podemos verificar nas vozes que destacamos e nas atividades profissionais, que a atuação das mães ocupa espaços significativos no ambiente familiar.

E no que diz respeito ainda à figura materna associada à da Abadessa, há uma admiração e identificação quanto à fraternidade existente no mosteiro, construída através do processo de formação por qual passam as irmãs, mas a semelhança atribuída entre a relação estabelecida com a mãe secular e a Abadessa merece ressalvas, uma vez que no mosteiro há um tipo de disciplina circunscrita a um ambiente fechado, o da clausura, no qual a submissão adquire contornos mais dramáticos, sendo tolerada com vista a um tipo de constituição de um “eu freira” que observa em Cristo uma força maior.

Sendo um desafio constante a submissão, a sua vivência implica também em negociações cotidianas. Através de conversas informais duas irmãs nos falaram sobre a existência de “negociações” permeando a vida no mosteiro, nos indicando que os próprios documentos da Igreja apontam para a necessidade de diálogos entre as irmãs e a Abadessa, como já citamos acima, podendo também observar no documento intitulado: “Instrução. O serviço da autoridade e a obediência” (2010, p. 40):

A autoridade promove o crescimento da vida fraterna através do serviço da escuta e do diálogo, da criação de um clima favorável à partilha e à co-responsabilidade, da participação de todos nas coisas de todos, do serviço equilibrado a cada um em particular e à comunidade como um todo, do discernimento e da promoção da obediência fraterna.

Existe essa busca pela fraternidade e o diálogo é a via de acesso, sendo acionado para contornar as divergências provenientes das relações de poder existentes nas interações sociais também na vida contemplativa.

Diante desse cenário apontamos que a compreensão e admiração por essa fraternidade e o reconhecimento das normas e regras instituídas, como sendo próprias desse modo de vida, se dão em função do *trabalho dos religiosos* e religiosas (BOURDIEU, 2011) dessa Igreja Católica, no exercício efetivo da gestão do mosteiro e da vida contemplativa e, ao elaborar, rememorar e atualizar essas narrativas da criação da Ordem de Santa Clara e da fundação do mosteiro em Campina Grande – PB.

As mulheres que optam pela vida em clausura têm a oportunidade de ouvir essas histórias de criação e fundação, de participar como observadoras dos momentos rituais que perpassam toda a constituição do “eu freira”, e de interagir com as irmãs do mosteiro ainda antes de optarem pela vida contemplativa. Sendo assim, o acesso a momentos de interlocução com as irmãs, a essas narrativas e rituais também se destacam como importantes itens para que ocorra a opção pelo claustro em todos os tempos de existência do mosteiro estudado e ainda em pleno século XXI.

Dentre os referidos momentos rituais estão as cerimônias nas quais as irmãs realizam quatro votos: castidade, sem próprio, obediência e clausura, os quais abordaremos no próximo capítulo.





## **CAPÍTULO II:**

“A vida contemplativa é isso, todas as nossas potências são consumidas por Deus, para a Glória de Deus”.  
(ORQUÍDEA, 29 anos em 2018)

### **DO “EU SECULAR” PARA O “EU FREIRA”:** PROCESSO PERMANENTE DE DISCIPLINAMENTO E MORTIFICAÇÃO PERMEADO POR VOTOS E RITUAIS

Na vida contemplativa, as freiras se submetem a um processo de disciplinamento e de mortificação do eu. Elas passam por rituais e realizam votos ao término de cada etapa desses processos. O disciplinamento é iniciado ainda fora do Claustro, na etapa do vocacionado, e permanece por toda a vida das freiras no mosteiro, mesmo elas tendo cumprido todas as etapas de formação: postulante, noviciado, juniorato e professa solene perpétua.

As irmãs realizam quatro votos, como enunciamos acima: o voto de castidade, que uma vez realizado, as irmãs passam a dedicar sua vida inteiramente a Cristo, serão agora esposas D’Ele, serão puras, santas, não se deixarão levar pelos desejos carnis, mas sim espirituais; o voto de sem próprio, o qual já abordamos na tese, pois elas não podem possuir bens próprios nem coletivos; o voto de obediência, o qual para a comunidade religiosa explica, por exemplo, pedir sempre autorização à Abadessa; e o voto

de clausura, o qual implica essa permanência restrita ao espaço interno do mosteiro, como também já indicamos.

## 2.1 O vocacionado

Essa é a primeira etapa de disciplinamento para a conformação do “eu freira” e momento quando ocorre a opção pela vida contemplativa. Quando as jovens mulheres<sup>49</sup> manifestam o interesse por esse modo de vida, desejando ser acompanhada por uma irmã do mosteiro, ainda do lado de fora do claustro, elas passam a compor o grupo que estão em formação na etapa do vocacionado. O período do vocacionado dura em média 01 (um) ano.

Anteriormente, em média 03 (três) anos atrás, era permitido que a mulher entrasse na clausura para experimentá-la por 03 (três) meses e apenas depois desse prazo decidir se desejava optar ou não pela vida contemplativa, contudo atualmente não é permitido esse período de experiência, já nessa etapa do vocacionado a mulher deve realizar a sua opção, pelo menos é isso que é perseguido pela mestra, porém há sempre jovens que entram para a clausura, mas acabam decidindo sair, evidenciando assim que a opção ocorre a cada amanhecer.

Para contribuir para a decisão pelo claustro, as religiosas e religiosos investem nas chamadas formações vocacionais. No mosteiro pesquisado é realizado anualmente, no mês de janeiro, encontros vocacionais, com duração de três dias, geralmente às sextas-feiras, sábados e domingos, além de durante todo o ano serem ofertados momentos de formações e retiros, nos quais as jovens também passam alguns dias no mosteiro, na parte externa do claustro.

Durante os encontros para as formações, as jovens recebem aconselhamentos para a sua vida cotidiana além de formações disciplinares quanto à vida religiosa, levando para casa textos e livros relacionados à vida

---

<sup>49</sup> No mosteiro das Clarissas de Campina Grande – PB, em geral as mulheres que procuram o claustro são jovens. Das 25 (vinte e cinco) irmãs existentes no mosteiro apenas 02 (duas) entraram para a vida em clausura depois dos 30 (trinta) anos, como pode ser observado na tabela 3 exposta nas páginas 143-144: A mestra responsável pelo vocacional nos falou através de conversas informais que receber mulheres com maior idade requer um acompanhamento ainda mais cuidadoso, para melhor diagnóstico da existência de vocação, sendo melhor visto pela comunidade religiosa quanto mais cedo for realizada a procura pela vida contemplativa.

contemplativa, os quais versam sobre todas essas narrativas abordadas no capítulo anterior quanto ao surgimento da Ordem de Santa Clara e da fundação do mosteiro de Campina Grande-PB, que são perpassadas pelas hagiografias de Santa Clara e de São Francisco. Alguns desses textos são elaborados pelas próprias irmãs, além de atividades com questões sobre o material estudado para que em casa as vocacionadas possam aprender e refletir sobre a vida a qual desejam aderir e inclusive sobre os votos que precisam realizar ao longo de sua formação no interior do mosteiro. A jovem vocacionada no momento da gravação do diálogo, mas que em 2018 entrou para a clausura, nos fala sobre os momentos de formações conduzidos pela mestra:

O acompanhamento está sendo bem interessante, pois já faz um ano que eu estou sendo acompanhada e eu pude perceber que eu pude progredir bastante desde o primeiro encontro até atualmente, na vivência espiritual, a conviver melhor com as pessoas aqui fora, para entender mais o outro, se colocar no lugar do outro e querer ter uma convivência maior com Deus. Essa ligação que eu tive com o mosteiro me aproximou muito mais de Deus do que como eu era antes. No acompanhamento vocacional estudamos sobre a vida de Jesus, sobre o sim de Maria, o chamado que nos é feito por Deus, nosso convívio com a família. (Botão de Rosa 3, 18 anos em 2017)

Ainda fora do mosteiro, a mestra através do seu exercício pedagógico, focado na disciplina, vai orientando as vocacionadas desde a aprendizagem espiritual até o modo de se comportar, de se vestir, de falar, entre outros, inicialmente já na vida secular e posteriormente no mundo do claustro. As jovens precisam transmitir em sua expressão corporal o *ethos* veiculado nas representações sociais em torno da figura da freira. Explica irmã Íris (33 anos em 2018):

A maneira como a jovem que nos procura desejando abraçar a nossa vida se porta, seu modo de falar, sua maneira de se vestir, o meio social que frequenta, tudo isso ajuda-nos a discernir o indício da vocação clariana. Pois, exteriormente refletimos, mesmo inconsciente, o nosso interior. O semblante alegre é reflexo da realização pessoal verdadeira.

Ao entrar no mosteiro as irmãs recebem formação para demonstrar docilidade na voz, no caminhar, no tratar o outro, entre outras características, as quais elas expressam como sendo resultado da vida de oração, que significa uma vida de paz, tranquilidade e alegria, inclusive as irmãs estão sempre com sorrisos nos rostos, e as jovens vocacionadas mesmo ainda fora da clausura também expressam esta alegria. É um processo no qual as mulheres precisam expulsar a mulher secular e receber a fisionomia de uma religiosa. Processo que se assemelha ao descrito por Foucault (2014, p. 133) quando escreve sobre o processo de formação dos soldados no século XVIII:

Segunda metade do século XVIII: o soldado se tornou algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas: lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, assenhoreia-se dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos; em resumo, foi “expulso o camponês” e lhe foi dada a “fisionomia de soldado”.

No caso das jovens mulheres que procuram o mosteiro, ainda do lado de fora do claustro, começa um processo de transformação e de docilização do corpo, no sentido em que elas precisam demonstrar o “eu freira” na expressão corporal, nos discursos e ações cotidianas.

Para a entrada da jovem no mosteiro, ela precisa passar por todo esse acompanhamento e a decisão de sua entrada no claustro é sempre baseada nos pré-requisitos exigidos pela Ordem expressados na *Regra* de Santa Clara e nas *Constituições*. Tendo a jovem se sentido preparada para abraçar a vida contemplativa e a mestra julgado que se trata do momento correto, a decisão é informada à abadessa, que junto com as demais irmãs do mosteiro, irão decidir sobre a entrada da jovem ou não no claustro. Para a aprovação de uma vocacionada, em síntese, segundo as *Constituições*, é necessário:

1. Recta intenção, vontade livre, idoneidade espiritual, moral, intelectual, idade conveniente, que não seja inferior a 17 anos, a não ser que os Estatutos particulares exijam maior idade para

a liceidade da admissão, e aptidão para viver convenientemente a vida claustral e comunitária.

2. Conveniente saúde física e psíquica. Indague-se também das tendências eventualmente transmitidas pela família (CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1988, p.150).

Atualmente o mosteiro tem buscado admitir jovens que possuam no mínimo 18 anos de idade e que possuam como escolaridade mínima o Ensino Médio. Além dessas prerrogativas formais, a jovem precisa apresentar sinais de identificação com o modo de vida e de vocação para que a mestra e as demais irmãs autorizem a adesão ao modo de vida.

Uma vez aprovada à entrada, as vocacionadas prestes a postulantes, precisam deixar para traz a maioria dos seus pertences e conduzir para o claustro apenas um enxoval, além de alguns documentos.

A vocacionada deve apresentar: certidão de nascimento, identidade, histórico escolar, CPF, título de eleitor e carteira de trabalho. Segundo as irmãs esses documentos são exigidos com a finalidade de comprovar a identidade civil, para evitar constrangimentos, como falsa identidade. Além desses documentos pessoais são exigidos comprovantes que atestam sobre o universo religioso, são eles: certidão de Batismo, atestado de Crisma, atestado de casamento religioso dos pais, atestado de boa conduta fornecido pelo vigário da Paróquia que a jovem frequenta, ou na impossibilidade, fornecido por outra pessoa de confiança da Paróquia que conheça melhor a requerente (deve ser entregue fechado a requerente). Esses comprovantes têm como objetivo verificar se a jovem que procura a Ordem possui, em termos religiosos, um “bom testemunho de vida” e a prática da fé Católica.

As jovens também precisam comprovar que possuem um bom estado de saúde com a apresentação de exames médicos recentes de: sangue, fezes, urina, eletrocardiograma, raios-x do tórax e ultrassonografia do abdômen total. De acordo com as irmãs, é importante verificar o estado de saúde das vocacionadas, pois como elas observam um modo de vida simples, devido o voto de pobreza, em caso de doenças graves, o mosteiro não teria condições de cuidar da jovem como desejaria, além de comprometer o desenvolvimento da própria jovem, que poderia se ver presa aos seus limites decorrentes do

estado de saúde, não podendo acompanhar a caminhada das demais, tendo em vista o ritmo acelerado de oração e trabalho vivenciado pelas irmãs.

Além de tais exames médicos, a jovem vocacionada, a exemplo de uma moça que se prepara para iniciar uma nova vida com o seu amado, deve preparar um enxoval para a sua nova moradia com o seu “esposo”: Jesus Cristo. Precisam levar para o mosteiro apenas alguns objetos indispensáveis: 02 jogos de lençóis, 01 cobertor ou edredom, 01 travesseiro, 06 lenços, 02 jogos de toalhas, 01 roupão – comprido, 04 blusas beges – modelo da instituição, 02 saias marrons – modelo da instituição, 03 blusas brancas, 01 jogo de costura (tesoura grande, linhas e agulhas), tesourinhas para unhas, alicate, entre outros, objetos de higiene pessoal (escova, creme dental, etc.), 01 sombrinha, 01 par de tênis, 01 par de “havaiana” marrom ou preta, 01 par de sandália para Missa – simples, marrom ou preta, 01 despertador, e 01 calça tipo moletom para caminhada.

O enxoval deve conter também alguns livros religiosos e materiais escolares, já que em seu processo de formação há aulas sobre a vida espiritual, desenvolvimento humano e doutrina da Igreja Católica ministradas pelas próprias irmãs e/ou por sacerdotes que dão assistência espiritual à comunidade. São eles: cadernos, lápis, canetas, borracha, entre outros, 02 pastas transparentes finas para documentos, Bíblia Sagrada, 04 volumes Liturgia das Horas, 01 Missal Cotidiano, 01 Imitação de Cristo, 01 Fonte Franciscana (Completa), e 01 Cristo Minha vida – Paulinas.

Como podemos observar os pertences mais íntimos e vestimentas precisam estar de acordo com os objetivos da Instituição e são aliados para a conformação do “eu freira”.

Decidir-se por entrar na clausura também não consiste em uma simples decisão para as jovens. A maioria das irmãs com quem dialogamos afirmam que resistiram para aceitar o claustro, por estarem cientes de que se fechar ao espaço interno de um mosteiro não seria fácil para quem foi educado até então para uma vida no mundo externo. E o principal elemento apontado como causa desse sofrimento seria a saudade da família consanguínea. As irmãs, já professa solene perpétua, ao compreender sua escolha como vocação, narra sobre como para ela foi difícil aceitar que sua vocação seria a vida contemplativa:

Quando eu vim para aqui que eu cheguei naquela portaria rrsrs. Eu senti uma vontade tão grande de chorar, e aquela voz dentro de mim novamente: aqui é seu lugar. Só que eu dizia não a todo instante. Rezei muito diante do santíssimo, então eu saí mais tranquila. Eu sempre fiquei resistindo, porque eu acredito que era resistência, que eu estava dizendo não a Deus. Estava dizendo sim a mim mesmo. Então eu tive que ter muita paciência comigo, (...). Porque eu sou muito apegada aos meus pais, então eu pensava: não tenho coragem de deixá-los, principalmente meu pai, a minha mãe, eu sou menos, meu pai eu sou apegada demais. (...) Mas para você ver, eu disse que não queria, mais a partir do momento em que eu senti a vontade de Deus, para mim não teve mais nenhum empecilho, nada, nada me atrapalhou. (...) E eu também tenho um madrinha que ajudou muito em minha caminhada, eu estava resistindo muito e ela disse assim: não sei porque você resiste tanto, se você sabe que é isso que Deus lhe pede. Pronto! Quando ela disse isso rrsrs, aí eu não tinha mais para onde correr rrsrsrs. Então, eu liguei para irmã e pedi para ser acompanhada. (GIRASSOL, 29 anos em 2016)

Eu vim conhecer as Clarissas e assim eu relutei um pouco, não quis vir realmente. Tinha escutado sobre as Clarissas como elas viviam, que viviam enclausurada. Eu achei muito lindo, só que eu sentia medo, quando eu pensava nessa questão de viver trancada de não poder ir em casa. (JASMIM, 32 anos em 2016)

A maioria das irmãs afirmou que inicialmente não queriam a clausura, tendo algumas delas sido pertencentes anteriormente a outras Ordens de vida ativa e/ou apostólica. Das 25 (vinte e cinco) irmãs que residem na clausura, 9 (nove) já foram freiras de outras Ordens de vida ativa e/ou apostólica<sup>50</sup>.

A vida contemplativa é um desafio para a mulher que decide por esse modo de vida, para as pessoas que a circundam no mundo secular e para as demais irmãs que já estão na clausura, e que precisam recebê-la. Em suas vozes, as irmãs demonstram que se trata de um processo que se constitui em meio a diferentes emoções: alegria, receio do novo e tristeza por deixar o convívio diário da família secular. Vejamos uma voz de uma irmã que demonstra o momento de sua decisão pela vida contemplativa:

E eu comecei a rezar: “meu Deus me mostra se de fato essa é a minha vocação me dá coragem, porque como é que eu filha

---

<sup>50</sup> Como pode ser observado na Tabela 6 localizada na página 176.

única, vou dizer a minha mãe que eu vou para a clausura”, como é que vai ser isso. E eu fiquei meio assim, porque ainda faltava meio semestre para terminar o ano de acordo. E comecei a falar aos poucos com mainha e aí se eu fosse pra as Clarissas, ela ria, está brincando, está vendo que tu não vai e não me levava a sério. (...) Conversei com mainha, rezei, fui para um retiro na comunidade e tomei a decisão. (ORQUÍDEA, 29 anos em 2018)

Uma vez decidindo-se pela vida em clausura, como a irmã Orquídea, enfrentando os desafios inerentes a essa decisão, comunica-se a mestra e ela junto à comunidade do mosteiro aprovarão ou não a entrada da vocacionada. Segundo as irmãs é preciso que a jovem tenha demonstrado condições de *observar* a vida contemplativa, mediante o processo de acompanhamento e disciplinamento. Ao entrar para o claustro a jovem passa a vivenciar a etapa do postulante.

## **2.2 O postulante e a vestição**

Ao entrar no mosteiro, as irmãs iniciam o seu disciplinamento e mortificação do eu na etapa denominada de postulante. No mosteiro de Campina Grande, Paraíba, esta etapa possui duração de 02 (dois) anos e a jovem veste uma jardineira longa na cor marrom, com uma blusa de mangas compridas, na cor branca, e um véu também branco.

Vejamos as fotos de quatro jovens que entraram para a vida em clausura, no período de nossa pesquisa, para vivenciar a primeira etapa de formação, o postulante:



**Imagem 7:** Jovem entrando para a clausura em 04 de junho de 2017.



**Imagem 8:** Jovem ajoelhada minutos antes de sua entrada na clausura no dia 04 de junho de 2017.



**Imagem 9:** Momento de entrada na clausura de três jovens no dia 20 de maio de 2018.



**Fonte:** Autoria da prima de uma das postulantes.

Ao entrar na porta da clausura as jovens vocacionadas que estão passando a ser postulantes se ajoelham ao realizar uma oração e pedem à Abadessa e às demais irmãs a autorização para entrar no claustro.

O documento da Ordem de Santa Clara intitulado “Ratio Formationis”, o qual é usado durante o processo de formação das irmãs, expressa para que se destina o período do postulantedo:

O tempo do postulantedo é previsto e exigido pela Igreja (...), em primeiro lugar para a própria progressividade do caminho formativo; para uma verificação sobre atitudes da pessoa (...); para avaliar e eventualmente completar o grau de cultura religiosa (...); para a passagem gradual da vida do século à vida clariana; para uma adequada preparação ao noviciado. (RATIO FORMATIONIS, 1997, p. 30)

Quanto ao uso do termo *eventualmente*, observamos que atualmente não ocorre eventualmente, mas sempre. Em todo o período de formação existente no mosteiro há uma atenção voltada ao aspecto da cultura religiosa das irmãs.

O referido documento também menciona quais atividades são destinadas às postulantes: “A postulante, como candidata à vida clariana, participa da vida de oração e de trabalho da fraternidade segundo os graus de seu crescimento pessoal e sem ter a obrigação de observar todos os deveres da vida religiosa” (RATIO FORMATONIS, 1997, p. 30). Trata-se de um período de adaptação com a vida no claustro, quando a mestra vai ministrando as primeiras instruções, mas em um ritmo gradual, não sendo destinadas as mesmas obrigações que as professoras solenes, por exemplo, a quantidade de tempo destinado a oração individual é menor do que para as demais irmãs, para que as postulantes se acostumem aos poucos.

Contudo, já nessa primeira etapa se instaura um processo de mortificação do eu. A jovem deixa para trás todos os seus pertences pessoais, deixa de fazer coisas simples, como fazer as sobancelhas, entre outras práticas que remetem à vaidade em nossa sociedade, além de abdicar da convivência com amigos e familiares. A irmã fala sobre as dificuldades vivenciadas nos primeiros dias no claustro, na época em que era permitido conceder três meses de experiência na clausura para a jovem decidir se quer iniciar o postulante:

Eu entrei tão dura que não olhava nem para traz, aí na primeira noite já achei tudo muito estranho, acordei meia noite, quando foi no outro dia, eu disse para a irmã (...): olha eu não vou ficar não, eu vou embora amanhã, no outro dia eu disse eu vou passar um mês, no outro eu disse eu vou ficar apenas quinze dias. Quando foi no terceiro dia ou quarto eu disse eu não vou ficar aqui nem quinze dias, eu vou embora daqui a oito dias. Ela disse: não, tem que esperar um pouco mais. Eu disse: não, aqui não é minha vocação não, o meu negócio é vida ativa mesmo, vou para outra congregação. Só que a madre e a mestra precisou fazer uma viagem e uma noviça falou que eu só podia ir embora quando a madre e a mestra chegar. Ai, eu disse: aí meu Deus! E ouve um acidente com as irmãs na viagem, aí elas demoraram um pouquinho mais. Mas quando elas chegaram eu já não queria ir mais embora, eu senti mesmo que foi Deus que foi moldado, fazendo o trabalho Dele. (JASMIM, 32 anos em 2016)

As irmãs vivem um processo de *liminaridade*, nos termos de Turner (1974), sobretudo nessas primeiras fases do postulante e noviciado, não se

situam nem no “eu secular” nem no “eu freira”, se caracteriza pela existência de ambiguidades e indeterminações. É como se a jovem morresse para o mundo externo para nascer para o mundo interno, em uma condição de feto em formação. “Assim, a liminaridade frequentemente é comparada à morte, ao estar no útero, à invisibilidade, à escuridão, à bissexualidade, às regiões selvagens e a um eclipse do sol ou da lua” (TURNER, 1974, p. 117).

Esse processo de formação do “eu freira” se constitui em uma situação de fragilidade, as irmãs se veem despidas de suas convicções, sem os seus portos seguros, precisando encontrar outros. O religioso Frei José Pedroso (2012, p. 111) em seu livro “Abraça o Cristo Pobre” explica de maneira bem didática essa ideia de fragilidade na condição liminar:

Na situação liminar, a pessoa despe a roupa da vida anterior, do lado de fora, para vestir a roupa da vida nova, do lado de dentro. Há um momento em que é extremamente frágil, porque está sem nenhuma roupa. É uma condição de extrema pobreza, representada pela nudez.

Essa condição de ambiguidades, indeterminação e fragilidade, é algo que acompanha toda a permanência das irmãs no claustro, mas nos primeiros anos ela se apresenta como um grande obstáculo. E associado a essas dificuldades próprias do modo de vida em clausura está a saudade dos familiares e o fato de a maioria deles não compreender o distanciamento que precisam estabelecer. Na sequência a irmã fala sobre a reação da família quanto à sua escolha de vida:

Os meu pais eles não foram contra. Minha mãe em momento algum ela foi contra, o meu pai ele respeita. Mas assim, ele não é assim de estar me criticando, fazendo chantagem emocional. Ele liga para mim todo mês, ele já veio aqui. Em todas as etapas da minha vocação eles vieram. Minha mãe sofre muito até hoje. (...) Mas ela nunca foi contra. (...) Mas assim, eu não tenho dúvidas que Deus preencheu o espaço que eu deixei. (...) Minha avó mesmo disse assim: você vai nos deixar, porque você não ama a gente. (...) Me chamaram de louca, me chamaram de desiludida, que eu poderia construir uma família, poderia ser feliz. Eu disse: gente minha alegria não está em

nada disso, minha alegria é Jesus Cristo. (GIRASSOL, 29 anos em 2016)

Além de enfrentar o processo de mortificação do “eu secular”, o que se configura como difícil, tendo em vista, que é preciso romper com o que as constituem desde o nascimento, elas precisam enfrentar também as reações dos familiares, tornando o processo para “tornar-se uma freira”, por vezes, doloroso.

Nesse período de formação, depois de passado 1 (um) ano no claustro, as jovens vão passar 30 (trinta) dias em suas residências. Assim, durante 1 (um) mês as jovens disfrutam da convivência de sua família consanguínea. Contudo, é um momento de consolidar a sua decisão. Já tendo passado um ano no claustro terá elementos mais concretos para a decisão de continuar ou não a viver em clausura, agora sabendo que não poderá mais visitar a sua família, só em casos de exceção, previstos nas *Constituições e Regra* de Santa Clara. Uma jovem postulante no período de nossa pesquisa saiu da clausura para esse momento com a família e decidiu não continuar no claustro. Afirma as irmãs que ela discerniu que não tinha estrutura suficiente para dá continuidade à vida religiosa longe da convivência familiar<sup>51</sup>. A irmã girassol comenta sobre tal visita a família:

O postulantedo são dois anos, com um ano as meninas vão em casa, passam um mês. A gente diz um passeio, mas quem vai não acha não, porque é uma decisão. Por que assim, é um momento muito bom, mas também muito doloroso, porque assim a gente tá tão cercado de tanta coisa, tantos amores porque a gente diz assim: meu Deus realmente eu volto, porque tudo é nos oferecido e ali é a hora da nossa decisão. Eu tenho coragem de deixar tudo isso, porque a gente sabe, aquela hora, a gente tá aqui, mas daqui um ano eu vou em casa, depois a gente sabe que não vai mais. E a gente não pode tá depois, não, porque regra é regra, e a gente entrou, a gente não entrou enganada não. A gente entrou sabendo que é assim. (GIRASSOL, 29 anos em 2016)

---

<sup>51</sup> Tentamos contato com a jovem para um possível diálogo gravado, mas ela não demonstrou interesse em participar da pesquisa. Embora tenhamos observado que ela continua tendo contado com as irmãs, frequentando o mosteiro, participando dos momentos festivos e das missas celebradas na capela de Santa Clara, ou seja, embora tenha desistido de ser freira, continua nutrindo uma boa relação com as irmãs.

Tendo a freira passado por essa experiência de retornar à família, que muitas vezes é contra a escolha do claustro, e decidido continuar a caminhada, contando com a aprovação da comunidade religiosa das Clarissas para o noviciado, ao término do segundo ano, ela vivência o ritual da vestição, rememorando e revivendo o mesmo ritual pelo qual Clara passou, como já abordamos no capítulo anterior.

A vestição consiste em um ritual que marca o final do postulante e o início do noviciado. Van Gennep (1977) defende que os *Ritos de passagem*:

se decompõem, quando submetidos à análise, em *Ritos de separação*, *Ritos de margem* e *Ritos de agregação*. Estas três categorias secundárias não são igualmente desenvolvidas em uma mesma população nem em um mesmo conjunto cerimonial (GENNEP, 1977, p.31. Grifos do autor).

O ritual da vestição consiste em um dos *ritos de passagem* (GENNEP, 1977), que se enquadra em um *Rito de Margem*, na medida em que representa a continuação de uma passagem para um modo de vida que está aderindo a cada dia, caracterizando o processo de liminaridade, o qual teve início com um rito que demarca a separação do mundo secular (aquele em que a jovem ajoelha em frente a porta da clausura diante das irmãs) e está na direção de passar pelo Rito de agregação, como o da Profissão Solene Perpétua, o qual evidencia que a freira passou por todas as etapas de formação. Como explicam Silva e Lüdorf (2011, p.1110): “Em termos gerais, de acordo com Gennep, os ritos de passagem podem ser decompostos em ritos de separação (preliminares) do mundo anterior, de margem (liminares) e de agregação (pós-liminares) ao novo mundo”.

O ritual da vestição simboliza uma mudança de vida, de estado, além de uma aliança com Jesus, como a celebração de um matrimônio, porém nesse caso o noivo é Jesus Cristo. As irmãs se vestem de noiva. Vejamos as fotografias de duas irmãs no dia de sua vestição:

**Imagem 10:** Vestição (1º momento)



**Fonte:** Autoria de uma Jovem vocacionada.

Durante o ritual da vestição, as jovens aparecem inicialmente para a comunidade externa vestidas de noivas, geralmente na capela externa, no espaço do coro, em seguida seguem para a capela interna, onde passam por um ritual interno, quando a Abadessa corta o cabelo da postulante e a veste com o hábito de Freira, o hábito marrom e um véu branco, a cor do véu as diferencia das irmãs professas solenes, pois estas usam um véu na cor preta. Reaparecendo para a comunidade externa agora vestida de freira. Afirma as *Constituições*: “Art. 192 - § 2. As candidatas, no início do noviciado, deposto o vestuário secular, vistam o hábito religioso” (CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1988, p.153).

**Imagem 11:** Vestição (2º momento)



**Fonte:** A autoria de uma jovem vocacionada.

As irmãs durante o ritual da vestição também ganham um novo nome, a partir de então, no interior do claustro, elas “deixarão para trás” o nome que a sua família consanguínea havia lhe concedido. Perdem o nome da vida secular e ganham um nome da vida religiosa. Uma irmã narra todo o ritual da vestição e cita a mudança de nome:

A vestição é interna. A gente vem aqui na grade, conversa um pouquinho, depois entra e eles vão pra lá esperar, porque a cerimônia é toda interna. (...) Se veste de noiva, aí vem aqui (locutório), conversa com a família. É uma noiva! Aí pode escolher se quer descalça ou de sandália. Têm irmãs que preferem descalças, mas é uma noiva de branco, com véu. Eu não quis véu, só uma coroinha, mas pode escolher o véu. Aí vem aqui, conversa com a família um pouco. Aí entra e reza completas, o ofício das leituras, aí depois começa a cerimônia



de fato, mas é interna. Teve um tempo que foi externa. Não, não era externa, mas fazia no coro, então as pessoas podiam ver, mas tirou, agora é tudo interno. Aí tem o corte dos cabelos, e ... teve um tempo também que era meia noite, porque Santa Clara quando fugiu de casa foi meia noite, então as vestições eram feitas sempre meia noite, mas as irmãs decidiram mudar, porque ficava um pouquinho cansativo no outro dia para acordar, então agora é de sete horas da noite. Aí é feito a cerimônia, tem o corte do cabelo (...) a madre corta o cabelo, então depois de todo esse ritual ela coloca, vai tirando o vestido e vai colocando a roupa para colocar o véu, porque a gente usa uma túnica, então vai vestindo, veste, após essa cerimônia a madre anuncia o novo nome, que é o nome religioso, pronto, e a marquilha que vai ganhar (...) a marquilha, cada uma tem uma marquilha na roupa (...) que tem um significado no nome ou no sobrenome, na roupa, por exemplo, em todas as minhas roupas tem sempre a minha marquilha. (JASMIM, 32 anos em 2016)

Na voz da irmã fica claro que a vestição trata-se de um Rito de Passagem que se constitui através da reatualização da vestição vivenciada por Santa Clara. Tendo passado por este ritual da vestição, agora usando o hábito de freira, as jovens seguem no processo de formação, na etapa denominada como noviciado, o que vai implicar em maior responsabilidade e maior intensidade nos ajustamentos ao processo disciplinar. A mestra agora passa a cobrar ainda mais das jovens, elas precisam se adequar cada vez mais ao ritmo da instituição e às expectativas de ser uma irmã Clarissa.

### **2.3 O noviciado e os votos temporários**

O noviciado no mosteiro de Campina Grande-PB possui duração de (02) dois anos. Segundo o documento da Ordem de Santa Clara utilizado no processo de formação das irmãs, o noviciado:

É o tempo em que a noviça inicia a vida na Ordem, continua o discernimento e o aprofundamento da própria decisão de seguir a Jesus Cristo numa vida contemplativa, na Igreja e no mundo de hoje, segundo o espírito de Francisco e Clara, conhecendo e experimentando mais profundamente a forma de vida clariana. (RATIO FORMATIONIS, 1997, p. 33)

É o período do aprofundamento da decisão e da formação e intensificação das obrigações, como afirmamos acima. Explica o documento: “Durante o segundo ano do noviciado é oportuno uma inserção mais gradual na fraternidade com compromissos mais precisos” (RATIO FORMATIONIS, 1997, p. 34).

Em relação à fraternidade entre as irmãs, as noviças não devem conviver muito próximas das professoras, o contato deve ser sempre com a presença da Abadessa ou da mestra. As *Constituições* explicam:

Art. 194 – A índole e fim peculiar do noviciado requerem uma certa separação das noviças das outras irmãs da comunidade. Mas às noviças é lícito, a juízo da Abadessa e da Mestra de noviças, ter relacionamento com as outras irmãs professoras, por motivo de fraternidade. Pertence ao Capítulo conventual estabelecer o modo de comunicação que pode existir entre as noviças e os outros membros da comunidade (CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1988, p. 154).

Além das jovens pertencentes ao noviciado não poderem interagir com as irmãs de outras etapas de formação e disciplinamento mais avançadas, elas não podem ir para os locutórios falar com as pessoas da comunidade externa ao claustro sem estarem acompanhadas da sua mestra, para que as jovens não se dispersem do processo de formação do mosteiro.

É no final do noviciado e início do juniorato que ocorre a primeira profissão temporária, quando são realizados os votos de castidade, sem próprio, obediência e clausura. Os votos que são segundo o dicionário de direito canônico: “a promessa deliberada feita a Deus acerca de um bem possível e melhor. (...) Não são, portanto, votos os juramentos, promessas ou pactos públicos ou privados que se fazem em certas instituições, entre estas e o candidato”. (SALVADOR & EMBIL, 1997, p. 757-758)

Os votos são realizados durante a missa, em um dia festivo para a comunidade interna e externa. As *Constituições* trazem o que deve ser lido pela noviça e futura juniorista no momento da profissão temporária:

Art. 197 - § 1. Ao emitir-se a profissão, observe-se o rito legitimamente aprovado. Propõe-se esta fórmula de profissão: <<Eu, irmã N.N., pra louvor e glória de Deus, que me escolheu e por Sua graça me chamou, com a firme vontade de observar o santo Evangelho e de seguir e imitar a vida do Altíssimo Senhor nosso Jesus Cristo e de sua Mãe, na presença das minhas irmãs, em vossas mãos, Madre Abadessa N.N., prometo e faço voto a Deus onipotente de viver (por três anos ou por toda a minha vida) em castidade, sem próprio, em obediência e em clausura, segundo a Regra das Irmãs Pobres de Santa Clara, confirmada pelo Papa Inocêncio IV (ou pelo Papa Urbano IV), e segundo as Constituições da nossa Ordem aprovadas pela Sé Apostólica. De todo o coração me entrego a esta família religiosa para, sob a acção do Espírito Santo e com a intercessão da Imaculada Virgem Maria, de nosso Pai S. Francisco, de nossa Mãe Santa Clara e de todos os santos, e ainda com a ajuda das minhas irmãs, consagrar-me ao serviço de Deus e da Igreja>> (CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1988, p. 156).

Neste momento ritual, a jovem realiza os quatro votos, se comprometendo com toda a Ordem de Santa Clara e com a comunidade do mundo secular.

E como já enunciamos, todos esses rituais podem contar com a participação e observação da comunidade externa ao claustro, o que também pode corroborar para o surgimento de novas decisões pela vida contemplativa. Relata a irmã:

A gente faz voto de obediência, entrega a vontade, entrega a possibilidade de casar, de ser esposa, de ser mãe de família, entrega o nosso futuro, o futuro profissional, uma estabilidade de vida que a gente podia ter, que a profissão podia trazer, uma comodidade de vida, digamos assim pelo voto de pobreza, a gente entregava isso e faltava o extremo, que é até a liberdade física, e **quando eu vi isso aqui**, eu disse: “pronto, esse é o ápice e o todo que eu quero entregar e essa Ordem é quem vai me dá essa possibilidade, **foi isso que me atraiu pra cá**. Foi essa noção de sacrifício total de oblação. (...) (ORQUÍDEA, 29 anos em 2018)

A irmã demonstra que, ao se aproximar do mosteiro e observar os votos realizados, se atraiu por esse modo de vida. Nos tópicos a seguir buscaremos entender melhor cada um dos quatro votos realizados.

### 2.3.1 Castidade

Uma vez tendo realizado o voto de castidade, as irmãs devem se dedicar inteiramente ao seu esposo Jesus Cristo. Segundo as *Constituições* em seu artigo 29, primeiro parágrafo: “Pelo voto de castidade, as Irmãs obrigam-se a guardar o celibato e, além disso, a novo título, isto é, por força do próprio voto, a abster-se de qualquer acto, interno ou externo, oposto à castidade” (CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1988, p. 76).

A irmã Amarílis ao falar sobre as especificidades da vida contemplativa, argumenta que ao se dedicar inteiramente a Jesus, as freiras conseguem fazer a opção pelo celibato, enfatizando que tal dedicação é resultado de um longo processo:

É como se eu quisesse morrer, não, eu decidi que quero morrer, eu quero decidir que eu quero ser aquilo que Ele quer, até que eu me decida de modo livremente, porque tem que ser.(...) A gente fala que a nossa vida, é um sacrifício de louvor. (...) É um sacrificio de mim mesmo, é uma oblação de louvor, porque, é por amor, não é uma coisa assim forçada, sofrida, chorando, amargurada, não, é um sacrifício de louvor é um culto de adoração a Ele, Ele é o absoluto, Deus. É algo, uma doação por amor com alegria, feliz, mas isso a gente só vai encontrar nessa entrega total. Sem se dispersar, aí eu quero isso, ou eu quero aquilo, não, tudo tem que convergir para ele. É uma decisão que a gente tem que tomar, é uma decisão por Ele, então, Ele quem vai, o Espírito Santo é quem vai nos libertando do desejo de ter, do desejo de poder, do desejo de, desses valores que é do mundo, que a gente carrega, é Ele que vai nos libertar, num é? Dessa questão da sexualidade que as vezes é tão forte, num é? Da sexualidade não, a gente não morre, mas essa questão assim do desejo sexual mesmo, Ele é quem nos liberta, porque isso não é o tudo. Isso é um complemento, para procriação, para a questão da procriação. Para vida do casal, que a gente pode viver sem isso, no celibato. Jesus, Ele preenche, só Ele é capaz de fazer isso. (AMARÍLIS, 46 anos em 2016)

A irmã Amarílis se refere à obediência à castidade como sendo consequência da entrega aos projetos de Deus. A irmã Orquídea complementa a explicação ao afirmar que “ao se dedicar inteiramente a Cristo, surge um amor indiviso, gerando uma espécie de maternidade espiritual que consegue dá fruto no todo” (ORQUÍDEA, 29 anos em 2018). Para as irmãs, ao não contrair matrimônio e gerar filhos consanguíneos, elas podem se dedicar inteiramente a Cristo, não precisando direcionar o amor a uma só pessoa, pois à medida que direcionam a Cristo, estão direcionando a toda a humanidade, já que Ele é Deus.

### **2.3.2 Sem próprio**

Como já argumentamos, as irmãs ao decidirem viver a vida contemplativa precisam deixar para trás todos os seus pertences. Segundo o artigo 38 das *Constituições Gerais* da Ordem das Irmãs Pobres de Santa Clara:

Pelo voto de pobreza, as irmãs renunciam ao direito de usar e dispor licitamente de qualquer coisa temporal, de valor estimável, sem licença do legítimo Superior; além disso, pelo voto solene renunciam plenamente aos seus bens e perdem a capacidade de adquirir e possuir; por isso, tornam inválidos os actos contrários ao voto de pobreza (CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1988, p. 79-80).

Escreve a irmã Benvenuta (1989, p. 06) se referindo também ao voto de sem próprio: “Clara recorda ao povo de Deus que a sua Pátria verdadeira está em outra parte e que ele é destinado a bens infinitamente mais desejáveis do que os bens terrenos”. Há a abdicação dos bens, pois segundo o seu modo de vida, é preciso ser pobre como Jesus foi pobre e um dos propósitos da vida contemplativa é um dia, após a morte, chegar diante de Jesus Cristo, quando não será necessário e possível bens terrenos. A irmã Girassol fala sobre o que consiste pobreza para Santa Clara:

Porque Clara queria viver essa pobreza, só que a pobreza de Clara não era uma pobreza qualquer, era a pobreza de Jesus Cristo, foi pobre, nasceu pobre, viveu pobre e foi até a cruz, na cruz morreu sem nada. E era essa pobreza que, porque pra Clara a pobreza, a pobreza pra Clara não era uma palavra, é por isso que ela vive a pobreza com radicalidade. Quando ela falava de pobreza, era como se ela dissesse assim: eu estou falando de Jesus. Quando ela falava de obediência, ela dizia assim: eu estou falando de Jesus. Então, a pobreza, a castidade, a obediência era Jesus para Clara. Por isso que ela abraçava com toda radicalidade. É tão provado, que tem uma parte nas fontes que o papa resistiu. A gente quer tudo bom, a gente quer está bem, Clara pede ao papa para não ter nada, mas não ter nada mesmo, sem nada de próprio, (...) então ele se desespera e diz: Clara se é um voto que te prende, então eu te desligo do voto. (...) Mas ela diz: senhor papa, por nada neste mundo me deixe largar Jesus Cristo, ela não estava seguindo voto, ela estava seguindo Jesus. É um mistério que as pessoas não entendem rsrsrsrs. (GIRASSOL, 29 anos em 2016)

As irmãs compreendem o voto de pobreza como um compromisso com Jesus, é seguir o exemplo Dele. Sendo uma pobreza que deve se apresentar não apenas na falta de bens, mas nas atitudes. Elas associam a abdicação dos bens à renúncia de suas vontades próprias, significadas pelo “eu secular.”

### **2.3.3 Obediência**

Diante da necessidade de reaprender a viver de acordo com a instituição, o indivíduo se encontra fragilizado, sobretudo nos primeiros anos de formação. Assim, abre-se espaço para a obediência sem grandes questionamentos, facilitando a introdução das ideias da forma de vida. Turner (1974, p. 118) explica como se caracteriza esse período de *liminaridade* pelo qual as irmãs passam:

Seu comportamento é normalmente passivo e humilde. Devem, implicitamente, obedecer aos instrutores e aceitar as punições arbitrárias, sem queixa. E' como se fossem reduzidas ou oprimidas até uma condição uniforme, para serem modelados de novo e dotados de outros poderes, para se capacitarem a enfrentar sua nova situação de vida.

Como afirma Turner (1974), o processo de adaptação ao mundo do claustro, já deixa as irmãs em condições de fragilidade, o que contribui para a inculcação de um novo modo de vida. Desta forma, diante deste contexto de disciplinamento ao qual estão submetidas, as irmãs justificam o voto de obediência como sendo imprescindível para a convivência, para as interações sociais na vida cotidiana no interior do mosteiro, permitindo privilegiar a vida em fraternidade, característica que segundo o carisma franciscano deve marcar a vida das Clarissas. A irmã argumenta sobre a obediência:

Então para trabalhar o meu egoísmo, o meu egocentrismo, pra trabalhar as minhas carências afetivas, assim, tudo que a gente vem trazendo, tudo que tá aí fora, que a gente acha que é normal aí fora, que a gente entra, a gente diz: eu não sabia que trazia isso tudo. E o período de formação é justamente pra isso, pra trabalhar, pra ajudar a jovem perceber que ela não vai mais precisar dessas capas, agora ela é chamada a viver uma vida de obediência, ou seja, aí fora eu tenho que ser melhor, eu tenho que passar por cima, tenho que estar sempre por cima, aqui eu preciso aprender a ser obediente, a baixar a minha cabeça, a reconhecer na voz daquele, do meu superior, da minha superiora, a voz de Deus. A reconhecer na obediência não como algo que poda a minha liberdade, mas reconhecer na obediência, algo que me abre novos horizontes, porque a gente tende muito a pensar, que a obediência mutila as pessoas, que a obediência etc e tal. Como a visão daí de fora, que liberdade é fazer o que se quer, a gente chega na consciência que liberdade não é fazer o que eu quero, é fazer o que eu preciso. E a obediência vai me colocar aí, o que eu preciso fazer, na disciplina pessoal, de eu perceber talentos que eu nem sabia que tinha. Eu estava dizendo pras meninas esses dias, por exemplo, eu sou chamada na obediência à pintar uma vela. Um exemplo bem simples, eu digo: fulana pinta essa vela. Ah, irmã, mas eu não tenho jeito. Então tente aprender, se esforce pra aprender, a pessoa não sabia que tinha essa capacidade, mas provavelmente quem estava guiando já sabia, já via sinais. Então, na medida em que a pessoa vai fazendo aquilo, que de início foi mortificando, de início foi trabalhoso, teve que contrariar a minha vontade, etc e tal. Aquela obediência vai me fazer mais livre, pois eu descobri algo que eu não sabia que era capaz. Aí está a beleza dos votos que para os outros é mutilação e pra gente é libertação. (ÍRIS, 32 anos em 2016)

A voz da irmã Íris evidencia o processo de disciplinamento instaurado para que a freira possa ir aderindo as normas e regras do “mundo do claustro.

Sendo a obediência sinônimo de constituição do “eu freira”. O artigo 40 das *Constituições* explica sobre o voto da obediência:

A profissão da obediência compreende uma particular participação no ministério de Cristo obediente que, para reparar a desobediência dos homens, desceu do céu, não para fazer a Sua vontade, mas a d’Aquele que O enviou; e foi obediente até a morte, e morte de cruz. Por isso, as irmãs, à Sua imitação e ainda para melhor participação no ministério da salvação, oferecendo a Deus a renúncia plena da própria vontade como sacrifício de si mesmas, procurem em tudo cumprir a vontade de Deus; o que é considerado por S. Francisco como a máxima expressão da pobreza, e ao mesmo tempo <<empenham-se mais activamente no serviço da Igreja>>. (CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1988, p. 80-81)

A obediência que através de um olhar externo pode ser observada como submissão, para as irmãs, significa cumprir o seu compromisso com Jesus Cristo, fazendo sentido diante de sua escolha para a vida contemplativa.

### **2.3.4 Clausura**

As irmãs ao observarem a clausura<sup>52</sup> precisam passar os seus dias circunscritos ao espaço do mosteiro. O que elas relatam, por vezes, como sendo difícil, mas necessário. A irmã fala sobre as dificuldades de levar uma vida fechada, tendo em vista o processo de disciplinamento, mortificação do eu e a intensificação das sensações e sentimentos que a clausura provoca pelo próprio fato de ser fechada:

Pra gente é muito forte, porque quando a gente está aí fora, a gente tem uma visão de si, ah eu sou isso, eu sou aquilo, a gente tem aquela visão, quando a gente entra, estamos diante de nós mesmas e dentro de uma fraternidade, onde todas as irmãs vão nos conhecer, como é uma vida muito fraterna, então a gente começa a conhecer as outras, reconhece até os passos, a gente sabe até quem está vindo rrsrs, é de tão

---

<sup>52</sup> Ver o tópico “A clausura monástica” escrito por Jacquinet (2015), no qual ele argumenta sobre a presença da clausura feminina ao longo da história da Igreja Católica.



entranhada que é a fraternidade. Então não tem como a gente se esconder, porque, por exemplo, hoje eu não posso está muito bem, a outra já percebe que eu não estou bem, se eu digo uma palavra grossa a outra já vai sentir, a gente cria um nível de sensibilidade muito grande, então a gente tem que pedir perdão ao outro, de assumir que eu errei. Isso aí fora passa, aqui dentro não dá pra passar, de reconhecer os próprios erros, por exemplo, na formação, vem conversar comigo, eu digo: oi você está caminhando bem, e tal, e tal, mas tem esse ponto aqui que não está bem, você precisa trabalhar ele, isso pra um jovem é um choque, de repente alguém está vendo os meus erros, aí é um confronto muito grande (...), você aprende a se conhecer como você é, e isso provoca muito sentimento. (...) Tem que ter muito juízo, muita força de vontade e uma mente muito boa, porque se não, não aguenta, porque é uma vida fechada. (ÍRIS, 32 anos em 2016)

Outra irmã ao falar sobre a clausura enfatiza a perspectiva dos supostos benefícios do claustro, ao argumentar que ele favorece a vida de oração:

Eu também vejo aqui, depois que a gente entra realmente as coisas mudam, parece que se abrem as coisas mais na visão da gente, sabe? Foi bom pra mim porque eu posso, é como se eu pudesse ficar mais perto dele, do povo lá, sabe? Dos jovens e ajudá-los mais na minha oração, coisa que lá fora a gente não pensa muito, aqui a gente, é como que aqui a gente pudesse ajudar mais. Então pra mim nesse sentido, melhorou, me senti ajudando mais, a caridade mais, (...) aqui eu me sinto mais perto do povo, podendo ajudá-los mais. Muitas pessoas pensam que aqui a gente não pode fazer muito. Mas a gente faz de outro jeito. (LÍRIO, 31 anos em 2016).

Trata-se de uma vida voltada para o “mundo do claustro” e para o “mundo celestial”, mas também com uma imprescindível relação com o “mundo secular”.

Embora as irmãs realizem esse voto de clausura, existem situações particulares em que é permitida a saída delas do claustro, mas sempre passando pela autorização da Abadessa, do provincial dos Frades menores e do bispo da Diocese. Elas podem sair, por exemplo, para ir a um médico, para acompanhar uma irmã freira que se encontre com problema de saúde, para visitar o pai ou a mãe doente, em caso de falecimento, para acompanhar o

enterro, para votar, entre outros. As *Constituições* deixam claro em que situações as irmãs são autorizadas a deixar o claustro:

(p.86-87) Art. 53. - § 1. Além dos indultos particulares da Santa Sé, é permitida a saída da clausura: a) em caso de perigo muito grave e iminente; b) com licença da Abadessa e consentimento ao menos habitual do Bispo da diocese ou, se o houver, do Superior regular, se estiver no próprio lugar da sua residência ou no mais próximo: 1. Para consultar os médicos ou cuidar da saúde; 2. para acompanhar e visitar uma monja enferma, se for julgado oportuno pela Abadessa; 3. para fazer um trabalho manual ou exercer a necessária vigilância nos lugares situados fora da clausura mas dentro dos limites do mosteiro; 4. para exercer os direitos civis; 5. para realizar os actos de administração que de outra maneira não poderiam ser efetuados. Salvo os casos de tratamento da saúde, se a ausência da clausura tiver de ultrapassar uma semana, a Abadessa deve obter o prévio consentimento do Bispo da diocese, ou, se houver, do Superior regular. c) Fora dos casos referidos na alínea b), a Abadessa, com o consentimento do Discretório, deve pedir licença ao Bispo da diocese ou ao Superior regular, se o houver, a qual só pode ser concedida por motivo verdadeiramente grave e para o tempo realmente necessário. d) Todas as saídas concedidas a teor das alíneas a), b) e c) deste artigo não podem ser prolongadas para além de três meses sem licença da Santa Sé. § 2. Além dos casos expressos no § 1, é permitida às irmãs a saída da clausura, com licença da Abadessa e consentimento habitual do Bispo diocesano ou do Superior regular, se o houver: Para tratar dos negócios necessários do mosteiro à falta de irmãs externas (...). Para visitar o pai e a mãe gravemente doentes ou moribundos (...); mas a saída da clausura seja concedida por breve tempo, isto é, não mais do que uma semana (CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1988, p. 86-88).

Mas, quem pode entrar no Claustro? Somente as irmãs internas? Não, podem entrar no claustro o Clero Católico, as irmãs externas<sup>53</sup>, além de trabalhadores que prestem serviços imprescindíveis ao mosteiro, como foi o

---

<sup>53</sup> São as irmãs que realizaram o voto de pobreza, de castidade e de obediência, mas não realizaram o voto de clausura, elas residem nas dependências do mosteiro, porém na parte externa à clausura, essas são responsáveis por fazer a mediação entre a comunidade externa e a comunidade interna (das irmãs claustrais, ou seja, que vivem no claustro), embora atualmente o mosteiro não aceite mais freiras externas. No primeiro semestre de 2018 a comunidade decidiu que uma das irmãs claustrais iria passar o dia fora do claustro atendendo a população que procura o mosteiro, tendo em vista que as irmãs externas já não estão em boas condições de saúde devido à idade avançada. Neste sentido, as irmãs decidiram a partir de então, que para ficar responsável pelos trabalhos da área externa à clausura do mosteiro não precisa deixar de realizar o voto de clausura.

caso do nosso esposo, que entrou no claustro para realizar reparos no sistema elétrico, e do nosso tio que entrou para prestar serviço de enfermagem. As *Constituições* deixam claro:

Art. 54. § 1. Além dos indivíduos particulares da Santa Sé, é permitido o ingresso na clausura: a) aos Eminentíssimos Cardeais, que podem levar consigo alguns acompanhantes; aos Núncios e Delegados Apostólicos nos lugares da sua jurisdição; b) aos que actualmente exercem o supremo poder dos povos e às suas esposas com a comitiva; c) ao Bispo da diocese ou ao Superior regular, por causa justa; outrossim, ao Ministro Geral da O. F. M., que pode levar consigo um ou dois companheiros; d) aos Visitadores canónicos no acto da visita, somente por motivo de inspecção, os quais podem levar um companheiro; e) ao sacerdote, juntamente com os ajudantes, para administrar os sacramentos às enfermas, ou para realizar os funerais. Também se permite o ingresso ao sacerdote para assistir àquelas que sofrem de doença prolongada ou grave, e também para a celebração da Missa para as mesmas; f) igualmente ao sacerdote, com os ajudantes, para efectuar as procissões litúrgicas, a pedido da Abadessa; g) com licença da Abadessa, sob a vigilância do Bispo diocesano ou do Superior regular, se o houver, aos médicos e a outros, cujo trabalho ou atividade seja preciso para prover às necessidades do mosteiro; h) às irmãs destinadas ao serviço externo do mosteiro, segundo as *Constituições* (CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1988, p.88-89).

Também podem entrar na clausura os familiares consanguíneos de uma irmã que esteja muito doente. Vejamos como aparece nas *Constituições*:

§ 2. Além dos casos expressos no § 1, a entrada na clausura é permitida, com licença da Abadessa: ao pai, à mãe, aos irmãos e irmãs consanguíneos para visitar a filha ou a irmã gravemente doente, contando que as irmãs, para tranquilidade da sua consciência, o peçam livremente. (CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1988, p.89)

A irmã Rosa informa que passou um mês fora do claustro para cuidar do seu pai enquanto ele esteve internado, e a partir desse relato argumenta sobre como através dessa possibilidade de acompanhar o seu pai em um momento

de enfermidade foi importante para a família compreender e observar com “melhores olhos” o fato dela viver em clausura:

Um fato que assustou a eles (familiares), foi o fato de entrar na clausura e não poder mais voltar. (...) A primeira ideia que tinha, era assim: morreu, pra nós, vai ter que acostumar que ela morreu, só que no tempo, com o passar do tempo não foi assim, e não é bem assim, porque logo com um ano depois tem um mês de férias. Então, (...) antes da gente receber esse hábito, tem um mês, para decidir melhor, para, mas como férias mesmo, são os últimos rsrsrs. (...) Assim, mas para eles o que mais chamou atenção não foi nem tanto esses mês, foi que, está fazendo agora cinco anos, meu pai sofreu um acidente, e ele quebrou (...), deslocou a bacia, não fraturou não, foram fraturas leves e quando é no primeiro dia, logo quando acontece, todo mundo corre, foi um feriado de sete de setembro, e então todo mundo estava ali, vai para o hospital, uma semana, duas. Quando eu fiquei sabendo a madre me liberou, primeiro ela liberou quinze dias, mas quando eu saí ela disse que se eu precisasse mais era só ligar, que eu não me preocupasse, porque ele chegou a ir pra UTI e tudo (...), e passou-se uma semana, mas os outros todos trabalhavam e para ficar no hospital não tinha quem ficasse, a única que eles pensava que era quem menos podia contar, foi a única que eles puderam contar, porque de repente a mais distante era a mais presente, (...) então eu pude passa um mês. (...) Desde então, eles mudaram aquela visão. (ROSA, 29 anos em 2016)

A irmã Rosa, assim como a irmã Lírio, além de nos demonstrar que há exceções e que em determinadas situações as irmãs podem sair do Claustro, busca desmistificar os estereótipos criados e veiculados em torno do voto de clausura, inclusive esse é um movimento realizado por todas as irmãs com quem dialogamos, já que o maior questionamento realizado sobre elas geralmente é o voto de clausura, a partir da própria família.

Tais votos se apresentam para as irmãs como sendo necessários para a perfeita adesão aos projetos de Deus, como sendo imprescindíveis para a vida contemplativa e para a constituição do “eu freira”.

## 2.4 O juniorato ou profissão temporária e a profissão solene - votos perpétuos

A partir da realização dos votos temporários se instaura o período da profissão temporária ou o também chamado juniorato, no qual as irmãs precisam se adequar inteiramente ao ritmo das atividades realizadas no claustro. Segundo o documento “Ratio Formationis” (1997, p. 36-37):

O tempo da profissão temporária é aquele período em que a Irmã aperfeiçoa de um modo sistemático a formação inicial nos seus diversos aspectos doutrinários e práticos para ser idônea, a fim de viver integralmente a nossa forma de vida e realizar a sua missão na Igreja.

No mosteiro de Santa Clara de Campina Grande esta etapa de formação possui duração de 05 (cinco) anos. A irmã fala sobre as junioristas e as professoras solenes: “As junioristas são as que têm primeiros votos e as professoras solenes são as que têm votos perpétuos, para sempre, é bom demais, rsrsrs, é um casamento mesmo, sabe?” (GIRASSOL, 32 anos em 2016).

No final do juniorato, finalmente as irmãs realizam a profissão solene perpétua, tendo passado por 9 (nove) anos de formação conforme ordena o Papa Francisco na Constituição Apostólica intitulada “*Vultum Dei Quaerere*”<sup>54</sup> (1996):

15. Dado o contexto sociocultural e religioso atual, os mosteiros prestem grande atenção ao discernimento vocacional e espiritual, sem se deixarem tomar pela tentação do número e da eficiência; garantam um acompanhamento personalizado das candidatas e promovam para elas percursos formativos adequados, salvo restando que, à formação inicial e à formação depois da profissão temporária, «deve-se reservar um período de tempo suficientemente amplo», na medida do

---

<sup>54</sup> Até a publicação desse documento, em 2016, o mosteiro de Santa Clara de Campina Grande-PB, cumpria 8 (oito) anos de formação para a realização da Profissão Solene Perpétua.

possível **não inferior a nove anos** nem superior a doze.  
DOCUMENTO DA IGREJA, 2016, p. 08. Grifos nossos)

O ritual da Profissão Solene Perpétua demarca o final de um processo formativo disciplinar, mas o início de uma vida que requer disciplina e mortificação do eu o tempo todo. Salieta as *Constituições Gerais*: “Art. 201 § 2. Por isso, << Prossigam com diligência por toda a vida a formação espiritual, doutrinal e prática>>” (CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1988, p. 158). A irmã fala sobre essa constante mortificação do eu na vida cotidiana, afirmando que se trata de um processo que perdura pela vida toda:

Sofri muito, sofri muito, até que Deus me curasse, me libertasse. (...) Aqui né? Aqui quando a gente entra não tá pronto, é um processo de tudo, de tudo, de tudo. Assim, pra tirar a mentalidade mundana, é todo um processo, não é assim do dia pra noite. Deus é muito paciente, Deus é amor, como diz São João. Deus é muito paciente. Até que a gente mude, vá mudando de mentalidade, vá aderindo. De modo assim total a Cristo, o seu evangelho é muito chão pra andar. É um processo que vai perdurar pra toda vida. E que não é igual o processo, umas alcançam muito mais cedo que outras. Depende do seu histórico, depende da sua abertura. Cada uma é uma. Se eu tenho uma abertura maior pra Cristo, a operação vai ser mais eficaz, assim sempre é dolorosa a transformação. Que a meta é identificar com Ele. Ah, isso aí é chão. A meta aqui é Ele, a pessoa de Cristo. (AMARÍLIS, 46 anos em 2016)

Tendo “vencido” esses desafios implicados por um processo disciplinar que atinge os corpos dessas jovens, inclusive as mentes, se traduzindo em um doloroso processo, elas dão continuidade as suas vidas no claustro, ainda mais “fortalecidas”, diante do seu contexto de vida, depois de ter passado pelo ritual da Profissão Solene Perpétua, oportunidade em que confirmaram os votos realizados no final do noviciado.

O ritual se faz imprescindível nesse contexto em seu poder de propiciar essa passagem do “eu secular” para o “eu freira”, mesmo sendo importante esclarecer que as irmãs acordam a cada dia sendo exigidas a decidir-se novamente, tendo em vista, os desafios cotidianos de uma Instituição Total.

A vida monástica contemplativa consiste em um estado ritual que embora presente, preponderantemente, características de liminaridade, acabam se *rotinizando* (TURNER, 1974), embora as irmãs vivenciem as angústias e ambiguidades do processo liminar para se tornar uma freira durante toda a sua vida Institucional. Turner (1974) ao denominar como “*communitas*” esses movimentos religiosos, como a vida contemplativa, que representa certo rompimento com a estrutura social, explica essa tendência à *rotinização*:

O exagero da “*communitas*”, em alguns movimentos políticos ou religiosos do tipo nivelador, pode rapidamente ser seguido pelo despotismo, o excesso de burocratização ou outros modos de enrijecimento estrutural. Pois, tal como os neófitos, na África, na cabana da circuncisão ou os monges beneditinos, os membros de movimentos milenaristas, aqueles que vivem em comunidade parecem exigir, mais cedo ou mais tarde, uma autoridade absoluta, seja sob a forma de um mandamento religioso, de um líder inspirado pela divindade ou de um ditador. (TURNER, 1974, p.157). (...) Nos movimentos religiosos do tipo da “*communitas*” não é apenas o carisma dos líderes que se “*rotiniza*”, mas também a “*communitas*” de seus primeiros discípulos e seguidores. (TURNER, 1974, p. 162)

Mesmo com dias difíceis, no qual o mundo do claustro se mostra como totalmente diferente do que viviam antes, se configurando como uma antiestrutura em relação ao mundo secular, o disciplinamento resulta em certa *rotinização*, no sentido de conformação do “eu freira”, e assim na sua “*adaptação*” ao mundo do claustro, passando o disciplinamento a ser reproduzido e suscitado pelas próprias freiras.

E para esse processo de *rotinização*, os rituais são imprescindíveis, são eles que vão demarcando e consolidando a passagem das etapas de conformação do “eu freira”, quando o disciplinamento vai se intensificando e sendo reconhecido como legítimo.

O ritual da Profissão Solene Perpétua ocorre durante a missa e possui como uma de suas características marcantes o fato de a irmã deitar de bruços

no chão. Vejamos duas imagens de uma Profissão Solene Perpétua que ocorreu no mosteiro de Campina Grande no período de nossa pesquisa:

**Imagem 12:** Profissão Solene Perpétua



**Imagem 13:** Profissão Solene Perpétua





Para a celebração do ritual da Profissão Perpétua, a irmã sai da clausura em procissão rumo à capela externa, junto com a comunidade do mundo secular, familiares consanguíneos, padres e bispo, que irão conduzir a celebração, e com a mestra responsável pelos cinco anos de formação da etapa do juniorato.

Ao chegar ao altar da capela, a mestra e a irmã que irá passar pelo ritual permanece sempre próxima uma da outra, nos momentos em que estão sentadas, se posicionam de frente para o clero e de costas para a assembleia. Dentre os vários momentos do ritual, podemos destacar além do momento que a irmã deita de bruços no chão, o momento em que a irmã de joelhos confirma os votos, o discurso de agradecimento, e o momento final, no qual a nova Professa de votos perpétuos festeja o ritual celebrado. Vejamos algumas fotografias do momento do ritual:

**Imagem 14:** Saída da clausura em procissão até a capela externa



**Imagem 15:** Mestra e Professa Solene



**Imagem 16:** Discurso de agradecimento da nova Professa Solene Perpétua



Separadas pela grade da comunidade secular, as irmãs festejam o ritual celebrado em volta da mesa, como também comum no mundo secular, com a partilha de bolos, refrigerantes e salgados. Vejamos a fotografia:

**Imagem 17:** No espaço do locutório, comemorando a Profissão Solene Perpétua



Como pudemos observar também através das imagens, trata-se de um ritual que marca a constituição do “eu freira”, permeado entre outros elementos pelo disciplinamento, pela hierarquia do clero e pela obediência as normas e regras da Ordem de Santa Clara e do mosteiro de Campina Grande. Sendo estes momentos rituais também presenciados pela população secular, o que corrobora, como já argumentamos, para o surgimento de identificações, se desdobrando em novas opções pela vida contemplativa.

Trata-se de um processo de nascimento de novas opções por esse modo de vida e de conformação do “eu freira”, proporcionado e legitimado por toda uma caminhada na qual os agentes religiosos, com destaque as irmãs, as religiosas, já professoras solenes, que desempenham papéis fundamentais, ao empreenderem um incisivo *trabalho* cotidiano, permeado por um exercício de

ensino, aprendizagem, memorização e atualização dessas narrativas produzidas pela própria Igreja, além de um cotidiano permeado por orações, trabalhos e atendimento à população secular.

## **2.5. Vida ativa no mundo do Claustro: oração, trabalho, estudos e aconselhamento**

No novo mundo que se abre para as irmãs Clarissas com o claustro há um cotidiano e ritmo de vida cheio de atividades com horários e dias estabelecidos. Trata-se de uma vida ativa, na qual há horários predeterminados para cada coisa, divididos entre contemplação (orações), trabalho, estudos e aconselhamento, práticas que compõem o processo disciplinar que a clausura coloca em curso. E o sucesso nessas atividades é sinal de que a vocação para ser freira se confirma a cada dia. O que se aproxima da argumentação realizada por Max Weber (2004) quanto ao desenvolvimento do capitalismo, uma vez que o sucesso na vida profissional também é sinônimo de confirmação da vocação e também da predestinação.

No Claustro as irmãs realizam todas as atividades cotidianas: dormem, realizam as refeições, trabalham, rezam, estudam, brincam<sup>55</sup>, o que gera um tipo de interação particular entre elas. A atenção sobre os papéis desenvolvidos deve ser redobrada, pois o que no mundo exterior pode ser facilmente contornado, por exemplo, se ocorrer um desentendimento com um colega no trabalho, não vai afetar necessariamente nas relações familiares

---

<sup>55</sup> “Uma disposição básica da sociedade moderna é que o indivíduo tende a dormir, brincar e trabalhar em diferentes lugares, com diferentes co-participantes, sob diferentes autoridades e sem um plano racional geral. O aspecto central das instituições totais pode ser descrito com a ruptura das barreiras que comumente separam essas três esferas da vida. Em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a sequência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição” (GOFFMAN, 1974, p.17-18).

quando chegar em casa, no claustro um desentendimento impactará em todas as esferas. Sobre esse fator escreve Goffman (1974, p.41):

Na situação normal da sociedade civil, a segregação entre o papel e a audiência impede que as confissões e exigências implícitas quanto ao eu, feitas num ambiente físico de atividade, sejam verificadas na conduta em outros ambientes.

O conflito, como em qualquer relação entre seres humanos, vai existir, porém no claustro ele pode ganhar contornos ainda mais complexos. A irmã Íris fala sobre os desafios da convivência no claustro:

Conviver com pessoas, cada irmã de uma região diferente, de uma educação diferente, de um jeito de pensar diferente, é desafio! Mas de certa forma a gente aprende tanto a amar e a respeitar as irmãs que as vezes a gente termina tirando por menos, embora algumas vezes seja realmente conflitante, existe conflito mesmo, porque é obvio se eu penso diferente de você, (...) normal, de toda raça humana, num é? O desafio é comigo mesma, vencer a mim mesma, vencer a minha vontade, viver a minha vocação de irmã pobre mesmo. (ÍRIS, 32 anos em 2016)

Diante de tais desafios de convivência, intensificados pelas ambiguidades de um processo liminar submetido a um disciplinamento, cada uma das irmãs necessita de uma intensa autovigilância e uma busca constante para se adaptar a essa realidade, na qual precisa realizar todas as atividades cotidianas no mesmo espaço físico sempre em equipe.

A própria estrutura física do mosteiro favorece a essa intensificação da convivência, as irmãs estão o tempo todo se vendo e se ouvindo. O mosteiro forma um quadrado de maneira que quem está em baixo pode observar todo o movimento da casa<sup>56</sup>. Por exemplo, podem ver quando alguém passa das celas (quartos) para o refeitório.

---

<sup>56</sup> Como as irmãs se referem ao mosteiro.

Tal característica arquitetônica nos remete às estruturas das Instituições Totais do final do século XVII retratadas por Michel Foucault (2014, p. 194), as quais possuem o sistema *Panóptico*:

O panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre: esta é vazada de larga janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. (...) O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente.

Observamos que no mosteiro não há uma torre como descreve Foucault (2014) e como podemos observar em outros tipos de instituições totais mesmo nos dias atuais, por exemplo, nos presídios, mas há o efeito que o sistema panóptico proporciona de se sentir observado o tempo todo:

Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação. (FOUCAULT, 2014, p. 195)

Seguem abaixo as fotografias que mostram o mosteiro atualmente e em fase de construção no ano de 1950, revelando a estrutura a qual nos referimos:

**Imagem 18:** Construção do mosteiro em 1950.



Construção do Mosteiro em abril de 1950

**Fonte:** Revista Jubileu de Prata

**Imagem 19:** Fachada do mosteiro em 1953



Fachada do Mosteiro das Pobres Clarissas em Campina Grande - 1953

**Fonte:** Revista Jubileu de Prata

**Imagem 20:** A estrutura do mosteiro vista de cima.



**Fonte:** Site do mosteiro de Santa: <http://irmasclarissaspb.blogspot.com.br/p/fotos.html>

**Imagem 21:** Fachada do mosteiro.



**Fonte:** Site do mosteiro de Santa: <http://irmasclarissaspb.blogspot.com.br/p/fotos.html>



Além dessa estrutura de forma quadrangular intensificar a convivência entre as irmãs, a estrutura das celas<sup>57</sup> também contribuem nesta direção, pois as paredes que dividem uma cela da outra são mais baixas do que o teto, assim qualquer barulho pode ser ouvido pela irmã que está na cela ao lado, e ainda as portas das celas são de frente uma para outra, de forma que quando uma irmã sai de sua cela, por exemplo, as demais irmãs podem ouvir tranquilamente. Segue a imagem de uma das celas do mosteiro:

**Imagem 22:** Cela.



**Fonte:** Revista jubileu de 60 anos do mosteiro.

Além das celas, no claustro há uma capela interna, salas de estudos (onde são realizadas as formações/disciplinamento), salas para os diversos

---

<sup>57</sup> Pudemos apreender um pouco do que constitui o espaço físico do claustro a partir da observação de algumas fotografias disponíveis e das descrições realizadas pelas próprias irmãs, por nosso esposo e por nosso tio.

trabalhos realizados (produção de partículas (Hóstias), de velas, confecção de paramentos e artesanatos), há também cozinha, refeitório, banheiros de uso coletivo, lavanderia, alguns quartos com suíte, jardim e cemitério. Podemos observar algumas dessas dependências nas fotografias abaixo:

**Imagem 23:** Porta de entrada da Clausura



**Imagem 24:** Altar da Clausura



**Fonte:** Site do mosteiro de Santa Clara. <http://irmasclarissaspb.blogspot.com.br/p/fotos.html>

**Imagem 25:** Pátio da clausura



**Fonte:** Site do mosteiro de Santa: <http://irmasclarissaspb.blogspot.com.br/p/fotos.html>

**Imagem 26:** Jardim da clausura



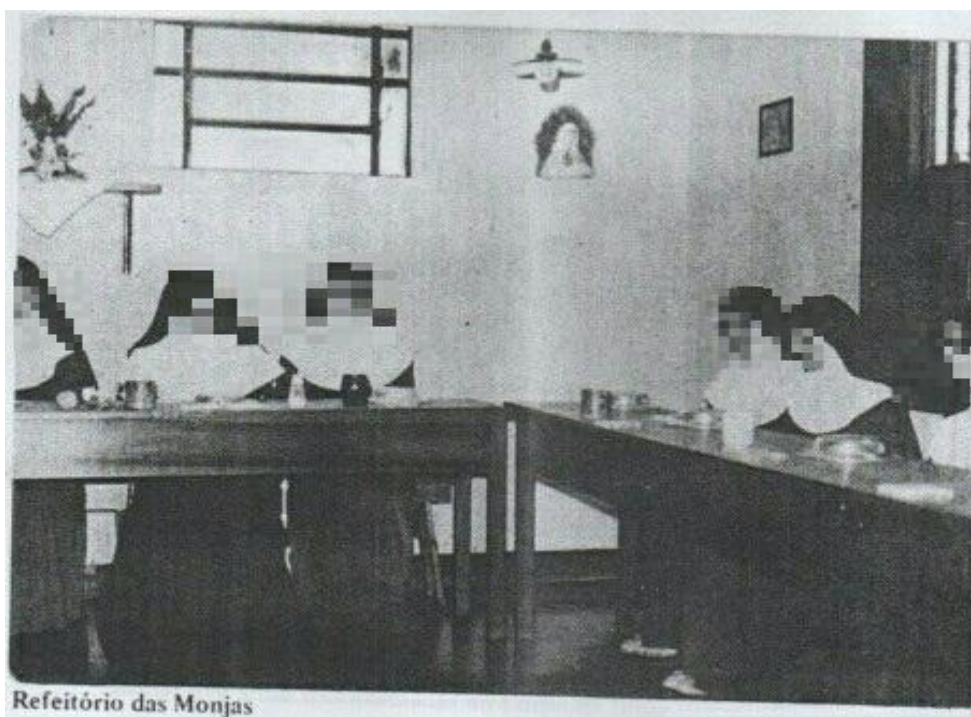
**Fonte:** Revista jubileu de 60 anos do mosteiro.

**Imagem 27:** Imagem de São José



**Fonte:** Site do mosteiro de Santa: <http://irmasclarissaspb.blogspot.com.br/p/fotos.html>

**Imagem 28:** Foto antiga do refeitório das freiras



**Fonte:** Revista Jubileu de Prata

A área do claustro remete à ideia de um lugar especial propício ao recolhimento, à oração e assim à intimidade com Deus, tendo em vista ser um lugar em que se faz predominante a presença de elementos da natureza, como o jardim, e a observância do silêncio.

A contemplação ao Cristo é o cerne do modo de vida da Ordem das Clarissas, por isso no mosteiro há duas capelas: uma interna ao claustro e outra externa. Todas as vezes que as irmãs precisam se dirigir à capela externa, elas ficam em uma sala ao lado do altar, chamada de “sala do coro”, pois é neste espaço que as irmãs cantam durante as missas e em todos momentos vivenciados na capela externa.

A capela externa é aberta aos visitantes das 05h00 (cinco horas) da manhã até às 11h30 (onze horas e trinta minutos) e das 14h00 (quatorze horas) até às 17h00 (dezessete horas), de segunda a sábado, e no domingo é aberta das 05h00 (cinco horas) da manhã até às 11h30 (onze horas e trinta minutos). Durante todo esse período, além das missas, novenas, orações e terços rezados em horários determinados, como mostraremos na sequência, na capela é exposto o santíssimo (Jesus na Hóstia), assim a capela está sempre recebendo fiéis.

A Capela de Santa Clara é conhecida pelos católicos da cidade como um lugar silencioso, propício para a realização de orações. E mais que isto uma lugar marcado pela *excepcionalidade* do transcendental, onde as orações podem chegar mais depressa a Deus, tendo em vista a presença do santíssimo diariamente e as orações contínuas das irmãs. Menezes (2004, p.74) ao escrever sobre o convento de Santo Antônio, localizado no Rio de Janeiro – RJ, também faz menção à identificação de uma excepcionalidade: “Os elementos que permitem identificar essa excepcionalidade estão referidos à tranquilidade que se pode desfrutar no prédio, à sua antiguidade, à sua permanência ao longo da história, à singularidade de sua arquitetura”.

As irmãs e as vocacionadas apontam esse sentimento e percepção em relação à capela externa também como uma das motivações que as impulsionaram para sua decisão pelo claustro. No capítulo quatro voltaremos a escrever sobre essa excepcionalidade da Capela de Santa Clara da cidade de Campina Grande - PB, trazendo as vozes dos nossos interlocutores.

Segue abaixo a imagem da capela externa, tanto da fachada, quanto do espaço interno, onde podemos observar a “sala do coro”:

**Imagem 29:** Frente da Capela externa.



**Fonte:** Site do mosteiro de Santa Clara: <http://irmasclarissaspb.blogspot.com.br/p/fotos.html>

**Imagem 30:** Interior da capela externa.



**Imagem 31:** Altar da capela externa.



**Imagem 32:** Sala do Coro.



Contudo, as orações não acontecem apenas quando as irmãs estão nas capelas, a oração e o silêncio devem acompanhar todas as atividades desenvolvidas no mosteiro. Tendo as irmãs abdicadas dos seus bens, elas garantem a sobrevivência não somente com as doações dos benfeitores, ofertas e dízimos, mas também com o dinheiro arrecadado com os trabalhos desenvolvidos na casa (mosteiro). Segundo a *Regra* de Santa Clara (1988, p.27): “19. As irmãs, às quais o Senhor deu a graça de poderem trabalhar, depois da Tércia entreguem-se a um trabalho honesto e de comum utilidade”. Logo depois da oração deve vir o trabalho, mas sem perder o clima de oração e silêncio.

As irmãs se dividem para a realização das atividades domésticas, entre elas a limpeza do mosteiro e o cozimento de todas as refeições do dia, além de se dedicarem ao artesanato, produção de Hóstia, velas e biscoitos, que são vendidos para a comunidade. Esses produtos são expostos no locutório próximo a capela, quando alguém chega para comprar é só chamar na cigarra que uma irmã vem atender, elas se revezam assim como em todas as atividades realizadas no mosteiro, e em dias festivos esse locutório também fica com as cortinas abertas, com a presença de irmãs prontas para o atendimento.

Além de se dedicarem à produção desses artigos religiosos destinados à venda, as irmãs também empreendem os seus esforços na arte da costura, produzindo, por exemplo, as suas vestes, cortinas e toalhas de mesa, e ainda cultivam uma pequena horta. Assim, com o trabalho realizado no interior do claustro, as irmãs conseguem arrecadar dinheiro para ajudar na subsistência.

Além do trabalho, as irmãs têm os momentos de estudos bíblicos e dos documentos da Ordem e da Igreja, quando ouvem explicações, realizam leituras e escritas, principalmente quando ainda não são professoras solenes. As jovens não professoras têm seus horários de estudo com maior frequência e contam com o ensino da mestra correspondente a sua etapa de formação.

O cotidiano com o ritmo acelerado e considerado “duro”, difícil, por vezes, faz parte do processo de disciplinamento para se tornar uma professora solene perpétua, uma freira que busca a cada dia mais ser santa. Faz parte do processo de docilização dos corpos para deixar morrer as subjetividades da mulher secular e fazer nascer, criar, a mulher religiosa e santa. Muitas das



jovens relatam sobre as dificuldades de se adaptar ao ritmo de trabalho, estudos e oração exigido pelo mosteiro, não cabendo à jovem decidir sozinha, por exemplo, o horário em que deseja acordar. Elas devem acordar no horário determinado pela Instituição.

É uma vida intensa mesmo, é uma vida intensa, não pode ser na moleza não. Se ficar na moleza, a gente já levanta com a decisão, porque é frio de manhã, né? Todo o dia, as 4h40 (quatro e quarenta), todo o dia. (...) Tem dia mesmo que eu vou dormir 11h00 (onze horas), preparando, e me acordo de 4h40 (quatro e quarenta). (AMARÍLIS, 46 anos em 2016)

Segundo a *Regra* que orienta o modo de vida das irmãs, os trabalhos devem ser realizados em clima de fraternidade, as irmãs devem ficar sempre juntas, mas em silêncio, elas devem primar pelo silêncio durante todo o dia, podendo falar apenas o necessário, tendo apenas um horário de recreação, no qual podem falar à vontade durante o período de uma hora em cada dia, que atualmente, no mosteiro de Campina Grande, ocorre das 19h00 (dezenove horas) às 20h00 (vinte horas), de segunda a sábado e durante todo o domingo, pois é um dia em que é preciso apenas realizar as orações comuns, pode usar o restante do horário para recreação. Elas vivem o silêncio, pois o privilégio, como afirmamos acima, deve ser concedido à oração. O artigo Art. 81. § 2 das *Constituições* expressa: O silêncio tanto exterior como interior observa-se no mosteiro de S. Damião; por isso, a Madre Santa Clara ensinava suas irmãs <<a expulsar da morada do espírito todo o ruído, para poder estar atentas aos mistérios de Deus só>> (CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1988, p. 102).

Por isso o silêncio precisa fazer parte do cotidiano das irmãs. Segundo o “Art. 82 § 1: Observe-se também fielmente o silêncio para ordenar o trabalho e o descanso das irmãs, conforme a *Regra* admoesta: <<As irmãs guardem silêncio continuamente na igreja, no dormitório, no refeitório enquanto comem>>” (CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1988, p. 102-103). A *Regra* de Santa Clara também admoesta, destacando que o silêncio pode ser quebrado, não apenas no momento do recreio, mas também quando se está cuidando de uma irmã enferma:

14. Desde a hora de Completas até Tércia, as irmãs devem guardar silêncio, com exceção daquelas que servem fora do mosteiro. Guardem também sempre silêncio na Igreja, no dormitório e no refeitório durante a refeição; na enfermaria é sempre permitido às irmãs falar discretamente para recreação e serviço das doentes. Podem, entretanto, sempre e em toda a parte, em poucas palavras e em voz baixa, comunicar o que for necessário. (REGRA DE SANTA CLARA, 1988, p.23-24)

De acordo com os documentos da Ordem de Santa Clara, atender aos doentes é um elemento importante na construção de uma freira. A Bíblia Sagrada ordena o cuidado para com os doentes, uma vez que a caridade é um dos preceitos defendidos e praticados por Jesus Cristo em sua passagem na terra, e São Francisco e Santa Clara, segundo as suas biografias se decidem pela Ordem para se dedicar a Deus, e nesta missão, os pobres e os doentes também tinham destaque, a pessoa de Cristo deve ser reconhecida na face dos pobres. As irmãs Clarissas precisam se dedicar aos doentes, sendo uma missão cuidar das irmãs mais idosas, além do fato de que a Igreja Católica aponta o cuidado com os doentes como um dever do cristão para que tenha os seus pecados perdoados, sendo imprescindível no “caminho da santidade”.

Intercalada com os trabalhos desenvolvidos na casa (mosteiro), a vida de oração é também organizada segundo as *Regras* de Santa Clara, as *Constituições* das irmãs pobres e o contexto ao qual o mosteiro está inserido. Segundo as *Constituições*, a oração precisa estar sempre presente:

Art. 58 – O espírito <<da santa oração e devoção, ao qual devem servir todas as coisas temporais>> e que constitui o meio de manter a relação íntima entre o Esposo Jesus Cristo e a esposa voltada inteiramente para este fim, alimenta-se principalmente daquelas formas de oração, que constituem tanto o princípio como o auge da nossa vida – a saber, da celebração da Eucaristia, da Liturgia das Horas e ainda da oração pessoal. Art. 59 – Mas esta união contemplativa com Jesus continua na nossa vida cotidiana: na nossa pobreza, no trabalho, na vida humilde, nas tribulações, nas relações com as outras pessoas ou também com as criaturas irracionais. Por outras palavras, todas as coisas devem oferecer a ocasião de sustentar e encorajar <<o espírito de oração e devoção>> (CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1988, p. 93-94).

Como orienta o artigo 58 das *Constituições*, os momentos de oração das irmãs se manifestam principalmente nas celebrações da Eucaristia (missas), na Liturgia das Horas<sup>58</sup>, e nos momentos de oração pessoal. A vida de oração do mosteiro é rigorosamente organizada em um calendário de horários e de determinações de atividades destinadas a cada irmã. Expressam os artigos 61, 63 e 64:

Art. 61 – Seja principal cuidado de todas as irmãs que a celebração, devidamente preparada, do Sacrifício Eucarístico e da Liturgia das Horas constitua, na verdade, o cerne e o cume de toda a vida de fraternidade. (...) Art. 63 – Para celebrar a Eucaristia e a Liturgia das Horas, haja um calendário da Ordem Franciscana; todavia, por causa da presença dos fiéis, é permitido usar o calendário e o Missal da Diocese. Art. 64 - § 1. Como a Liturgia das Horas é <<a voz da Esposa que fala ao Esposo, mais ainda, a oração de Cristo com o Seu Corpo ao Pai>>, as irmãs celebrem-na digna e devotamente, lembrando-se de que, <<cantando os louvores de Deus, estão diante do Seu trono em nome da Igreja nossa mãe>>, de tal modo que seja consagrado todo o decurso do dia e da noite. (CONSTITUIÇÕES GERAIS, 1988, p. 94-95)

As irmãs iniciam o dia antes mesmo de tomar café se dirigindo em procissão ao espaço do coro para entoar a primeira oração do dia, a chamada pela liturgia das horas de Laudes. Assim como explica o art. 64, a liturgia das horas é a voz da Esposa que fala ao Esposo, a irmã Íris também explica com a mesma habilidade pedagógica que esclarece para as irmãs em período de formação/disciplinamento, que a primeira oração da liturgia das horas expressa que o primeiro bom dia das irmãs é para o esposo, por isso ao acordar se dirigem a “sala do coro” para a “oração da Laudes”, às 5h00:

Nós despertamos cedo, que é o que? Quatro e quarenta (4h40) da manhã, varia de mosteiro pra mosteiro, a gente aqui desperta de quatro e quarenta, quando é cinco horas (5h) é a primeira oração do dia, é chamada de laudes. (...) Aí, laudes, louvor, é o primeiro louvor do dia, a primeira voz oferecida a Deus, o primeiro canto é Dele. Então nós acordamos, fazemos

---

<sup>58</sup> Orações realizadas em horas predeterminadas – laudes, vésperas, ofício das Leituras, hora média (terça, sexta e nona) e completas.

a nossa higiene pessoal em silêncio. Pra despertar é um sino que toca e acorda todo mundo. Todo mundo levanta em silêncio, faz a higiene pessoal, desce em silêncio, vai todo mundo para a capela, quando é de cinco horas (5h), aí a madre dá início a oração. Então, o nosso primeiro som, a primeira voz, a primeira palavra é Dele. Laudes, o primeiro Louvor. (ÍRIS, 32 anos em 2016)

Depois da oração de Laudes, as irmãs se preparam para a missa que é celebrada diariamente às 6h00 (seis horas). As missas são celebradas na maioria das vezes por freis da Ordem dos Frades Menores, e ocasionalmente por padres diocesanos, mas a preferência é sempre pelos frades. Explica a irmã Íris:

Terminando Laudes, aí isso termina mais ou menos cinco e meia (5h30), aí nós ficamos na capela se preparando para a Santa missa que é de seis (6h). Aí o que acontece? Nesse intervalo de cinco e meia (5h30) às seis (6h) também tem os trabalhos que entram, porque a gente faz rodízio na cozinha. Aí, o que acontece? Cada dia na semana uma irmã assume a cozinha. Então, nesse horário de cinco e meia (5h30) aquela irmã que é da cozinha naquele dia, ela vai pra cozinha preparar, adiantar o café da manhã das irmãs. A outra irmã que é da enfermaria já vai adiantar o café da manhã da enfermaria. E uma outra irmã vai prepara o café da manhã quando tem visita, ou quando o padre vai tomar café. A gente se divide assim. Aí as outras irmãs ficam se preparando mesmo para a missa, fazendo uma leitura espiritual, lendo, é um horário de leitura, sabe? De cinco e meia (5h30) as seis (6h). Às seis horas tem a santa missa. (ÍRIS, 32 anos em 2016)

Após a missa, as irmãs rezam a primeira hora menor, a tercia, cujo o horário seria às 9h00 (nove horas, mas como já afirmamos, de acordo com o contexto do mosteiro o horário pode variar. No mosteiro das Clarissas de Campina Grande a tercia é rezada um pouco depois da missa, ou seja, um pouco antes das 9h00 (nove horas) na capela interna. A irmã fala sobre a oração da tercia:

Quando termina a santa missa nós rezamos a primeira hora menor, as horas menores são tercia, sexta e noa, são as três

horas menor, antigamente tinha prima, só que aí a Igreja tirou, porque prima era rezada de que horas, Jesus? Três (3h) da manhã. Aí tirou prima, então aí é terça, que é a primeira, seria a oração das nove horas (9h), sexta que é a de meio dia (12h) e noa que é de três da tarde (15h). Aí o que acontece as organizações dessa hora varia de mosteiro para mosteiro, tem mosteiro que reza cada hora na sua hora própria mesmo, terça de nove da manhã (9h), sexta de meio dia (12h), e noa de três da tarde (15h), varia da organização de cada mosteiro. A gente em casa faz assim: termina a santa missa, aí fazemos um pouco de ação de graças e entramos para a capela. Não sei se você percebeu quando veio? (...) Então, começamos a oração de terça, então rezamos a primeira hora menor. (Íris, 32 anos em 2016)

Terminado a oração da terça, as irmãs seguem em procissão para o refeitório, o que busca demonstrar a vida em fraternidade. “A vida fraterna – fraternidade – é o segundo eixo da nova forma de vida inaugurada em São Damião” (BENVENUTA, 1989, p. 7). Durante a caminhada e/ou procissão para o refeitório seguem rezando e cantando. Após a ladainha finalmente as irmãs chegam ao refeitório para tomar café.

Quando termina a primeira hora menor, nós nos dirigimos pro refeitório, a gente vem em procissão. Atualmente a gente tá rezando a ladainha de São José pedindo chuva. Aí todo dia quando termina esse ofício de terça, a gente sai em procissão, tem uma imagem de São José bem grande aqui no claustro. Entra em procissão, aí se ajoelha todo mundo diante da imagem de São José rezando a ladainha pedindo chuva, aí quando termina a gente vem para o refeitório para tomar café. (ÍRIS, 32 anos em 2016)

Após o café é preciso arrumar a cozinha, assim as irmãs se dividem, algumas vão lavar a louça, outras vão para a meditação, que pode ser realizada na capela interna diante do santíssimo ou no jardim, pois uma ou duas vezes na semana as irmãs são liberadas para realizar a sua meditação também no jardim do mosteiro. Explica a irmã com riqueza de detalhes:

Terminando de tomar café, um grupo de irmãs vão lavar a louça que ficou. Então, vai organizar a cozinha. E aí quem não pode ficar, tem outras coisas, aí vai pra capela, porque tem o

horário da meditação, que é como? É hora de oração particular, então a gente vai meditar sobre a palavra de Deus, sobre algum texto fonte de nossa espiritualidade, algum livro de espiritualidade, é hora de meditação, aquela é hora reservada realmente pra meditar. Pra parar diante de Deus e meditar sobre alguma coisa, Dele. Alguns dos atributos Dele. E aí, geralmente as nossas meditações, como o santíssimo fica exposto na nossa capela, o dia todo, graças a Deus, aí normalmente as nossas meditações são na capela, só que aí uma ou duas vezes por semana as irmãs ficam livres para ir pro jardim, porque o jardim é bem grande, quando está chovendo é bem florido, bem verde, quando não está chovendo, mas tudo bem, tem sua beleza. Aí as irmãs podem ir também pro jardim pra fazer essa meditação, então fica esse momento lá. (ÍRIS, 32 anos em 2016)

Paralelo a essa vida ativa e intensa de oração e trabalho no interior do Claustro, que se inicia no mosteiro de Campina Grande às 4h40, as irmãs também desenvolvem o aconselhamento junto à comunidade externa ao mosteiro. As pessoas podem marcar horários com as irmãs para conversar e nestes momentos elas ouvem as pessoas e realizam aconselhamento sempre a partir da perspectiva religiosa.

E é também através deste atendimento ao público que novas mulheres, geralmente as jovens, acabam se interessando pela vida em clausura. O trabalho de aconselhamento das irmãs ao acionar as narrativas religiosas do surgimento da Ordem de Santa Clara e de fundação do mosteiro, passando pela história de vida de São Francisco e de Santa Clara, associado com a expressão de alegria e testemunho de vida das irmãs ao relatarem sobre o estilo de vida cotidiano no mosteiro têm contribuído para o convencimento de novas irmãs e, por conseguinte, para o chamado florescimento do mosteiro de Santa Clara em Campina Grande – PB, mesmo em pleno século XXI. No próximo capítulo, retomaremos os fatores já indicados e apontaremos outros que corroboram para a opção pelo claustro na contemporaneidade.



### **CAPÍTULO III:**

“A minha opção pela clausura foi antes uma escolha de Deus, depois nasceu um profundo desejo de doar-me totalmente ao Senhor” (VIOLETA, 32 anos em 2018)

#### **A DECISÃO PELA VIDA CONTEMPLATIVA NO MOSTEIRO DE SANTA CLARA EM CAMPINA GRANDE - PB EM PLENO SÉCULO XXI**

O mosteiro de Santa Clara de Campina Grande atualmente possui 25 (vinte e cinco) freiras, sendo 3 (três) do postulante, 2 (duas) do noviciado, 2 (duas) do juniorato e 18 (dezoito) professas solenes. De todas essas, 19 (dezenove) estão no claustro e 6 (seis) na parte externa do mosteiro. Segue abaixo uma tabela a qual mostra a população total do mosteiro<sup>59</sup> em 2018:

---

<sup>59</sup>Dados colhidos em julho de 2018.

**Tabela 3<sup>60</sup>:** Dados relativos à população total do mosteiro em 2018

	<b>Ano de Ingresso</b>	<b>Idade no Ingresso</b>	<b>Idade Atual</b>	<b>Fase de Formação</b>	<b>Etnia/Cor</b>	<b>Grau de Instrução</b>	<b>Naturalidade</b>
<b>1.</b>	1955	18	80	PSP (externa)	Branca	Superior	Ingá – PB
<b>2.</b>	1958	24	84	PSP (externa)	Branca	Ensino Fundamental	Campina Grande - PB
<b>3.</b>	1958	23	84	PSP	Parda	Ensino Médio	Jupi – PE
<b>4.</b>	1958	19	79	PSP (externa)	Parda	Ensino Médio	Santa Cecília – PB
<b>5.</b>	1959	18	80	PSP (externa)	Branca	Ensino Médio	Santa Terezinha - PE
<b>6.</b>	1976	28	70	PSP (externa)	Branca	Médio incompleto	Campina Grande- PB
<b>7.</b>	1984	26	60	PSP (externa)	Parda	Ensino Fundamental	Água Nova – RN
<b>8.</b>	1999	40	61	PSP	Parda	Ensino Fundamental	Macaíba – RN
<b>9.</b>	2002	18	34	PSP	Parda	Ensino Médio	Lagarto – SE
<b>10.</b>	2003	19	34	PSP	Branca	Superior incompleto	São João – PE
<b>11.</b>	2005	18	31	PSP	Parda	Médio incompleto	Garanhuns- PE
<b>12.</b>	2005	24	36	PSP	Branca	Superior	Campina Grande - PB
<b>13.</b>	2006	19	32	PSP	Branca	Ensino Médio	Garanhuns- PE
<b>14.</b>	2007	23	34	PSP	Parda	Ensino Médio	Escada – PE
<b>15.</b>	2008	21	31	PSP	Parda	Ensino Médio	Santa Filomena - PE

<sup>60</sup> As categorias Ano de Ingresso, Idade no Ingresso, entre outras, presentes na tabela foram elaboradas com a intenção de trazer ao leitor informações que ajudem a compreender quem são as irmãs que compõem a comunidade religiosa das Clarissas na atualidade.



16.	2008	23	33	PSP	Parda	Ensino Médio	Caetés – PE
17.	2009	20	29	Juniorista	Negra	Superior incompleto	Campina Grande – PB
18.	2011	24	32	Juniorista	Branca	Ensino Médio	Juazeirinho – PB
19.	2014	32	35	Noviça	Branca	Ensino Médio	Canhotinho – PE
20.	2014	20	23	Noviça	Parda	Superior	Campina Grande – PB
21.	2018	19	19	Postulante	Branca	Superior incompleto	Campina Grande – PB
22.	2018	18	18	Postulante	Parda	Ensino Médio	Queimadas – PB
23.	2018	18	19	Postulante	Parda	Superior incompleto	Garanhuns – PE
24.	Não informado (Não lúcida)	Não informado (Não lúcida)	72	PSP	Negra	Ensino Fundamental	Recife – PE
25.	Não informado (Abadessa)	Não informado (Abadessa)	74	PSP	Branca	Superior	Santa Rita – RN

\*PSP - Professora Solene Perpétua

**Fonte:** Nossa autoria

A tabela demonstra que das irmãs mais idosas do mosteiro, a maioria é da parte externa ao claustro, o que explica o fato de uma irmã da clausura ter sido designada para contribuir com as atividades externas, como afirmamos no capítulo anterior.

Em geral as irmãs entram para a vida em clausura por volta dos 18 (dezoito) anos, como recomenda a *Regra e Constituições* da Ordem de Santa Clara. Apenas 2 (duas) irmãs entraram com mais de 30 (trinta) anos, o que contribui para a manutenção e longevidade da comunidade, na medida em que proporciona um equilíbrio no que diz respeito a presença de irmãs de diferentes faixas etárias.

Outra característica que merece destaque com relação à população do mosteiro é o fato de existir apenas duas freiras negras, revelando que ser freira ainda faz parte de uma alternativa social de privilégio, pois sendo à população negra, historicamente no Brasil, destinados espaços de desprestígio social, o mosteiro se apresenta como mais um âmbito que expressa que o direito à equidade de participação da população negra ainda não é um direito social efetivado.

Quanto à escolaridade, a maioria das irmãs ingressa no claustro tendo concluído o Ensino Médio, seguindo no geral as orientações presentes na *Regra* e nas *Constituições*. Tal informação contribui para dirimir a suposição de que a decisão pelo claustro seria resultado de falta de perspectivas sociais, pois a maioria está dentro de uma faixa etária e com uma escolaridade que apontam para inúmeras possibilidades e alternativas sociais. Tendo 4 (quatro) com escolaridade em nível superior e 4 (quatro) tendo desistido da universidade para aderir a vida contemplativa, demonstrando ainda mais a existência de alternativas sociais.

Podemos observar ainda que a maioria das irmãs é natural da Paraíba e de Pernambuco, evidenciando que optar especificamente pelo mosteiro das Clarissas de Campina Grande - PB se deve também a proximidade de sua localização em relação as suas cidades de origem.

Também podemos verificar na tabela que o mosteiro tem sempre acolhido novas mulheres e obtido sucesso no processo de constituição do “eu freira”. Considerando que as irmãs mais idosas foram falecendo, há ao longo dos anos, a partir dos anos 2000, ou seja, no século XXI, uma regular procura pela vida em clausura a cada ano, o que podemos constatar também na tabela a seguir, a qual mostra não apenas as irmãs que permaneceram no claustro, mas as que saíram ou por decisão própria ou por decisão das demais irmãs:

**Tabela 4:** Mulheres que procuraram a vida contemplativa no mosteiro da Ordem de Santa Clara em Campina Grande - PB desde o ano 2000

Estado de Origem	Ano de entrada na clausura	Ano de saída ou permanência
1. Pernambuco	2000	Demitida em 2003
2. Sergipe	2001	Demitida em 2002
3. Bahia	2001	Permanece (Foi contribuir em outro mosteiro Clarissas)
4. São Paulo	2001	Demitida em 2002
5. Paraíba	2001/2004	Pediu para sair em 2001/2004
6. Pará	2001	Demitida em 2002
7. Maranhão	2002	Demitida em 2003
8. Paraíba	2002	Pediu para sair em 2002
9. Sergipe	2002	Permanece
10. Pernambuco	2003	Pediu para sair em 2003
11. Pernambuco	2003	Demitida em 2003
12. Pernambuco	2003	Permanece
13. Paraíba	2003	Pediu para sair em 2004 (Por motivo de saúde)
14. Pernambuco	2004	Permanece (Foi contribuir em outro mosteiro Clarissas)
15. Pernambuco	2004	Demitida em 2004
16. Bahia	2004	Demitida em 2004
17. Sergipe	2004	Pediu para sair em 2005 (Por motivo de saúde)
18. Pernambuco	2005	Pediu para sair em 2005
19. Rio Grande do Norte	2005	Pediu para sair em 2005
20. Pernambuco	2005	Permanece (Foi contribuir em outro

			mosteiro Clarissas)
21.	Pernambuco	2005	Permanece
22.	Pernambuco	2005	Demitida
23.	Sergipe	2005	Demitida
24.	Paraíba	2005	Permanece
25.	Paraíba	2005	Demitida
26.	Pernambuco	2006	Permanece
27.	Ceará	2007	Pediu para sair em 2007
28.	Pernambuco	2007	Saiu
29.	Pernambuco	2007	Saiu
30.	Pernambuco	2007	Demitida
31.	Pernambuco	2007	Permanece
32.	Pernambuco	2008	Permanece
33.	Pernambuco	2008	Permanece
34.	Paraíba	2009/2014	Saiu em 2011 para cuidar da mãe com AVC / Permanece
35.	Paraíba	2011	Permanece
36.	Paraíba	2012	Pediu para sair em 2013
37.	Paraíba	2013	Pediu para sair em 2013
38.	Paraíba	2013	Pediu para sair em 2016
39.	Pernambuco	2014	Permanece
40.	Paraíba	2014	Permanece
41.	Não informou no caderno de ata	2015	Pediu para sair em 2015
42.	Paraíba	2015	Pediu para sair em 2017
43.	Não informou no caderno de ata	2016	Pediu para sair em 2016
44.	Paraíba	2017	Demitida em 2018
45.	Paraíba	2018	Permanece
46.	Paraíba	2018	Permanece
47.	Pernambuco	2018	Permanece

**Fonte:** Caderno de ata do Mosteiro da Ordem Clarissas de Campina Grande – PB

Como verificamos na tabela acima, há uma regularidade na procura pela vida contemplativa no referido mosteiro, apenas em 2010 não houve nenhuma procura. E o encontro vocacional realizado pelo mosteiro se apresenta como uma das forças que impulsionam para que mulheres realizem essa opção de vida. O *trabalho religioso* (BOURDIEU, 2011) realizado pela Igreja Católica e

por seus agentes, padres, freis e freiras são fundamentais para o florescimento<sup>61</sup> do mosteiro.

As irmãs, como já afirmamos, realizam todos os anos um encontro vocacional. Atualmente há três jovens vivenciando o postulante, que são frutos desse último encontro vocacional, além de outras jovens que já vêm sendo acompanhadas, ou seja, participando do vocacional. Tivemos a oportunidade de estabelecer diálogos gravados com duas dessas jovens que entraram para a vida em clausura em 2018, além de ter dialogado com outras três vocacionadas, duas que ainda aguardam o momento de sua entrada e uma que entrou em 2017, mas saiu em 2018, por as irmãs terem julgado que era melhor a sua demissão por questões de convivência e vocação<sup>62</sup>. Mesmo a vocacionada tendo nos revelado de maneira informal<sup>63</sup> que ainda se considera uma vocacionada e que está em oração para voltar para o mosteiro Clarissas de Campina Grande-PB e/ou para outro mosteiro. Situação que revela que a decisão pelo claustro depende, sobretudo, da decisão da comunidade. Estabelecer uma relação de fraternidade com as demais irmãs se faz imprescindível.

Voltando a discutir sobre o que conduz mulheres a decisão pela vida contemplativa, podemos afirmar que um dos principais motivos que as têm conduzido é o trabalho de acolhimento e disciplinamento realizado pelas irmãs, no período do vocacional, que tem como responsável a mestra do noviciado. A atuação dessa mestra pode ser entendida como o exercício de uma liderança carismática, no termos de Max Weber (1997), na medida em que é dotada de um poder natural concedido por Deus, o que propicia uma espécie de encantamento ao cumprir a sua missão de forma extremamente persuasiva e de maneira enérgica. Escreve o referido autor: “Dominação carismática em virtude de devoção afetiva à pessoa do senhor e a seus dotes sobrenaturais (carisma) e, particularmente: a faculdades mágicas, revelações ou heroísmo, poder intelectual ou de oratória” (WEBER, 1997, p. 134-135).

---

<sup>61</sup> Termo empregado pelas irmãs, que significa o mesmo que o surgimento de novas opções pela vida contemplativa.

<sup>62</sup> Como uma das mestras nos revelou em uma conversa informal.

<sup>63</sup> A Jovem não aceitou estabelecer um diálogo gravado para explicar com maior detalhe o motivo de sua dispensa, afirmando que teria receio de falar algo que desagradaria às irmãs, tendo em vista ainda o seu desejo de ser freira.

Nas narrativas das jovens vocacionadas se destaca a admiração pelas irmãs e, sobretudo, pela referida mestra, demonstrando a existência dessa dominação carismática a qual estamos mencionando. O frei se refere à importância de encontrar no mosteiro o acolhimento: “Então, a importância do mosteiro tá justamente nisso, num é? Ser um local de escuta das pessoas, um local de acolhimento” (FREI DA ORDEM DOS FRADES MENORES – Guardião do mosteiro das Clarissas de Campina Grande, 56 anos em 2017).

Quando perguntamos a botão de Rosa 1 sobre como foi o primeiro contato com o mosteiro, ela responde destacando sua admiração pela mestra que acompanha as vocacionadas, comprovando a existência de uma *dominação carismática* (WEBER, 1997):

**A abençoada irmã** ... (informa o nome da mestra) rrsrrsrs, foi com ela, (informa o nome da jovem vocacionada que a levou para conhecer o mosteiro) me levou para conhecer, a gente foi conversando, se queria conhecer, aí eu disse que achava interessante, muito bonito, já queria ter vindo, mas não tinha coragem, aí ... chamou e eu vim conhecer, e aí no meio da conversa, ela me chamou pra participar do vocacional que ia acontecer, e aí eu vim pra esse vocacional o meu primeiro contato com todas foi no vocacional, até então eu sou tinha conhecido a irmã ... (mestra). (BOTÃO DE ROSA 1, 27 anos em 2016. Grifos nossos)

O trabalho *carismático* da mestra, firme e ao mesmo tempo doce, com uma formação adequada aos objetivos da instituição, tem feito a diferença. Todas as vocacionadas afirmaram que estabeleceram uma relação de admiração e confiança com ela. A jovem, botão de Rosa 3, destaca a forma compreensiva com que a mestra a trata e a sua capacidade de aconselhamento:

O acompanhamento tá sendo bem interessante, já faz um ano que tô sendo acompanhada e eu pude assim é, perceber que eu progredi bastante, desde o primeiro encontro até atualmente. Na vivência espiritual e na convivência com as pessoas aqui fora. Eu sei que eu me abri bastante, a escutar mais o outro, a entender mais, a me colocar mais no lugar do outro, e querer ter também uma convivência maior com Deus, assim, essa ligação que eu tive com o mosteiro me aproximou

muito mais Dele do que como eu era antes. (...) **Ela é uma mestra excelente, ela sabe acolher, compreender a situação da pessoa, ela sabe de todos os desafios que a gente passa pra poder tentar entrar na Ordem, né? Se for da vontade de Deus. E ela nos entende assim de uma forma que eu fico surpresa**, que tem coisas que a gente compartilha com ela que a gente pensa que é um problema grande, mas pra ela não, ela nos mostra uma nova face pra esse problema, uma nova solução assim, que a gente não consegue enxergar. (BOTÃO DE ROSA 3, 18 anos em 2017. Grifos nossos)

Através desses aconselhamentos são suscitadas identificações por essas “figuras” femininas, e pelo modo de vida vivenciado por elas. Trata-se de um trabalho disciplinar que dirime dúvidas quanto ao modo de vida das irmãs e, ao mesmo tempo, prepara as jovens para viver a e/ou na clausura.

A jovem botão de Rosa 2 também comenta sobre o testemunho de vida das irmãs, o que motiva o desejo de ser igual, ocorrendo o que Zygmunt Bauman (2001) aponta em seu texto sobre a tendência de observarmos a vida do outro como obra de arte, causando admiração e o desejo de ser igual, de possuir identidade semelhante:

Diante de Deus no sentido de quando eu estou servindo, de quando eu estou fazendo alguma coisa é pra Ele, é o que me completa, e quando eu me volto para o mosteiro de Santa Clara, no caso as Clarissas é saber que **eu sou contagiada pela aquela felicidade**, pelo o amor com que elas, é passa pra gente, com que Jesus ama a gente, né? (...) **Não só ela (mestra) a gente ver muito sinal de Deus naquelas mulheres**, não é atoa que elas tão ali e assim quando a gente conversa, por exemplo com a família da irmã ..., que assim eu tenho, tive mais contato, é ... é visível os sinais de Deus, em tantas coisas em cura, em pessoas da família, é muita coisa assim, é muita graça, é uma graça muito grande, até porque quando Deus nos escolhe, Ele já dá a graça, né? (...) **Eu uma coisa inexplicável quando você tá com elas, é muito Deus, assim. Aí a gente dá vontade de ser pra o outro o que aquelas pessoas representam pra gente.** (BOTÃO DE ROSA 2, 26 anos em 2016. Grifos nossos)

Tal admiração pelas irmãs que suscita o desejo de também ser freira é um fator que nos apareceu em vários discursos das vocacionadas, das irmãs, dos padres e freis, eles afirmam que uma boa vocação traz outras vocações. Os padres e freiras estão o tempo todo trabalhando diante dessa necessidade de florescimento do mosteiro (como os religiosos e religiosas se referem à entrada de novas irmãs no claustro). A jovem vocacionada, botão de Rosa <sup>64</sup>, a que possui mais tempo de acompanhamento pela mestra, afirma:

Eu levei ... (jovem postulante) pra conhecer, já perto do encontro vocacional, aí foi quando ela participou também. Eu já levei, inclusive irmã... (mestra) disse que uma boa vocação é quando arruma outras vocações. Aí tem outra menina pra mim levar lá, ela é de São Vicente do Seridó. (BOTÃO DE ROSA 2, 26 anos em 2016)

Tais informações chamam a nossa atenção para a importância de o mosteiro ter irmãs com habilidades de evangelização e disciplinamento para ficar responsável por esta etapa de formação. O frei responsável pelo acompanhamento espiritual do Mosteiro Clarissas de Campina Grande aponta que em outros momentos da história, o mosteiro também contava com irmãs *carismáticas* e habilidosas nesse trabalho pedagógico, o que corroborava para que a população se aproximasse mais do mosteiro e também para que novas mulheres optassem pela vida contemplativa:

Porque o único termômetro que nós temos de uma vocação é a felicidade dela, outra coisa não dá pra avaliar, outra coisa não dá, e quando elas tão felizes ali, são felizes aí **elas contagiam queira ou não queira, vai um montante de jovens conversar**, vai um montante de gente, chega pessoas com problemas depois saem felizes da vida, quer dizer o único termômetro que nós temos para medir uma vocação Clarissa. (...) **Eu me lembro há uns 32 anos atrás nós tínhamos uma irmã ali no mosteiro, uma gaúcha, irmã (...), e essa irmã tinha filas, no que dizia que era ela que estava no parlatório, tinha fila de gente esperando pra falar com ela, era uma vocação realmente toda especial, eu digo assim**

---

<sup>64</sup> Ela já possui dois anos de acompanhamento na etapa do vocacional, mas ainda não entrou para o claustro, ela e a mestra afirmam que o motivo principal é o fato de ela ser a única pessoa da família que possui um emprego de carteira assinada, a sua entrada deixaria a sua mãe e irmãos desamparados.



**uma santa.** (FREI DA ORDEM DOS FRADES MENORES - Guardião responsável pelas irmãs Clarissas de Campina Grande, 56 anos em 2017. Grifos nossos)

Como já indicamos, não são apenas as irmãs que desempenham seus *trabalhos religiosos*, se constituindo como força social que impulsiona a escolha por esse modo de vida, mas também os padres e freis. Muitas irmãs, sobretudo as que residiam em outros Estados, muitas vezes contaram com a ajuda do clero para chegar até o mosteiro pesquisado. Vejamos a voz da irmã Jasmim:

Então, o frei falou, teve a ideia de vim conhecer as Clarissas e eu fiquei relutando para não vir. Não frei, é melhor não, eu conheço outra congregação, e ele: não, menina, só um pouquinho, você vai passar uns dias, e eu: não, frei, eu não quero. E ele falou bem sério: menina é só um mês, você não vai entrar não, você fica um mês depois vem embora. Eu disse: tá bom, frei, eu vou. Aí vim passar esse mês. (...) Quando cheguei fiquei um pouco assustada. Ele deixou a gente e foi embora (...). Quando foi no outro dia a irmã chamou e disse: a comunidade se reuniu e resolveu que vai dar três meses a vocês aqui dentro. Vichi, Maria, foi um choque pra mim (...). Quando as cortinas se fecharam, eu dizia a outra irmã que veio comigo: não, não, eu não vou ficar aqui, eu tenho medo de ficar aqui (...). Mas no fundo, no fundo eu queria, mas eu sentia um certo receio. (...) Mas concordamos entrar. (JASMIM, 32 anos em 2016)

Essa atuação dos freis e padres ocorre também em função de que todas as irmãs que entram no mosteiro precisam de uma carta de recomendação do pároco de seu bairro.

Outras importantes *forças sociais* como estamos denominando, que podemos destacar como impulsionadoras para opção pela vida contemplativa na contemporaneidade, são as inquietações em relação ao mundo contemporâneo, este que se insurge com características particulares, e uma dessas é a ideia de incompletude presente na vida dos indivíduos. Escreve Bauman (2001, p. 184. Grifos do autor):

Precariedade, instabilidade, vulnerabilidade, é a característica mais difundida das condições de vida contemporâneas (e também a que se sente mais dolorosamente). (...) O fenômeno que todos esses conceitos tentam captar e articular é a experiência combinada de *falta de garantias* (de posição, títulos e sobrevivência), da *incerteza* (em relação à sua continuação e estabilidade futura) e de *insegurança* (do corpo, do eu e de suas extensões: posses, vizinhança, comunidade).

Sobressai o desejo de se constituir como possuidor de uma identidade completa, com fixidez, desejo este que se projeta ao ver o outro e vislumbrar que ele vivencia a tal “completude” e possui uma identidade fixa. Bauman (2001) ao se referir a sociedade contemporânea escreve:

Ilusão ou não, tendemos a ver as vidas dos outros como obras de arte. E tendo-as visto assim, lutamos para fazer o mesmo: “Todo o mundo tenta fazer de sua vida uma obra de arte”. Essa obra de arte que queremos moldar a partir do estofado quebradiço da vida chama-se “identidade”. Quando falamos de identidade há, no fundo de nossas mentes, uma tênue imagem de harmonia, lógica, consistência: todas as coisas que parecem – para nosso desespero eterno – falar tanto e tão abominavelmente ao fluxo de nossa experiência. A busca da identidade é a busca incessante de deter ou tornar mais lento o fluxo, de solidificar o fluido, de dar forma ao disforme. (BAUMAN, 2001, p. 97)

E nesta busca por preencher os vazios, por fixidez, que a admiração pela vida das irmãs ganha sentido, embora saibamos que essa necessidade de complemento será constante. Como já sinalizamos nos capítulos anteriores, as irmãs falam que continuar freira é uma decisão tomada a cada amanhecer<sup>65</sup>.

As jovens do vocacionado e as irmãs que já estão no claustro revelam que observam na clausura respostas para os seus questionamentos e inquietações vivenciados no mundo secular. Narra a jovem, que estamos denominando de botão de Rosa 1:

---

<sup>65</sup> Acrescenta Bauman (2001, p. 98): “As identidades parecem fixas e sólidas apenas quando vistas de relance, de fora. A eventual solidez que podem ter quando contempladas de dentro da própria experiência biográfica parece frágil, vulnerável e constantemente dilacerada por forças que expõem sua fluidez e por contracorrentes que ameaçam fazê-la em pedaços e desmanchar qualquer forma que possa ter adquirido”.

Creio que principalmente, no meu caso, eu tenho 27 anos bem vividos, mas quando você sente que tá faltando algo, eu sou de igreja, eu sempre fui, já fui catequista de crisma, de catequese, de EJC, então assim, eu tenho uma caminhada, graças a Deus, frequente na igreja, e aproveitei o mundo, aproveitei o mundo, com responsabilidade, lógico, mas eu gosto de festa, tudo, só que não está mais preenchendo, por exemplo, você faz uma viagem, quando volta, você sente que falta algo, e esse algo, quando a gente para pra pensar, esse algo é Deus. (...) Então o que eu acho dessa forma de vida, é isso, a doação ao espírito, e viver com Jesus 24 horas, é ser esposa dele e **completar** aquilo que tá faltando. (BOTÃO DE ROSA 1, 27 anos em 2016. Grifos nossos)

A jovem Botão de Rosa 2 também se refere a essa necessidade de complementos, destacando a incompreensão como característica do mundo contemporâneo e entendendo a clausura como uma antiestrutura capaz de conceder compreensões:

O que me **completa** hoje é tá na Igreja, pronto, eu sou chamada pra trabalhar no encontro, então aquilo me completa hoje, sabe? É o que me **completa**, é tá fazendo as coisas pra Deus, pra Deus, a princípio pra o irmão, né? Eu fazendo pro irmão eu estou fazendo pra Deus. (...) **Aí a gente dá vontade de ser pra o outro o que aquelas pessoas representam pra gente, é muita incompreensão**, muito, assim, por exemplo, quando eu estou fazendo acompanhamento com a irmã... e eu estou com dificuldades em algumas coisas, eu digo assim: irmã tu me entende? Ela [Mestra] diz: perfeitamente. **Você ver Deus, a misericórdia de Deus, porque ela não tão no meu dia a dia pra conhecer mais de perto como é toda a minha vivência, mas eu acho muito Deus, pelo quanto que elas reconhecem, elas vão conhecendo aos poucos a nossa essência.**

Ao afirmar que encontra no exemplo de vida das irmãs a compreensão que não encontra no mundo secular, voltando a mencionar a sua admiração pela mestra do noviciado, nos revelando a sua compreensão de que a mestra se constitui enquanto uma líder enviada por Deus, portadora de uma promessa maior, pela qual tudo vale a pena. A autora Vanessa de Faria Berto (1995, p. 183) que também busca compreender a decisão pela vida contemplativa em

um Mosteiro Clarissas de São Paulo, também se refere a essa ideia de que as irmãs atribuem um valor superior a sua decisão:

Nesse sentido, pode-se supor que as monjas, ao ingressarem no mosteiro e ressignificarem suas vidas, investem em busca de uma gratificação que representa para elas, 'o' bem maior. Atribuem, assim, à sua escolha um valor superior, capaz de compensar todas as eventuais exceções que sofrem.

As irmãs afirmam que diante dos vazios vivenciados no mundo secular, a vida contemplativa é esse bem maior que além de preenchê-las, preserva a certeza de uma vida após a morte.

A jovem, que estamos denominando de botão de rosa 3, assim como as demais jovens, também ao falar sobre o seu desejo de ser freira, se refere à existência de uma vocação ao apontar para características presentes no mundo contemporâneo que não a deixa satisfeita, como a lógica do consumo desenfreado e os relacionamentos efêmeros:

Mas essas coisas assim **de vaidade, de apego, de querer consumir, de querer ser mais do que o outro**, que o mundo tanto nos convida a ser, e eu acho que a vida na clausura é uma vida fraterna e é isso que me chama realmente a deixar tudo, esse lado de dinheiro e tal, de consumo pra viver essa vida de pobreza. (...) **a libertinagem**, também as pessoas não se importam tanto com a questão de Deus, e tipo pra mim, eu iria, eu pretendo ir pra lá não somente por mim, mas também por aquelas pessoas que não estão nem aí pra se importar com Deus e essa questão de, essa... da **vulgaridade, dos relacionamentos** também do ... todo dia é um e tal, isso me incomoda de certa forma também, e parece que cada vez mais cresce isso. (...) Relacionamento sério realmente eu nunca tive, mas a partir dos relacionamentos que eu tive, **eu pude ver que não era isso que me fazia feliz, me completava**, aí eu acho que isso é mais um passo que me leva a seguir essa vida. (...) Eu vejo as vezes essas pessoas que buscam preencher um vazio existencial, mas que no entanto se tornam mais vazias ainda e eu busco algo que realmente me preencha, e ao ver o exemplo dessas pessoas de buscar a felicidade em coisas efêmeras de certa forma, eu vejo que a partir do exemplo delas, **isso não vai me completar**, aí isso me faz compreender que, não é isso que eu pretendo. (BOTÃO DE ROSA 3, 18 anos em 2017. Grifos nossos)

A irmã Orquídea também se refere a esse vazio, destacando outra característica do mundo contemporâneo que lhe traz inquietações: a moda.

Eu acho que a questão de valores superficiais, por que quando você vai caminhando tendo uma vida de profundidade com Deus, você acaba questionando alguns valores, tipo assim: a moda. Eu era uma adolescente que me preocupava em está bonita, mas necessariamente eu me deixava escravizar por aquilo e quando eu fui conhecendo a Deus eu fui me desprendendo de alguma coisa e acabando vendo muito vazio, eu estava no ciclo de amigo nunca me portei como uma esquisitona, **mas sentia um vazio**, não tinha o desejo de tá agradando todo mundo, por ser da moda. (ORQUÍDEA, 29 anos em 2018. Grifos nosso)

Contudo, como já afirmamos, todas as vocacionadas e irmãs fazem questão de deixar evidente em suas vozes que as suas escolhas para a vida em clausura em pleno século XXI são resultantes, sobretudo de forças divinas, as que são expressas na ideia de vocação. Elas buscam se distanciar dos discursos que muitas vezes apontam essa opção de vida, como uma fuga do mundo, no sentido de fugir, por exemplo, de situações de condições financeiras mais precárias, desilusão amorosa, ausência de um matrimônio, entre outros. A jovem botão de Rosa 2 faz questão de enfatizar que sua opção de vida não se trata de uma desilusão amorosa, mas sim de uma vocação:

Assim, como eu disse no início quando **Deus chama**, primeiro eu acredito que eu tenho que passar por isso, né? É como eu disse já, independente de, eu ficar ou não, mas eu preciso, né? Eu sinto essa necessidade que eu preciso passar por essa experiência, e por questão de eu quero ser feliz, eu quero realmente é, ser feliz, **e eu não me vejo assim, casada, eu não me vejo sendo mãe, então assim não foi nenhuma desilusão amorosa, né?** Mas, eu sinto que Deus me chama, assim, é onde eu me sinto feliz, é onde eu me sinto **completa**, quando eu tô a serviço de Deus, e assim, quando eu penso em olhar, em ver a clausura como Santa Clara, como eu já falei, com o cuidado que Santa Clara tinha lá com as irmãs e como eu vejo hoje o cuidado das irmãs com uma para com as outras, é esse mesmo desejo de ser para o outro, quando você assume a sua **vocação**. (BOTÃO DE ROSA 2, 26 anos em 2016. Grifos nossos)

A jovem botão de Rosa 1 também faz questão de enfatizar que não se trata de fuga de problemas financeiros, mas sim de vocação:

Por já ter o conhecimento da vida aqui fora, **a gente sente que tá faltando algo, esse algo, não é amor, não é família, não é dinheiro, você pode ter tudo, mas tá faltando algo.** Aí algumas pessoas me dizem, mas Deus se encontra em todo lugar, com certeza, Deus se encontra, ele está em todo lugar, mas há coisas que Ele chama pra ser mais específica, por exemplo, nem todo mundo nasceu pra ser médico, tem uns que se esforçam tanto, mais não é um bom médico e tem pessoas que tem habilidade pra'quele serviço. Então a mesma coisa, acredito que é a **vocação**, né? Da ordem, com os padres, e de freiras, é um chamado, você tem a probabilidade de ser mais aquilo, de orar mais, de pedir mais. (BOTÃO DE ROSA 1, 27 anos em 2016. Grifos nossos)

Embora ela afirme que sua decisão se deve ao chamado de Deus, como todas as outras irmãs, o seu perfil socioeconômico e afetivo pode remeter o leitor a apontar para a existência de uma fuga do mundo, como compreendido por vezes pelo senso comum, uma vez que morava sozinha e que não possuía relacionamento amoroso, além de ter expressado que desejava o matrimônio. Vejamos o que ela afirma sobre o seu perfil socioeconômico e na sequência afirmando sobre o seu desejo pelo matrimônio: “Eu tenho 27 anos, sou formada em letras espanhol, graduada (...), os dois [pais] são falecidos (...) moro num sítio da família, (...) trabalho na minha área, professora” (BOTÃO DE ROSA 1, 27 anos em 2016). Quando falávamos sobre o primeiro encontro vocacional que participou, ela comenta que foi ao encontro querendo descobrir que sua vocação não seria a de ser freira, mas a do matrimônio, demonstrando o medo de ser freira e o desejo pelo matrimônio:

Eu vinha com a vontade, eu vim atrás de um não, não você não tem jeito pra isso, então vai viver a sua vida, eu vim atrás de um não, e quando eu consegui, quando eu fiquei sabendo que tinha um talvez isso embaralhou minha cabeça, né? Bagunçou minha cabeça. Porque assim tem, então **o meu humano queria um não, não é isso, Deus não lhe chamou pra isso, minha vida é o matrimônio, minha vocação é o matrimônio, mas aí eu tive, nas minhas leituras Deus me falou que eu**

**tinha um talvez.** Por que não ser freira? Por que não? Se eu acho tão lindo. Por que não pode ser o meu chamado? (BOTÃO DE ROSA 1, 27 anos em 2016. Grifos nossos)

O discurso da jovem botão de rosa 2 também aponta para uma fuga do mundo. Ela fala sobre um relacionamento amoroso sério que não prosseguiu:

A gente se conheceu na escola, quando eu estudava, era um rapaz muito bom e assim a gente realmente se gostava, e tal, aquela coisa toda, mas só que, como a distância né, eu vim pra'qui (Campina Grande), quando eu tinha prova na segunda-feira ele as vezes vinha pra'cá no fim de semana, quando não eu ia pra casa, era tudo muito tranquilo, porém surgiu a desconfiança, e eu acho que qualquer relacionamento, ele sem confiança, ele não se solidifica, e foi essas coisas assim, por eu ser filha de pais separados, tinha uma tia dele que sempre colocava muita dificuldade, minha família é toda negra também, ela não gostava, aí ficava enchendo a cabeça, então foi essas coisas assim, isso desmotivou. (BOTÃO DE ROSA 2, 26 anos em 2016)

Embora nos discursos das jovens botão de Rosa 1 e 2 tenham elementos que apontam para uma alternativa frente alguns problemas pessoais e não para a existência de uma vocação, não podemos afirmar que se trata de fuga do mundo nesses termos que podem aparecer no senso comum, pois existem inúmeras jovens com perfis socioeconômicos e afetivos semelhantes aos dessas jovens, mas que desejam permanecer no mundo secular, não optando pelo claustro, além do fato de que a decisão de viver em clausura não se apresenta como um decisão tão “simples”.

Porém é importante destacar que a jovem botão de Rosa 1 é justamente a que entrou para a clausura em 2017 e foi demitida em 2018, o que levou a mestra do noviciado a repensar o discurso da jovem quanto a sua decisão pelo claustro. Tendo a leitura da nossa tese contribuído para essa reavaliação, como informamos no percurso de pesquisa, ao argumentarmos sobre a importância da devolução dos resultados da pesquisa a comunidade estudada.

Segue abaixo a tabela que traz o perfil socioeconômico de todas as irmãs que vivenciam a vida contemplativa na atualidade:

**Tabela 5:** Dados relativos à situação familiar antes do ingresso no mosteiro<sup>66</sup>

	<b>Atividade Profissional</b>	<b>Viagens ao exterior</b>	<b>Funcionária doméstica na residência</b>	<b>Grau de instrução do pai</b>	<b>Atividade profissional do pai</b>	<b>Grau de instrução da mãe</b>	<b>Atividade profissional da mãe</b>
<b>1.</b>	Estudante	Não	Não	Não informou	Comerciante	Não informou	Do lar
<b>2.</b>	Não informou	Não	Não	Não informou	Agricultor	Não informou	Do lar
<b>3.</b>	Professora	2	3	Ensino Fundamental	Protético	Fundamental incompleto	Do lar
<b>4.</b>	Estudante	Não	Não	Ensino Fundamental	Agricultor	Ensino Fundamental	Do lar
<b>5.</b>	Secretária Doméstica	Não	Não	Ensino Fundamental	Agricultor	Não informou	Do lar
<b>6.</b>	Estudante	Não	Não	Fundamental incompleto	Militar	Fundamental incompleto	Do lar
<b>7.</b>	Estudante	Não	Não	Fundamental incompleto	Agricultor	Ensino Médio	Professora
<b>8.</b>	Operadora de máquina	Não	Não	Não informou	Agricultor	Não informou	Do lar
<b>9.</b>	Estudante	Não	Não	Fundamental incompleto	Agricultor	Ensino Médio	Professora

<sup>66</sup> As categorias selecionadas como “Atividade profissional”, “viagens ao exterior”, entre outras, foram selecionadas com a intenção de compreendermos qual era o perfil socioeconômico das irmãs que compõem a população atual do mosteiro antes do seu ingresso no claustro.



10.	Recepcionista	1	01	Fundamental incompleto	Autônomo	Superior	Professora
11.	Secretária Doméstica	1	Não	Não informou	Não informou	Não informou	Agricultora
12.	Estudante	Não	Não	Não informou	Serviço gerais	Superior	Auxiliar de enfermagem
13.	Agricultora	Não	Não	Ensino Médio	Agricultor	Não informou	Agricultora
14.	Estudante	Não	01	Fundamental incompleto	Borracheiro	Ensino Médio	Comerciante
15.	Agricultora	Não	Não	Fundamental incompleto	Agricultor	Fundamental incompleto	Agricultora
16.	Estudante	Não	Não	Fundamental incompleto	Agricultor	Fundamental incompleto	Agricultora
17.	Atriz	Não	Não	Ensino Médio	Autônomo	Ensino Médio	Recepcionista
18.	Auxiliar de Saúde Bucal	Não	Não	Fundamental incompleto	Mecânico	Fundamental incompleto	Do lar
19.	Autônoma	Não	Não	Não informou	Agricultor	Magistério	Professora
20.	Estudante	Não	Não	Não informou	Autônomo	Superior	Enfermeira
21.	Estudante	Não	Não	Fundamental incompleto	Aposentado	Ensino Médio Incompleto	Secretária Doméstica
22.	Estudante	Não	Não	Fundamental incompleto	Empresário	Fundamental incompleto	Do lar
23.	Vendedora	Não	Não	Superior	Professor	Superior	Professora
24.	Não informou	Não informou	Não informou	Não informou	Não informou	Não informou	Não informou
25.	Não Informou	Não informou	Não informou	Não informou	Não informou	Não informou	Não informou

**Fonte:** Nossa autoria

**Observação:** O dados estão na mesma sequência numérica da tabela 3

Podemos observar na tabela que a maioria das irmãs são provenientes de famílias com baixo poder aquisitivo, apenas 2 irmãs apresentavam um perfil socioeconômico mais abastado, contudo as irmãs deixam claro em seus discursos que não lhes faltavam nada, embora em meio a simplicidade. Vejamos o que diz a irmã:

Minha mãe é professora, meu pai é autônomo, é motorista, agora está com um lava jato. Minha infância foi tranquila, (...) super mimada, muito amada mesmo, foi tranquila, sempre gostei de estudar, (...) meus pais sempre foram super protetores (...). Eu fiz até o terceiro período de letras. (ÍRIS, 32 anos em 2016. Grifos nossos)

Apesar de não ser de família abastada, a irmã demonstra ter tido uma infância permeada por mimos e uma perspectiva futura, tendo em vista possuir um apoio familiar e uma formação universitária. A jovem vocacionada também fala de suas condições socioeconômicas:

Mainha, ela é empregada doméstica, e pai, ele é aposentado já (...). Eu fui criada muito em casa, só pra igreja. (...) Eu sou a única filha menina, mas tem dois meninos. (...) As condições econômicas lá de casa não são ruins, são boas, a gente é uma família da classe média, moro no centro da cidade. Tenho uma família completa que de fato me ama. (...) Curso psicologia. (BOTÃO DE ROSA 3, 18 anos em 2017. Grifos nossos)

A jovem também afirma possuir boas condições socioeconômicas, deixando a entender que não é por uma fuga de problemas financeiros e familiares que deseja viver em clausura.

Não consideramos no século XXI o perfil socioeconômico como força determinante para a escolha pela vida contemplativa, pois no mundo contemporâneo, sobretudo a partir do ano 2003, ocorreram melhorias nas condições econômicas e surgiram maiores oportunidades de estudos para a população mais pobre, o que aumentou significativamente a perspectiva de um futuro melhor, embora a partir de agora começamos a registrar no Brasil

números que apontam para o declínio dessa ascensão das camadas mais populares. Além do fato de que embora a maioria das irmãs seja proveniente de contextos de baixo poder aquisitivo, não significa que em meio às dificuldades não existam outras inúmeras perspectivas e possibilidades de vida no mundo secular.

Porém, afirmam os padres, freis e freiras que esses aspectos socioeconômicos e afetivos precisam ser observados a fim de evitar a entrada e a permanência de uma jovem que opta pela vida contemplativa sem possuir vocação. Por isso, podemos afirmar que a formação para se tornar uma freira se faz permeado por tensões, vivenciadas pelas próprias mulheres em formação, ao se perguntarem se tomaram a decisão correta, e se houve uma adequação ao modo de vida do mosteiro, e pela administração, em torno do discernimento de se de fato trata-se de uma vocação, ou seja, se é um desejo de inspiração divina e/ou, sobretudo, de inspiração divina, pois já se faz claro que há sempre uma motivação proveniente de forças sociais, entre as quais estamos destacando a inquietação quanto às características do mundo contemporâneo e a atuação da Igreja Católica e de seus agentes, sobretudo com o *trabalho* de líderes *carismáticos*.

O frei responsável pelo direcionamento espiritual das irmãs nos conta sobre essa preocupação de não deixar entrar e/ou permanecer no claustro mulheres que não possuem *vocação* para a vida religiosa, ele usa a expressão “fuga do mundo”:

E aí só permite-se entrar aquelas que se sentem chamadas a vocação toda especial, digo assim uma vocação fora do comum, totalmente fora do comum, porque daí o medo que nós temos, nós acompanhamos um pouco as irmãs, conversamos e aquelas que chegam, cheguem por que de fato Deus tocou para ela ser um coisa bem diferente, por que podem vir por fuga do mundo, né? Então, **existe essas vocações** que são chamados a um dom todo especial que não dá pra gente explicar o que, por que, como, **e existe também as fugas**. Eu lembro de, na época, madre (...) é, da primeira vez que ela foi eleita abadessa, nós nos preocupamos, eu, ela e (...) que é um frade nosso, responsável no Brasil por elas, com alguns problemas graves, alguns problemas de gente que tinham sido recebido no mosteiro, a madre anterior, madre (...) já muito

velhinha, então com muita caridade, recebeu um monte de gente que já vinha de outros cantos com fuga, fuga, fuga, **só fuga do mundo mesmo**, medo do mundo, a gente tem que tirar, dispensar, dispensamos naquela época bem 9 de uma vez só. (...) **Difícil discernir tanto as Clarissas como nós que acompanhamos, discernir se aquela vocação é alguém tocado por um dom especial que quer fazer esse trabalho ou é alguém fugindo do mundo**, essa incógnita fica sempre na cabeça da gente e por isso há todo um período de formação, de caminhada, a gente houve bastante elas pra saber se de fato tá levando a felicidade aquilo ali. (FREI DA ORDEM DOS FRADES MENORES – Guardião responsável pelas irmãs Clarissas de Campina Grande, 56 anos em 2017. Grifos nossos)

Além de observar a forma como está ocorrendo a convivência com as demais irmãs, a obediência às normas e regras, a adaptação ao modo de vida observado, os padres e freiras recorrem a terapia psicológica para ajudar as irmãs a discernir de fato se é vocação e para contribuir para a boa convivência social no mosteiro, tendo em vista que se trata de uma instituição total, que pode corroborar para o surgimento de doenças psicológicas. Benelli (2014, p.19-20) também argumenta sobre a força das instituições na composição do ser humano docilizado e aponta para a psicologia como aparato de gerenciamento de distúrbios e manutenção da ordem:

Foi olhando para si meditando e refletindo sobre si mesmo, sob o olhar vigilante do outro, que os homens foram se individualizando, acreditando em sua singularidade pessoal. (...) A vigilância externa foi interiorizando como auto-observação, o confinamento e o silêncio levaram à introspecção, as normas, os regulamentos, as regras implícitas e explícitas mobilizaram a conduta, a postura correta; os relatórios dos casos, as provas, avaliações e exames obrigaram o indivíduo a se comportar adequadamente. Desse modo, as relações de poder engendraram a interioridade psicológica.

Observando a necessidade da psicologia nesse contexto de *Instituição total*, o mosteiro busca o auxílio dessa ciência para a conformação do “eu freira”. O Frei nos conta sobre a iniciativa de fazer uso de terapia psicológica:

Então, a quinze anos atrás, dezesseis anos atrás quando eu morei a primeira vez aqui em Campina Grande eu dava uma assistência bem maior, porque eu não era o pároco daqui eu era só assistente das Clarissas e hoje por falta de frades, a gente tem mais dificuldade de colocar um à frente pra dá essa assistência, a gente naquela época ficava mais praticamente acompanhando elas, e naquela época já chamei psicólogas na área de logoterapia pra acompanhar as ingressas, né? Pra ver como está o sentido da vida, o que de fato faz buscar aquilo ali, **porque a gente percebia já muitas desilusões assim de namoro, desilusão de família, aí queria se refugiar dentro do mosteiro, isso não seria um chamado para aquela missão.** (...) Na época chamamos doutora (...), que era uma psicóloga formada em logoterapia e ela começou um trabalho muito bom e a gente detectou realmente algumas que não tinha aquele objetivo ali e foram dispensadas e outras caminharam muito bem, temos bons frutos hoje, inclusive não só neste mosteiro, mas que foram para outros mosteiros. (FREI DA ORDEM DOS FRADES MENORES - Guardião responsável pelas irmãs Clarissas de Campina Grande, 56 anos em 2017. Grifos nossos)

Até os dias atuais as irmãs vão quando necessário à psicóloga, contudo, vão apenas para uma profissional, do gênero feminino, a qual demonstrou para as irmãs não tomar como referência perspectivas que vão de encontro às concepções e doutrinas da Igreja. Explica a irmã Íris:

Como a Igreja já vem nos alertando um pouco para essa questão de que não somos só corpo, mas somos alma, nós temos uma mente, então é preciso formar o ser humano no todo. (..) A gente foi vendo também com a experiência com as irmãs, é como eu tô dizendo hoje as pessoas são muito mais frágeis. (...) São carências que vem lá de fora e a gente tem que trabalhar, entende? E aí tem horas que, por exemplo, só a espiritualidade não vai me ajudar a trabalhar, porque tem que entrar no âmbito da psicologia, **a gente tem uma psicóloga que nos ajuda**, ..., vez por outra ela nos, ela atendeu algumas irmãs, mas ela vem pra fazer uma terapia em grupo com as meninas, ela nos ajuda, **ela é muito de Deus assim.** (...) Às vezes a gente precisa ter alguma técnica, a gente tá lidando com vidas, tá lidando com pessoas, lidando com pessoas profundamente fragmentadas. (...) Parece que as pessoas de fato tão amadurecendo muito mais lentamente. (ÍRIS, 32 anos em 2016. Grifos nossos)

Tal uso de acompanhamento psicológico demonstra a necessidade de o mosteiro se adequar às transformações contemporâneas e neste contexto, especificamente, destaca-se a utilização dos avanços provenientes da ciência.

A gente tem que ter muita paciência com as jovens que vêm hoje, porque a estrutura delas não é igual a estrutura de antes, no sentido de maturidade mesmo, entende? De acompanhamento. Então hoje a gente já abre para um **acompanhamento psicológico**, em alguns casos, antes não se tinha, é uma coisa que a gente tá conseguindo agora. (...) Por exemplo, eu tô acompanhando uma jovem, mas eu percebo que tem certas imaturidades que eu não vou conseguir ajudá-la a superar e que vão ser dificuldades que vão, tanto vão atrapalhá-la na própria comunidade, como vai atrapalhar toda a fraternidade, porque se alguém não tá bem resolvido e a vida da gente é extremamente comunitária, a gente tá junto o dia todo, então se você não tá bem resolvido, automaticamente você vai jogar onde? Nas irmãs. Então, vai projeções em muitas coisas, que até então as irmãs, não conseguíamos compreender muito, hoje a gente já consegue compreender, já consegue ter um olhar, não será que a gente não precisa de um acompanhamento pra ver como lidar, porque antes dizia assim: há não tem vocação manda pra casa. Hoje a gente já diz: não, vamos trabalhar pra ver se essa dificuldade é realmente falta de vocação ou não. Entende? Então a gente tá tentando investir mais nesse sentido. (ÍRIS, 32 anos em 2016. Grifos nossos)

Além desse tratamento psicológico realizado na cidade de Campina Grande – PB, algumas irmãs também participaram do ADI (Abordagem Direta do Inconsciente), quando as irmãs são conduzidas para descobertas do seu inconsciente desde o momento que estavam no ventre de suas mães. Explica o Frei: “Muitas também foram fazer aquele ADI, Abordagem Direta do Inconsciente em Belo Horizonte, quer dizer, elas têm procurado meios da ciência também pra equilibrá-las, para descoberta realmente do que querem, do ideal de vida” (FREI DA ORDEM DOS FRADES MENORES - Guardião responsável pelas irmãs Clarissas de Campina Grande, 56 anos em 2017).

A irmã Íris nos informa sobre quantos dias as irmãs ficam fora do mosteiro para participar do ADI: Pelo fato de sermos de clausura, uma grande

abertura da comunidade é abrir para as irmãs passarem 15 dias em outro Estado pra fazer esse tratamento. (ÍRIS, 32 anos em 2016)

A maioria das irmãs com que dialogamos falou positivamente sobre o ADI, afirmando que durante a terapia puderam confirmar a sua dita vocação e que foi muito importante para a sua qualidade de vida no interior do claustro. A irmã narra um pouco sobre como foi a sua terapia:

Eu fiz o ADI, em Belo Horizonte, terapia de interação pessoal, é uma Abordagem Direta ao Inconsciente que eles chamam, pra gente tomar um conhecimento maior de nós mesmo, do nosso íntimo mais íntimo de nós, entrar mais. E eu via, é como se a gente voltasse lá no útero da mãe e eu via com dois meses, eu me escondia no útero da mãe, ela (terapeuta) dizia: o que você está fazendo? Eu estou me escondendo. E eu sempre percebi que eu tinha essa mania de me esconder. E ela disse que tudo que a gente tem hoje a gente traz daquelas raízes. Do ventre, da concepção. (...) **A ADI é cura e libertação para nós, pois a gente se ajuda e ajuda o próximo.** Então eu vi com dois meses, eu estava me escondendo. Por que? Uma atitude da minha mãe fez eu pensar que eu estava atrapalhando. (...) Eu me via com um cordão umbilical enrolado no pescoço. (...) Nesse momento foi alguma coisa entre ela com papai, algum desentendimento. (...) Depois a terapeuta diz: veja o sentimento da mãe. Então, não tinha na haver o sentimento que a criança estava sentindo. Depois eu já via a criança tirando o cordão. E a terapeuta perguntava: A criança sozinha? Não, com o pai. E o pai era Deus. E o que Ele está fazendo? Ele está tirando também com ela. **E o que Ele está dizendo? Que a criança vai ser esposa do filho Dele, então é como se a gente já recebesse a vocação já ali.** (AMARÍLIS, 46 anos em 2016. Grifos nossos)

A irmã Amarílis, como todas as que estabeleceram diálogos gravados conosco, afirmou ter confirmado a sua vocação na ADI, e que foi importante para fortalecer as suas convicções e convívio no interior da clausura, tendo em vista que se trata de uma opção de vida que implica perdas, conduzindo a contextos de incertezas a cada amanhecer. Recorrer à ciência se faz um recurso necessário para o discernimento da opção pela vida em clausura.

Diante das escolhas pela vida em clausura, não como resultado de um insucesso na vida social, mas como uma recusa do mundo secular, no sentido

de encontrar outro modo de vida considerado mais adequado para as suas convicções<sup>67</sup>, destaca-se como outra força significativa para o florescimento do mosteiro, o fato de que mulheres se reconhecem em outras mulheres, o que nos remete também a uma necessidade de libertação feminina.

Em um contexto de uma sociedade androcêntrica, essas mulheres se deparam com um local preponderantemente feminino, com um espaço para a sua atuação. A jovem vocacionada fala um pouco sobre a empatia com as mulheres que encontra no claustro, afirmando que conversar com as irmãs é melhor do que a confissão que deve ser ministrada somente pelos homens da Igreja:

É muita compreensão. (...) eu acho assim, irmã ... (mestra do vocacional) e irmã... (mestra do juniorato) são muito, são umas mulheres, elas fazem muito bem o papel de esposa de Jesus, porque é muito amor, num tem coisas que você não consegue explicar, só sentir? **Quando eu converso com ela, ah meu Deus, parece que é melhor do que uma confissão, porque mesmo diante da posição dela, é como se ela assumisse nossa vida, assim, é muito, é lindo demais.** (BOTÃO DE ROSA 2, 26 anos em 2016. Grifos nossos.)

Outro fator que salta das vozes dos nossos interlocutores, que nos ajudam na compreensão do florescimento, ou seja, da chegada de novas mulheres nos mosteiros para viver em clausura em pleno século XXI, é a admiração pela radicalidade, pela ideia de abandonar tudo, e dentro desta radicalidade está o fato de se diferenciar das pessoas do mundo secular, inclusive se vestir totalmente diferente, e raspar ou cortar bem curtinho os cabelos. O frei responsável pelas orientações espirituais das irmãs nos fala sobre esta ideia de que o hábito (as roupas) das freiras chamam a atenção das mulheres, afirmando que esta foi uma preocupação do papa João Paulo II, por visualizar esse potencial da vestimenta:

---

<sup>67</sup> É importante lembrar que essas convicções são elaboradas através de disciplinamentos também resultantes da atuação da Igreja Católica e de seus agentes.



Um outro aspecto que deve ser levantado e que o papa João Paulo II foi muito forte, queria muito a volta, mas eu acho que não deram resposta, ele queria a identificação através do externo, a roupa, ele queria que os religiosos voltasse ao seu hábito pra chamar a atenção dos jovens e aí explicaria as Clarissas, num é? (..) Essas vocações de clausura chamarem mais atenção e com isso ter mais vocações, então o papa João Paulo II insistiu muito nisso. Então, a vida religiosa tem esses mistérios (...), se percebe isso onde tem um religioso ou uma religiosa mais autêntico no seu serviço ele chama, aparece vocações, não tem dúvida. (...) Onde tem alguém apaixonado pelo que faz, as vocações aparecem. (FREI DA ORDEM DOS FRADES MENORES - Guardião responsável pelas irmãs Clarissas de Campina Grande, 56 anos em 2017)

A jovem vocacionada também fala um pouco sobre a curiosidade e admiração pela vestimenta das irmãs, afirmando que o hábito contribui para que as irmãs se coloquem como diferentes:

Porque assim, eu acho, não é me desfazendo das, de outras congregações que não usa hábito, mas eu acho que, a freira que usa hábito, é sei lá, é uma coisa diferente, acho que elas trazem uma coisa diferente, não se desfazendo das outras, que cada um tem uma vocação. E cada congregação tem o seu modo de vida, mas a freira que usa hábito é diferente. (BOTÃO DE ROSA 2, 26 anos em 2016)

Botão de Rosa 2 ao se referir ao hábito das irmãs que optam pela vida em clausura, ratifica que o hábito é um elemento importante para compor esse modelo de identidade observado nas irmãs. Além de nos remeter ao dado revelado pelos religiosos de que as Ordens de Vida Contemplativa têm recebido um número superior de irmãs quando comparadas às Ordens de vida apostólica, as quais em sua maioria utilizam uma vestimenta semelhante às do mundo secular, o que é compreensível dentro dessa ideia de radicalidade de vida, em um contexto em que indivíduos desejam romper com o mundo secular e com o que se assemelha a ele, inclusive em relação à vestimenta. O frei ao se referir à vida apostólica como vida de missão, informa sobre o fato de que a vida contemplativa tem florescido mais do que a vida ativa no Brasil:

O outro fenômeno, por exemplo, das congregações franciscanas das de missão, a escassez de gente muito grande, eu acho que, talvez, é faltem uma identidade maior, aquele trabalho que chama a atenção do jovem, as Clarissas **tem essa identidade muito própria**, não se propõe a muita coisa, **propõe a reza e a escutar, e nesse escutar quando fazem bem chamam a atenção de outras pessoas**, as outras congregações franciscanas se propõe a muitos ideais, é o trabalho de ecologia, é o trabalho diante os mais fracos, é trabalho de acolhimento em geral, e talvez por não espelhar muito bem esse trabalho, hoje existe uma crise grande. (...) Mais do que as congregações femininas de missão, as congregações femininas de missão vêm numa decadência vocacional muito grande, muito, muito, muito, muito grande (...) Para o mundo masculino tem ainda um grande número de vocações, mas para o mundo feminino, de religiosas mesmo franciscanas que trabalham na missão, trabalhos muito bonitos, como na João Moura, cuidar das crianças de mães que não tem, que tem que trabalhar e tudo e outros trabalhos assistenciais muito bons muito bonitos tudo, mas o número de vocações é restritíssimo, dificilmente a gente convence uma menina a querer trilhar por esse caminho, já nas Clarissas a gente nem faz propaganda, porque tem medo, por se tratar de uma vocação muito especial, **marcada por uma radicalidade** muito grande e chegam e o discernimento mostra justamente, o que é mais. (FREI DA ORDEM DOS FRADES MENORES - Guardião responsável pelas irmãs Clarissas de Campina Grande, 56 anos em 2017. Grifos nossos)

O bispo também aponta a recusa das características provenientes do mundo contemporâneo e a radicalidade da opção como importantes forças que conduz as mulheres ao claustro:

O que a gente tem observado é que hoje as pessoas estão cansadas com esse corre, corre, com essa agitação do mundo, e querem uma vida mais serena, mais tranquila, então as comunidades religiosas não só as contemplativas, mas também ativas, a questão, mais que eles tem um espaço mais reservado que eles ficam em oração e contemplação e depois tem um momento, então as comunidades tem tido um crescimento muito grande. E dentro da vida religiosa aquelas que nós chamamos ativas, que vivem em colégios, hospitais, com idosos elas não tem tantas vocações quanto aquelas mais reservadas. Mas um dado importante que eu acho para o mundo de hoje é **as comunidades que tem um carisma mais radical, mas exigente atrai mais**, hoje os jovens, os jovens não quer coisa fácil não, o jovem quer uma coisa muito comprometida, porque dentro de casa, as coisas que exige mais da gente são as coisas que fazem a gente crescer mais,

então quando mais somos exigidos nos doamos e crescemos, amadurecemos como seres humanos, e eu creio que está por aí essa tendência. (Bispo da Diocese de Campina Grande – PB, 63 anos em 2017)

A irmã Íris também fala sobre o maior número de freiras de vida contemplativa em relação às freiras de vida ativa (apostólica) no Brasil, afirmando sobre essa busca contemporânea pelo diferente:

As ordens de vida apostólica tão tendo uma caída, as contemplativas tão crescendo e não são jovens que não tem estudo, são jovens universitárias, são jovens já profissionais (...) mas diante de tudo isso percebem que não é. Então algo que tão pra uma vida bem mais radical, tem as ordens apostólica, mas parece que está ficando muito igual ao mundo, está se parecendo muito, aí as jovens já **não querem mais o que é igual, já estão buscando a vida contemplativa, que é desafio, que é renúncia**. Elas se encantam interessante, **elas se encantam pela entrega da gente**, porque é total, não tem meia medida, é total, a gente tá aqui tem que tá inteira. (ÍRIS, 32 anos em 2016. Grifos nossos)

O trabalho das irmãs junto à comunidade e a essas mulheres em seu acolhimento disciplinar<sup>68</sup> tem chamado atenção dessas jovens mulheres em um mundo contemporâneo marcado pela fragmentação dos indivíduos, pelo cotidiano cheio de atividades, sem tempo para o silêncio e para se encontrar consigo mesmo, da necessidade de ser ouvido, de ser preenchido, de constituir uma identidade, de encontrar um lugar de atuação feminina, entre outros. A vida contemplativa se destaca como uma alternativa que possui sentido para essas mulheres.

Contudo, embora na compreensão deste florescimento da vida em clausura essas religiosas apontem em seus discursos e ações para forças sociais com ênfase nas necessidades provenientes da sociedade contemporânea e na atuação da Igreja católica e dos seus agentes

---

<sup>68</sup> Fazendo uso de todas as narrativas elaboradas pela Igreja Católica e de seu carisma, com uma proposta de vida que se reflete em abdicar a vida secular, o que inclui até o modo de se vestir, se revelando em uma identidade específica.

carismáticos, como já evidenciamos, o destaque é dado para a existência de uma vocação, para a presença de sinais divinos. Para os religiosos e religiosas, a opção das irmãs pela vida em clausura é projeto de Deus, do qual elas não conseguem fugir, e sem vocação não é possível perseverar a vida inteira no claustro. Não sendo para as vocacionadas, como observamos acima, e para os religiosos, possível encontrar respostas racionais para tal opção. Fala o frei:

Madre (...) e outras tantas, mais irmã (...) era, eu não sei, eu acredito, até o jeito dela rir cativava de uma maneira profunda as pessoas. Aí a gente percebia que aquela vinha marcada realmente com uma, e filha de família muito bem de vida, uma mulher muito bonita, muito bonita mesmo, já idosa e tinha um charme próprio, uma e você vê muitas assim, muito bonitas. **Então, há um mistério (...). Então, eu acredito que é fenômeno, não é uma coisa assim, puramente humana, sobrenatural a vinda de algumas irmãs,** de jovens assim, que estão bem, de família, que poderia, nós temos jovens daqui da paróquia que namoraram meninos muito bonitos, e elas muito bonitas e tudo, então a gente fica olhando assim, o que aconteceu? Num é? E estão muito felizes assim. A gente olha assim, mas não acredita, conhecemos pelo nome, fulana, como é que fulana tá ali? No mosteiro lá do Ceará tinha uma de banda de forró e tranquila. Não sente nenhuma saudadezinha? Não, tô muito bem, ao contrário lá eu sentia uma coisa que eu não sabia o que era, eu dançava, eu brincava, eu cantava, mas quando entrei aqui, eu disse: pronto, agora encontrei meu mundo. Eu conversando. (FREI DA ORDEM DOS FRADES MENORES - Guardião responsável pelas irmãs Clarissas de Campina Grande, 56 anos em 2017. Grifos nossos)

A irmã Íris também fala sobre a escolha pelo Claustro como sendo um chamado de Deus:

As pessoas estão vazias e com sede de Deus, então foi interessante uma coisa que a gente notou, todas as meninas que estavam no vocacional, comentaram, porque as irmãs dão testemunho das vocações delas e basicamente todo mundo disse assim, que antes quando estava fora sentia um vazio (...). Então as pessoas tem tudo, mas sentem um vazio dentro de si. E vê que o quer? Que o que o mundo tá oferecendo já não preenche esse vazio. Tem tudo, hoje a vida tá muito mais fácil pra muita gente, mas lá dentro tem um espaço que é só de

Deus, e aí é esse espaço que só Ele chega mesmo e quando ele chega, quando Ele consegue alcançar aquela pessoa que Ele toca, aí a gente se desmonta. (...) **Existem fatores externos, mas a vocação é algo que a gente não consegue explicar é realmente mistério**, só que aí é interessante que todas as pessoas que vem elas tem uma sensibilidade pra Deus, tem uma sensibilidade para o transcendente. (...) Elas têm sensibilidade, estão procurando (...) Clara diz assim: “Quando uma jovem procura a bater a porta do nosso mosteiro, o primeiro capítulo da regra, quando a jovem bater a porta do nosso mosteiro, é... a primeira coisa que se deve fazer é observar se ela vem por inspiração divina”, porque não deve ser razões humanas que vão me trazer pra cá, um exemplo, eu tive uma desilusão amorosa agora vou pro mosteiro, ah eu não consegui emprego, vou pro mosteiro. Entende? Às vezes o mundo pensa assim. (...) porque não são esses fatores externos, nem mesmo achar porque é quetinha, porque gosta de rezar, entende? É como se diz assim, **é inspiração divina, é Deus que faz com que a jovem venha. (...) Vocação é mistério.** (ÍRIS, 32 anos em 2016. Grifos nossos)

Todas as irmãs professoras solenes com quem estabelecemos diálogos gravados afirmaram que a opção pela vida contemplativa trata-se de uma vocação. Escreve a irmã Orquídea:

Pode-se apontar vários motivos, que variam de acordo com a história vocacional de cada religiosa, ou seja, a maneira como entende o chamado de Deus e sua resposta pessoal. Dentre estes motivos destaca-se três: Kenosis, identificação carismática e a imitação do Cristo Crucificado. Kenosis significa esvaziamento. É uma via ascética onde o indivíduo que busca a Deus deseja aniquilar-se, diminuir-se para que a presença do divino o preencha. (...) Na identificação carismática o indivíduo assemelha-se inteiramente com esta forma de vida, sentido que o próprio Deus lhe pede tal modo de vida. (...) Na imitação do Cristo crucificado o religioso busca imitar a total entrega do Cristo Crucificado. (ORQUÍDEA, 29 anos em 2018)

A irmã Dália também escreve sobre por que escolheu a vida em clausura, seguindo a mesma percepção da irmã Orquídea e das demais irmãs:

A minha opção pela clausura é a opção pelo amor real e absoluto que é grandeza insondável e ao mesmo tempo oferecida por Deus a todo o ser humano. A clausura é o espaço, não só físico, mas dentro de mim que garante o acesso ao Deus amor que nos quis e fez sua imagem e semelhança. (DÁLIA, 32 anos em 2018)

Segundo os religiosos e religiosas, a vida em clausura é resultado de um chamado de Deus, o qual é permeado por sinais divinos, que em sua maioria são reconhecidos quando têm a sua opção de vida contemplativa “consolidada”. Para algumas irmãs tais sinais apareceram desde a infância, para outras, só na juventude. Passados os anos dentro da clausura, elas afirmam compreender alguns episódios que aconteceram como sendo a presença de Deus sinalizando que deveriam ser freiras e essa compreensão para algumas irmãs se estabeleceu com a sua participação na Abordagem Direta do Inconsciente, chegando a afirmar que o seu chamado ocorreu desde que estava no ventre de sua mãe, como pudemos ver nas páginas anteriores na voz da irmã Amarílis. A irmã Girassol também observou o sinal de Deus na ADI:

(...) E o meu chamado eu acredito já veio desde o ventre da minha mãe, porque quando ela me perguntou uma cena, eu vi minha mãe sentada numa cadeira, e ela me perguntou se ali naquele quarto, minha mãe estava só ou se estava com o meu pai, eu disse: tem alguém com ela. Ela dizia assim: mas é seu pai? Eu sentia que não era o meu pai. Eu disse a ela: não é o meu pai não, ela dizia assim: Quem é? Não é meu pai. Chega eu me arrepio, quando eu me virava, na cena né? Eu não via o corpo, eu via o perfil. Num tem aquele perfil de Jesus Misericordioso, o perfil dele, eu via os raios e via o rosto, Jesus Misericordioso indo pra barriga da minha mãe, eu naquele momento, quando os raios ia. Ela me perguntou: e como o bebê está na barriga? Eu estava lá, bem, toda iluminada com aquela luz de Jesus Misericordioso. Foi um dos momentos que eu gostei, porque foram vários. (GIRASSOL, 29 anos em 2016)

A mesma irmã Girassol nos fala que os sinais divinos que indicavam para sua decisão de ser freira também apareceram na infância:

Nunca eu tive contato com freiras, com vida religiosa, mas só que minha mãe nunca ela me disse, ela disse hoje, depois de tantos anos, que desde que eu nasci, ela sempre me achou uma criança diferente dos meus irmãos, né? Então, ela dizia muito que sabia que eu ia ser de Deus. Então, com quatro anos, ela sempre dizia, que eu sempre dizia, quando eu saia com ela na rua, eu sempre dizia: mamãe quando eu crescer eu não quero ser igual a essas pessoas desse mundo. Isso eu tinha quatro anos. Só que ela dizia que não entendia porque eu dizia isso. (GIRASSOL, 29 anos em 2016)

A mãe de uma outra irmã nos conta também sobre como já observava em sua filha desde a adolescência sinais que apontavam para o que ela é hoje. Ao perguntarmos se ela foi pega de surpresa, quando a filha afirmou que desejava ser freira, ela respondeu:

Não, não, de surpresa nunca fui pega não, porque assim, as atitudes dela nunca me surpreendeu, né? De adolescente. Criança não, porque quando criança fica mais difícil da gente identificar, porque ela ficava muito com o pai e não tinha nenhuma restrição em nada, né? Mas depois de adolescente, ela começou a rejeitar, sabe? As coisas que o mundo oferece, ela era mais de tá em casa, só mais da Igreja e assim festas, essas coisas, roupa de moda, blusa de alcinha, short, nada disso ela usava, era um problema pra vestir esse freira, minha filha. Então, foi aí, mais ou menos, antes dos quatorze anos que ela começou, num é? Ela começou a despertar mais o gosto pela vida religiosa. Aí pra mim não foi surpresa, não, eu já esperava. (Mãe de uma freira, 49 anos em 2016)

A irmã Rosa narra um episódio de sua vida no qual acredita que Deus agiu decididamente para que ela continuasse no caminho de sua vocação:

**Os sinais de Deus, as pessoas, é incrível, você ver que não há um momento profético, há uma caminhada, uma caminhada que ela é cheia de sinais. (...)** Tem uma parte que eu não gosto muito de dizer não rsrsrs, mas vou dizer, é... foi um tempo que me marcou muito tanto por essa experiência que eu tive de grupo, como da experiência que eu tive de namoro, com um menino que eu achava, chega um momento mesmo e depois eu refletindo, eu disse de fato, mas de fato, eu amava de verdade, então pra mim, aquilo era o menino dos meus

sonhos, a fase que eu estava vivendo era aquela. Então, chegou a um ponto, que a gente tinha combinado, como a gente não tinha condições pra casar, a gente ia fugir, mas é incrível como você ver assim, as vezes Deus planta o sonho em nosso coração e deixa que a gente busca, e vai ajudando, vai buscando, vai conduzindo, mas há um momento que Ele tem que agir rsrsrs, porque se ele não salvar, depender da gente, a gente cai. Mas é interessante, é sempre um Deus, um Deus que está lá na hora certa. Nessa fase, nesse meio tempo, já estava tudo certo e no dia marcado, aconteceu que de repente apareceu uma outra pessoa lá, procurando alguém pra cuidar de umas crianças (...), isso no mesmo dia pela manhã e naquela hora eu já decidi que ia e pronto, e dali eu fui embora rsrsrsrs todo um sonho rsrs, quem já si viu? Era coisa de doido rsrsrs, mas justamente num tem aquela passagem do povo de Israel, aquele que diz assim: eu te carreguei sobre asas de águias (...), eu digo, então, eu fui carregada pelo bico rsrsrs, não poderia ser um dia antes nem depois, Ele não poderia, foi a hora certa (...) a melhor parte foi que quando eu saí no carro ele (namorado) ainda estava na calçada, mas eu não tive mais coragem, naquele dia eu não sei o que aconteceu comigo, mim deram uma anestesia, eu fiquei sem ação, não tive coragem de descer e dizer estou indo. (...) Isso foi no Natal quando eu vim voltar lá já foi na Semana Santa. Mas eu não o vi mais e até então ficou por isso mesmo. (ROSA, 29 anos em 2016)

Para a irmã foi o agir de Deus que a impediu de fugir com o namorado, sendo tal episódio um importante sinal que confirma que Deus a chamou para a vida contemplativa e não para o matrimônio.

As irmãs argumentam que aderir a vida contemplativa também foi fruto da ação de Deus, na medida em que mesmo tendo passado por outras Ordens de vida ativa, decidiram pela vida contemplativa. Como podemos observar na tabela abaixo, das 25 (vinte e cinco) irmãs que compõem a população do mosteiro da Ordem de Santa Clara em Campina Grande, 09 (nove) já passaram por outras Ordens de vida ativa:



**Tabela 6:** Dados relativos aos aspectos religiosos antes do ingresso no mosteiro

	Participava de alguma igreja e pastoral	Já foi freira de outra Ordem de vida ativa	Religião da maioria dos familiares				
1.	Sim	Sim	Católica	16.	Sim	Sim	Católica
2.	Sim	Não	Católica	17.	Sim (*RCC)	Sim	Católica
3.	Sim	Sim	Católica	18.	Sim	Não	Católica
4.	Sim	Não	Católica	19.	Sim	Sim	Católica
5.	Sim	Sim	Católica	20.	Sim	Não	Católica
6.	Sim	Não	Católica	21.	Sim	Não	Católica
7.	Sim	Não	Católica	22.	Sim	Não	Católica
8.	Sim	Não	Católica	23.	Sim (*RCC)	Não	Católica
9.	Sim	Não	Católica	24.	Sim	Não	Católica
10.	Sim (*RCC)	Não	Católica	25.	Sim	Sim	Católica
11.	Sim (*RCC)	Sim	Católica				
12.	Sim	Não	Católica				
13.	Sim (*RCC)	Não	Católica				
14.	Sim	Sim	Católica				
15.	Sim (*RCC)	Sim	Católica				

**Fonte:** Nossa autoria

\*RCC – Renovação Carismática Católica – Irmãs que eram participantes de grupos de RCC.

**Observação:** O dados estão na mesma seqüência numérica da tabela 3 e 5

A irmã Jasmim relata como foi a sua experiência na Ordem de vida ativa, demonstrando que pertencer ao mosteiro das Clarissas atualmente foi um desígnio de Deus:

Na época eu ainda estava estudando, aí eu conheci as irmãs de Pesqueira, e fiquei sendo acompanhada, pouco tempo também, foi seis meses só, (...) **era um convento de vida ativa** e assim eu não tinha muito esclarecimento dessa questão de vida ativa, de mosteiro, eu não sabia, pra mim todo convento era igual. Mas assim, quando eu senti o primeiro chamado, tudo, é era de clausura mesmo, mas só que eu não sabia distinguir, eu não sabia que existia essa diferença. (...) Então eu me interessei e resolvi, depois de ter feito os seis meses de acompanhamento, eu resolvi entrar, entrei na comunidade e estudava e fazia a formação. Só que com o tempo eu comecei a perceber que não era lá meu lugar. **Comecei, aí conheci outras congregações, aí foi quando eu vi falar pela primeira vez dos mosteiros, o Carmelo,** o Carmelo sempre mais, porque o Carmelo é mais conhecido, aí então, eu comecei a me interessar, li História de uma alma, nada sobre Santa Clara, porque também Santa Clara não é uma Santa muito conhecida, não existe muitos livros sobre ela, então eu. **E lá trabalhávamos com crianças, crianças abandonadas e crianças com deficiência. Só que com um tempo eu não me identificava, vivia sempre assim, um pouco angustiada, eu sentia que não era aquilo que Deus pedia pra mim.** Mas eu sentia que Deus me pedia a vida religiosa, mas não ali. (...) Acabei ainda passando seis anos lá. (...) No final de 2007 (...) resolvi sair. (...) Eu cheguei a fazer os votos simples. (JASMIM, 32 anos em 2016)

Mesmo tendo passado seis anos em uma Ordem de vida ativa, a irmã decide-se pela vida contemplativa. Segundo ela Deus foi mudando o seu coração:

**Eu senti assim que foi Deus mesmo que foi mudando (...)** Resolvi passar os três meses. (...) eu perguntei a mestra se eu podia entrar como postulante. Ela disse: já. (...) Aí começou o processo, voltamos a pesqueira ainda pra resolver umas coisas e com 20 dias ingressei aqui. (JASMIM, 32 anos em 2016. Grifos nossos)

Ela atribui, como todas as outras irmãs, a sua escolha ao chamado e ação de Deus, contudo em seu discurso fica clara a atuação das religiosas no processo de disciplinamento para a conformação da opção pelo claustro e do “eu freira”. Assim como podemos apontar, a presença da Igreja Católica no habitus do povo brasileiro e na vida das irmãs, na consolidação dessa opção. A tabela 6 deixa evidente tal constatação, todas as irmãs são provenientes de famílias Católicas e já pertenciam as pastorais dessa Igreja.

O mosteiro de vida contemplativa também pode ser observado como uma instituição de restabelecimento social. Ao optar pelo claustro, a mulher concede uma resposta à sociedade, mesmo estando no claustro, fora do mundo externo. Escreve a historiadora Leila Algranti (1992, p. 58):

Estamos acostumados a pensar as instituições de claustro como espaços fechados ao exterior, mas quando se trata de analisar a dinâmica dessas instituições com seu significado, percebe-se que os limites entre elas e a sociedade não existem. As instituições são criadas a partir de normas que expressam os sentimentos e os valores dos indivíduos; moldam-se às necessidades da sociedade e possuem assim, certa dose de flexibilidade. Sem dúvida são espaços de encerramento, mas é exatamente esta dinâmica – encerramento/abertura - que permite captar sua ligação com a sociedade.

A citada historiadora ao se debruçar sobre os mosteiros femininos no Brasil colônia, argumenta que os mosteiros se apresentaram nos últimos séculos como o lugar da honra, da devoção e da educação. A referida autora escreve:

Mesmo após o Concílio de Trento, quando se regulamentou em 16 anos a idade mínima para professar e proibiu-se a entrada para a vida religiosa contra a vontade das candidatas, encontraremos nos claustros femininos mulheres em busca de asilo e proteção, pensionistas e educandas. Local de devoção a Deus, mas também de preservação da virtude feminina, são características que se encontram indissolavelmente associadas aos claustros femininos e à condição de vida das mulheres, quer seja em tempos mais remotos quer nos séculos mais próximos a nós. (ALGRANTI, 1992, p.46)

Ao analisar a realidade do Mosteiro de Santa Clara, Campina Grande – PB no século XXI, podemos afirmar que o referido mosteiro feminino se apresenta também como o lugar da devoção, mas não como da honra e da educação. Existe um exercício de leitura e de escrita presente na formação/disciplinamento, mas não o ensino das letras e cálculos. Aqui na cidade temos outras Ordens religiosas que se especializaram na tarefa de educar as crianças e jovens, como o Colégio Imaculada Conceição - Damas e a Escola Virgem de Lourdes - Lourdinhas. E quanto à honra, no contexto atual, por exemplo, jovens mulheres não podem se refugiar no mosteiro para defender a sua reputação quando não contrai o matrimônio, em situações em que a família não quer dividir a herança, como ocorria na idade média, ou para guardar a honra de uma viúva, entre outros, a clausura deve ser o lugar da devoção, de vivenciar o chamado de Deus.

Podemos afirmar que a opção pela vida em clausura, ou melhor, esse florescimento do mosteiro de Santa Clara em pleno século XXI, em linhas gerais, se dá em função de forças sociais provenientes do ethos acentuadamente Católico existente no Brasil, da presença dessa Igreja com elaboração de suas narrativas religiosas, e de seus *trabalhos* cotidianos com a efetiva rememoração e atualização dessas narrativas, especificamente de freis e freiras, com destaque ao *trabalho* dessas últimas em seu acompanhamento composto por evangelização e disciplinamento, com o exercício de uma liderança *carismática*, se apresentando para algumas mulheres como modelo de identidade a ser seguida, desde “simples” práticas, como o modo de se vestir. Se constitui também em função de forças sociais provenientes dos desejos e inquietações que surgem diante das características provenientes e presentes no mundo secular contemporâneo. Além de ser também impulsionada pela ideia de uma excepcionalidade do mosteiro e da capela de Santa Clara, dado que exploraremos no próximo capítulo.



## **CAPÍTULO IV:**

“Eis-nos, pois, perante a imagem de uma entidade concebida no eixo polarizado do binómio interior-exterior, século-religião e, por antonomásia, corpo-alma, material-espiritual, contigente-transcendente” (JACQUINET, 2015, p. 230).

### **OLHANDO PARA O CLAUSTRO - ENTRE CONTÍNUOS**

A realidade do claustro embora possua características próprias que nos ajudam a identificá-lo como um lugar por excelência destinado para uma vida devocional, não se distancia totalmente de características presentes na estrutura da sociedade, uma vez que toda convivência é permeada por papéis sociais, hierarquias e relações de poder, além de possuímos uma vida social permeada por instituições disciplinares. Benelli (2014 p. 17) afirma: “haja vista que ainda vivemos numa sociedade disciplinar”.

Cientes dessas aproximações e distanciamentos em relação ao mundo secular, optamos por olhar o claustro não o julgando a partir dos parâmetros de nossa sociedade externa, mas compreendendo esse encontro com o “outro” como mais uma oportunidade de também entender melhor a nossa realidade, evitando assim o desenvolvimento de uma abordagem etnocêntrica. É no encontro com outro que descobrimos quem somos.

Nesse encontro com os nossos interlocutores, privilegiamos sempre o diálogo e isso suscitou nos pesquisados o desejo de participar cada vez mais, nos permitindo avançar em nossos objetivos, o que pudemos comprovar

também quando uma das irmãs de maneira informal afirmou que havia fornecido todas as informações devido à relação de confiança que estabelecemos, comprovando como foi importante o nosso posicionamento dialógico, que é resultado da perspectiva teórico-metodológica que assumimos, como já abordamos no tópico *percurso de pesquisa*.

Assumimos uma postura através da qual a humildade se fez imprescindível, ao considerar a importância das diferentes contribuições teóricas já produzidas e de ir ao encontro dos interlocutores na realidade social, a fim de fugir do risco de reificação, ou seja, começar a escrever abstrações sem falar delas mesmas, perdendo de vista as dinâmicas da realidade (BOURDIEU, 2004). Escreve Bourdieu (2004, p.64. Grifos nossos) ainda sobre essa necessidade de uma postura humilde do cientista social:

Uma das inúmeras razões da particular dificuldade das ciências sociais está no facto de exigirem união de uma grande ambição com uma **extrema humildade**: humildade necessária para conseguir dominar praticamente todo o conjunto dos conhecimentos adquiridos, dispersos e *pouco formalizados*, da disciplina, incorporando-o, como modo de *habitus* (apesar da falsa originalidade da arrogância ou da ignorância continuarem a ter crédito); ambição indispensável para tentar totalizar numa prática realmente cumulativa o conjunto dos saberes e do saber-fazer acumulados em todos os actos de conhecimento.

Com a compreensão que estamos frente a um fazer científico que se constitui através de um processo cumulativo teórico e empírico que deve ser fomentado pela humildade, diante do claustro, percebemos, entre outros fatores, o quanto a escolha pela vida em clausura consiste em uma opção e alternativa social que se apresenta como desafiante, pelo fato de as irmãs romperem significativamente com o mundo secular e, principalmente, com a família consanguínea, como pudemos observar nos capítulos anteriores. Trata-se de um processo de adaptação a um modo de vida bem diferente do vivido anteriormente, e assim apresenta-se em muitos momentos como sendo um difícil processo. Contudo, paradoxalmente, como é próprio das relações sociais, pudemos perceber que tomando como base a ideia do modo de vida

da Ordem de Santa Clara e assim a prática da fraternidade, podemos inferir que a alegria também faz parte do mundo do claustro e identifica o mosteiro das Clarissas.

O bispo da cidade de Campina Grande-PB também aponta para esse fator da alegria presente nas irmãs da Ordem de Santa Clara, ao se referir ao mosteiro da mesma Ordem localizado na cidade de Caicó- RN:

Eu lembro que meus sobrinhos (...) que vieram nos visitar quando eu estava em Caicó, e lá tinha um mosteiro das Clarissas e levei eles lá para conhecer o mosteiro. E na entrada do mosteiro tem uma grade que as irmãs ficam depois dessas grades. E quando elas, eles ficaram achando assim, um bocado, vão chegar aqui umas freirinhas idosas, velhinhas... e de repente chega um grupo de irmãs tudo jovens, com violão e cantando numa voz bem afinada, uma alegria assim contagiante e acolhendo e falando com todo mundo e eles ficaram impressionados: eu não podia imaginar que as pessoas viviam dentro, por trás de umas grades pudessem ser tão alegres assim. De onde vem essa alegria? Porque elas têm um outro nível de experiência e na verdade quem tá com Deus num tem prisões nenhuma não, é uma liberdade total, e quem renuncia uma pseudoliberalidade desta vida, do consumismo, dos vícios e de tudo, pra ter uma experiência de Deus é muito mais feliz. São Paulo quando foi preso, dentro da cadeia, ele se proclamava a pessoa mais livre, escrevia suas cartas, mandava suas mensagens para as comunidades que ele havia fundando, ele dizia: sou prisioneiro em Cristo, mas em Cristo encontro a minha liberdade plena. Assim, são as irmãs por opção pessoal, ninguém está ali obrigadas, estão ali muito bem, felizes. (Bispo da Diocese de Campina Grande – PB, 63 anos em 2017)

A alegria é de fato uma das características que marca e surpreende muitos que entram em contato pela primeira vez com o mosteiro Clarissas, contribuindo para reelaborações positivas em relação às representações quanto ao modo de vida contemplativo, sobretudo no que diz respeito à existência de grades. Pudemos observar que o voto de clausura e todas as suas implicações constituem a principal preocupação dos familiares, mas também da própria administração do mosteiro.

A administração do mosteiro não está preocupada com a existência das grades, mas com as tais implicações desse modo de vida, pois ao optar pela

clausura, essas mulheres passam a vivenciar um cotidiano que suscita delas uma intensa e concentrada atuação social, elas permanecem o tempo todo juntas em um mesmo espaço físico (GOFFMAN, 1974). É nesse cenário que as preocupações com o bem-estar das irmãs, com os processos de interação social e a busca por um cotidiano tranquilo e alegre se apresentam como imprescindíveis. E as terapias com psicólogos se tornam uma alternativa.

Segundo os relatos, ao contar com as formações existentes no mosteiro e por vezes com a ajuda psicológica, as irmãs aprendem a buscar compreender umas às outras e, mais do que isso, a compreender a si mesmas, buscando aprender a viver também em silêncio. Assim, esse modo de vida que por vezes se apresenta como de difícil adaptação, se torna em muitos momentos “tranquilos”, tendo em vista a opção de dedicação ao seu esposo, Jesus Cristo, fomentada pelo processo disciplinar e de dominação carismática, além da possibilidade de se encontrar com o seu “eu”, quando diante do silêncio, sem a diversidade de *audiências* (GOFFMAN, 1974) encontradas no mundo secular.

A terapia psicológica também é utilizada como um meio para confirmar a vocação religiosa como citamos no capítulo anterior, especificamente a Abordagem do Inconsciente (ADI). Todas as irmãs que estabeleceram diálogos conosco apontam tal abordagem como importante nessa confirmação e também como ajuda nas relações cotidianas, pois uma vez se sentido seguras de sua decisão de vida, a adaptação se consolida a cada dia.

Essa busca pela terapia psicológica também nos revela o diálogo entre o antigo e o moderno: uma instituição antiga em tempos contemporâneos recorre à ciência, um dos sinônimos dos novos tempos, no caso a psicologia, para favorecer a perpetuação do mosteiro ao preservar o bem-estar das freiras e a interação no interior do claustro.

Estamos diante de um fenômeno que contraria as apostas de diversos teóricos, que afirmavam sobre o avanço da ciência em detrimento da religião. Escreve Hervieu-Léger (2008, p. 17):

Durante muito tempo sem ter clareza a respeito desse objeto do qual ela constatava e acompanhava o aniquilamento social, ao mesmo tempo em que se impunha a todos os fronts uma



modernidade definitivamente a-religiosa, a sociologia das religiões viu-se totalmente sacudida ao descobrir na virada dos anos 1970, que esta modernidade secular, supostamente governada pela razão científica e técnica, era, também ela uma nuvem de crença. (...) Ocupados durante anos em analisar o fim de um mundo religioso herdado do passado, os especialistas da sociologia religiosa se encontram, hoje, diante de novas interrogações.

Para consolidação da ciência, o recurso argumentativo, por vezes, foi afirmar sobre o recuo da religião, porém o que está diante dos nossos olhos é justamente o contrário, as religiões e a religiosidade se mantêm vivas e atuantes, assumindo diversas feições, além de seguirem dialogando e fazendo uso da ciência para sua manutenção.

E a permanência dos mosteiros de clausura feminina se coloca como mais surpreendentes ainda, ao fechar-se, negando significativamente o mundo contemporâneo, o que demonstra a complexidade das relações sociais, e revela que há um contínuo entre o que em geral é considerado tradicional e moderno. A instituição religiosa de clausura permanece no Brasil desde o período colonial, embora tenham ocorrido algumas modificações. Para a sua manutenção é necessário por vezes ceder as necessidades provenientes do mundo contemporâneo, permitindo e realizando até ações que não constam na *Regra e Constituições*, tendo em vista o contexto histórico o qual foram elaborados e os próprios objetivos das instituições. Benelli (2014, p.17-18) escreve:

A partir dos estudos que realizamos entendemos que um elemento estrutural das instituições, em geral, é o descompasso e a contradição entre o plano estabelecido em seus estatutos e as práticas implementadas em seu projeto cotidiano (...) E as instituições tendem a resistir aos processos de dissolução, por isso gastam grande parte de suas energias em esforços de automanutenção.

Um padre da cidade de Campina Grande fala sobre algumas modificações que foram sendo realizadas ao longo do tempo se referindo ao hábito das freiras e as grades:

Eu diria que houve uma certa mudança com o Concílio Vaticano Segundo, aí 65, num é? Mas eu acho que mudou mais a questão da aparência, por exemplo, antigamente elas usavam um véu no rosto, além daquele habito havia um véu no rosto e aquela grade que hoje está lá de ferro, depois havia uma grade dupla de madeira, então você imagina que a visão era bem menor. Você chegava ali e conversava com elas, mas em uma visão bem menor. (PADRE DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE, 68 anos em 2017)

Entre essas modificações se destacam no mosteiro pesquisado também o uso de aparelhos eletrônicos, os quais se apresentam como um dos elementos que garantem a sua sobrevivência no mundo contemporâneo, sobretudo no que diz respeito às questões administrativas. Para entrar em contato com benfeitores, familiares, amigos do mosteiro, padres, freis e freiras no âmbito local, nacional e mundial se fazem necessários instrumentos como telefones e computadores. Porém, esses contatos são limitados de acordo com as normas do mosteiro e é sempre necessário pedir autorização à madre, de forma que se adeque aos horários das atividades desenvolvidas no cotidiano.

Há no mosteiro uma irmã eleita pelo conselho, responsável por realizar as atividades desenvolvidas no computador, inclusive ler e passar para as demais irmãs as informações atuais relevantes para a sua forma de vida, e há também um rodízio entre as irmãs para atender ao telefone, pois há um telefone cujo o número é amplamente divulgado na cidade. Explica a irmã Rosa (29 anos em 2016):

Temos uma irmã que é a secretária, que é a responsável para tudo no computador. Se eu preciso de alguma coisa eu vou lá com ela (...) tudo que você precisa aquela irmã é que é responsável. Primeiro eu vou a madre. Não é uma coisa de prisão, mas de disciplina e controle, pois imagina uma casa com 25 pessoas cada uma tendo o seu celular, cada uma tendo a sua televisão, a sua internet no quarto pra ligar e assistir na hora que quer, mandar mensagem pra quem quiser na hora que quer. Imagina que comunidade se tornaria no final? (...) Porque assim, você está roubando o tempo de Deus. (...) Eu não posso fazer nada sem permissão da madre (...) Ela quem vai saber permitir ou não. É prisão? Não. É simplesmente o que o bispo disse: diante da tentação do querer ter, do poder, você pela obediência se coloca nas mãos de uma pessoa. E aquela pessoa, com a visão de fé, vai ser o sinal de Deus na

sua vida. Não que você não tenha a sua vontade própria, é claro isso faz parte do seu amadurecimento humano. Pra não ficar aquela coisa tudo dependendo do outro, que o outro diga a hora que devo fazer, não! Você sabe o que deve fazer, então aja! O espírito Santo do Senhor. Como diz Paulo: eu também acredito no Espírito do Senhor. Então ele age em cada pessoa. Mas assim, você vai a madre, pede permissão se é para ligar, você vai lá e liga. (...) Tudo de uso comum. (...) Na internet, a irmã que é responsável, na nossa casa temos duas irmãs como secretárias. Elas são responsáveis de ficar atentas, se há uma notícia importante da Igreja, do papa, algum comunicado assim elas são responsáveis de passar aquilo para a comunidade, de estar sempre observando, se chega um e-mail para uma irmã. Ela não precisa abrir para ver o que é, isso nós temos o respeito, até mesmo pela questão pessoal de cada uma, mas ela comunica a irmã, ou até mesmo imprime para que a irmã leia (...). Pelo voto que a gente faz de sem nada de próprio, tudo é de uso comum, pra uso da comunidade. (...)

O uso dos aparelhos eletrônicos é sempre coletivo e com a autorização da madre, fator que as irmãs sempre estão preocupadas em explicar, ao afirmar que não se trata de uma prisão, como observamos no relato acima. Ao contrário, para elas o uso comum e a obediência à madre caracterizam e colabora para a permanência do modo de vida contemplativo.

Podemos verificar as modificações e adequações à realidade contemporânea no mosteiro também quando observamos que as irmãs podem assistir alguns filmes ou qualquer programação que contribuam para a formação e/ou simplesmente para o lazer, sempre obedecendo às normas do mosteiro. Os filmes destinados aos momentos de lazer no mosteiro de Campina Grande- PB são geralmente exibidos às 19h00 (dezenove horas), no momento do intervalo, e sempre em um espaço coletivo, no claustro há um espaço para a televisão. A irmã narra um pouco sobre quando ocorre a exibição de filmes:

Nós temos uma televisão que a gente não para pra assistir, a não ser assim: a vinda do papa (...). Há uma hora de recreação todos os dias. (...) Mas se é festa de alguma irmã, ela tem direito a pedir um filme, então ela escolhe o filme, as vezes escolhe até se quer rezar antes pra depois vir e ficar assistindo o filme todo, ou se vai embora e deixa para assistir o resto no outro dia. (...) Assiste na sala que nós chamamos sala da

comunidade, tudo que for da comunidade fica naquela sala.  
(ROSA, 29 anos em 2016)

Ao olhar para o mosteiro da Ordem de Santa Clara em Campina Grande- PB, também observamos a existência de processos de racionalização, compreendido nos termos de Max Weber (2004), além desse diálogo do mosteiro com o mundo moderno ao recorrer às tecnologias (Computador, telefone, televisão, aparelho de DVD) e a ciência (psicologia). Podemos inferir que tais processos de racionalização perpassam a vida contemplativa deste mosteiro, o que na teoria de Weber (2004) seria essencialmente da vida ascética.

Mesmo que a vida no mosteiro se apresente como uma vivência de uma vocação contemplativa, o que Weber (2004) denomina de extramundana, as irmãs assumem uma forma de vida que na prática também se aproxima do que Weber chama de uma vida asceta *intramundana*. Embora ocorra a clausura e a compreensão de que se deve voltar inteiramente ao sagrado, deixando o mundo secular, ou seja, o que seria uma conduta *extramundana*, as irmãs também confirmam a sua vocação ao obter sucesso no desenvolvimento das atividades propostas na vida cotidiana do mosteiro (uma conduta de vida *asceta*), onde há um modo sistematizado de levar a vida, uma conduta ética permeada por pontos de vistas científicos (*racionalização*), e ainda estão o tempo sempre em contato com a sociedade secular, o que se revela em suas interlocuções com o mundo através das práticas de aconselhamento, a qual nos referimos no capítulo anterior. Elas atuam buscando sanar e atender necessidades do mundo externo, sendo um lugar de referência religiosa, onde a população pode encontrar paz, orações, acolhimento, entre outros.

Não podemos afirmar que a vida no mosteiro se aproxima apenas do que Max Weber (2004) entende como uma vida extramundana, pois o modo de vida das irmãs também se aproxima do que o autor caracteriza como uma vida intramundana. Ao olhar para o claustro observamos que há um contínuo entre o que consideramos tradicional e moderno e um contínuo entre uma vida *extramundana* e a *intramundana*, o que vai implicar em processos de *racionalizações*.

A formação das irmãs, ou seja, a constituição do “eu freira”, ocorre através do processo de racionalização, o qual está associado ao processo de intelectualização, que está intimamente relacionado ao avanço da ciência. Elas buscam nos estudos, nas leituras, o total suporte para esta constituição, além dos discursos e práticas cotidianos do mosteiro se basearem em estudos científicos. Os santos que as irmãs atribuem o poder da intercessão, por exemplo, são os santos canonizados pela Igreja Católica e esse processo de canonização passa por comprovações científicas, são considerados santos aqueles os quais têm seus milagres comprovados cientificamente. Sendo proibida a devoção a santos não canonizados, santos não reconhecidos pela Igreja Católica. Escreve Cecília Loreto Mariz (2010, p. 72. Grifos nossos) quanto ao conceito de racionalização presente na obra de Max Weber (2004):

O tipo específico de **racionalização** moderna ocidental seria em parte identificado, por Weber (1983: 1-4), a um processo crescente de **intelectualização** com elaboração de princípios, regras, critérios que pretendem ter validade universal e coerência interna, num projeto próximo ao do matemático. A leitura matemática da natureza e a ciência moderna (que se submete a imperativos de coerência lógica e ao teste empírico) foram então especificidades da cultura ocidental. Essa racionalização expressa-se assim de forma distinta nas diferentes esferas da vida no sistema econômico, no político e em toda a cultura, seja na ciência, na arte e na própria religião.

Na atuação da Igreja Católica no Brasil no contexto de processos históricos peculiares no final do século XIX e no período republicano, também se destaca nesse processo de racionalização, quando ocorre o que os cientistas sociais e historiadores denominam de *romanização*<sup>69</sup>:

Esse movimento estava relacionado no plano eclesiástico com a reforma da Igreja Católica, que buscava a centralização do seu governo pelo Vaticano. Esta ação reformadora tinha por objetivo moldar o catolicismo brasileiro conforme o modelo

---

<sup>69</sup> “No Brasil, a romanização assumiu maior firmeza com a proclamação da República, que, ao separar Igreja e Estado e garantir àquela o direito de organizar-se da forma que considerasse mais adequada, lhe permitiu seguir de perto as diretrizes romanas” (MENEZES, 2004, p. 23).

romano. Seus traços essenciais são a espiritualidade centrada na prática dos sacramentos e o clericalismo. A *romanização* havia se iniciado com a *questão religiosa* no segundo Império (1870). Contudo, é apenas depois da separação entre Igreja e Estado que esse processo se dissemina no país, contando com a colaboração das ordens e congregações religiosas vindas da Europa. (OLIVEIRA, 1985, p. 279-296 apud STEIL, 1996, p. 229)

Com o processo de romanização, a Igreja passa a intensificar os processos de evangelização baseado nas normas e regras presentes nos documentos oficiais da Igreja e, sobretudo, na Bíblia, a combater os cultos a santos populares, pregando a intercessão somente dos santos canonizados, a centrar os seus rituais na realização de sacramentos, os quais só quem tem permissão e autoridade para realizá-los ou dirigi-los é o clero<sup>70</sup>, que passou pelo processo de formação científica fornecido pela própria Igreja. Fatores os quais conectam-se com a compreensão de Max Weber sobre a racionalização moderna ocidental, que está associada ao distanciamento do que Weber define como o tipo ideal da magia.

Olhando para a Igreja católica neste momento da história, o antagonismo e combate se dão diretamente entre o clero romanizado, com os seus rituais sacramentais, e as devoções populares, as quais estão permeadas por práticas mais espontâneas que se aproximam do tipo ideal da magia. “Esse processo de passagem da magia para a religião pode ser identificado como *um tipo*<sup>71</sup> de racionalização do campo religioso” (MARIZ, 2010, p.81).

No mosteiro as irmãs se aproximam em suas práticas cotidianas do ideal típico da religião (WEBER, 2004) onde há uma “sistematização intelectual dos conceitos sobre os deuses e uma elaboração teórico-doutrinária sobre a relação do divino com o humano” (MARIZ, 2010, p.81-82).

Contudo, é importante ressaltar que há sempre ambiguidades, as quais estamos chamando aqui de contínuos, e aqui ela se destaca quando observamos que a celebração dos sacramentos e o clericalismo presentes na

---

<sup>70</sup> Eles são os profissionais do sagrado.

<sup>71</sup> É importante sublinhar que é um tipo porque Weber sempre lembra que a magia e religião são ambas racionais, mas adotam e desenvolvem racionalidades distintas. (MARIZ, 2010, p.81)

Igreja Católica e no mosteiro Clarissa, embora seja atravessado por processos de racionalização, também são atravessados por meios mágicos. Podemos considerar tal aspecto quando verificamos que Max Weber (2004) aponta que quando há ênfase nos sacramentos, por exemplo, há também magia, ao se referir ao puritanismo protestante. Vejamos:

(...) o ser humano se via relegado a traçar sozinho sua estrada ao encontro do destino fixado desde toda a eternidade. Ninguém podia ajudá-lo. Nenhum pregador: pois somente o eleito é capaz de compreender *spiritualiter* {em espírito} a palavra de Deus. Nenhum sacramento: pois os sacramentos, com certeza ordenado por Deus para o aumento de sua glória e sendo por conseguinte invioláveis, não são contudo um meio de obter a graça de Deus, limitando-se apenas a ser, subjetivamente, *externa subsidia* {auxílios externos} da fé. (...) Não havia nenhum **meio mágico**, melhor dizendo, meio nenhum que proporcionasse a graça divina a quem Deus houvesse decidido negá-la. (WEBER, 2004, p. 95-96. Grifos nossos)

Na Igreja Católica e no mosteiro Clarissa pesquisado, os sacerdotes, os rituais e os sacramentos (meios mágicos) são meios imprescindíveis para obtenção da salvação eterna diante de Deus, embora ocorram também processos de racionalização.

Além da *magia* está presente no mosteiro na medida em que as irmãs<sup>72</sup> sofrem influências da Renovação Carismática Católica<sup>73</sup>, o que se aproxima do fenômeno da *remagicização* e valorização da *magia*, como argumenta Prandi (1992), no interior da Igreja Católica.<sup>74</sup> O referido autor explica em que os carismáticos apostam:

---

<sup>72</sup> 06 (seis) irmãs informaram que antes de entrarem para a vida em clausura participavam de Grupos de Renovação Carismática, inclusive a mestra que acompanha as vocacionadas, como podemos ver na tabela 6 na página 175.

<sup>73</sup> Segundo Machado (1996, p. 46) a história da Renovação Carismática Católica (RCC) começou em 1967, na cidade norte-americana de Pittsburgh, e envolveu alunos e professores de uma Universidade de Duquesne, que se dedicaram a “buscar o Batismo do Espírito Santo” e ao desenvolvimento dos dons carismáticos, a partir de leituras das publicações pentecostais e da participação em encontros internacionais. Inicialmente denominando-se Movimento Pentecostal na Igreja Católica.

<sup>74</sup> Movimento que se instaurou também em resposta ao avanço do pentecostalismo e das religiões afro-brasileiras (PRANDI, 1992).

Os católicos carismáticos apostam numa transcendência imediata, muito diferente da grande e distante transcendência das comunidades de base, crêem na cura pela imposição das mãos, no contato direto com o sagrado, através dos dons do Espírito Santo. (PRANDI, 1992, p.90)

As irmãs apregoam e são consideradas as representações do contato direto com o sagrado, elas e os fiéis afirmam que a clausura favorece esse contato direto com Deus. No mosteiro há *magia* e há *racionalizações*, o que caracteriza mais uma vez a existência de contínuos e ambiguidades na realidade do mosteiro Clarissa pesquisado.

Ao olhar para o claustro da Ordem de Santa Clara, o que sobressai e chama nossa atenção e a dos visitantes são esses aspectos que nos remete à *magia*: a força dessas mulheres como a representação feminina desses sacerdotes tão significativos no modo de vida dos católicos.

A capela de Santa Clara em Campina Grande-PB é reconhecida por muitos da comunidade local como um lugar divino, entre outras qualidades, e as irmãs Clarissas como mulheres santas, líderes *carismáticas*, que contribuem diretamente para que o referido local seja considerado excepcional. O bispo fala sobre a importância do mosteiro para a cidade de Campina Grande- PB:

Um mosteiro na cidade, na diocese é uma benção, é sempre uma referência de espiritualidade. O próprio ambiente do mosteiro, mas silencioso, convida ao recolhimento, então muita gente que quer fazer uma experiência vai lá na capela do mosteiro ou querem as vezes uma conversa pessoal procuram conversar com as irmãs, com umas das irmãs, tem aquelas externas que atende mais o povo, né? E também tem alguma irmã interna liberada pra isso. Então faz um bem muito grande. Também uma fonte de benção, porque é um lugar de oração. (Bispo da Diocese de Campina Grande – PB, 63 anos em 2017)

O mosteiro trata-se de um lugar no qual acolhe pessoas de todas as classes sociais, mas observamos um maior número de pessoas que apresenta boas condições financeiras, devido inclusive a localização do mosteiro, no centro de Campina Grande, distantes dos bairros mais populares. O padre se refere à localização do mosteiro: “Dom Luiz foi um dos bispos de Campina



Grande, até 2001, por aí, ele costumava dizer uma coisa bonita, que era: “uma presença orante, no coração da cidade”. Então eu achava bem bonito, por que é bem no centro, num é?” (PADRE DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE, 68 anos em 2017).

Devido essa localização no centro da cidade, as pessoas geralmente vão de carro para as missas, para os momentos de orações do terço, novenas, ofícios, entre outros, o que acaba atraindo alguns pedintes que ficam no portão abordando os fiéis, sobretudo em momentos mais festivos e nos finais de semana.

A capela também é um lugar de parada para as pessoas que trabalham no centro da cidade e nas imediações, tendo em vista que ocorrem missas todos os dias e o santíssimo fica exposto. Os trabalhadores participam da missa às 06h00 (seis horas) da manhã, que tem exatamente uma hora de duração, justamente para favorecer o horário de trabalho, e durante o dia todo, a capela recebe visitas rápidas, de pessoas que realizam suas orações diante do santíssimo e logo vão embora.

Desse modo, a maioria dos frequentadores da capela do mosteiro é de outras paróquias que se deslocam para fazer as suas orações, adorar o santíssimo, realizar e pagar promessas, rezar o terço, rezar as novenas, participar das missas, tendo em vista esse sentimento de especialidade quanto ao mosteiro de Santa Clara, que diante da presença das freiras se apresenta como um lugar que oferece um acesso privilegiado ao sagrado, onde a *magia* se faz presente.

Em todos os dias 08 de dezembro ao meio-dia, na capela do mosteiro de Santa Clara, ocorre um momento de oração chamado “A hora da graça”, diante da imagem peregrina de Nossa Senhora da Rosa mística. Esse rito é celebrado em igrejas católicas do mundo inteiro. Narra a Igreja e seus fiéis que essa celebração realizada todos os anos na mesma data e horário teria sido uma recomendação de nossa Senhora da Rosa Mística à Pierina Gilli em 22 de novembro de 1947. E esse momento na Diocese de Campina Grande ocorre na Capela do mosteiro de Santa Clara. Fiéis das diferentes comunidades participam, e por ser a capela um espaço pequeno, muitos fiéis ficam do lado

de fora. São momentos que marcam bem a espiritualidade do lugar e essa representação de que a capela é um local privilegiado diante do sagrado, observamos a maioria das pessoas visivelmente emocionadas no momento do referido rito. Esse é apenas um dos momentos de manifestação devocional entre outros diversos que ocorrem diariamente e entre os quais pude vivenciar e acompanhar.

Durante nossa pesquisa também observamos várias pessoas deixando pedidos de orações escritos na urna destinada ao depósito desses pedidos, inclusive em um dos momentos de oração do terço, um casal, visivelmente emocionado, escreve o seu pedido de oração, depositando-o na urna e logo depois manifestando para a assembleia o motivo de estarem rezando naquela tarde. Eles estavam com um parente entre a vida e a morte naquele momento em um hospital da cidade, mas tinha certeza de que a oração realizada por eles e pelas irmãs ia os conduzir ao milagre da cura do seu familiar. O mosteiro e a capela é esse lugar especial onde os fiéis sabem e creem que irão encontrar consolo no momento de desespero. Fala uma jovem sobre como a capela de Santa Clara é importante para sua vida:

As Clarissas na minha vida foi, se lá tivesse um gravadorzinho, pra gravar todas as vezes que eu fui nas Clarissas, todo mundo ia entender essa história, porque eu fui muitas vezes lá, e lá era onde eu pedia forças, lá era onde eu rezava pela minha família, lá era onde eu conseguia forças. (...) E eu continuo indo, eu continuo pedindo. (...) E as Clarissas foi de uma importância tremenda e é até hoje, lá eu me sinto muito bem, eu consigo recuperar minhas forças lá, quando eu saí de lá eu saí uma pessoa renovada, como se realmente eu tivesse Deus ali fisicamente conversando comigo, me dando força, me dando coragem, falando comigo muitas vezes, basta eu silenciar e eu sinto Deus falando comigo. (Católica que frequenta o mosteiro da Ordem de Santa Clara, 35 anos em 2018).

A jovem, como outros interlocutores, aponta a capela como um lugar excepcional que permite uma maior aproximação com Deus. Menezes (2004, p. 76) afirma que o convento pode ser entendido como um pedaço do céu na terra:

Mas suas qualidades extraordinárias também podem ser investidas de um sentido religioso, passando a ser lidas como “sinais” de manifestação de algo divino, e a excepcionalidade do prédio assumem outro registro. Além de um “refúgio desse mundo”, o convento pode ser visto como um pedaço “do outro mundo” na superfície terrestre.

Também podemos confirmar essa percepção de que a capela é um lugar especial para vivenciar a devoção. Nas duas oportunidades que tivemos de dormir no mosteiro, do lado de fora do claustro, além da nossa condição de pesquisadora, sentimos como se estivéssemos em um retiro religioso, como se o mosteiro fosse o lugar existente aqui na terra mais perto de Deus. Ao acordar bastava cuidar da higiene pessoal e ir se dirigir à capela, como se estivéssemos morando dentro da igreja. E assim foi durante todo o dia, sentindo-se em um retiro, fora da correria do dia a dia, e diante da presença de Deus, sobretudo porque o santíssimo é exposto na capela durante a maior parte do dia.

A vida de oração se faz presente no centro da cidade, no mundo urbano, acompanhando as transformações sociais. A capela anteriormente era um lugar com características rurais, do campo, hoje ela é arrodada de prédios e sobretudo os comerciais, mas, mesmo assim, tem atendido às necessidades dessas populações urbanas e do comércio de Campina Grande. Na narrativa de construção do mosteiro, a participação dos comerciantes já é ressaltada e ainda hoje permanecem, eles são apontados como principais donatários.

Em função do grande fluxo de pessoas que frequentam e preservam uma admiração especial pela vida contemplativa e assim pela capela de Santa Clara, no mosteiro não são celebrados sacramentos da iniciação cristã como: O Batismo, a Crisma, a Primeira Eucaristia e a Celebração do Matrimônio. As irmãs afirmam que se fosse permitido teria casamento e batizado todos os dias, o que atrapalharia o ritmo de oração e trabalho, impactando diretamente no modo de vida.

Vejamos o que diz uma senhora que mesmo residindo em um bairro distante do mosteiro vai de segunda a sexta-feira para o mosteiro, deixando para participar de sua comunidade local apenas nos finais de semana:

Eu vou a missa todos os dias e é lá, sabe? Eu gosto muito, é uma coisa muito calma, eu vou logo cedo, o santíssimo está exposto, a gente adora o santíssimo e daí a gente já começa o dia bem encaminhada. E elas são muito calma, elas estão lá rezando a liturgia diária, né? E eu gosto muito, por conta daquela calma, eu gosto muito que traz uma paz de espírito. (Católica que frequenta o mosteiro da Ordem de Santa Clara, 65 anos em 2017)

Em momentos festivos, ou simplesmente após as missas, os locutórios ficam lotados de pessoas querendo cumprimentar as irmãs, estabelecer um diálogo, pedir uma benção, um aconselhamento, o que se estende durante toda a semana, sempre há pessoas marcando horários que possam conversar com as irmãs em particular. Perguntamos-nos a que se deve tal procura pelas irmãs, se elas estão “fora do mundo”. O que conduz as pessoas a admirarem esse lugar e essas mulheres? As pessoas as quais dialogamos atribuem sempre a um sentimento especial que sentem ao entrar em contato com o mosteiro. E logo observamos que a liderança *carismática* (WEBER, 1997) exercida, diante da comunidade é fundamental para o surgimento desses sentimentos de identificação.

Como já indicamos acima, embora as irmãs “saíam do mundo” na medida em que se recolhem no claustro, elas permanecem no mundo na medida em que não perde de vista a atenção com a comunidade secular, o que se constitui também como fundamental para a manutenção da existência da instituição. Conta a nossa interlocutora:

A gente quando tá com problema a gente vai lá e elas se dispõem a conversar com a gente e ouvir, porque os nossos problemas a gente não pode expor pra todo mundo que virá fofoca e elas não, elas lá recebe conversa e nos escuta, quando dá elas orientam, quando não elas escutam. Quando a gente tá com um problema só em sentar e ouvir a gente já é grande coisa, já é um alívio muito grande pra o espírito da gente. (Católica que frequenta o mosteiro da Ordem de Santa Clara, 65 anos em 2017)

Mas não podemos deixar de evidenciar os elementos do transcendental apontados pelos nossos interlocutores que frequentam o mosteiro.

Acho que o maior motivo é o silêncio, a gente se identifica muito pela essa questão do silêncio, há momentos que a gente dá uma parada pra rezar melhor, para ter um melhor contato com Deus, apesar de ser uma rua muito movimentada, mas assim a área interna do mosteiro ela é muito silenciosa, então isso favorece mesmo assim a questão da oração, você está mais próximo de Deus, então isso é muito importante pra mim. (...) Outra coisa também importante é a questão das irmãs, eu acho elas muito acolhedoras no próprio convento a simplicidade delas ali, acho que **encanta muito**, além do silêncio a própria missa que é celebrada, o próprio coro, quando elas estão cantando, aquilo ali ajuda muito a gente refletir e rezar, então chama muito atenção **essa espiritualidade também das Clarissas**, essa acolhida que elas tem, alguns momentos que eu vou lá até mesmo pra comprar partículas pra missa, uma coisa assim, sempre uma acolhida muito positiva das irmãs. (...) **As Clarissas é aquele lugar que a gente precisa ter um contato maior com Deus** e ali a gente encontra, a gente sabe que provavelmente entre seis e dezoito horas o convento estaria aberto. Então ali pra mim é um lugar de encontro com Deus, enquanto nossas paróquias como um todo são muito agitadas, tem gente toda hora, lá não, por mais que tenha pessoas visitando o mosteiro toda hora, a gente tem um lugar de silêncio, um lugar de contato com Deus, de experiência com Deus. Eu consigo entender o mosteiro dessa forma, né? Além de a gente encontrar ali a própria espiritualidade franciscana, a gente **encontra um lugar de ter um contato com Deus** e a maior marca é o silêncio. (Católico que frequenta o mosteiro da Ordem Santa Clara, 32 anos em 2017)

Fica bem evidente a afirmação de que o mosteiro é um lugar no qual os fiéis têm a oportunidade de estabelecer um contato maior com Deus, demonstrando essa representação social de que se trata de um lugar especial no que se refere ao mundo religioso, divino, transcendental. O que verificamos todas as vezes em que durante a pesquisa nos referimos ao mosteiro das Clarissas com os católicos da cidade. Uma jovem também afirma sobre esta particularidade do mosteiro: “É muito lindo lá. Uma paz enorme” (Católica que frequenta o mosteiro da Ordem de Santa Clara, 35 anos em 2018).

Essa presença especial do transcendental no mosteiro também aparece como um importante fator na compreensão da opção de jovens mulheres em pleno século XXI pelo claustro. Uma irmã fala sobre como foi importante os momentos de orações vivenciados na Capela de Santa Clara para a sua opção:

Eu comecei a ficar vindo aqui, para rezar o terço, pra ficar um pouquinho diante do santíssimo e foi uma experiência muito interessante, não é uma voz, mas é como se você mesmo se questionasse e eu me questionava assim, olha se isso que você está sentido não for uma admiração, uma vocação? For um chamado, essa vida aqui uma clausura, pobreza franciscana, isso não dá pra mim não. Mas isso me chocou, não é uma admiração é uma vocação, essa é sua vocação, dentro de mim é como se eu mostrasse a mim mesmo que eu estava me identificando, é aquela hora que você para pra dialogar consigo mesmo, como se dentro de você tivesse um eu mais profundo que lhe mostrasse suas aspirações, que por cima você não percebe, na correria do dia a dia não vai, quando a gente para no silêncio você consegue falar consigo mesmo, ter essa conversa. O mosteiro, a capela, favorecem a oração. (ORQUÍDIA, 29 anos em 2018)

As jovens vocacionadas nos revelam que tudo surge através da citada admiração pelo lugar e pelas irmãs. Os aconselhamentos são fundamentais nesse processo de escolha, e de discernimento sobre a existência de uma ideia de vocação - de um chamado de Deus. As vocacionadas afirmam que a escolha ocorre em função da existência de uma vocação, a qual pode surgir ainda no ventre de suas mães, como vimos nos relatos. Além de apontarem como fator importante para a opção pelo claustro a “negação” desse mundo externo secular, tendo em vista a existência de características contemporâneas, por vezes, consideradas negativas, as quais também já abordamos.

Como já evidenciamos, também consideramos essa percepção da existência do que estamos denominando de forças divinas, enfatizada pelos religiosos, religiosas e fiéis. Estamos atentos para o que Laura Segato (1992) enfatiza em seu texto intitulado “*Um paradoxo do relativismo: discurso racional da Antropologia frente ao sagrado*” quanto à operação do relativizar. A autora escreve:

Essa prática interpretativa conduz a que sacrifiquemos uma parte da verdade dos seres humanos retratados em nossos relatos etnográficos, perdendo de vista ou mesmo censurando as evidências que falam de um horizonte íntimo em que ocorre a experiência humana do transcendente (SEGATO, 1992, p. 114).

Em todos os nossos diálogos estabelecidos com as irmãs e com os atores sociais que se relacionam com o mosteiro e com a vida monástica, verificamos que o fundamento dessa opção e o desejo de frequentar o mosteiro é fomentado também por uma experiência com Deus, por isso não podemos sacrificar a substância do fenômeno religioso que é o divino, o transcendental. A irmã Margarida fala sobre sua opção pela clausura:

Quem vem aqui, que se aproxima e conhece questiona. Por que? E por que? A gente deixar tudo, aqui dentro, na clausura, questionam. Esse mundo que tudo você quer você tem, mas por que deixaram tudo? (...) não é obrigado a viver como as pessoas no mundo vive, a gente pode viver sem tanta coisa, que na verdade são supérfluas. (...) Eu descobri algo que o mundo me oferece, eu não saí do mundo porque ele é ruim, no mundo tem muita coisa boa. Eu também não saí do mundo porque não tive oportunidade, não. **Eu saí e vim pra cá porque eu descobri algo melhor**, algo que valia a pena deixar tudo, seja um trabalho, seja família, seja um casamento, tudo, pra tá aqui. (...) **Eu dei de cara com o Nosso Senhor, isso é tão bom que eu não posso deixar passar.** (...) Não dá pra fazer de conta que ele não me chamou (...) **E não dá pra mim ser feliz fora disso.** (MARGARIDA, 34 anos em 2016. Grifos nossos)

As irmãs quando falam sobre a sua vida no claustro nos passam a ideia de que elas optam por um modo de vida através do qual conquistaram a oportunidade e privilégio de encontrar com Cristo em todos os instantes de suas vidas, diferente de quando viviam no mundo secular, só encontravam com Deus em alguns momentos do dia ou da semana. Elas nos transmitem uma ideia de que entregar as suas vidas a Cristo no primeiro momento foi difícil, mas depois se constituiu em momentos e dias de muitas alegrias e de uma alegria completa que promete se estender até a eternidade. O que nos remete à necessidade de completude, de preencher vazios que as jovens

vocacionadas e as próprias freiras professoras solenes perpétuas nos informaram. As irmãs no claustro demonstram que se sentem agora completas. Vejamos a voz de uma irmã:

O objetivo da contemplação é o olhar Nele, na terceira carta de nossa mãe Santa Clara ela diz isso, pra gente colocar a mente no esplendor da eternidade, no espelho da eternidade que é Ele, deixar se transformar toda pela contemplação. É ele que vai nos transformar, a gente não se transforma sozinho, Ele quem vai nos transformando, na medida em que formos dóceis e generosas com Ele, o olhar fixo Nele, com esse espírito de fé, só assim, **a gente vai se sentir livre e feliz na vocação, pra cumprir a nossa missão.** Uma missão que a gente cumpre, a gente vive, a gente vai interagindo com uma vida de oração, com uma vida de sacrifício e de penitência. Mas isso aí é uma maturação que o Espírito Santo vai nos levando. **Hoje eu me sinto assim mais livre, mais decidida.** Hoje o meu olhar se volta só pra Ele, e só o que eu peço é que eu tenha um coração amante e apaixonado por Ele, kkkk que eu não me separe Dele, nunca, nunca. (...) **Uma entrega assim incondicional mesmo, só assim a gente pode se sentir feliz** (...) **essa riqueza de ter conhecido Jesus é tudo,** de conhecê-lo, porque não conheço tudo, mas assim de tá olhando Nele, é tudo, a minha riqueza é conhecê-lo e amá-lo e servi-lo, essa é a minha riqueza. (AMARÍLIS, 46 anos em 2016)

Embora seja recorrente esta ideia de completude nos discursos das irmãs, elas também sempre apontam para a necessidade de uma busca constante por Jesus para se sentir completas a cada dia. E esta completude e encontro com a alegria verdadeira nos remete à sensação de liberdade que elas expressam. Mesmo com a clausura, as irmãs afirmam se sentirem livres e que encontraram a verdadeira liberdade diante da presença de Deus:

O mundo fala muito sobre essa questão de liberdade. Mas assim, as pessoas tem muita sede, sede de amor, de se sentir amado, de amar, de encontrar ainda essa confiança nas pessoas (...) **Mas é incrível como as pessoas tem dificuldades de confiar em Deus, de entregar-se a Deus e ali é a fonte da verdadeira liberdade,** ali é a fonte do verdadeiro amor. (...) Jesus prega a liberdade, **o amor de Deus nos faz livre.** (...) A gente faz muito essa experiência de ver a luz, é uma experiência assim inconfundível. (...) Ali você



chegou, ali você se encontra, não tem dúvida. (ROSA, 29 anos em 2016)

Outra irmã também nos escreve falando sobre a existência de liberdade mesmo tendo realizado o voto de clausura:

Na clausura religiosa existe a vivência da verdadeira liberdade: a liberdade interior, onde o religioso livre das exigências da sociedade pode ser ele mesmo, sem máscaras. Por trás das grades o claustral se liberta de uma sociedade que escraviza determinando a maneira como deve vestir, o padrão de vida a se manter, etc. Aliás, estar “por trás das grades” é uma questão de ponto de vista. Olhando da clausura para fora a “prisão” se inverte. Na clausura está por livre opção, na prisão do sistema da sociedade não. (ORQUÍDEA, 29 anos em 2018. Grifos nossos)

Tal reflexão sobre o modo de vida da sociedade secular nos indica que olhar o outro, estando posicionado de lados opostos provavelmente conduzirá a visões etnocêntricas. Olhar para o claustro a partir de diferentes ângulos nos sugerem múltiplas interpretações. Quanto a essa antinomia da clausura escreve Jacquinet (2015, p. 230):

Se, na sua eloquente configuração os mecanismos da clausura refletem, sobre o mosteiro a imagem de uma férrea subordinação do corpo, não por isso este deixa de representar um elemento de incontornável relevo no seio da vida monástica- relevo, aliás, que parece mesmo sobressair na razão direta da sua pretensa anulação. **São múltiplos os aspectos sentidos e perspectivas que o corpo na clausura oferece à análise.** Por ele podemos designar ou evocar uma realidade conceitualmente contraposta ao espírito e oponente à sua elevação ou antônima do imaterial e do intangível, mas também uma realidade que substancia o sagrado (na hóstia), que evoca a santidade (nas imagens sagradas) ou, ainda, que representa (nas relíquias).

Tendo buscado nos aproximar do claustro, se posicionar de forma não oposta, verificamos que o corpo feminino é submetido a um rigoroso controle e a renúncias, assim como também compreendemos o desenvolvimento de um

projeto de santificação, além de entender a ideia de liberdade propagada pelas irmãs diante do contexto e percepções específicas do mundo do claustro.

As irmãs se colocam também fora do claustro mesmo estando no claustro, há sempre essa relação recíproca e ambígua. Uma senhora católica também fala sobre essa compreensão sobre a liberdade vivenciada pelas irmãs:

Eu gosto quando tem festa de Santa Clara, quando tem procissão, eu acho tão interessante elas fazem dentro mesmo, tá entendendo? A procissão sabe, quando é Nossa Senhora Aparecida, elas fazem a procissão lá dentro. Elas não saem, então já sabe é dentro do mosteiro e a gente acompanhando, eu acho tão lindo, tão lindo. Que eu digo: tá vendo! **Não é uma vida enclausurada é uma vida assim liberta, eu sinto isso. Eu acho uma liberdade.** Elas estão o tempo todo antenadas, volta e meia nas missas elas falam que vão participar de palestras, de formações com um padre, com o bispo. Falam sobre algo que está ocorrendo no mundo. (Católica que frequenta o mosteiro da Ordem de Santa Clara, 65 anos em 2017)

No acompanhamento do cotidiano das irmãs fica evidente essa ideia de que há uma forte interlocução com o mundo secular, o que fomenta e favorece a própria existência da Instituição em pleno século XXI. Há assim a existência de um claustro permeado por contínuos entre o podemos chamar de tradicional e moderno, e entre o que estamos denominando de magia e religião, o que revela obviamente a própria complexidade dos fenômenos sociais, e a especificidade de um tipo de instituição que surge no Brasil desde o período colonial e que ainda permanece, o que implica em ambiguidades, tendo em vista a necessidade de se adequar aos diferentes tempos históricos e realidades sociais mesmo se tratando de um claustro. No caso do Claustro da Ordem de Santa Clara em Campina Grande- PB, tendo sido fundado em 1950, permanece florescendo até os dias atuais.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivando compreender a decisão pela vida religiosa em clausura na contemporaneidade, partindo das narrativas dos nossos interlocutores, principalmente das freiras e vocacionadas, ficou logo evidente em suas vozes que as suas decisões se dão em função de um chamado de Deus, o que estamos denominando de forças divinas. Contudo, o nosso esforço se configurou em buscar a existência de forças sociais, se apresentando como um desafio que demandou um expressivo empreendimento de pesquisa teórico-metodológico que nos conduziu a um desvelamento dessas narrativas em que em certo momento foi possível a identificação dessas forças sociais que impulsionam a decisão pela vida contemplativa.

Evidenciamos como forças sociais as inquietações em relação às características do mundo secular; a atuação da Igreja Católica no Brasil desde o Brasil Colônia, o que resultou em um *habitus* e um ethos acentuadamente religioso; a atuação dos agentes religiosos, com a produção e disseminação de suas narrativas; os *trabalhos* específicos dos padres, freis e freiras frente aos mosteiros de vida contemplativa, inclusive com o processo de *disciplinamento* e *mortificação* do eu secular, permeado pela atualização dos rituais com a participação da comunidade secular; a *dominação carismática* exercida no mosteiro, estabelecendo uma constante interação e ligação com o mundo

secular; além da influência da Renovação Carismática com a presença da *magia*, indicando o mosteiro e sua capela como um lugar da excepcionalidade, onde é possível um contato rápido e direto com Deus.

Ao entrar em contato com esse mosteiro e com os agentes religiosos (padres, freis e freiras, sobretudo com a mestra), as jovens vocacionadas através das contribuições de um processo disciplinar sentem-se no dever moral de dedicar a sua vida inteiramente a Cristo. Dedicção que é socialmente valorizada, aquele que faz o bem ao próximo e que é capaz de abandonar tudo pelo outro, é socialmente admirado, e não sendo uma prática de todas, a exceção torna-se ainda mais valorizada, principalmente tendo em vista essas características do mundo moderno, como argumentamos no decorrer da tese.

Em tempos de individualismo e consumismo, pessoas que optam por viver em coletivo e sem o consumo desenfreado são admiradas por muitos na sociedade. E sendo Jesus Cristo o centro do Cristianismo, o maior exemplo de fazer o bem ao próximo e de recusar toda a riqueza, e o Brasil um país predominantemente cristão e Católico, a escolha pelo claustro pode fazer todo o sentido.

Há uma afinidade significativa entre o ethos religioso dos brasileiros, que possuem uma moral fortemente alicerçada nos valores do Cristianismo, e a escolha para a vida em clausura. No geral sejam pertencente ou não a uma religião, as jovens que procuram o claustro têm em comum o fato de aceitarem como valores o respeito ao próximo e a não valorização do dinheiro acima de tudo.

Podemos evidenciar essa valorização dos princípios presentes no modo de vida do claustro quando observamos que mesmo as famílias consanguíneas das irmãs no geral tendo rejeitado o fato de elas viverem em clausura, há uma valorização do modo de vida escolhido por elas. As famílias em sua maioria só não aceitam “as grades” do mosteiro, mas expressam admiração pela opção das irmãs, por elas se dedicarem inteiramente a Cristo, ao irmãos, sejam as outras irmãs ou a quem procurar o mosteiro, pela capacidade de abdicar do dinheiro, entre outros. A tia de uma postulante fala sobre a felicidade em ter uma freira na família:

Essa decisão dela a gente respeita muito e quer que ela seja feliz. (...) Tem um sentimento, não é de angústia, não quero dizer de angústia, **é mais de uma felicidade por ter uma vocacionada na família também**, porque a gente não tem, né? Isso deixa a gente muito curioso, querendo ver, querendo saber como é, querendo saber como ela vai ficar também. (TIA DE UMA POSTULANTE, 54 anos em 2018)

Além dessa afinidade entre o *ethos* cristão e católico e a opção pelo claustro, argumentamos ao longo do texto a importância da atuação da Igreja Católica, a qual mesmo não possuindo a mesma hegemonia que antes, ainda influencia no *habitus* da população brasileira e na escolha pela vida contemplativa. A tia da postulante também aponta para a influência da Igreja Católica na escolha da sobrinha pela vida em clausura:

Pra mim não foi muita surpresa não, porque, assim nós somos todos católicos, na nossa casa, na nossa família, (...) ela faz parte muito da igreja, graças a Deus. E eu via assim que ela, graças a Deus se interessou, e pra mim não foi novidade, por ser ela quem é, muito meiga, ser muito da Igreja, foi crismada, foi batizada, fez primeira eucaristia, tudo dentro do seu tempo, tudo direitinho eu não tenho muito, eu entendo o lado dela e respeito e pronto. (TIA DE UMA POSTULANTE, 54 anos em 2018)

E esse pertencimento à Igreja Católica é fomentado pela atuação dos seus agentes religiosos, através da atuação na celebração dos rituais, na evangelização e na produção de narrativas religiosas perpassadas por uma hagiografia. Verificamos no primeiro capítulo o quanto são importantes as narrativas em torno do surgimento da Ordem de Santa Clara e da fundação do mosteiro de Campina Grande para que novas mulheres optem pela vida em clausura, pois o primeiro contato com esse modo de vida em todos os casos se constituiu através do contato e da compreensão dessas narrativas religiosas.

Nessa presença da Igreja Católica se destaca a atuação de Padres e Freis que estão o tempo todo dispostos a conduzir mulheres ao encontro da vida religiosa, não medindo esforços para sanar dúvidas em relação ao referido modo de vida. Sendo eles os primeiros, muitas vezes, a serem procurados pelas mulheres para dirimir algumas dúvidas, além de serem fundamentais na

decisão final, pois são os párocos que emitem cartas de recomendações para as jovens vocacionadas, sem a qual a entrada no claustro não seria possível.

Destaca-se também a *dominação carismática* das freiras como ainda mais relevantes para a escolha pela vida contemplativa. O testemunho de vida das irmãs, as suas vestimentas, e os seus trabalhos de acolhimento e aconselhamento ganham relevância, sobretudo, nas últimas (no contexto do século XXI) opções pela vida contemplativa realizadas. As mulheres se identificam e buscam ser igual às irmãs, encontram no claustro uma alternativa social frente às inquietações encontradas no mundo secular.

Como viemos argumentando ao longo da tese, as irmãs afirmam não se identificar com o modo de vida encontrado na realidade contemporânea, permeada pelo consumismo, relacionamentos efêmeros, por um cotidiano agitado com a compressão entre o espaço e o tempo, e que ao não se identificar sentem um vazio que precisa ser preenchido, desse modo teriam encontrado tal possibilidade na vida claustral.

O que nos conduz a evidenciar o potencial de disciplinamento dessa Igreja e de seus agentes, capazes de contribuir para conformação de convicções que muitas vezes se chocam com as aprendidas desde o nascimento, porém diante das ambiguidades e continuidades próprias das realidades sociais, se faz compreensível, na medida em que observamos contínuos entre os dois mundos, sendo possível a existência e sobrevivência do mundo claustral, uma vez que ele dialoga e atende às necessidades também do mundo secular.

Além dessas forças sociais serem imprescindíveis para compreendermos o que conduzem mulheres a optarem pela vida em clausura em pleno século XXI, percebemos a importância de não desconsiderarmos os elementos transcendentais que saltam das vozes dos nossos interlocutores, estes favorecem a percepção de que a crença sustentada a partir do trabalho dos religiosos contribuem significativamente para o reconhecimento da Capela como um lugar da excepcionalidade e a vida em clausura como a opção de vida com maior plenitude na medida em que garante felicidade na terra e no céu.



## GLOSSÁRIO

### A

**Abadessa:** A freira que ocupa o lugar mais alto na hierarquia feminina administrativa do mosteiro.

### B

**Benfeitores:** São aqueles que ajudam através de doações (dinheiro ou produtos) na sobrevivência material do mosteiro.

### C

**Capítulo:** Reunião de todas as irmãs Professas Solenes Perpétuas do mosteiro. O capítulo se reúne para tomar decisões importantes para a vida contemplativa, inclusive para a eleição do discretório, da abadessa e das mestras.

**Carisma:** É o modo de proceder da comunidade religiosa, baseada em valores e princípios determinados.

**Cela:** Quarto individual das freiras.

**Chamado:** Se refere ao desígnio divino que conduz o fiel à vida religiosa.

**Claustro e/ou clausura:** Espaço físico localizado no interior do mosteiro no qual só as freiras que aderem à vida contemplativa têm livre acesso.

**Congregação:** Grupo com carisma específico, o qual o mosteiro da Ordem de Santa Clara de Campina Grande – PB pertence.

**Constituições:** Conjunto de leis que ordena a vida contemplativa.

**Conselho:** Grupo responsável por se reunir para conceder direcionamento a questões importantes para a comunidade claustral.

**Coro:** Localizado na lateral da Capela, é o espaço reservado às freiras para participarem de todas as cerimônias realizadas na capela.

**Convento:** Casa para reclusão de mulheres religiosas.

## **D**

**Discretório:** Grupo de irmãs que trabalham junto a Abadessa na administração do mosteiro.

**Disciplina:** São as normas e regras que as irmãs precisam obedecer.

## **E**

**Ecônoma:** Freira responsável pela parte contábil do mosteiro que compõe o discretório.

## **F**

**Florescimento:** O surgimento de novas opções pela vida contemplativa nas Clarissas.

**Freira:** Mulher que opta pela vida religiosa.

## **H**

**Hábito:** Vestimenta das freiras.

**Horas canônicas:** Horários em que devem realizar orações.

## **I**

**Irmãs:** O mesmo que freira e monjas.

## **M**

**Madre:** Autoridade maior na hierarquia feminina do mosteiro. O mesmo que Abadessa.

**Mundo secular:** Sociedade externa ao claustro.

**Monjas:** O mesmo que freira e irmãs.

**Mosteiro:** O mesmo que convento. Lugar de reclusão para monges e monjas



## **N**

**Noviciado:** A segunda etapa de formação para a constituição do “eu freira”.

## **O**

**Observar:** Aderir a vida religiosa.

**Ofício:** São os trabalhos que devem ser realizados pelas freiras para a manutenção e funcionamento do mosteiro.

**Ofício Divino:** São os momentos de orações realizados todos os dias no espaço do coro da capela.

**Ordem:** Diz respeito ao carisma religioso de cada congregação.

## **P**

**Padre:** É o título atribuído ao ministro religioso na Igreja Católica.

**Parlatório:** O mesmo que locutório. É um espaço fechado por grades destinado para que as irmãs atendam às visitas.

**Postulantado:** A primeira etapa de formação para a constituição do “eu freira”.

**Profissão Solene temporária:** Ritual através do qual a freira promete a toda a comunidade do “mundo” do claustro e do mundo secular que irão obedecer aos votos de castidade, sem próprio, obediência e clausura até a próxima profissão que é a Perpétua.

**Profissão Solene Perpétua:** Ritual através do qual a freira confirma todos os votos realizados na profissão temporária, mas agora prometendo cumpri-los até o final de sua vida terrena.

## **R**

**Recreio:** Intervalo de uma hora no qual as irmãs estão liberadas para fazerem o que desejarem sem preservar o silêncio e a oração.

**Reunião capitular:** É a reunião de todas as Irmãs Professas Solenes na sala do Capítulo para a votação de alguma questão importante para a vida da comunidade claustral.

## **S**

**Sinete:** Pequeno sino que fica nos locutórios para que as irmãs possam chamar alguém que esteja na parte externa do mosteiro.

**Sino:** São dois os sinos existentes no interior da clausura. O primeiro indica as horas canônicas. E o segundo é usado para chamar, com determinadas combinações, as irmãs.

## **V**

**Veste:** A roupa das postulantes.

**Vestição:** Ritual que marca o final do postulante. Momento no qual a irmã passa a usar o hábito, tem os cabelos cortados e adquire um novo nome.

**Vida consagrada:** Quando a irmã entrega a sua vida aos projetos religiosos, realizando e cumprindo os quatro votos: castidade, obediência, sem próprio e clausura.

**Vida contemplativa:** Quando a irmã dedica a sua vida em clausura para, sobretudo, viver em oração a Cristo.

**Vocação:** Chamado de Deus

**Vocacionada:** Mulher que deseja aderir à vida em clausura.

**Voto:** A promessa feita a Deus e à comunidade do mosteiro e do mundo secular.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da colônia. Estudo sobre a condição feminina através dos conventos e recolhimentos do Sudoeste - 1750-1822*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1992.

ALVES, Adjair; FERREIRA, José Roberto M. O Fenômeno Religioso na Perspectiva Compreensiva de Max Weber. In: *Diálogos Nº 7 - Revista de Estudos Culturais e Contemporaneidade*. Garanhuns: UPE/faceteg, 2012.

AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. Os institutos religiosos: uma força conservadora. In: *História da Igreja no Brasil. Ensaio de interpretação a partir do povo. Tomo II/3-2. Terceira Época – 1930-1964. Coleção História Geral da Igreja na América Latina*. Editora vozes. Petrópolis, 2008.

Bakhtin, Mikhail. A hagiografia. In: *Estética da criação verbal*. Martins Fontes. São Paulo, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Editora: Zahar. Rio de Janeiro, 2001.

BENVENUTA, Maria. *Irmãs pobres*. Campina Grande – PB, 1989.

BENELLI, Silvio José. O lugar das instituições disciplinares na sociedade contemporânea. In: *A lógica da internação: instituições totais e disciplinares (des)educativas* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 13-22. ISBN 978-85-68334-44-7.

BERGER, Peter Ludwig. *Rumor de Anjos: A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

BERTO, Vanessa de Faria. Irmão Sol, Irmã Lua: gênero, poder e clausura em um mosteiro da Ordem de Santa Clara de Assis. *Tese de doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista*. São Paulo. Marília, 2015

BOURDIEU, Pierre. Trabalhos e projetos. In: ORTIZ, Renato (Org). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. 13<sup>o</sup> Ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: *A Economia das Trocas Simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sergio Micele. 7<sup>a</sup> Ed. – São Paulo: Perspectiva, 2011.

CARVALHO, José Jorge de. Um espaço público encantado. Pluralidade religiosa e modernidade no Brasil. *Série Antropologia*. Brasília, 1999.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CONSTITUIÇÕES GERAIS. In: *Regra e Constituições Gerais da Ordem das Irmãs Pobres de Santa Clara*. Composto e impresso nas oficinas gráficas da Editorial Franciscana Montariol – Braga. Roma, 1988.

CRUZ, Maria Isabel da. A participação da mulher na Igreja. In: *A mulher na Igreja e na Política*. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

DOCUMENTOS DA IGREJA. Congregação para os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica. Instrução. *O serviço da autoridade e a obediência*. Editora Paulinas. São Paulo, 2010.

\_\_\_\_\_. Congregação para os institutos de vida consagrada e sociedades de vida apostólica. *Verbi Sponsa*. Instrução sobre a vida contemplativa e clausura das monjas. Editora Paulinas. São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. Constituição Apostólica. *Vultum Dei Quaerere*. Sobre a vida contemplativa feminina. Roma, 2016. In: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_constitutions/documents/papa-francesco-costituzione-ap-20160629-vultum-dei-quaerere.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco-costituzione-ap-20160629-vultum-dei-quaerere.html). Acesso em 03 de julho de 2018.

\_\_\_\_\_. Exortação Apostólica Pós-Sinodal. *Vita Consecrata*. Do Santo Padre João Paulo II. São Paulo: Paulinas, 1996.

DUARTE, Teresinha Maria. As primeiras Clarissas Portuguesas e suas vivências cotidianas. In: *Revista territórios & fronteiras*. Cuiabá, vol. 9, n. 1, jan.-jun., 2016.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FERREIRA, Marcelo Santana. Polissemia do conceito de instituição: diálogos entre Goffman e Foucault. In: *Estudos contemporâneos da subjetividade*. Volume 2, número 1, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GARCIA, Miriam Verri; ROSADO, Maria José. Liberdade em clausura. In: *Rever*. Ano 14. Nº 02. Jul/Dez 2014.

GARCIA, Miriam Verri. *Liberdade em clausura: trajetórias pessoais e religiosas de monjas Carmelitas Descalças*. Dissertação apresentada a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência para a obtenção do título de mestre em Ciências da religião. São Paulo, 2006.

GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis, Vozes, 1977.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. Editora perspectiva. São Paulo, 1974.

GUERRA, Lemuel Dourado. *Mercado religioso no Brasil: Competição, demanda e a dinâmica da esfera da religião*. João Pessoa: idéia, 2003.

GREGÓRIO IX, PRIVILÉGIO DA POBREZA SERÁFICA. In: *Regra e Constituições Gerais da Ordem das Irmãs Pobres de Santa Clara*. Composto e impresso nas oficinas gráficas da Editorial Franciscana Montariol – Braga. Roma, 1988.

GROSSI, Miriam P. Conventos e celibato feminino entre camponesas do Sul do Brasil. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 47-60, 1995.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Tradução de João Batista Kreuch – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

JACQUINET, Maria Luísa. Corpos de clausura, reflexões sobre a arquitectura monástica feminina na época moderna. In: *Digital*, nº 2, 2015, pp. 229-237.

LEONEL, Guilherme Guimarães. Campo religioso brasileiro na contemporaneidade: continuidades, descontinuidades, transformações e novos ângulos de análise. In: *Interseções* [Rio de Janeiro] v. 12 n. 2, p. 382-407, dez. 2010.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais. Adesão religiosa na Esfera Familiar*. Campinas São Paulo: Autores Associados, SP. ANPOCS, 1996.

MARIZ, Cecília Loreto. A sociologia da religião de Max Weber. In: *Sociologia da religião: enfoques teóricos*. TEIXEIRA, Faustino (org.). 3ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MENEZES, Renata de Castro. *A dinâmica do sagrado*. Rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/ UFRJ, 2004.

MESCHIATTI, José Eduardo. *Trabalhadores da vinha: estudo sobre a formação do clero – o Seminário Católico antes e depois do Concílio Vaticano II*. – Campinas, SP: [s.n.], 2007.

MONTEIRO, Duglas Texeira. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. In: *História geral da civilização*. Tomo III: O Brasil republicano. Sociedade e instituições. Direção de FAUSTO, Boris. Rio de Janeiro – São Paulo, Difel, 1978.

MONTES, Maria Lucia. *As figuras do sagrado: entre o público e o privado na religiosidade brasileira*. 1ªed.— São Paulo: Claro Enigma, 2012.

NUNES, Maria José Rosado. O catolicismos sob o escrutínio da modernidade. In: *Sociologia da religião e mudança social*. Católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá (ORGs.). São Paulo: Paulus, 2004.

OLIVEIRA, José Lisboa M. de. *Viver os votos em tempos de pós-modernidade*. Edições Loyola, São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1998.

PEDROSA, José Carlos Corrêa. *Abrace o Cristo Pobre*. A espiritualidade de Santa Clara. Piracicaba, São Paulo: Centro franciscano de espiritualidade, 2012.

PIERUCCI, Antonio Flávio. Secularismo e declínio do catolicismo. In: *Sociologia da religião e mudança social*. Católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá (ORGs.). São Paulo: Paulus, 2004.

PIETRULLA, Dom Anselmo. 25 anos de vida inútil? In: *Revista Jubileu de prata. Fruto de um brincadeira*. História da fundação do mosteiro das Clarissas Campina Grande, 1975.

- PONS, Gadi Bosh. *Chamo-me Clara de Assis*. Editorial Franciscana, 2011.
- PRANDI, Reginaldo. *Perto da magia, longe da política*. Derivações do encantamento no mundo desencantado. Novos estudos. CEBRAP. Nº 34, novembro, 1992. Pp.81-91.
- RATIO FORMATIONIS. *Ordem das Irmãs Pobres de Santa Clara*. Brasil, 1997.
- REDFIELD, R. "A "Sociedade de Folk" e a cultura". In: PIERSON, D. (Org). *Estudos de Organização Social*, tomo II. São Paulo, Martins, 1970.
- REGRA E CONSTITUIÇÕES GERAIS DA ORDEM DAS IRMÃS POBRES DE SANTA CLARA. Composto e impresso nas oficinas gráficas da Editorial Franciscana Montariol – Braga. Roma, 1988.
- REGRA DE SANTA CLARA. In: *Regra e Constituições Gerais da Ordem das Irmãs Pobres de Santa Clara*. Composto e impresso nas oficinas gráficas da Editorial Franciscana Montariol – Braga. Roma, 1988.
- REGRA DE SÃO BENTO. Tradução e Notas de Dom João Evangelista Enout, OSB. Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, 2002. <<http://www.osb.org.br/regra.html>>
- REVISTA JUBILEU DE PRATA. *Fruto de um brincadeira. História da fundação do mosteiro das Clarissas Campina Grande*, 1975.
- RIBEIRO, Jorge Claudio. Georg Simmel, Pensador da Religiosidade Moderna. In: *Revista de Estudos da Religião*. Nº 2, 2006, pp. 109-126.
- RODRIGUES, Debora Diniz. *O Reino da Solidão*. Uma etnografia da vida em clausura das monjas Carmelitas Descalças. Dissertação apresentada no departamento de Antropologia da Universidade de Brasília para a obtenção do título de mestre. 17 de fevereiro de 1995.
- SALVADOR, Carlos Corral; EMBIL, José Maria Urtega. Voto In: *Dicionário de direito canônico*. Loyola, 1997.
- SANTOS, Juberto. *Você sabe o que é Hagiografia?* 2006. <<http://www.catequisar.com.br/texto/colunas/juberto/06.htm>> Acesso realizado em 21 de setembro de 2017.
- SEGATO, Rita Laura. Um paradoxo do relativismo: Discurso racional da Antropologia frente ao sagrado. In: *Religião e Sociedade*, 1992. <[https:// antropologia360.files.wordpress.com/2016/08/um-paradoxo-do-relativismo.pdf](https://antropologia360.files.wordpress.com/2016/08/um-paradoxo-do-relativismo.pdf)> Acesso realizado em 23 de janeiro de 2018.
- SILVA, Leandra Bento da. Celebrando uma morte que gera vida. A relação da cidade de Patos(PB) com o culto à Cruz da Menina Francisca. *Monografia*. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Campina Grande- PB, 2009.

SILVA, Leandra Bento da. Tensões e disputas em torno da devoção “popular”: A Cruz da Menina em Patos (PB). *Dissertação de mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Campina Grande-PB, 2012.

SILVA, Valeria Fernandes da. *A construção da verdadeira religiosa no século XIII: O caso de Clara de Assis*. Brasília, UnB/PPGHIS, 2008.

SILVA, Alan Camargo; LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. GENNEP, A.V. Os Ritos de Passagem. In: *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 15, n. 4, p. 821-1113, out./dez. 2012.

SIMMEL, Georg. *Religião: ensaios volume 1/2*. São Paulo: Olho d’Água, 2010.

\_\_\_\_\_. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). *Revista Mana*, Rio de Janeiro. V.1, n.2, 2005.

SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá (ORGs.) *Sociologia da religião e mudança social*. Católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004.

STEIL, C. A. Pluralismo, modernidade e tradição: transformações do campo religioso. In: *Ciencias Sociales y Religión Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 115-129, 2001.

TEIXEIRA, Faustino (org.). *Sociologia da religião: enfoques teóricos*. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TESTAMENTO DE SANTA CLARA. In: *Regra e Constituições Gerais da Ordem das Irmãs Pobres de Santa Clara*. Composto e impresso nas oficinas gráficas da Editorial Franciscana Montariol – Braga. Roma, 1988.

TOMÉ, Dyeinne Cristina, QUADROS, Raquel dos Santos e MACHADO, Maria Cristina Gomes. A educação feminina durante o Brasil colonial. In: *Anais da Semana de Pedagogia da UEM*. Volume 1, Número 1. Maringá: UEM, 2012.

TURNER, Victor W. *O processo ritual*. Estrutura e antiestrutura. Petrópolis, Vozes, 1974.

VELHO, G. “Observando o Familiar”. In: *Individualismo e Cultura*. Notas para uma antropologia da Sociedade Contemporânea. 2ª edição. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, Gabriel (Org.). *Max Weber*. Coleções Grandes Cientistas Sociais. 6º Ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.



WEBER, Max. Os três tipos puros de dominação legítima. In: COHN, Gabriel (Org.). *Max Weber*. Coleções Grandes Cientistas Sociais. 6º Ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

WEBER, MAX. *A ética protestante e o "espírito do capitalismo"*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZANOTTO, Gizele. *Religiões e Religiosidades no Rio Grande do Sul - Volume 1*. Passo Fundo, RS: PPGH/UPF, 2012.

### **Sites consultados:**

<<http://parquiavirtualfreiivo.blogspot.com.br/2010/08/diferenca-entre-convento-e-mosteiro.html>> Acesso realizado em 07 de março de 2016.

<<http://www.osb.org.br/atlasmon.html>> Acesso realizado em 24 de julho de 2016.

<<http://clarissasclarissas.blogspot.com.br/p/enderecos.html>> Acesso realizado em 24 de julho de 2016.

<<http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/caracteristicas-da-populacao.html>> Acesso realizado em 08 de fevereiro de 2017.

<http://www.catequisar.com.br/texto/colunas/juberto/06.htm> Acesso realizado em 21 de setembro de 2017.